



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**Wanderlene Cardozo Ferreira Reis**

**DE BARRO E LAMA: TRABALHO, CULTURA E TRADIÇÃO EM FAMÍLIAS  
ARTESÃS DO RECÔNCAVO BAIANO**

**Salvador  
2019**

**WANDERLENE CARDOZO FERREIRA REIS**

**DE BARRO E LAMA: TRABALHO, CULTURA E TRADIÇÃO PARA FAMÍLIAS  
ARTESÃS DO RECÔNCAVO BAIANO**

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Ana Cecília de Sousa B. Bastos

**Salvador  
2019**

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

R375 Reis, Wanderlene Cardozo Ferreira

De barro e lama: trabalho, cultura e tradição para famílias artesãs do Recôncavo Baiano/ Wanderlene Cardozo Ferreira Reis.– Salvador, 2019. 234 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos

1. Família-artesã 2. Processos inter-trans e multigeracional  
3. Fenomenologia I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação I. Bastos, Ana Cecília de Sousa Bittencourt – Orientadora II. Título.

CDU 316.356.2:745(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

**Wanderlene Cardozo Ferreira Reis**

**“DE BARRO E LAMA: TRABALHO, CULTURA E TRADIÇÃO EM  
FAMÍLIAS ARTESÃS DO RECÔNCAVO BAIANO.”**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em  
Familia na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

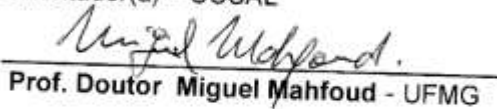
Salvador, 11 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cecilia de Sousa Bittencourt Bastos

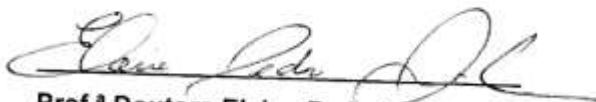
Orientador(a) – UCSAL



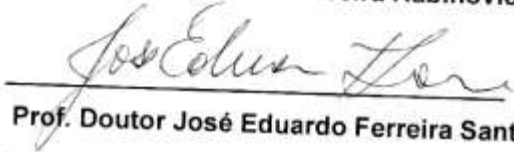
Prof. Doutor Miguel Mahfoud - UFMG



Prof. Doutor Antonio Virgílio Bittencourt Bastos - UFBA



Prof.<sup>a</sup> Doutora Elaine Pedreira Rabinovich - UCSAL



Prof. Doutor José Eduardo Ferreira Santos - UCSAL

A palavra do SENHOR, que veio a Jeremias, dizendo: Levanta-te e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras. E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo *a sua obra sobre as rodas*. Como o vaso que ele fazia de barro se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer. (Jeremias 18-19)

Em memória de Maria da Conceição França Mercês  
(Santa)

## AGRADECIMENTOS

Por toda a caminhada, agradeço primeiramente a Deus, por iluminar este caminho, aos meus pais, que diante dos desafios que o destino lhes impôs, deu-me o que há de mais importante - o bom caráter e a fé por dias melhores. Aos meus irmãos e irmãs que me possibilitaram ver-me a mim mesma e corrigir meus erros. Ao meu esposo Amilton, minhas mãos e pés, que sempre abdicou dos seus sonhos para que pudesse viver os meus. À minha querida sogra, minha amiga e companheira na jornada da pesquisa em Maragogipinho. Aos meus filhos Mateus e Junior, por serem anjos de luz que iluminam minha vida.

À minha queridíssima orientadora Ana Cecília, pela confiança incondicional no meu trabalho e pelo exemplo de superação demonstrada a cada dia, uma pessoa muito iluminada. À professora Elaine que é exemplo de alegria que me fez ver que a carga não é tão pesada. Ao professor Miguel, que pacientemente me incentivou a estudar a fenomenologia, e que esteve comigo desde o início dessa jornada, meu muito obrigada! Ao querido prof. José Eduardo, queridíssimo Dinho, que me acompanha desde o mestrado, obrigada por dispor seu precioso tempo e paciência comigo. À professora Pina, que em meu processo de qualificação ajudou-me a redirecionar meu olhar teórico, permitindo que eu mergulhasse mais profundamente na Fenomenologia em detrimento da Psicologia Cultural, abrindo-se ela mesma para outra forma de ver o mundo. Não esquecerei também da querida e muito admirada professora Isabel, pela inspiração e por me motivar a buscar sempre mais. Ao meu grupo de pesquisa Fabep pelo acolhimento, tão importante nos momentos difíceis.

Às minhas amigas e colegas de trabalho Pollyana, Madalena, Alina e todos/as os/as outros/as que não foram possível citar, pelo incentivo e crença na minha capacidade.

Às famílias de Maragogipinho e Coqueiros pelo caloroso acolhimento, pela confiança no meu trabalho de pesquisa, pela disponibilidade em ajudar-me e por todo o ensinamento que levarei para minha vida. Especialmente à Santa, que partiu dessa vida, mas deixou-me sua história de luta, resignação e resistência.

Nenhuma palavra será capaz de expressar toda a minha gratidão!

A vocês o meu muito obrigada!

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar o papel da família-artesã ceramista, enquanto espaço pedagógico, buscando explicar como se deu a transmissão inter-trans e multigeracional de uma cultura com fortes marcas de ancestralidade em dois municípios do Recôncavo Baiano, bem como, analisar a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento local e intrafamiliar. Entendido como um processo psicossociocultural e fenomenológico, o estudo possibilitou esclarecer como ocorre a dinâmica entre tradição e modernidade e apontou signos, significados e práticas construídas no processo de transmissão cultural entre as diversas gerações familiares. A natureza metodológica desse estudo compreendeu uma abordagem qualitativa e fenomenológica, com uso de técnicas observacionais e participativa e estudo de caso, de caráter etnográfico, com duas famílias residentes, respectivamente, no Município de Aratuípe (Distrito de Maragogipinho) e Maragojipe (Coqueiros). Para coleta dos dados utilizou-se de entrevistas narrativas, construção do genograma, técnica de análise de fotografias e observação participante. A abordagem teórica principal aqui adotada baseou-se na Fenomenologia, discutindo o papel mediador da família, das experiências no contexto e da tradição, que respaldam as experiências do mundo da vida dos sujeitos participantes. Os principais resultados permitiram inferir que os membros das famílias artesãs se envolvem pessoalmente, vivenciando a realização do trabalho artesanal, atualizando e reatualizando essas práticas. Outros resultados permitiram propor que: 1) a família artesã representa um novo tipo de constelação familiar, por possuir um conjunto de características que diferem das demais já catalogadas, como por exemplo, apresentando-se numa correlação, onde a inserção produtiva do conjunto dos membros familiares não pode ser separada dos papéis sociais que estes membros desempenham, ou seja, trabalho e família estão intimamente entrelaçados. Desse modo a família artesã só pode se constituir nessa relação, enquanto unidade econômica e psicossocial, ou seja, não podemos separar a família do trabalho produtivo; 2) A formação da pessoa e da comunidade se dá pela e na empatia, tendo o barro como elemento unificador e construtor de subjetividades e intersubjetividades; e 3) A pedagogia do artesanato permite diversas elaborações, construção, formulação e descoberta de sentidos da vida, reestruturando as vivências idiossincráticas, permitindo aprendizagens que se dão no processo inter, trans e multigeracional.

**Palavras-chave:** Família-artesã; Fenomenologia; Processos inter-trans e multigeracional.

## ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the role of the pottery artisan family as a pedagogical space, trying to explain how the inter-trans and multigenerational transmission of a culture with strong ancestry marks occurred in two county of Recôncavo Baiano, as well as to analyze the relation of the creative dynamics found with the craft activity and its influence on the local and intrafamily development. This is understood as a psychosociocultural and phenomenological process, the study made it possible to clarify how the dynamics between tradition and modernity occur and pointed to signs, meanings and practices built in the process of cultural transmission among the several family generations. The methodological nature of this study covered a qualitative and phenomenological approach, using observational and participatory techniques and an ethnographic case study, with two families living, respectively, in the County of Aratuípe (Maragogipinho District) and Maragojipe (Coqueiros District). For data collection we used narrative interviews, genogram construction, photo analysis technique and participant observation. The main theoretical approach adopted here was based on Phenomenology, discussing the mediatory role of the family, the experiences in the context and tradition, which support the experiences of the participants' world of life. The main results allowed us to infer that the members of the artisan families are personally involved, experiencing the accomplishment of the craft work, updating and updating these practices. Other results allowed us to propose that: 1) The artisan family represents a new type of family constellation, as it has a set of characteristics that differ from the others already listed, for example, presenting itself in a correlation, where the productive insertion of the set of family members cannot be separated from the social roles these members play, for example work and family are closely intertwined. Thus the artisan family can only be constituted in this relationship, as an economic and psychosocial unit, that is, we cannot separate the family from productive work; 2) The formation of the person and the community takes place through empathy and, having clay as a unifying element and builder of subjectivities and intersubjectivities; and 3) The pedagogy of craftsmanship allows various productions and constructions, formulation, discovery of meaning of life, restructuring idiosyncratic experiences, allowing learning that takes place in the inter, trans and multigenerational process.

**Keywords:** Family-craftsman; Phenomenology; Inter-trans and multigenerational processes.

## RESUMEN

El objetivo de este estudio fue investigar el papel de la familia artesana de la cerámica como un espacio pedagógico, tratando de explicar cómo se produjo la transmisión inter-trans y multigeneracional de una cultura con fuertes marcas de ascendencia en dos municipios de Recôncavo Baiano, así como analizar el relación de la dinámica creativa encontrada con la actividad artesanal y su influencia en el desarrollo local e intrafamiliar. Entendido como un proceso psicosociocultural y fenomenológico, el estudio permitió aclarar cómo se produce la dinámica entre la tradición y la modernidad y señaló signos, significados y prácticas construidas en el proceso de transmisión cultural entre las diversas generaciones familiares. La naturaleza metodológica de este estudio comprendió un enfoque cualitativo y fenomenológico, utilizando técnicas de observación y participación y un estudio de caso etnográfico, con dos familias que residen, respectivamente, en el municipio de Aratuípe (Distrito de Maragogipinho) y Maragojipe (Distrito de Coqueiros). Para la recopilación de datos, utilizamos entrevistas narrativas, construcción de genogramas, técnicas de análisis fotográfico y observación participante. El enfoque teórico principal adoptado aquí se basó en la Fenomenología, discutiendo el papel mediador de la familia, las experiencias en el contexto y la tradición, que apoyan las experiencias del mundo de la vida de los participantes. Los principales resultados nos permitieron inferir que los miembros de las familias artesanales están personalmente involucrados, experimentando la realización del trabajo artesanal, actualizando y actualizando estas prácticas. Otros resultados nos permitieron proponer que: 1) La familia artesana representa un nuevo tipo de constelación familiar, ya que tiene un conjunto de características que difieren de las otras ya catalogadas, por ejemplo, presentarse en una correlación, donde la inserción productiva del conjunto de miembros de la familia no pueden separarse de los roles sociales que desempeñan, es decir, el trabajo y la familia están estrechamente entrelazados. Así, la familia artesana solo puede constituirse en esta relación, como unidad económica y psicosocial, es decir, no podemos separar a la familia del trabajo productivo; 2) La formación de la persona y la comunidad se lleva a cabo a través de la empatía y, teniendo el barro como elemento unificador y generador de subjetividades e intersubjetividades; y 3) La pedagogía de la artesanía permite diversas elaboraciones y construcciones, formulaciones, descubrimientos del sentido de la vida, reestructuración. experiencias idiosincrásicas, que permiten el aprendizaje que tiene lugar en el proceso inter, trans y multigeneracional.

**Palabras-chave:** familia artesana; Fenomenología; Procesos inter-trans y multigeneracionales.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: À direita, Rio Jaguaripe e à Esquerda, Rio Paraguaçu.....	14
Figura 2: Olaria modelo antigo. Maragogipinho, 2018.....	24
Figura 3: Olaria modelo moderno. Maragogipinho, 2018.....	25
Figura 4: Estrada que liga São Félix à Coqueiros (Maragojipe), 2018.....	27
Figura 5: xangó e pititinga secando ao sol. Nagé, 2018.. ..	30
Figura 6: pratos de barro secando ao sol em Coqueiros, 2018. ....	31
Figura 7: Pontos de acessos às comunidades de Maragogipinho (foto superior) e Coqueiros (foto inferior).....	41
Figura 8: Olaria no quintal da residência. Maragogipinho, 2017.....	48
Figura 9: à esquerda, foto da “casa de trabalho” da família Mercês e à direita, foto da residência de Santa, Coqueiros, 2018.....	56
Figura 10: Forno para queima das peças de cerâmica em Maragogipinho.2018 .....	96
Figura 11: Jair e Paulo realizando a queima dos objetos de cerâmica em Coqueiros (Maragogipe-Ba.) .....	97
Figura 12: Início do processo de queima das peças de cerâmica em Coqueiros.....	99
Figura 13: Jair confeccionando frigideiras de cerâmica. 2018.....	104
Figura 14: Rodrigo e sua barraca em Itaparica.....	122
Figura 15: Festa de Itaparica. Panelas e tachos de barro de Ida.....	123
Figura 16: Exposição na Feira dos Caxixis no ano de 1993.....	125
Figura 17 –. Feira dos Caxixis ano 2018. Barraca de Ida.....	125
Figura 18: Exposição de artesanato em duas barracas. Conceição do Almeida.....	127
Figura 19: Sala de aula disponibilizada para servir de quarto para as famílias artesãs, em Conceição do Almeida.....	129
Figura 20: barraca instalada dentro de uma sala de aula disponibilizada para servir e quarto para as famílias artesãs, em Conceição do Almeida.....	130
Figura 21: Olaria de palha representando o estilo tradicional em Maragogipinho, 2018.....	137

Figura 22: Forno usado na queima da cerâmica em Maragogipinho, 2018.....	138
Figura 23: Mestre Penso e seu torno usado para produzir as peças de barro em Maragogipinho.....	138
Figura 24: Fonte de água usada pelos oleiros em Maragogipinho, 2018.....	139
Figura 25: Início do processo da queima dos objetos de cerâmica em Coqueiros, 2018.....	139
Figura 26: Forma de trabalho na cerâmica em Coqueiros, 2018.....	140
Figura 27: A família Mercês trabalhando no catado do marisco em Coqueiros, 2018.....	140
Figura 28: Vasos de barro empilhados num forno. Maragogipinho, 2018.....	141
Figura 29: Pratos de barro em Coqueiros, 2018.....	141
Figura 30: Legenda dos mapas genealógicos das famílias ceramistas e marisqueiras.....	147
Figura 31: Genograma da Família de Ida (Maragogipinho).....	148
Figura 32: Genograma da Família de Mestre Penso.....	149
Figura 33: Genograma da família Mercês (Coqueiros-Maragogipe).....	159
<b>LISTA DE MAPAS</b>	
MAPA 1: Parte do Recôncavo Baiano Sul, municípios de Aratuípe (Maragogipinho) e Maragogipe (Coqueiros).....	18
MAPA 2: Região Recôncavo Baiano Sul, com identificação da comunidade de Maragogipinho .....	19
MAPA 3: Mapa dos trechos percorridos pelo Rio Paraguaçu até desaguar na Baía de Todos os Santos.....	28
MAPA 4: Vista Aérea de Coqueiros-Maragogipe .....	231
MAPA 5: Vista área de Maragogipinho/Aratuípe-Ba. À direita, o rio Jaguaripe.....	232
<b>LISTA DE QUADROS E TABELAS</b>	
QUADRO 1 – Seleção de teses e dissertações.....	212
QUADRO 2: Repositórios e Acervos pré-selecionados para a Revisão.....	213
TABELA 1- Seleção de teses e dissertações.....	214
TABELA 2: Relação dos estudos de artigos selecionados por similaridade de títulos e descritores, no portal Capes e no Scielo, no período de 2000 a 2016.....	216

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.0 O campo de investigação: o Recôncavo Baiano.....	14
2.0 Os objetivos, a justificativa e o problema da pesquisa .....	33
3.0 A estrutura da tese .....	37
<b>I PARTE</b>	
<b>FUNDAMENTOS</b> .....	41
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Povos artesãos: uma abordagem metodológica</b> .....	42
1.1 Formas de incursões nas comunidades: a metodologia do trabalho de campo .....	44
1.2 As fotografias como recurso de pesquisa e análise .....	57
1.3 As entrevistas narrativas, os participantes e o campo da pesquisa.....	61
1.3.1 Etnografando os sujeitos da pesquisa: uma biografia resumida.....	64
1.4 A organização e análises dos dados.....	69
<b>Capítulo 2</b>	
<b>O referencial teórico: a Fenomenologia</b> .....	71
2.1 Conceitos atribuídos 1: percepção, empatia e intersubjetividade.....	75
2.2 Conceitos atribuídos 2: corpo e comunidade.....	80
2.3 Família, eu individual e vida comunitária.....	81
<b>Capítulo 3</b>	
3.1 Trabalho e artesanato: contextos históricos.....	86
3.2 Arte e artesanato: conceitos e características.....	88
3.3 Artesanato: um panorama da produção científica brasileira.....	90
3.3.1 As teses e dissertações.....	90
3.3.2 A análise dos artigos.....	93

3.3.3 A revisão sistemática: considerações para a tese .....	94
--	----

## **II PARTE**

<b>DESCRIÇÃO E REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA: AS ENTREVISTAS E A ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>97</b>
---	-----------

### **Capítulo 4**

<b>Prática artesanal e modos de vida nas comunidades de Maragogipinho e Coqueiros.....</b>	<b>99</b>
--	-----------

4.1 A família Mercês: o corpo que fala e que falta.....	105
---	-----

4.2 A família Mota: sofrimento e reinvenção do corpo.....	111
---	-----

4.3 O trabalho artesanal para as famílias Mota e Mercês .....	115
---	-----

4.3.1 “É uma coisa que desaperta a gente”: as feiras de artesanato oportunizando o trabalho para a família Mota.....	120
--	-----

4.3.2 “Nem tudo é feira de artesanato”: outras formas de vender os produtos artesanais.....	132
---	-----

### **Capítulo 5**

<b>Significados de trabalho, cultura e tradição para famílias artesãs ceramistas do Recôncavo Baiano: um estudo com o uso do genograma das famílias .....</b>	<b>136</b>
---	------------

5.1 Ancestralidade que se fez na miscigenação.....	136
--	-----

5.2 Os genogramas das famílias .....	145
--------------------------------------	-----

5.2.1 A família do barro: a tradição como forma de pertencimento em Maragogipinho .....	148
---	-----

5.2.1.1 Ida: a matrilinearidade na tradição .....	149
---	-----

5.2.1.2 Mestre Penso: a patrilinearidade da tradição.....	156
---	-----

5.2.2 “De barro e lama”: duas tradições como forma de pertencimento em Coqueiros.....	159
---	-----

5.3 O significado de tradição entre a geração dos pais e dos filhos nas famílias atuais.....	161
--	-----

5.4 O sentido de responsabilidade como herança da tradição .....	168
--	-----

5.4.1 Responsabilidade, liberdade, cultura e tradição .....	170
---	-----

5.5 A aplicabilidade do genograma em estudos culturais .....	172
5.6 E sobre a tradição da cerâmica em Maragogipinho? O que dizem os gestores da Associação de Artesãos e da Escola? .....	175
5.7 A família artesã como comunidade autêntica.....	179
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>182</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>232</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.0 O campo de investigação: o Recôncavo Baiano



**Figura 1:** À direita, Rio Jaguaripe e à Esquerda, Rio Paraguaçu.  
Autora: Wanderlene C. F. Reis, em 17 de novembro de 2017.

As paisagens representadas na Figura 1, partes dos trechos dos rios Jaguaripe (lado direito) denominado de Rio Maragogipinho e Rio Paraguaçu (lado esquerdo) eram as únicas vias de acesso às comunidades de Maragogipinho (Aratuípe) e Coqueiros (Maragojipe), respectivamente, até o século passado. Ambos os locais pertencem à região do estado da Bahia denominado Recôncavo Baiano e já eram conhecidos desde o século XVII<sup>1</sup>.

O Recôncavo Baiano faz parte da Baía de Todos os Santos, incluindo a capital - Salvador - parte do litoral e do interior (alguns municípios podem ser vistos no mapa 2). Esta abrangente área faz parte da nossa história, pois foi onde se desenvolveu a economia açucareira, recebendo milhares de africanos escravizados, o que gerou um alto grau de ancestralidade africana na região. Esta localidade foi responsável direta pela riqueza econômica da Bahia, pois no período colonial e imperial a agricultura da cana-de-açúcar e do fumo possibilitou grande desenvolvimento: algumas cidades alcançaram o auge da prosperidade, intensificando também a interação sócio-cultural. (CUNHA, 2004; BRANDÃO, 2007)

No entanto, a decadência e o total estado de penúria dessa região teve início no final do século XIX, com o processo de industrialização, apoio do governo federal ao desenvolvimento das regiões Sudeste e Sul, baixo incentivo à agricultura baiana, êxodo rural, dentre outros fatores. Cunha (2004) em sua pesquisa apontou essa problemática:

---

<sup>1</sup> Historicamente, a região onde se localiza Maragogipinho foi habitada pelos índios aimorés. No século XVI, deu-se a primeira penetração no território atribuída pelos historiadores a Paulo Argolo de Menezes, portador de carta de sesmária concedida pelo Governo de Portugal. Este fundou o aldeamento "Santo Antônio" destinado à catequese de indígenas, concentrando-se ali outros silvícolas, vindos da Casa da Torre, de Garcia D'Ávila, para proteger o engenho de Fernão Cabral e outros vizinhos, contra os ataques dos aimorés. Pela Resolução Provincial nº 132, de 2 de junho de 1840, criou-se a freguesia de Santana da Aldeia, em 1840, nomeado Distrito, em 1890, passa-se a vila de Aratuípe. Sendo elevado à categoria de cidade com a denominação de Aratuípe, pelo ato de 09-06-1891. (BRASIL, IBGE CIDADES, 2017). A Carta Régia de 1717 já citava a localidade: " Diz ainda Isaias Alves, que antecedendo a data de 1711, nas imediações da Fazenda Araçás, proximidade do Distrito de Maragogipinho, por razões ignoradas, ocorreu o assassinato do francês Felix Bittencourt a fixar-se no Recôncavo Baiano". A tradição oral apresenta outras versões, como a exemplo, "o senhor Toninho de Jesus Domini, de uma das mais antigas famílias de Maragogipinho, conta que, pela influência marcante dos índios tupinambás, a vila foi denominada Aldeia de Maragogipinho (...) esta nação indígena foi a mãe do mundialmente famoso artesanato de Maragogipinho" (MOTA, 2011, p. 145-146). É possível que em tempos remotos esta região tenha sido habitada pelos aimorés, mas que, devido às guerras impetradas pelos portugueses contra os indígenas do litoral nos séculos XVI e XVII, provocaram a fuga dos tupinambás para o sertão e estes expulsaram os aimorés (SIERINGSEG, 2008, p. 120). Já o território de Maragojipe integrava a sesmária do Paraguaçu, doada a Dom Álvaro da Costa em 1557, e transformada em Capitania do Paraguaçu, em 1566. A capela erigida sob a invocação de São Bartolomeu, foi elevada à freguesia em 1640, com a denominação de São Bartolomeu do Maragojipe. Elevada à Vila em 1724, teve o nome simplificado para Maragojipe, de acordo com a denominação dos indígenas que habitavam a região. (ARTESOL, disponível em: <http://www.artesol.org.br/novo/conteudos/visualizar/Coqueiros-BA8>)

A situação de penúria da agricultura baiana, de falta de perspectivas, leva, em 1891, o Senado do Estado da Bahia, atendendo ao requerimento do Governador do Estado Dr. Manuel Victorino Pereira, a promover uma detida investigação acerca das causas da decadência das atividades econômicas na Bahia, especialmente as agrícolas. Em 23 de julho de 1891, o secretário, Barão de Geremoabo, encaminhou ofícios nomeando uma comissão externa com a missão de apresentar um diagnóstico sobre a lavoura, viação, comércio, indústria e apontar possíveis soluções. (CUNHA, 2004, p.150)

Desse modo, essa área onde estão inseridos os municípios de Aratuípe e Maragojipe sofreu um forte processo de decadência econômica e estagnação no desenvolvimento das cidades, se intensificando a partir do século XX, com a mudança no perfil da economia brasileira e das estruturas sociais. Para completar o processo de estagnação, na metade do século XX, com a descoberta de petróleo na área do Recôncavo, incluindo Salvador e Maragojipe, toda uma rede infraestrutura é criada para atender as exigências da indústria petrolífera, que, no entanto não trouxe melhoria nas condições de vida das populações nesses espaços, além de ter retirado grande parte da mão-de-obra das lavouras.

O artesanato cerâmico nos distritos de Maragogipinho e Coqueiros

De acordo com Pinto Neto (2008), algumas evidências levam a crer que inúmeras povoações existentes no Vale do Rio Jaguaripe e do Paraguaçu são bem remotas e já desenvolviam o artesanato cerâmico. Tratava-se de antigas aldeias onde se juntaram populações indígenas agregadas a remanescentes de quilombos que buscavam condições mais favoráveis de sobrevivência. Desta forma, índios, africanos e portugueses contribuíram com seus conhecimentos acerca dos processos manuais de produção de cerâmica, pois faziam panelas e pratos como tradição cultural nas atividades cotidianas.

Num tempo em que não havia estradas ou estas eram intransitáveis, o acesso a essas comunidades ribeirinhas (em meu estudo, Maragogipinho e Coqueiros) se dava, quase que exclusivamente, por embarcações. E devido ao rico e exuberante ecossistema, além da presença de ancoradouros naturais e a fertilidade do solo que atraíram várias pessoas, possibilitaram o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar e a exploração de madeira de lei, e mais tarde, a fabricação de cerâmica e a pesca. Nesse contexto, encontra-se o Rio Paraguaçu, descoberto desde 1501, considerado o maior rio totalmente baiano. Nasce no Município de Barra da Estiva, na Chapada Diamantina e desemboca na Baía de Todos os Santos, mas antes se encontra com o rio Jaguaripe, no município de Antonio Cardoso, no lago da Barragem Pedra do Cavalo. (COSTA, 2007)

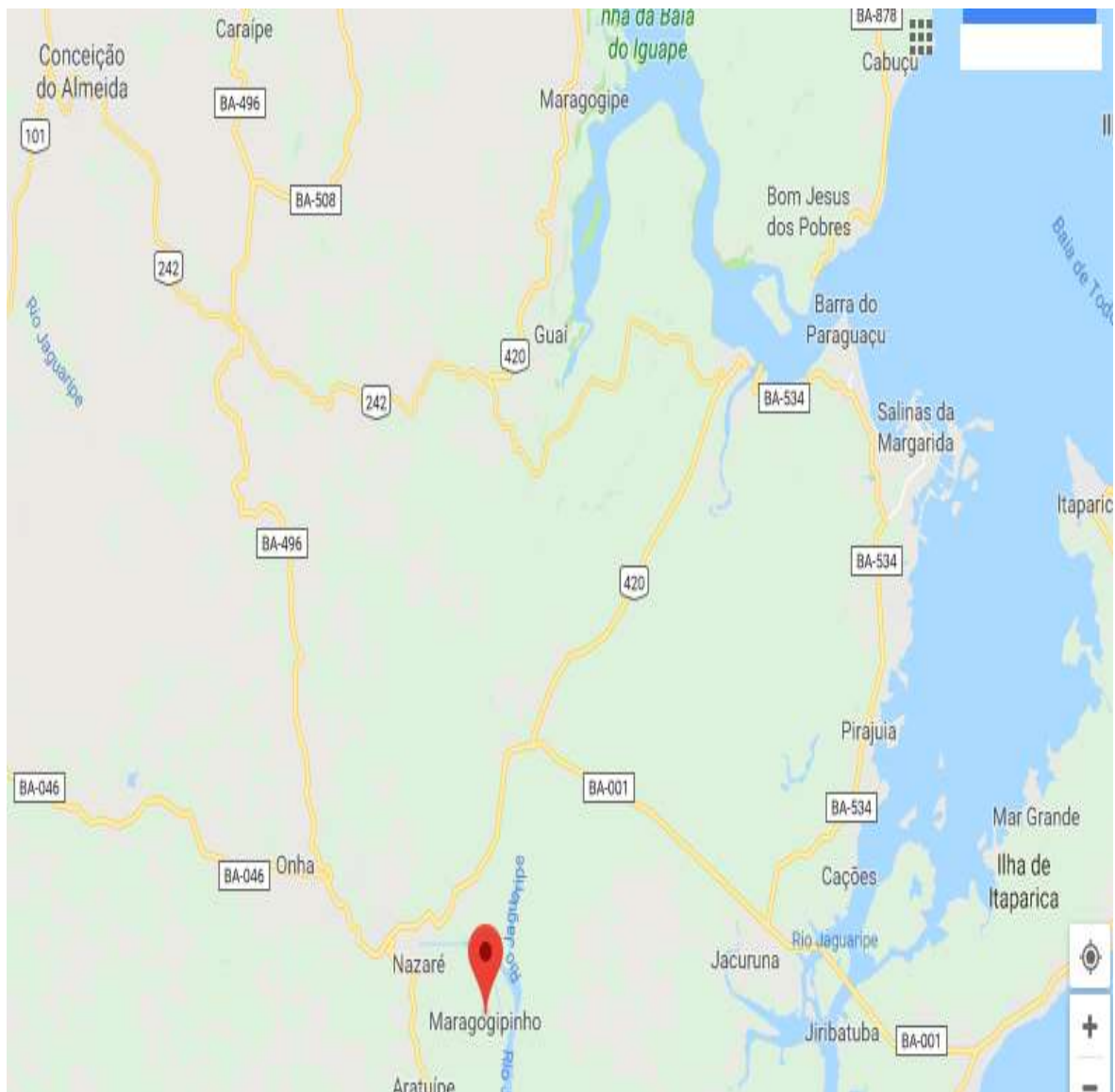
Atualmente, com o desenvolvimento de estradas e veículos terrestres, a chegada nestas comunidades dar-se por essas vias. No caso de Maragogipinho (Aratuípe), há duas opções: ou chega-se à BA 001, via Ilha de Itaparica (pelo Ferry Boat) e segue-se o trecho que liga o Município de Nazaré ao município de Valença (72 km); ou segue-se via BR 324, tomando a BR 101 em seguida e posteriormente as BA 028 e 001 num percurso de aproximadamente 227 km. Em Coqueiros também é possível escolher entre duas formas de acesso: a) segue-se pela BR 324, continua o trajeto pela BA 420 nos trechos que passam pelos municípios de Candeias, Santo Amaro, Cachoeira e São Félix; ou b) a partir da Ilha de Itaparica, segue-se o trecho que liga a Ilha ao Município de Nazaré e acessa a estrada sentido Maragogipe.

Quando cheguei a ambos os Distritos fui arrebatada pela percepção da beleza quase indescritível dos rios e por alguns minutos de sua contemplação. Isto se repetiu em todas as visitas que realizei nas comunidades. Mas não só a beleza pitoresca da paisagem me preenchia, também os modos de ser e de viver daquelas comunidades, que desses rios tiram a água, as ferramentas de trabalho e principalmente, o alimento. É sobre as vidas dessas pessoas que retratarei nesta tese.

### Maragogipinho

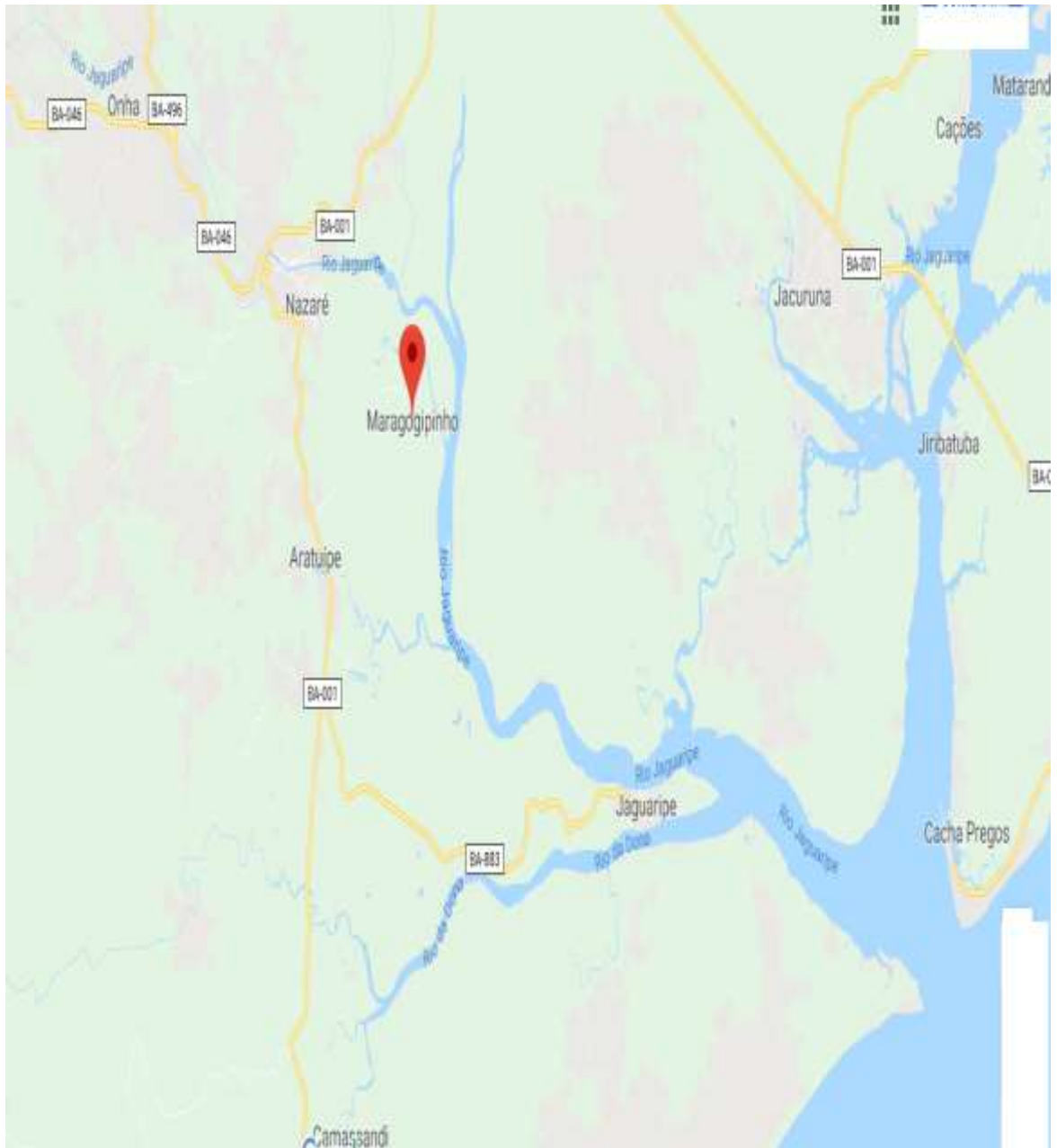
O Distrito de Maragogipinho conforme o mapa 1, pertence ao município de Aratuípe e fica a 6 km da sede. Localiza-se na parte sul do Recôncavo Baiano, tendo a noroeste o município de Nazaré e a leste a Ilha de Itaparica. É uma comunidade que tem como característica a produção de cerâmica artesanal (decorativa/religiosa/utilitária) e está situada às margens de um dos braços do rio Jaguaripe (mapa 2), denominado de Rio Maragogipinho (FERREIRA, 1893). Dispõe de um rico ecossistema, cercado por Mata Atlântica e um manguezal. (SIMÕES, 2016; ÁLVARES, 2015)

**MAPA 1:** Parte do Recôncavo Baiano Sul, municípios de Aratuípe (Maragogipinho) e Maragogipe (Coqueiros).



Fonte: Google Map.

**MAPA 2:** Parte dos trechos percorridos pelo Rio Jaguaripe até desaguar na Baía de Todos os Santos.



**Fonte:** Google Map. 2018.

Maragogipinho é um lugarejo relativamente pobre, mas aprazível, pertencente ao município de Aratuípe<sup>2</sup>, topônimo de origem tupi e significa "rio dos aratus" (pequenos crustáceos de cor vermelha). Este município conta atualmente com uma população estimada em aproximadamente 8.825 pessoas, com densidade demográfica de 47,47 hab/km<sup>2</sup>. De acordo com os dados do IBGE (2017), 53,1% das famílias vivem com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa. Em 2017 o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 5.5%. O município apresenta uma alta taxa de escolarização (98,4%) entre crianças e adolescentes (06 a 14 anos de idade), bem como um IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 3,8 e 3,1 pontos para os Ensinos Fundamental I e II respectivamente, se comparados a outros municípios isto representa uma melhora nos índices. No entanto, esta cidade apresenta, apenas, 21.6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é de 0,575 (IBGE, 2017). Percebe-se que o município não está entre os mais desenvolvidos do país, o índice de pobreza apresentado em 2003 foi de 48, 88% e apresenta característica de zona rural. Desse modo, em Maragogipinho especificamente, as famílias sobrevivem com o ganho obtido com a comercialização dos objetos de cerâmica e em outros locais do município a principal renda vem da agricultura permanente (castanha de caju, piaçava, banana, cacau, coco-da-baia, dendê, laranja e maracujá) e cultura temporária (amendoim, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho) e pecuária. (AVELINO, 2011)

Ainda que pobre socioeconomicamente, a região de Maragogipinho caracteriza-se por ter uma rica paisagem composta de mata e rio. Lá encontramos um resquício de mata atlântica e manguezal de uma acolhedora beleza natural, além de algumas nascentes de água doce, que até a década de 1990 eram as únicas formas de acesso à água que as famílias tinham para o consumo próprio.

À primeira vista, este distrito parece um lugar feio, triste e sem vida, mas esta é uma impressão enganosa. Descendo a rua principal, atravessando o largo terreno em frente à velha igreja (Matriz Nossa Senhora da Conceição) e enveredando por uma ladeira que se alonga até a beira do rio, chega-se ao antigo porto. Ali é que tudo se modifica e o quadro se enriquece com a atividade dos moradores, o verde da paisagem, as águas turvas do rio contrastando com

---

<sup>2</sup> Distrito criado com a denominação de Santana de Aratuípe em 1840, pertencente à Nazaré. Elevado à categoria de vila com a denominação de Aratuípe em 1890, desmembrada dos municípios de Nazaré e Santo Antônio de Jesus. Elevado à categoria de cidade com a denominação de Aratuípe em 1891. Sendo extinto em 1943, sendo seu território anexado ao município de Nazaré. Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Aratuípe em 1944. (BRASIL, 2017)

o azul do céu e a monocromia da louça de barro a secar ao sol ou a policromia de algumas peças que ficam disponíveis para a comercialização nas prateleiras das diversas olarias-lojas.

São dezenas de olarias que se encontram neste espaço, tanto à direita quanto à esquerda da praça central. Seguindo-se pelas margens do lado direito do rio até o último pedaço de terra, contam-se mais de duzentas olarias.

Ao entrar no interior de uma dessas olarias percebo que o ambiente é sombrio, mal entra uma pontinha de sol pelas aberturas das paredes de estacas. Observo um oleiro que trabalha num torno. Oleiro é geralmente o nome dado ao artesão que trabalha na olaria e significa fabricante de panelas, pratos e outros vasos de barro. A palavra hebraica para oleiro *yoh-tsér* significa literalmente formador ou “aquele que forma ou molda”, ao passo que o termo grego *ke-ra-meús* vem duma raiz morfológica que significa “misturar”, talvez referindo-se à necessidade de misturar água com o barro a fim de prepará-la para uso. (ZUZINS, 1992)

De acordo Zuzins (1992, p. 127), o torno era uma primitiva roda de oleiro, geralmente feita de pedra (embora, às vezes, de madeira) e era, basicamente, um disco achatado centralizado num eixo vertical e que se fazia girar horizontalmente: “material pesado em sua borda dava estabilidade e impulso ao disco à medida que era girado a mão”. A adição posterior de uma roda inferior maior e mais pesada (no mesmo eixo que a roda de cima e que também girava horizontalmente) habilitava o oleiro sentado a fazer girar as rodas com o pé.

Ainda na olaria observei num canto, ao fundo, dois homens amassando o barro. Uma criancinha os observava também, enquanto outros homens modelavam os “caxixis” (miniaturas de peças maiores). Num outro canto, uma jovem burnia algumas peças num trabalho solitário. Lá fora, dois jovens transportavam algumas peças num carrinho de mão.

Na porta de outra olaria-loja, duas mulheres burniam peças de barro sentadas no batente da porta, enquanto outra pintava algumas namoradeiras denominadas “africanas”. Ao me retirar de lá, passei por um grande forno disposto no lado de fora situado entre três olarias. Aproximei-me e pude observá-lo melhor: é do tipo conhecido como forno de capela – alto e abobadado, com uma fornalha no plano inferior, separada da câmara de cozimento por uma grade revestida de tijolos; o enchimento com lenha e madeira virgem se faz por abertura na parede fronteira que é recomposta no processo da queima. De acordo com Pereira (1957, p. 55) “é um tipo de forno mais avançado do que aqueles encontrados no sertão”. O autor provavelmente faz referência à forma em que os artesãos que habitavam o sertão da Bahia realizavam a queima dos objetos de barro, pois não utilizavam (e em algumas regiões ainda não utilizam, como mosrtrarei em meu estudo) o forno.

Retorno à ladeira que chega ao cais, de volta ao centro do Distrito, caminho por algumas ruas, todas pavimentadas com pedras de paralelepípedos tão comuns em cidades interioranas. Passo pela praça, a tarde já se finda, movimento de crianças voltando da escola; algumas mulheres sentadas às portas das suas casas, umas conversam outras estão ainda burnindo as peças. Em algumas janelas, veem-se objetos de barro; inicia-se também um pouco de movimento nos mercadinhos, que não são muitos; a única farmácia, não tem mais de seis meses de inaugurada; não há bancos e nem caixas eletrônicos, mas há uma agência dos Correios; não há nem delegacia e nem policiamento; também não há nenhuma escola estadual! Desse modo, quando os jovens precisam cursar o Ensino Médio, precisam ir para as escolas da sede (Aratuípe) ou para a cidade de Nazaré (conhecida como Nazaré das Farinhas).

A formação dessa comunidade citada se deu muito antes do século XVII, quando os índios tupinambás (MOTA, 2011) e aimorés (BRASIL, 2017)<sup>3</sup> habitavam aquela região, seguidos tempos mais tarde, dos colonos portugueses e escravos africanos.

Pereira, (1957), citando Aguiar (1888), escreve que Maragogipinho já tinha uma “industriosa povoação, cheia de olarias”, diz ele:

Descendo-se o Rio Nazaré, encontra-se à direita o anal que conduz ao Rio d’Aldeia, e antes, a industriosa povoação de Maragogipinho, cheia de olarias, onde se fabricam as melhores vasilhas de barro de nosso mercado, como sejam: potes, talhas, bilhas,oringas, quartinhas, copos, panelas, caborés, etc., etc., especialmente as talhas de encomenda, pintadas e esculpidas, que são verdadeiros primores de arte. Escusa dizer que esse vasilhame, não vidrado, nos faculta as melhores resfriadeiras naturais até hoje conhecidas. (AGUIAR, 1888, p. 241 apud PEREIRA, 1957, p.57)

Devido, principalmente, ao escasso (ou inacessível) acesso às obras documentais, alguns pesquisadores (ALVARES, 2015; PINTO NETO, 2008; BARBOSA, 2003, dentre outros) têm realizado seus estudos a partir de fontes orais, que representam, segundo Simões (2016, p.20), “um testemunho vivo e rico de dados”. Esses fatores, por outro lado, têm gerado

---

<sup>3</sup> As fontes bibliográficas encontradas, como o IBGE Cidades (BRASIL, 2017); Mota, 2011; Pereira, 1957; Ferreira, 1893, bem como a história oral, apresentam divergências na divulgação das informações: por exemplo, quanto a questão da(s) etnia(s) indígena(s) que habitava(m) aquela região. Mas é consenso entre antropólogos e historiadores que os grupos tupinambás e aimorés (aymoré) eram rivais (SIERINGSEG, 2008; MONTEIRO, 2001). Portanto, não foi possível a convivência pacífica entre essas duas etnias na região aqui estudada. A hipótese mais provável é de que os aimorés, mais antigos na região, foram expulsos pelos tupinambás que habitavam o litoral, através de confrontos que eram constantes em diversas regiões do Brasil.

inúmeras versões para o surgimento da comunidade<sup>4</sup>. No entanto, o que há em comum em todas as versões apresentadas, sejam documentais ou orais, é o trabalho com a cerâmica.

As peças de cerâmicas são produzidas em espaços denominados olarias, que são galpões erguidos em estrutura de madeira com “paredes” de palha de piaçava (*Attalea Funífera*) e troncos de árvores e “teto” coberto com telhas de cerâmicas, e que foram erguidas, no passado, no braço direito das margens do Rio Jaguaripe, como pode ser visto na figura 2. Esta disposição, segundo oleiros antigos, facilita a iluminação e a circulação de ar, importante para o processo de secagem da argila.

Contudo, atualmente, outros tipos de construções são encontrados como as de “paredes” feitas de alvenaria (tijolos ou blocos de cerâmica e cimento) cobertas com telhas de cerâmica, ou telhas tipo Eternit, ou ainda de laje de cimento, como pode ser visualizada na Figura 3. Mesmo assim, a maior parte das construções encontradas que apresentam um estilo mais moderno, quando vistas internamente, percebe-se que as modificações realizadas são mínimas, prevalecendo a estrutura anteriormente citada (mais antiga). Vale ressaltar que o estilo arquitetônico que permeia o moderno e o arcaico é o preferido por alguns participantes da minha pesquisa em Maragogipinho, ainda que os mais jovens apontem as vantagens do estilo mais moderno:

A nossa é de bloco, eu acho que é melhor até, porque fica um negócio mais organizado. E a gente aqui é pra toda a vida, quando é ali assim (fala da olaria representada na figura 2), quando passam anos as madeiras vão ficando podre, pode cair, e aqui não. De bloco é pra toda vida. [...] acho que não muda nada não, as pessoas gostam, nunca ouvi as pessoas falando nada sobre isso, que é ruim de bloco, tem pessoas que vão ali e aí quando vem aqui aí diz: - gostei, assim ficou melhorzinho... (Rodrigo, integrante da família Mota)

Quando eu apontei a Rodrigo o interior da olaria, cujos aspectos antigos predominam, este jovem retrucou que em breve o projeto da família é erguer paredes de alvenaria e por pisos cerâmicos ao chão de barro.

---

<sup>4</sup> Uma segunda versão para o surgimento do povoado de Maragogipinho conta-se que “Nagé e Coqueiros, duas localidades pertencentes a Maragogipe, já lidavam com a fabricação da louça em cerâmica, produzida em suas olarias. Ambas mantinham grandes rivalidades do barro naquela região. Esse fato levou alguns oleiros a descerem o rio, na busca de matéria-prima. Foi assim, que, encontrando um local provido do barro, resolveram então, segundo Cid Teixeira, denominar o lugar de Maragogipinho”. (MOTA, 2011, p.150)

Assim, é nessa encruzilhada, ponto de encontro entre tradição e a inovação que se esboça a história da maioria das famílias que vivem nessa localidade e que precisa ser analisada sob a ótica dos artesãos. A fala de Ida representa bem essa crença:

Acho que melhorou essa mudança de palha para bloco, mas tem pessoas que chega aí, gosta mais como era antigamente, porque a gente falando assim, de palha é melhor, mais bonito, não sei o quê, mas como nós tá fazendo hoje é mais segura, esse negócio de palha tem que ficar o tempo todo mudando, senão as madeiras tem que ficar tirando (porque apodrecem) e com bloco e telha é mais difícil... (Ida, integrante da família Mota)

A busca pelo tradicional, para agradar um público que almeja ter sensações que o leve ao passado, entra em contradição com a necessidade de mudanças, mas ao mesmo tempo exige marcas da tradição, se mostrando como um dado paradoxal na atualidade.



**Figura 2:** Olarias modelo antigo. Maragogipinho, 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 3:** Olarias modelo moderno. Maragogipinho, 2018.  
Fonte: Acervo da autora.

Na olaria, o oleiro (em sua grande maioria são homens) confecciona e comercializa a sua produção em negociações diretas com os consumidores. As mulheres, que participam da atividade dando o acabamento nas peças, são chamadas de burnideiras ou brunideiras e trabalham, com algumas exceções, dentro de suas próprias residências.

Na comunidade de Maragogipinho os artesãos desenvolvem suas atividades ceramistas a partir de quatro principais segmentos: (1) a louça grossa, (2) as decorativas, (3) as santeiras (orixás e santos) e (4) as miuçálias. No primeiro segmento estão inseridas as louças maiores: potes, porrões, talhas, moringas, alguidares, panelas e etc; no segundo segmento estão as peças de vários tamanhos, com fins decorativos: as africanas, os burrinhos, os porquinhos, as fruteiras, etc; no terceiro segmento, encontram-se as cerâmicas com simbologia religiosa, tanto de origem católica, quando das religiões de matrizes africanas e no quarto segmento

estão as cerâmicas pequenas como as quartinhas, incensadores, jarrinhas, panelinhas e outras peças menores incluindo os caxixis. São através dessas peças pequenas, inclusive, que se iniciam os aprendizes no torno, como parte de um treinamento para posteriormente se tornarem oficiais e mais tarde mestres.

Vale frisar que todos os oleiros (compostos eminentemente por homens) são considerados mestres, pois já alcançaram uma idade relevante e tempo de ofício significativo, já os mais jovens não recebem essa titulação máxima e são chamados de aprendizes. Essa referência é histórica: na Idade Média foi criada as Corporações de Ofício<sup>5</sup>, que eram associações de artesãos comandadas por pessoas muito respeitadas dentro da sociedade, pois realizavam atividades indispensáveis nesta época (FIGUEIRA, 2000; PAULA, 1966). A organização interna destas associações possuía uma rígida hierarquia como base, sendo composta por Mestres, Oficiais e Aprendizes.

Mestres eram os donos da oficina e tinham muita experiência em seu ramo de trabalho. Eles detinham o conhecimento, as ferramentas e a matéria-prima, sendo responsáveis por passar todo o aprendizado aos aprendizes e escolher os oficiais. A posição de Mestre era bastante almejada, pois era social e economicamente gratificante; os oficiais compreendem uma classe intermediária entre a função de mestre e a de aprendiz. Tinham uma boa experiência na área em que atuava e recebiam salário pela sua função, passando um tempo exercendo o que foi aprendido. Para alcançar a posição de Mestre, era necessário que o oficial realizasse uma prova e pagasse uma taxa; os aprendizes eram jovens no início da carreira que estavam na oficina para aprender o trabalho com o Mestre (MARTINS, s/d; RUGIU, 1998). O tempo de aprendizado poderia durar até 12 anos e era a condição para atingir a função de Oficial.

Atualmente, na comunidade de Margogipinho percebem-se algumas modificações nas características acima apresentadas, por exemplo: a corporação de ofício se resumiu à associação de oleiros, que como veremos nesta tese, não exerce maior influência entre os artesãos e artesãs; e não há taxas e nem provas para a mudança de classe (aprendiz para oficial, este para mestre). No entanto, ser “mestre” é ter *status* elevado na comunidade.

Assim é Maragogipinho, todo o distrito, que não tem mais de quatro mil almas, está envolta de uma vasta cadeia de olarias e uma população de mestres artesãos-oleiros e artesãs-burnideiras.

---

<sup>5</sup> Considerei retomar esse tema posteriormente na seção dessa tese intitulada “Trabalho e artesanato: contexto histórico” trazendo pontos teóricos dessa questão.

### Coqueiros

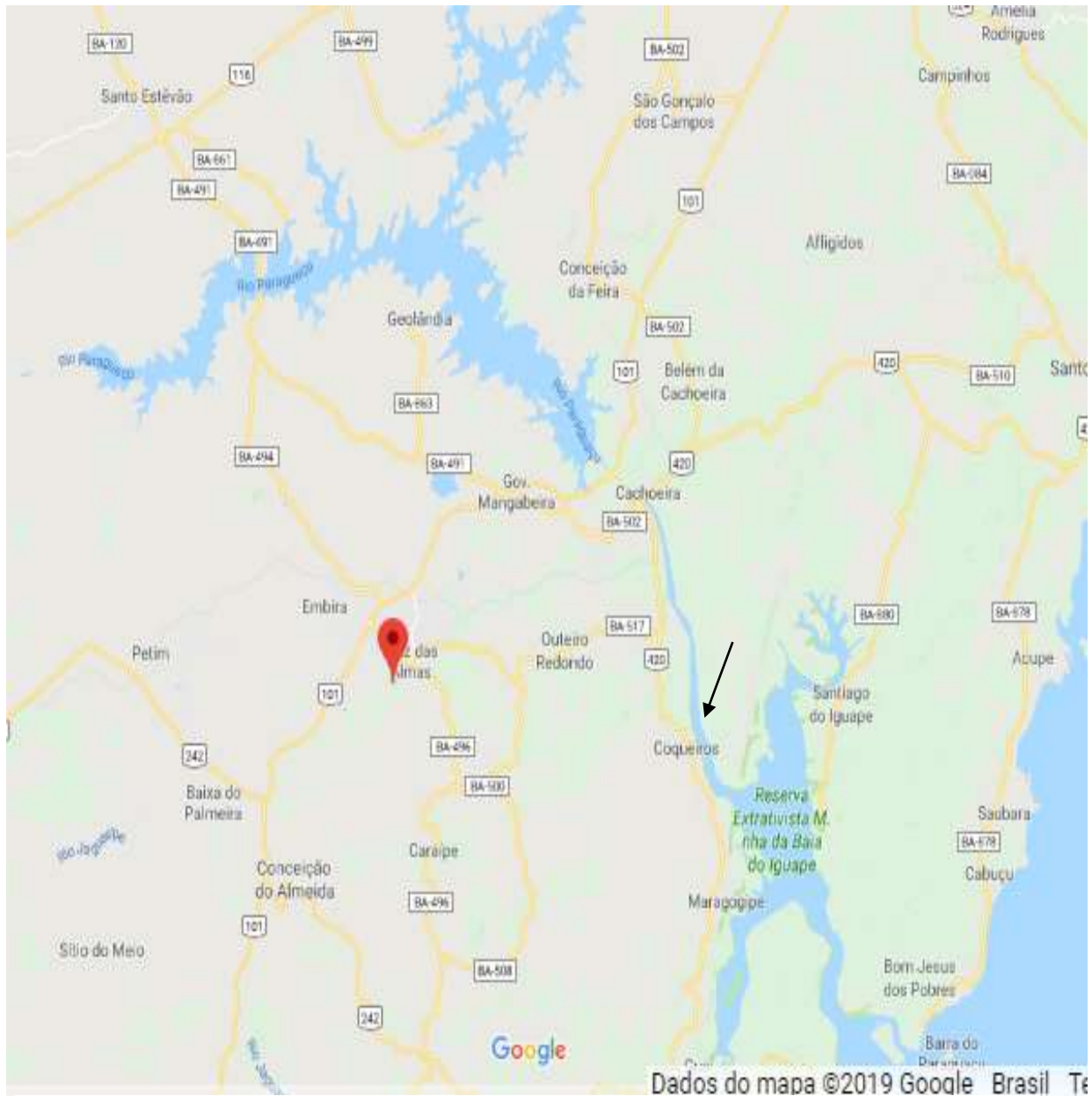
O Distrito de Coqueiros pertence ao município de Maragojipe, distante 141,4 km de Salvador via BR 324 e 13,8 km da sede (ver mapa 6 em anexo). Foi criado pela lei estadual nº 1922, de 13 de agosto de 1926, ao ser desmembrado do Distrito de Nagé, que fica há 3,1 km: este por sua vez foi criado pela lei provincial nº 2077, de 13 de agosto de 1880 (IBGE, 2017). O Distrito de Coqueiros está distante apenas 14,6 km da cidade histórica Cachoeira e 13,1 km do município de São Félix e é banhado pelo rio Paraguaçu, conforme se pode visualizar no mapa 3 a seguir.

Como já informei anteriormente, para chegar a Coqueiros, pode-se fazer outro percurso seguindo pela Ilha de Itaparica. Ressalto este fato porque em minhas incursões, ora eu seguia um itinerário ora seguia o outro e em ambos os percursos o acesso a esta comunidade foi bem difícil devido às péssimas condições das estradas, como ilustra a figura 4 a seguir.



**Figura 4:** Estrada que liga São Félix a Coqueiros-Maragojipe. 2018  
Fonte: Acervo da autora. 2018.

**MAPA 3:** trechos percorridos pelo Rio Paraguaçu até desaguar na Baía de Todos os Santos



Fonte: Google Maps. 2018.

Ao iniciar a pesquisa de campo eu não tinha pleno conhecimento desta região. Pensei que encontraria famílias artesãs da cerâmica em Nagé, por isso antes de chegar a Coqueiros entrei neste Distrito<sup>6</sup>. Estava em busca dos artesãos de cerâmica, porém só avistei, em toda a extensão da rua principal, pequenos peixes secando ao sol dispostos ao chão em frente às casas, como pode ser visto na figura 5. Esses pequenos peixes são denominados xangós, que de acordo com França (2014), “era um trabalho executado pela mão de obra feminina. As mulheres ficavam sentadas nas portas de suas casas, tratavam, salgavam, enfiavam em varetas e estendiam ao chão os peixes para secarem ao sol” (FRANÇA, 2014, p. 20): um diferencial que permitiu perceber que ali eu não encontraria as famosas paneleiras de Maragojipe.

Nos discursos orais apontam-se Nagé como o local de predomínio do artesanato do barro, por isso minha primeira busca foi nesta região. No entanto, na experiência inicial, a percepção do local e as conversas informais com alguns moradores me fez defrontar com a realidade e a busca de uma compreensão sobre a natureza dos discursos ora empreendidos. Sendo assim, o resgate histórico foi importante. No início Nagé e Coqueiros eram um só espaço sociodemográfico. Coqueiros só fora desmembrado de Nagé no ano de 1922, portanto, 42 anos de pertencimento, sem contar o tempo em que toda a região do Paraguaçu era denominada de Maragojipe, conforme estudos de Ferreira (1893). Não há relato sobre o porquê as atividades produtivas se tornaram diferentes em ambas às comunidades, como pode ser percebida na figura 3, função apenas desempenhada em Nagé. No entanto, é possível presumir, pelo relato oral na comunidade de Coqueiros, que a atividade do barro é bem antiga, assim, ou seja, já era realizada naquele espaço, que também pertencia à Nagé, então houve um desmembramento como um ato político, mas não psicossocial.

---

<sup>6</sup> Denominada de Vila Morena, Nagé tem sua origem no século XVII, em torno do porto que servia de atracadouro para os nativos e representantes do aldeamento Santo Antônio da Aldeia, mas foi elevado à distrito em 1880. Habitado principalmente por índios “mansos”, também recebeu um dos mais importantes quilombos da região, o Quilombo do Pinho, abrigando, hoje, um dos mais importantes terreiros de candomblé. Nagé construiu sua história com o pescado e na década de 1980, com a indústria de fumo, hoje extinto. (FRANÇA, 2014)



**Figura 5:** xangó e pititinga em exposição ao sol para secagem. Nagé. 2018.

Fonte: Acervo pessoal. 2018.

Ao ser informado pelos moradores de Nagé que eu só encontraria as artesãs ceramistas em Coqueiros, me dirigi imediatamente para lá.

Coqueiros é um lugarejo cuja rua principal liga a rodovia indo até às margens do rio Paraguaçu. Nas portas de algumas casas é possível ver diversos pratos e panelas de barro dispostas ao sol para a secagem, como pode ser visualizados na figura 6.



**Figura 6:** Pratos de barro secando ao sol. Coqueiros. Maragogipe.  
Fonte: Acervo da autora. 2018.

A localidade não se compõe de uma população eminentemente artesã da cerâmica, segundo informações dos moradores, que alegaram não haver mais que trinta famílias nesta atividade: os demais se dedicam à pesca e a mariscagem, assim como os seus vizinhos do Distrito de Nagé.

O sol castiga os visitantes, mas é uma dádiva para a comunidade, -“o sol é benção, moça”, me diz uma moradora. O rio é fonte de alimentos, bem como o barro, pois são desses dois elementos naturais que a população tira seu sustento.

A história do Distrito de Coqueiros faz parte da história do município de Maragogipe e remonta ao início do povoamento do Brasil. Esta região pertencia aos índios *Marag-gyp* (palavra que significa “braços invencíveis”) e foi povoada pelos portugueses a partir de 1520. Sua emancipação política é datada de 08 de maio de 1850, quando Maragogipe foi elevada à categoria de cidade. Em 1911, o Município possuía cinco distritos: Maragogipe, Nagé, Coqueiros, Caveiras e Santo Antônio de Capanema (BRASIL, 2017). De acordo com historiadores, diversos quilombos se formaram na região, sendo um dos mais importantes e que se tornou Terreiro foi o do Pinho. (FRANÇA, 2014)

O distrito de Coqueiro do Paraguaçu foi criado em 1893, tendo sido elevado a distrito de Paz em 1926, desmembrado de Nagé, em conformidade com a lei 1922.

Nesta comunidade não há olarias. A maioria dos artesãos e artesãs fazem suas peças em suas próprias residências ou em casas próximas que são destinadas a tal ocupação. Vale ressaltar que o trabalho é, majoritariamente, realizado por mulheres, que de acordo com o levantamento do IBGE (2011) o total está estimado em 50 ceramistas.

Em Coqueiros, há duas localidades onde se concentram as ceramistas: a Rua das Palmeiras, onde mora, aos 90 anos de idade, Bernadina Pereira da Silva, a dona Cadu, que tornou reconhecida a cerâmica que se faz em Coqueiros, participando de exposições organizadas pelo Instituto de Artesanato Visconde de Mauá, em Salvador, angariando clientes; e a Fazenda do Rosario, cuja ceramista mais velha é Josefa de Jesus França, conhecida como dona Zefa, referência de muitas mulheres. No total, entre os cerca de 50 ceramistas do distrito, existem dois homens. (BRASIL, 2011)

Toda a região, conta com aproximadamente 42.260 habitantes, de acordo com dados do IBGE (BRASIL, 2017). Não foram encontrados dados demográficos oficiais específicos aos distritos pertencentes a este município. No entanto, dados extraoficiais apontam que há, aproximadamente, cerca de 3.500 moradores em cada um dos dois distritos de Maragojipe (Nagé e Coqueiros), pressupondo então que a maior densidade demográfica se encontra na parte central do município (a sede), sendo também onde se encontra a maior parte dos sítios históricos da região, tais como a Igreja Matriz de São Bartolomeu, a Casa de Câmara e Cadeia (atual Câmara de Vereadores) e o prédio do Fórum que são algumas das edificações mais antigas da cidade.

O artesanato cerâmico do distrito de Coqueiros pode ser caracterizado em apenas um segmento, ou seja, a fabricação de bens utilitários: panelas, frigideiras, pratos e fogareiros. Não utilizam o torno. Pois, muito antes dos portugueses introduzirem o torno cerâmico no Brasil, as populações indígenas que habitavam o nosso território usavam duas técnicas principais para a construção do corpo da peça cerâmica: “o acordelamento (ou roletagem) e a modelagem”.

As técnicas variavam de acordo com o uso da peça depois de pronta. “No caso do acordelamento ou roletado, ele consistia basicamente na superposição de cilindros feitos de argila, formando anéis espiralados”. Geralmente utilizada na produção de peças que precisam ser “levantadas”: a técnica do roletado é ainda hoje usada em diversas comunidades cerâmicas tradicionais, principalmente para a construção de potes e moringas. Já a modelagem, por sua

vez, consiste na confecção de uma peça a partir de um bloco inteiro de argila, manipulado até tomar a forma de estatuetas, panelas, vasos, dentre outros. (CUNHA, 2014, p.3)

Desse modo, as peças eram feitas com as próprias mãos e com o uso de ferramentas rudimentares (pedras e lascas de madeira). No entanto, vários moldes podem ser usados a fim de determinar um padrão para os tamanhos das peças. A matéria-prima (o barro)<sup>7</sup> é acondicionado em montes volumosos e cobertos para evitar possível evaporação que lavaria ao seu endurecimento.

Assim é Coqueiros! Em toda sua extensão, o local emana movimento, trabalho e vida, apesar do aspecto humilde das casas e do pouco comércio existente.

## 2.0 Os objetivos, a justificativa e o problema da pesquisa

Encontrei neste primeiro contato com os campos de pesquisas (as duas comunidades), um rico material que evidenciou o modo de viver e trabalhar das famílias artesãs ceramistas. No entanto, meu objetivo era aprofundar algumas questões que me permitiriam identificar os fatos e fenômenos relevantes para cada comunidade, bem como os signos e significados construídos ao longo das gerações, de modo a corroborar com a minha tese sobre a importância da mediação familiar nos processos artesanais e na manutenção da tradição ancestral.

A comunidade de Maragogipinho foi minha base de pesquisa devido ao meu maior conhecimento da região. Ali pude contar com o acolhimento da família Mota (participante desta pesquisa) representada por um casal de artesãos muito conhecido na localidade, bem como pela família do meu esposo, onde encontrei hospedagem e alimentação.

Já minha incursão na comunidade de Coqueiros (Maragojipe) se deu de forma aleatória, através de buscas em sites da internet, devido ao meu desconhecimento das atividades ceramistas dessa localidade.

Em outro momento desta tese enfatizarei todo o processo do trabalho artesanal, em ambas as comunidades. O que é importante dizer aqui, nesta parte introdutória, é que os diversos núcleos familiares que se instalaram nas áreas pesquisadas e ali se reproduzem há várias gerações formam o que são hoje, os distritos de Maragogipinho e Coqueiros:

---

<sup>7</sup> O barro é o nome popular dado ao composto mineral denominado argila, que “são formadas por silicatos hidratados de alumínio, ferro e magnésio” (LIMA et al. 2017, p. 517). Há diversos tipos de argilas na natureza, e alguns desses tipos são bastante utilizados na fabricação de objetos ou no acabamento destes, por exemplo, o *tauá* (nome indígena tupi-guarani que significa argila vermelha) e a *tabatinga* (nome indígena tupi-guarani que significa argila branca) são corantes extraídos da argila que servem para dar cor e brilho às peças.

comunidades de vidas tradicionais que se amparam no legado deixado pela natureza, ou seja, nos seus rios, matas e solos.

Assim, a reprodução do artesanato (cerâmico e pesqueiro) e por consequência, a construção do território tradicional por meio de um modo de ser e fazer, são os principais elementos constituintes desse povo que luta por uma vida melhor sem abandonar a tradição cultural. A partir desses elementos analisarei as formas em que as famílias artesãs transmitem o saber cultural, e, conseqüentemente, a construção das subjetividades dos seus integrantes, que se configuram como principais temas de pesquisa.

Diante do exposto, o objetivo geral desse estudo foi investigar a realidade da família-artesã enquanto espaço pedagógico, buscando explicar como ocorreu a transmissão e perpetuação da cultura ceramista em dois municípios do Recôncavo Baiano, além de analisar a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento local e intrafamiliar.

Os objetivos mais específicos elucidaram melhor o que desejei aprofundar nessa investigação, quais foram: identificar e refletir sobre os modos como as famílias transmitem os conhecimentos artístico-artesanais para as gerações seguintes e sobre como esses modos foram mediados por signos e significados construídos pelos membros da família quanto aos componentes ligados à temporalidade, religiosidade e etnicidade; analisar a relação entre família, escola e Associações Comunitárias buscando identificar mecanismos que contribuíssem para a perpetuação (ou não) da cultura ceramista, bem como as tensões e conflitos gerados na dialética tradição-modernidade e por fim, refletir teoricamente sobre como se dá a dinâmica tradição- modernidade nas famílias artesãs.

Para alcançar os objetivos da minha tese busquei, como principal estratégia metodológica de pesquisa, desenvolver um trabalho de campo associado a uma descrição etnográfica e fenomenológica junto a duas famílias artesãs ceramistas do Recôncavo Baiano, o que possibilitou uma análise mais profunda, uma arqueologia da cultura artesanal, segundo a fenomenologia de Husserl, (2006); Ales Bello, (2006a,b); Merleau-Ponty, (1999, 1991, 1969 ); Stein, ( 2019, 2005 ); dentre outros.

Por isso, o estudo dessas duas comunidades (Maragogipinho e Coqueiros), ilustradas anteriormente, no que diz respeito à transmissão cultural do artesanato cerâmico (principalmente), numa perspectiva psicossociocultural fenomenológica, pareceu-me assumir grande relevância do ponto de vista científico. De fato, as comunidades de Maragogipinho e Coqueiros me ofereciam experiências vivas de um mundo onde o trabalho tradicional, relacionado à antiguidade das técnicas se defronta com a modernidade em graus e modos

diversos. As figuras 2 e 3 são bons exemplos disso! Assim, trata-se de uma condição promissora para investigar as formas de elaboração e transmissão do fazer artesanal tradicional bem como refletir sobre suas transformações atuais.

A escolha desse tema para minha pesquisa implicou ir em busca de um referencial teórico e uma metodologia mais reveladoras para análise, que permitiram desvendar a significação dessas experiências do ponto de vista psicossociocultural, sem reduzir a riqueza multifacetada e o valor sócio-cultural das mesmas.

Diversas disciplinas, nas ciências humanas, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a História, dentre outras, já têm expressado essa preocupação com a possibilidade da redução do objeto de investigação quando visto sob a ótica de uma única e específica teoria (MAHFOUD, 2003). Por isso, lancei-me aqui nesta tese, numa pesquisa a partir de uma perspectiva inter, multi e transdisciplinar.

Penso que um bom método poderia evitar o risco dessa “redução” ao limites conceituais da Psicologia (não somente a esta), mas que ao mesmo tempo, pelo olhar psicológico, me ajudasse a observar um fenômeno tão complexo e multifacetado como é a experiência do trabalho artesanal.

Se eu precisava de um método que me ajudasse a descrever e compreender os fenômenos assim como são vividos e representados pelos participantes dessa pesquisa, a fenomenologia pareceu-me uma resposta adequada “ao permanecer no horizonte da experiência assim como vivida pelos sujeitos concretos” (MAHFOUD, 2003, p.20). Portanto, esse método exige uma “mudança de atitude” como proferia Husserl em suas obras. (GOTO, 2013)

Além desta preocupação com os aspectos teóricos do método do estudo, busquei no processo de escrita utilizar o levantamento bibliográfico, por meio do qual estudei sobre os conceitos e características do artesanato a partir de Gonçalves & Antezana (2014), Marquesan & Figueiredo (2014), Vieira & Loiola (2014) e Sobrinho & Helai (2017); sobre os estilos parentais e a transmissão intergeracional apontei os estudos de Dobrianskyj Weber, et al. (2006), Weller (2010), Rehbein & Chatelard (2013), Tondowski, et al. (2014) e Mannheim (1982); para uma discussão mais específica à respeito do artesanato da cerâmica, abordei Souza (2008), Simões (2016), Pinto Neto (2008), Pinheiro (2015), Mota (2011), Mendes, (2009); sobre os fundamentos da etnografia, tão importante para a pesquisa de campo, trouxe Geertz (2008, 2004), Gil (1989), Chang (2007), Angrosino (2005) e Hassen (2016); e sobre o uso do genograma para a análise dos processos de transmissão transgeracional, apontei os

estudos de (Barbosa (2001), Rocha e Hayes (2005), Musquim et al. (2013), Borges et al. (2015), dentre outros.

E, por meio da realização da pesquisa de campo (BAUER & GASKELL, 2002; BITTENCOURT, 1998; CAMPOS, 2011; CANO & SAMPAIO, 2007; CHAUDHARY, 2008; FERREIRA, TORRECILHA & MACHADO, 2012), compus séries fotográficas (CAMPOS, 2011), incorporadas, seletivamente ao longo do trabalho, a fim de demonstrar as diferentes formas de ser, de viver, de fazer e de sentir dos artesãos e artesãs nas comunidades pesquisadas; também, utilizei de mapas obtidos em sites da internet, dando os devidos créditos.

Por fim, acrescento que nos momentos de análises e interpretação dos dados pesquisados busquei fazê-lo de forma integrada, respeitando-se, no entanto, a história de cada comunidade, porque acredito que elas se estruturam como um sistema de transformações e permanências que se autorregulam no mesmo objeto claramente multi, inter e transdisciplinar. Por isso, a clara necessidade da busca de conhecimentos em outras áreas que pudessem complementar o estudo psicológico.

As principais questões que me levaram a realizar esta pesquisa foram: como se daria a dinâmica tradição-modernidade nas famílias artesãs-ceramistas e quais signos, significados e práticas caracterizariam a transmissão intergeracional da atividade ceramista em famílias do Recôncavo Baiano, constituídas enquanto espaço pedagógico?

No decorrer dos estudos sobre a temática, foram surgindo outros problemas, tão emergentes quanto os primeiros. Assim, foi necessário interrogar como estas famílias lidavam com os processos externos que de algum modo interferiam nas suas relações familiares, como por exemplos: as intervenções político-jurídicas; o papel das Associações de Artesãos; a interferência da Escola na educação de seus filhos.

Questionei-me diversas vezes, durante o processo do doutoramento, se o meu papel de investigadora, que em um momento se aproximava e em outro se distanciava do objeto de pesquisa, interferiu nos processos e nas relações familiares, e quais instrumentos, teóricos e metodológicos, eu poderia dispor para perceber esses fenômenos que ocorriam. Questionei também, esses próprios instrumentos de análise e suas bases teórico-epistemológicas: assim, até em que ponto a fenomenologia seria uma boa lente para observar, descrever e compreender as experiências vividas pelas famílias participantes?

### 3.0 A estrutura da tese

Esta tese está ancorada na proposta da tradição e a consequente transmissão inter (trans) geracional, tendo como construto principal o “trabalho artesanal”. Por isso, o estudo de Aguiar (2016), baseado na tríade família-trabalho-organização, possibilitou repensar sobre como apareceria esta questão triádica em famílias cujas atividades fossem mais específicas, onde, por exemplo, não houvesse separação tão clara entre a “Organização” e a “família”. Na família em Coqueiros pude perceber que a casa é o *lucus* do trabalho familiar!

Então, diante do desafio inerente à complexidade do objeto e de modo a buscar respostas às questões já suscitadas, algumas abordagens teóricas e metodológicas foram imprescindíveis. Daí a necessidade da visão interdisciplinar ou multirreferencial nesta investigação.

CASTRO (2012, p. 3), nos questiona o quanto interdisciplinar nós somos principalmente se tratando de estudos sobre a família. A autora coloca uma provocação: “como ser interdisciplinar não somente de disciplinas diferentes, mas de cosmo visões, lugares políticos ideológicos diferenciados, ou seja, pelo exercício da dialética discursiva, o enfrentamento dialógico de ideias”?

Como apontou Jodelet (2016, p. 1261), a interdisciplinaridade converge na transdisciplinaridade, esta última busca ir “além do disciplinar”. Contudo, o tema “família”, pela sua própria complexidade (LANZ et al. 2015), exige uma relação interdisciplinar mais autêntica, quero dizer, evitar as “colchas de retalhos” que em nada contribuem para minimizar as incoerências nos discursos, muitas vezes ensejados por teóricos com boas intenções, de modo que, a “nos afastarmos de lugares comuns, idealizações sobre a instituição família, haveria que contextualizá-la historicamente, e não ocultar violências, conflitos, negociações” (CASTRO, 2012, p. 6 ). Concordo com a proposta dessa autora, no sentido de se buscar uma “epistemologia que mais permite trânsitos e nexos entre saberes, pois resgata estruturas comuns de conhecimento” (Idem, p. 11).

Martins (2004, p.86), trazendo uma abordagem multirreferencial, aponta na mesma direção aqui discutida: “A perspectiva multirreferencial propõe estabelecer um novo “olhar” sobre o “humano”, mais plural, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em nova perspectiva epistemológica na construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais.”

Neste trabalho de pesquisa, defendo que é um *apriori* buscar “alianças possíveis” (CASTRO, idem, p.4), seja tanto no campo teórico-epistemológico quanto no campo

metodológico. Como já citei anteriormente, busquei outros saberes construídos pela antropologia, arqueologia, psicologia, sociologia, a pedagogia dentre outros.

No entanto, é importante seguir com cuidado epistemológico as orientações de Castro no que diz respeito “às fisgadas conceituais”, visto ser tentador, no caso do tema família ser de tão difícil delineamento.

As tipologias de famílias são criadas a partir da combinação de diferentes critérios, como expos Valsiner (2012, p.146-190). Desse modo, é preciso atenção para não cair na armadilha de se retirar conceitos de um contexto e aplicá-los a outro.

É mister, na investigação do papel da família-artesã na Bahia, entender os conceitos acima exemplificados, assim como os conceitos de tradição, modernidade e trabalho, bem como analisar a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento local e intrafamiliar. Acredito que o enfoque inter-trans-multidisciplinar poderá abarcar este tema de tão alta complexidade.

A partir da discussão sobre a família artesã e seus modos de vidas, espero que esta pesquisa possa iluminar o difícil trajeto cultural das pessoas, dando voz e vez a este grupo específico, mostrando toda a forma de resistência que se dá através do trabalho realizado pelas mãos e a possibilidade de formarem-se seres humanos mais cuidadosos com o meio ambiente, consigo e com os outros.

Deste modo, esta tese divide-se em duas partes, totalizando cinco capítulos, além desta parte introdutória, das considerações finais, das referências bibliográficas, dos anexos e apêndices.

A primeira parte foi denominada de “Fundamentos” porque busco apresentar os fundamentos metodológicos e teóricos que possibilitaram o teor científico do estudo. Subdividi esta parte em três capítulos: no primeiro capítulo, denominado de “Povos artesãos: uma abordagem metodológica”, viso explicitar as formas de incursões nas comunidades artesãs através da metodologia do trabalho de campo, bem como a biografia dos principais participantes. Também é nesse capítulo que apresento a tese proposta nesta pesquisa, associando o estudo de campo sobre as comunidades tradicionais,<sup>8</sup> principalmente as

---

<sup>8</sup> Ainda que estes territórios não sejam, legalmente, reconhecidos como comunidades tradicionais, Maragogipinho e Coqueiros desenvolvem uma atividade específica herdada dos antepassados, que possuem formas de sociabilidades próprias, empregam técnicas e instrumentos de trabalho rústicos, dentre outros aspectos que poderiam ser citados, desse modo, podem ser concebidos como povos e comunidades tradicionais, como descrito no Decreto 6040/2007, em seu Art. 3º, onde, povos e comunidades tradicionais são: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007)

ceramistas, ao relato etnográfico como abordagem metodológica que possibilita uma melhor compreensão sobre as dinâmicas familiares, por permitir uma análise destes grupos nas quais o pesquisador tem a oportunidade de mergulhar no e pelo olhar do seu interlocutor, buscando interpretar o mundo por meio do entendimento do outro;

No capítulo 2 apresento a base teórica e metodológica que fundamenta a tese, com o título “O referencial teórico: a Fenomenologia”. Este texto, construído através dos diversos diálogos que tive com os principais autores da vertente filosófica-epistemológica da fenomenologia, visa anunciar os conceitos mais profícuos para a compreensão das narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa. Explico inicialmente a sua vertente metodológica nas etapas de descrição, redução e compreensão fenomenológica, para só então seguir com os principais conceitos que considere pertinentes para as famílias participantes. Trago assim para o bojo da discussão os temas percepção, empatia, intersubjetividade, corpo e comunidade. Complementando o arcabouço teórico, trago uma discussão sobre a família, o eu individual e a vida comunitária.

No capítulo 3 discuto sobre os aspectos teóricos do trabalho e do artesanato e em seguida apresento o estado da arte sobre artesanato no Brasil, discutindo os principais conceitos e características do artesanato a partir das leituras já citadas. A importância desse capítulo está na finalidade contida nele: esboçar as pesquisas que foram realizadas sobre a temática em questão, tentando evidenciar o escasso estudo quanto ao objeto da minha tese, ou seja, o papel da família na manutenção ou transformação de uma tradição específica.

A segunda parte da tese anunciado pelo título “Descrição e redução fenomenológica: as entrevistas e a análise dos dados” é composta por dois capítulos enumerados a partir do capítulo 4 denominado de “Prática artesanal e modos de vida nas comunidades de Maragogipinho e Coqueiros”. Neste capítulo apresento as narrativas das famílias Mota (Maragogipinho) e Mercês (Coqueiros).

No capítulo 5 intitulado “Significados de trabalho, cultura e tradição para famílias artesãs ceramistas do Recôncavo Baiano: um estudo com o uso do genograma das famílias” tive o propósito de discutir sobre ancestralidade e tradição a partir da construção do genograma realizado com as famílias participantes, bem como com a comunidade representada pela Associação de Artesãos e Unidade Escolar em Maragogipinho.

Nesses últimos capítulos busquei adentrar nas experiências vividas pelas famílias artesãs. Desse modo tentei descrever, através de uma linguagem simples e ao mesmo tempo

---

poética, os saberes e suas formas de transmissão, as percepções, as angústias, os prazeres, os comportamentos, ideias e sensações de pessoas que vivem num contexto cultural específico e que desenvolvem seus ofícios com maestria dando espaço às narrativas dos participantes, à percepção e compreensão do fenômeno, ao papel do corpo, como me chegou à consciência, bem como às instâncias comunitárias e sua refração nas famílias estudadas.

Nesta parte da tese discuto a respeito da corporeidade, da memória ligada à tradição familiar e comunitária e as temáticas responsabilidade, liberdade e cultura.

Penso que com esta estrutura seja possível àqueles que se debruçarem sobre essa tese a compreensão do caminho por mim escolhido. Ainda que estes escritos não sejam o caminho original, mas sim, o caminho por mim reconstruído e re-apresentado, cujas “farpas” e “pedras” foram removidas, assim como devem ser removidos do barro, como disse um amigo oleiro, para que este alcance “a pureza e no final tudo ficar mais bonito”. Espero permitir assim, como propôs Geertz (2008), convencer os outros de que eu estive lá e que se também se estivessem lá, veriam o que vi, sentiriam o que senti e concluiriam o que concluí.

**I PARTE**  
**FUNDAMENTOS**



**Figura 7:** Pontos de acessos às comunidades de Maragogipinho (superior) e Coqueiros (inferior). 2018.

Fonte: Acervo da autora.

## Capítulo 1

### Povos artesãos: uma abordagem metodológica

Como marca identitária, as comunidades de Maragogipinho e Coqueiros, apontadas na figura 7, são previamente apresentadas aos visitantes através dos símbolos das baianas em cerâmica (Maragogipinho) e da mulher com uma panela na cabeça (Coqueiros), numa referência clara ao padrão cultural do fazer artesanal nestas duas comunidades, que apresentam características próprias e inconfundíveis até ao olhar mais distraído.

Em Maragogipinho são confeccionados diversos tipos de objetos, que podem ser de uso utilitário, decorativo e religioso. São vários temas abordados nas formas e pinturas, destacando-se os florais pintados com a taubatinga (argila branca).

Em Coqueiros, os objetos são do tipo utilitário e não possuem pinturas ou traços. Por isso, as mulheres (ainda que já existam homens no ramo) são chamadas de “Paneleiras de Coqueiros”, pois a peça principal é a panela de barro (o que explica a imagem de uma mulher com a panela na cabeça na figura 7).

Desse modo, no momento em que outros espaços e gentes caminham em direção a uma “desterritorialização de determinados signos” (ORTIZ, 2013, p. 623) que costumam se apresentar para a juventude num contexto de uma crescente globalização (MacDonalds, iPhone, China in the Box, Uber, etc), algumas comunidades (não só no Brasil) buscam através da resistência do seu povo, enraizar-se em uma cultura. É dessa forma que a comunidade aratuipense de Maragogipinho se orgulha de ter sido reconhecida pela UNESCO em 2004 como o maior polo de artesanato cerâmico da América Latina! (ÁLVARES, 2015)

A comunidade de Coqueiros tem em sua quase centenária D. Cadú, o reconhecimento do fazer artesanal e ainda luta para ser reconhecido como polo cerâmico e se “desmembrar” do distrito de Nagé, no imaginário coletivo, visto que em termos legais isso já ocorrera desde o ano de 1922. Caso também vivido pelos moradores de Maragogipinho, cujo sentimento de “roubo da identidade artesã” renasce todo ano, durante a Semana Santa, por dois motivos: 1) devido à tradicional e famosa Feira dos Caxixis ser realizada no município de Nazaré das Farinhas, distante 12 km de sua comunidade; 2) porque a maior parte dos visitantes desconhece a real origem dos produtos ali comercializados: esse desconhecimento tem causado desgosto para essa população.

Esses fatores demonstram o quanto a questão das identidades culturais está permeada de sentimentos difusos, que requerem uma maior reflexão. Uma espécie de sofrimento cultural espalha-se a todo o momento, lembrando aos artesãos o que é ser para si e ser para o

outro, termos que divergem na construção do imaginário coletivo das duas comunidades que estão sendo estudadas nesta tese.

Neste íterim, Caldas (2013), aponta as IGs (Indicações Geográficas) como possibilidade de assegurar, junto aos órgãos públicos e ao consumidor, a garantia de origem dos produtos de uma comunidade, principalmente a garantia da propriedade intelectual.

[...] as IGs são um meio eficaz para identificar e assegurar a qualidade de um produto elaborado em um território, região ou localidade, com características específicas, homogêneas e bem demarcadas, com o objetivo de garantir sua procedência e, o mais importante, firmar a relação de confiança que se estabelece entre o consumidor, o produtor e o seu local de produção. (CALDAS, 2013, p. 128)

Em 2017 foi firmado um acordo de parceria entre a UFBA (Unversidade Federal da Bahia) e a SETRE (Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte) para dar início a um estudo em Maragogipinho, com o “objetivo de analisar as potencialidades das atividades ceramistas do distrito visando à solicitação de registro ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI -, de uma IG para tal atividade” (CALDAS, et al, 2017, p.84). Nota-se a preocupação e o reconhecimento, ainda que tardio, da comunidade em relação ao seu saber-fazer tradicional. No nível político, o reconhecimento dessa identidade oleira-artesã é de extrema importância, visto que no nível social e humano isso já foi ratificado pela tradição.

O saber-fazer vinculado a um determinado lugar de produção é objeto também normatizado pelos organismos internacionais, a exemplo da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, adotada pela 17ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1972), realizada em Paris, em 1972. Desse modo, ser reconhecido como uma IG aumenta a autestima da comunidade, possibilitando a integração num mundo cada vez mais competitivo, além de favorecer a aprovação pelo IPHAN para o tombamento do artesanato de Maragogipinho como patrimônio imaterial da humanidade.

Diante do exposto, tenho previsto também que o estudo desta tese, através da pesquisa de campo e da história oral, bem como de outros trabalhos já realizados no meio acadêmico, (SIMÕES, 2016; ÀLVARES, 2015 etc) poderão contribuir com a aprovação dos projetos que estão tramitando nas instâncias políticas, representados pelos principais órgãos competentes (IPHAN, SETRE, MDS, entre outros). Lamento o caso de Coqueiros, pois ainda não há

nenhum suporte jurídico-político para a permanência da tradição das paneleiras, além de residuais estudos científicos na comunidade, contando somente com algumas poucas figuras míticas como a artesã D.Cadu, já citada neste trabalho.

Dito isto, informo que este capítulo aprofundará as questões metodológicas da presente pesquisa: o trabalho de campo, a importância do uso das fotografias, as entrevistas narrativas, os participantes e o campo da pesquisa, a transcrição dos relatos e a organização e análise dos dados.

### 1.1 Formas de incursões nas comunidades: a metodologia do trabalho de campo

Inicialmente o meu contato com o campo de pesquisa nos momentos de trabalho cotidianos dos artesãos e artesãs, assim como a participação em Feiras de Artesanatos, tornaram-se ocasiões de encontro com a novidade.

A convivência com duas comunidades artesãs, ainda que realizem a mesma atividade, evidenciou mais diferenças que semelhanças nos modos de fazer, sentir e pensar a tradição. Isto me suscitou, em cada etapa de trabalho, novas questões reveladas sob o prisma de cada contexto específico. No entanto, percebi que havia uma estrutura comum em todos os momentos vivenciados: a) as indagações surgiam a partir de algum evento que se colocava no real das relações intrafamiliares e extrafamiliares; b) a tentativa de nomear algo ainda desconhecido; c) a formulação de novas perguntas a serem respondidas no retorno à comunidade; d) o encontro com os participantes da pesquisa e a busca pela compreensão da experiência elaborada por eles, a partir das minhas questões; e) a escrita em forma de textos do material coletado no diário e caderno de campo e a visualização e formatação das fotografias tiradas; f) a análise dos fenômenos estudados a partir dos materiais disponíveis, bem como a apresentação e discussão desses dados num formato acadêmico; g) a construção de um referencial teórico adequado para o fenômeno pesquisado e por fim i) a escrita do trabalho final buscando uma maneira que se tornasse mais clara e objetiva para o leitor.

Observar as pessoas no seu contexto social, ou seja, realizando suas atividades cotidianas foi um recurso metodológico muito eficaz, porque possibilitou perceber a dinâmica existente no grupo familiar: como os membros resolviam suas tensões e conflitos, bem como também as estratégias de negociação e solução de problemas.

Foi possível perceber nas expressões corporais os sentimentos e emoções que surgiram em determinada experiência, como por exemplo, quando vendiam um produto numa feira de artesanato; ou decidir quem deveria limpar o local de trabalho após terminar uma tarefa.

Neste estudo, diversas formas de observação foram imprescindíveis: foram aproveitados os recursos de observações dos tipos naturalística e participativa, bem como a tiragem de fotografias. Desse modo, a observação participante se mostrou uma técnica bastante profícua nesta investigação. Esta abordagem possibilitou maior confiança dos participantes e diminuiu o estranhamento de ambas as partes, facilitando-me perceber com maior nitidez algumas nuances que estavam mais obscuras e implícitas em outras técnicas empregadas: devido ao processo de espontaneidade e familiaridade que se formava a cada encontro. Por exemplo, durante as visitas às famílias em feiras de artesanatos que eram realizadas em outras cidades baianas; visitar uma das participantes que se encontrava enferma em um hospital de Salvador; ou participar de um culto na igreja local, onde uma das participantes frequenta.

Assim, as conversas espontâneas que surgiam durante as observações participantes, foram ótimos elementos que permitiram perceber comportamentos, sentimentos e atitudes, corroborando com o que afirmou Hassen (2016, p.5): conversas são dados. “Conversas ou conversas naturais geram enormes dados sobre o comportamento humano”.<sup>9</sup> (livre tradução)

Para Reyna (2005, p.7) a observação sistemática possui alguns passos a seguir, dando maior confiabilidade e cientificidade à técnica: “o objeto de observação, o sujeito de observação, as condições de observação, os meios de observação, e o sistema de conhecimentos a partir do qual se formula o objetivo da observação”. Estes cinco elementos estiveram presentes tanto nos momentos de conversa etnográfica quanto nos momentos de fotografia etnográfica.

Desse modo, o trabalho de campo se tornou importante instrumento de pesquisa, como preconizado nas Ciências Sociais e na Psicologia, por possibilitar o contato do pesquisador com os fenômenos por eles analisados, e da apropriação dos espaços físicos e culturais por diferentes comunidades, a partir da observação “*in locus*”. As observações de campo, segundo Creswell (2007) e Chang (2007), são os principais elementos da coleta de dados, pois, possibilita “observar o comportamento dos participantes em suas atividades” (Creswell 2007, p.37). Também, como propôs Venturi (2006):

O momento do trabalho de campo representa o contato imediato do cientista com a realidade, ainda que possa fazer uso de instrumentos; é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação e interpretação (dois aspectos do mesmo processo, já que quem observa é o sujeito, não seus órgãos sensoriais), instrumentalizadas ou não. (VENTURI, 2006, p.75)

---

9 Talk is data. Natural conversations or talks generate huge data about human behavior.

O trabalho de campo não é um mero olhar desprezencioso sobre a paisagem, mas é um momento de produção de conhecimento, de compreensão sobre o fenômeno. Jean Piaget (1896-1980) realizou trabalhos de campos a partir do qual formulou a sua teoria da gênese do conhecimento humano, ou epistemologia genética. Os trabalhos de campo são um marco no desenvolvimento da antropologia e de outras ciências, como a geografia e a sociologia,

Na França, Frederic Le Play (1806-1882) foi o iniciador dos métodos "monográficos" ou "comunitários", para estudar empiricamente as relações entre uma sociedade e seu ambiente geográfico imediato. Este método, que ele aplicou em seus numerosos estudos sobre famílias em diferentes contextos culturais, introduziu novos elementos nas ciências sociais, tais como a exploração indutiva de fatos empíricos, trabalho de campo e fórmulas de pesquisa para coleta de dados para comparar e analisar estatisticamente tudo em claro contraste com a especulação teórica e de gabinete que os positivistas fizeram. (MAHECHA, 2006, p. 8, livre tradução)

A pesquisa de campo, aqui empreendida, teve por finalidade uma aproximação ao âmago da cultura ceramista, vividas objetivamente e subjetivamente pelas famílias artesãs. Assim, sigo a direção apontada por Freire e Branco (2016, p. 26) “de conceber a emergência e o desenvolvimento dos diferentes posicionamentos do self sob uma perspectiva dialógica” no processo de interação inter e intrafamiliar: diante da necessidade de se firmar uma identidade coletiva que terá como prerrogativa o reconhecimento dessa identidade pelas instâncias política-administrativas desse país. Por isso, é necessário se debruçar com afinco e respeito ao trabalho de campo: buscar a criação de um repertório científico que corrobore e reafirme o saber-fazer desses grupos específicos.

Husserl<sup>10</sup>, de acordo com Ales Bello<sup>11</sup> (2008, 2006a, 2006b), partiu de análises comparativas das várias culturas buscando compreendê-las profundamente, a partir de suas

---

<sup>10</sup> Edmund Husserl (1859-1938), natural da Morávia (atual Rep. Checa), fundador da Escola Clássica da Fenomenologia, formou-se em matemática, mas interessou-se por filosofia e psicologia, inclusive, estudando com Brentano, porque seu interesse era a respeito da questão dos fenômenos psíquicos na constituição dos números e suas operações aritméticas. Não satisfeito com essas explicações psicológicas ele parte para o estudo da lógica, portanto, da filosofia, mas frustrado com as poucas respostas obtidas, ele percebe que seria preciso uma metodologia nova para investigar as suas questões propostas, então, ao invés de abandoná-las, ele cria o método fenomenológico com o objetivo de alcançar as estruturas constitutivas da subjetividade humana e o que viabiliza o contato com o mundo, seu conhecimento e transformação.

<sup>11</sup> Ângela Ales Bello, (1940), italiana, é professora de História da Filosofia Contemporânea na Universidade Lateranense de Roma, eminente estudiosa de Husserl, já esteve no Brasil, ministrando diversos cursos. Com uma

semelhanças e diferenças. É nisso que apoia esta tese: na possibilidade de identificar e analisar como se daria a transmissão intergeracional da atividade ceramista em famílias do Recôncavo Baiano, constituídas enquanto espaço pedagógico, através das técnicas e instrumentos do trabalho de campo, ou seja, da construção do genograma da família, da observação, do diálogo etnográfico e do uso de fotografias.

Ainda que os membros das famílias artesãs ceramistas estejam ligados em prol de um trabalho específico – produzir objetos de barro, é mister deixar claro que nem todos os são partícipes do mesmo ofício, pois devido ao constante processo de modernização e segmentação das atividades produtivas, alguns sujeitos têm buscado outros caminhos, desviando-se, portanto das rotas que lhes foram traçadas pela ancestralidade.

No período em que eu estava realizando o mestrado, cujo tema foi “O significado de quintais urbanos para as famílias em Salvador-Bahia”, aproveitei a curiosidade para investigar a presença e formas de uso dos quintais das famílias de Maragogipinho. Para tal investigação, solicitei a ajuda de uma geógrafa que construiu um mapa da localidade, indicando as residências com quintais. Assim, neste estudo, pude perceber que mais de 90% das residências possuíam quintais em seu interior, pois eram espaços destinados à fabricação dos objetos de cerâmica, como pode ser visto na figura 8. Em sua grande maioria, também eram locais de trabalho das mulheres que realizam o ofício de burnideiras (ou brunideiras), ou seja, aquelas que cuidam da parte de acabamento das peças, como o polimento e a parte estética.

Assim, esta tese teve origem, exatamente devido a minha relação afetiva com algumas famílias moradoras do Distrito de Maragogipinho, há aproximadamente 29 anos! Principalmente, a partir do contato com a família de meu esposo, a família Sales, que tinha como principal membro o Mestre Hildebrando Sales, artista e um dos oleiros mais respeitado e imitado na comunidade, que veio a falecer aos 72 anos de idade no ano de 1992, cujas lembranças estão materializadas num vaso que ele me presenteou em certa ocasião e que guardo com muita afetividade. Mas, a relação de afetividade também se encontra na arte local, o processo de transformar o barro em lindos objetos é encantador, difícil não se sentir arrebatado pela dinâmica artesanal!

---

linguagem simples, é acessível à todos aqueles que tenham interesse pela fenomenologia. Com ela, somos conduzidos a reconhecer a vivência – através do método interrogativo de Husserl. “O termo “vivência” é adequado para traduzir a palavra alemã *Erlebnis* utilizada frequentemente por Husserl. Outras línguas, não tendo esse termo, têm de usar a forma “aquilo que é vivido” ou simplesmente “o vivido”; mas o particípio do verbo não expressa essa forma substantiva da vivência. (ALES BELLO, 2008/2006b)



**Figura 8:** Olaria no quintal da residência. 2017  
Fonte: Acervo da autora.

A partir daí, o encontro com as paneliras de Coqueiros foi inevitável. Os nomes similares entre ambos os locais (Maragojipe e Maragogipinho) advém dos discursos orais que circulam no imaginário popular. Uma dessas versões atesta que:

Nagé e Coqueiros, duas localidades pertencentes à Maragojipe, já lidavam com a fabricação da louça em cerâmica, produzida em suas olarias. Ambas mantinham grandes rivalidades do barro naquela região. Esse fato levou alguns oleiros a descerem o rio, na busca de matéria-prima. Foi assim, que, encontrando um local provido do barro, resolveram então, segundo Cid Teixeira, denominar o lugar de Maragogipinho. (MOTA, 2011, p.150)

Maragojipe ainda que pertença também à região sul do Recôncavo Baiano, situa-se às margens do Rio Paraguaçu, enquanto Maragogipinho está situado às margens do rio Jaguaripe, como já mostrado nos mapas aqui representados. Eu desconhecia Coqueiros, mas foi a partir de uma rápida busca na internet que listei diversas comunidades baianas que se

produziam objetos de barro, então Coqueiros, em Maragogipe surgiu como uma ótima opção, devido à sua pertença à região denominada Recôncavo Baiano Sul e à sua proximidade ao Distrito de Maragogipinho.

Diante da expectativa dos trabalhos de campo sobre o trabalho da família artesã, na investigação do estado da arte, foi possível perceber diversas lacunas que justificavam um estudo mais aprofundado, surgido devido à escassez de pesquisas sobre a temática em questão, principalmente referenciando o papel da família e trabalho na aquisição dos processos de vida tradicional, expressa no artesanato.

Mendes (2009) observou e identificou as questões de gênero, os conflitos entre as famílias e as interferências das instituições, assim como, as visões de mundo e os arranjos sociais que moldam a vida das mulheres artesãs.

O objetivo de Pinheiro (2015), por outro lado, foi analisar o trabalho dos oleiros de Iranduba, no Estado do Amazonas, chegando à conclusão de que existem fragilidades nas relações de trabalho e precarização das condições de vida dos oleiros, além de apontar os impactos ambientais decorrentes do uso dos recursos naturais.

Álvares (2015), sob o título “Maragogipinho, as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares”, na área da Educação, revelou quem são os mestres e mestras do barro e se propôs a refletir sobre as práticas sociais de pessoas com pouco ou nenhum letramento escolar. A autora se preocupou com uma abordagem histórica e filosófica da arte, especificamente do artesanato, reservando apenas o último capítulo onde faz breve descrição das atividades individuais de alguns artesãos e artesãs do Distrito de Maragogipinho. Abriu algumas lacunas, que foram investigadas neste meu trabalho, como por exemplo, a questão do papel da família e da escola, da cultura coletiva, da visão relacional e da constituição das subjetividades implicadas no processo criativo.

Desse modo, outro fator de grande relevância foi a possibilidade de realizar um estudo empírico-teórico do papel social da família para a manutenção do artesanato local, como também do papel de outras instituições presentes nas comunidades que foram investigadas, possibilitando algumas reflexões interdisciplinares (nas áreas da Psicologia, Pedagogia, Antropologia, Artes e Sociologia). Daí veio a necessidade de traçar linhas explicativas que dessem conta da influência de valores ancestrais na pós-modernidade bem como a inserção de novas metodologias que possibilitassem a interpretação dos signos e significados construídos pela família artesã. Por isso, só uma lente teórico-metodológica muito refinada, pode captar a essência, interferências e contiguidades nas relações sociais, através de, como citou Valsiner,

uma “fina membrana que une e separa” (...) membrana que pode ser atravessada em algumas condições (mas bloqueada por outros).” (VALSINER, 2009, p. 22)

Senti a necessidade de analisar também: a estrutura, a relação conjugal, a relação parental, as questões de gênero e trabalho, articulando-as na definição, funções, limitações e potencialidades, assim como seus impactos na produtividade local e intrafamiliar, cujos reflexos ocorrem nas formas de transmissão inter e transgeracional.

Na família de Maragogipinho os papéis são mais individualizados, mas no final do processo, surge um produto acabado; já na família coqueirense as marcas de individualidade são tênues, portanto, para o bem de cada indivíduo, a coletividade é uma exigência, ou seja, todos e todas trabalham juntos, similar ao processo de manufatura: por exemplo, vários objetos são trabalhados simultaneamente por todos e todas, jovens, adultos e idosos. Por exemplo: se recebem como encomenda, a fabricação de 200 panelas, tanto a pessoa que molda o barro, quanto os demais integrantes da família realizam juntos o polimento dos objetos até terminar essa fase, seguindo para a próxima fase e assim sucessivamente. Esse processo ocorre de forma bastante diferenciada em Maragogipinho, onde, por exemplo: o oleiro, (uma função eminentemente masculina) constrói o objeto e sua esposa e filhas (ou ainda mulheres contratadas) fazem o acabamento das peças. Mas isso não significa que a família coqueirense não apresente diferenciações de gênero. Isso ocorre, pois em sua grande maioria, são as mulheres que fabricam as louças de barro. No entanto, como já dito, elas não se eximem do trabalho de acabamento das peças e da queima e participam de todo o processo de produção.

Então, a partir da elaboração das questões norteadoras do meu projeto, foi necessário analisar como estas famílias lidavam com os processos externos, que de algum modo, interferiam nas suas relações familiares, a exemplo, das intervenções político-jurídica (já discutidas aqui), do papel das Associações de Artesãos, da interferência da Escola na educação de seus filhos, dentre outros fatores.

O trabalho de campo exige um constante exercício do pesquisador multidisciplinar, que este adentre no universo cultural dos sujeitos sociais pesquisados, colocando “em suspenso” os seus valores culturais e identificando os valores do outro, compreendendo como esse outro produz seu modo de vida.

Com isso, percebi que é na medida em que o pesquisador retorna ao campo e estabelece relações de confiança e cooperação com seus interlocutores que estes se tornam seguros do posicionamento político-ideológico do pesquisador. Percebe-se que o trabalho de

campo possibilita que os vários elementos observados e escutados sejam futuramente sistematizados e interpretados.

Assim, quando o trabalho de campo vai se prolongando no tempo, os “segredos” vão sendo compartilhados. Numa simples conversa informal, ou com o uso do gravador, ou da câmera fotográfica, os elementos do cotidiano são revelados: o encadeamento das atividades produtivas, os instrumentos de trabalho, as relações de trabalho, as participações em feiras de artesanato, as tarefas assumidas pelos homens, pelas mulheres, pelos jovens e pelas crianças, as relações de vizinhanças, bem como com as associações comunitárias, os problemas de saúde, o luto, o sentimento de pertencimento, as questões religiosas, dentre outros aspectos do mundo da vida.

Essas informações são compartilhadas entre pesquisador e interlocutores: estes compartilham seus saberes, suas vivências, os fatos históricos guardados pela memória coletiva, e aquele lhes devolve informações em respostas aos seus anseios, no âmbito político, jurídico, dos temas legais que são desconhecidos, além, é claro, da escuta sensível, com uma visão externa da configuração interna da família, como por exemplo, mediante o genograma da família.

O trabalho de campo possibilitou-me aprofundar as entrevistas, sanar dúvidas provenientes de uma má interpretação dos dados obtidos, compreender as formas de transmissão do saber-fazer artesanal e os signos e significados construídos em torno dessa vivência ancestral.

Percebe-se com isso, que o uso de algumas técnicas (entrevistas narrativas, genograma) agregou maior valor científico à pesquisa. Chaudhary (2008, p.42), por exemplo, acredita que a entrevista é uma “técnica poderosa” que se torna uma ótima “ferramenta para a investigação dos mundos pessoal e social”,

A técnica da entrevista servirá como uma ferramenta culturalmente sensível apenas quando o processo de produção do significado for considerado tão importante quanto os resultados. Compreender como o processo de fazer sentido na entrevista é tão importante como entender o que está sendo solicitado e transmitido. O quê, obviamente, se refere aos procedimentos interativos e narrativos do conhecimento e não meramente à entrevista técnica.(C HAUDHARY, 2008, p.43)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> the technique of the interview will serve as a culturally sensitive tool only when the process of meaning production is seen to be as important as the results. Understanding how meaning-making proceeds in the interview is as important as understanding what is being asked and conveyed. The how of course refers to the interactive and narrative procedures of knowledge and not merely to interview techniques.(CHAUDHARY, 2008, p.43)<sup>12</sup>.

Desse modo, as diversas técnicas de investigação, por mim empregadas, seguiram com uma abordagem próxima a uma etnografia, como entendida por Geertz (2008),

não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Este autor ao longo de sua obra “A interpretação das culturas” sinaliza a eficácia dessa abordagem metodológica, e aponta, por exemplo, que cabe ao etnógrafo perceber os variados conceitos, que muitas vezes estão embaralhados ou irregulares, buscando apreendê-los e apresentá-los posteriormente.

Tomo então a etnografia como possibilidade de escrita, incorporando-a ora como técnica de pesquisa para o estudo das comunidades artesãs que vivem no Recôncavo Baiano, com o objetivo de por no papel as minhas impressões das vivências no campo acerca dos modos de transmissão intergeracional. Ora como método associado ao estudo fenomenológico, tomando como referência a densidade dos relatos no desvendamento das relações familiares.

No bojo da realização das pesquisas de campo foi fundamental para a minha aproximação com os grupos familiares e as comunidades envolvidas que a escuta e o diálogo fossem desenvolvidos. Foi preciso não apenas preocupar-me com os objetivos por mim propostos, mas colocar-me à disposição para uma escuta outras, sem interromper as falas dos participantes, colocar-me como psicóloga em alguns momentos e saber sair dessa posição sem anular o desejo, as transferências e as projeções do outro. Somente após os muitos momentos de observação, conversas informais, participação nas feiras e festas interioranas, entrevistas narrativas, construção coletiva dos genogramas das famílias, ou seja, após muito ouvir, ver e sentir, é que foi possível lançar um olhar que busca a reflexão fidedigna da história e do modo de vida daquelas comunidades tradicionais.

Então, somente após as diversas visitas às comunidades de Maragogipinho e Coqueiros, é que me empenhei na reestruturação das entrevistas semiestruturadas, partindo da

temática narrativa “conte-me sua história de vida no barro”.<sup>13</sup> Essa proposição-convite, possibilita e provoca o participante a recorrer a todo o seu percurso de vida no artesanato desde o início; assim foi possível ir caminhando junto durante a entrevista e aprofundar em vivências que foram marcantes na vida deles, seguindo pelos temas “Enrincheiramento”, “Conflitos trabalho-família” e “Interface positiva entre trabalho e família” (AGUIAR, 2016)<sup>14</sup>. Estes constructos puderam propiciar-me informações sobre o porquê os artesãos e artesãs da cerâmica permanecem com suas atividades laborais e facilitou o entendimento de questões como: a) os sentimentos dos participantes a respeito do futuro da atividade ceramista; b) o porquê de permanecerem na atividade e c) o que favoreceu alguns integrantes das famílias irem buscar alternativas de trabalho e suas motivações.

Vale ressaltar que fiz uma adaptação dos itens que compõem as escalas utilizadas por Aguiar (2016): conflito trabalho-família, interface positiva entre trabalho e família, comprometimento organizacional e enrincheiramento organizacional. Busquei integrá-los à minha pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, tomando a análise do fenômeno situado como uma das modalidades desse tipo de investigação, tendo como principal instrumento o roteiro de entrevista narrativa (disponibilizado no Apêndice desse trabalho). Assim, concluo que não era meu objetivo testar os itens das citadas escalas com as famílias participantes, por isso não segui o roteiro na forma em que foi por mim reconstruído.

Dito isto, esclareço que nos tópicos centrais, os participantes foram convidados a falar sobre: a infância, a adolescência e a adultez; a parentalidade e a influência destes na motivação para o artesanato; as relações familiares na família de origem e na família formada após o casamento; a história da tradição e impressões sobre o lugar; o reflexo do trabalho em suas vidas com relação a si e aos outros; o conhecimento tradicional acerca dos recursos manejados; a coexistência das atividades pesqueiras e ceramistas, no caso da família de Coqueiros; a relação com os objetos fabricados; o sentimento de pertencimento e os conflitos com outras instituições não familiares; o significado de ser jovem e a dialética entre pertencer e não pertencer ao mundo artesanal; e o papel de ser homem e ser mulher na tradição da cerâmica.

---

<sup>13</sup> No caso da família de Coqueiros, a “vida da pesca e mariscagem” também estavam no bojo das narrativas.

<sup>14</sup> O tema “enrincheiramento” foi adaptado de um instrumento de avaliação organizacional proposto por Carson, Carson e Bedeian (1995), e aplicado por Aguiar (2016), Scheible, Bastos e Rodrigues (2013), dentre outros. De acordo com esses autores, o enrincheiramento “é um processo de estagnação no qual os indivíduos não se adaptam e não se motivam a encontrar alternativas para seu encaminhamento profissional”. (SCHEIBLE, BASTOS e AGUIAR, 2013, p.532). Aguiar (2016) dedicou-se à investigação das relações estabelecidas entre as duas perspectivas das interfaces entre o trabalho e a família – positiva e negativa – e os vínculos organizacionais de comprometimento e enrincheiramento.

A experiência de transmissão cultural, objeto buscado nos momentos de entrevistas, é pré-reflexiva, e por tal peculiaridade, não emerge de maneira imediata e racionalizada, exigindo etapas preparatórias, metodologicamente bem orientadas e intencionais seguindo uma orientação fenomenológica - pois é pela via de um posicionamento empático que o pesquisador autoriza o entrevistado a relatar sobre sua experiência de vida.

Tais temas acima referenciados foram abordados com quatro participantes de cada grupo familiar, incluindo-se pais (mães e pais), filhos (as) e netos (as) e noras.

Outras temáticas foram construídas especificamente para a Associação de Artesãos (ãs) e Escola, apenas na comunidade de Maragogipinho<sup>15</sup>, buscando entender a participação (ou não) destes na continuidade de tradição secular desta localidade.

O tipo de entrevista proposto baseado na orientação fenomenológica, bem como os ajustes epistemológicos, buscou atingir aspectos relacionados com a vida e a prática artesanal, das famílias em suas dimensões existenciais, ou seja, tem como meta certos conteúdos da esfera subjetiva humana: a vivência da própria pessoa e a compreensão deste objeto enquanto tal.

Para o registro das visitas, empreguei alguns objetos tecnológicos importantes, como um gravador da marca Sony, um notebook e um celular com câmera fotográfica. Após a coleta das informações, procedi à escrita informal do diário de campo, na maioria das vezes durante as viagens, ou seja, no percurso de retorno à minha cidade. Na minha residência, prossegui com as audições e transcrições dos relatos, respeitando as pausas, risos, silêncios e choros, sinalizando-os por meio de símbolos apropriados, a fim de transmitir ao leitor, na medida do possível, o significado das emoções e sentimentos que acompanharam os relatos.

Depois de transcritos todos os áudios, os imprimi, num total de cento e cinquenta e sete páginas, em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5cm: já o diário de campo, após ser digitado, foi composto por sessenta e duas laudas. Este material transcrito foi necessário para posterior leitura junto aos participantes, procedendo à etapa de correções, possibilitando maior aprofundamento e compreensão dos fenômenos investigados, buscando uma versão mais apurada conforme a memória familiar; bem como melhorar a compreensão dos fenômenos surgidos, de modo, a aprofundar o entendimento das questões propostas; e

---

<sup>15</sup> Foi feita uma tentativa de abordar estas instituições em Coqueiros, no entanto, não havia, até o momento, uma Associação de Artesãos, nem Comunitária organizada e quanto à Escola, o representante responsável não disponibilizou a carta de aceite a tempo de submissão no Conselho de Ética.

também respeitar o desejo dos entrevistados sobre a supressão de informações que lhes parecessem inapropriados ou equivocados<sup>16</sup>.

Nesse momento também, foram colhidas as autorizações para usos dos nomes e fotografias com a possibilidade de divulgação nos meios acadêmicos. Neste ínterim, quando me referia ao grupo familiar, os denominei pelo sobrenome de família: neste caso, família Mota em Maragogipinho e família Mercês em Coqueiros.

No sentido de traçar o caminho trilhado na realização dos trabalhos de campo, informo que meu ponto de partida, na maior parte das visitas, foi Coqueiros, em Maragogipe, passando por Candeias, Santo Amaro, Cachoeira e São Félix, primeiro pelo fator tempo, neste percurso economizei entre duas a três horas de viagem, porque seguia pela BR 324, quando ia de carro, evitando, assim, os transtornos causados pelo transporte marítimo (Ferryboat). No entanto, quando a opção era o transporte rodoviário, eu preferi seguir para Maragogipinho, em Aratuípe, via transporte marítimo, e então em Bom Despacho, na Ilha de Itaparica, tomava um ônibus com destino a Jaguaripe, passando por Nazaré e chegando a Maragogipinhos, deixando a visita a Coqueiros para outra ocasião.

Apesar da casa de Santa ser o ponto de encontro para o trabalho artesanal da família Mercês, nem todos coabitavam na mesma casa, pois Jair, Edi, a filha do casal, e os dois filhos de Edi, de um casamento anterior (ver mapa genealógico), moram numa casa no início da mesma rua. Outro ponto a se discutir também diz respeito à existência de outra casa, ao lado da casa de Santa, como pode ser visualizada na figura 9, e que foi construída, segundo ela, para os dois netos mais velhos e nomeada de “a casinha de barro” pelos familiares. No entanto, antes de Santa ter a perna amputada era o seu local de trabalho com o barro e permanece sendo utilizada apenas por seu filho Jair, incluindo-se a guarda dos materiais, fator de grande importância nas narrativas da família e que tem gerado uma série de conflitos, como será discutido nesta tese.

---

<sup>16</sup> Como propõe o método fenomenológico, que descrevo na metodologia desta tese.



**Figura 9:** à esquerda, foto da casa de trabalho e à direita, foto da residência de Santa. Coqueiros, 2018.  
Fonte: Acervo da autora.

A maior parte das técnicas utilizadas no trabalho de campo (entrevistas, genograma e observação), teve como *lócus* a residência desta família, cuja parte externa (a varanda) é onde se realiza a maior parte das atividades laborais realizadas (o catado do marisco e a confecção de utensílios de barro). Após o falecimento de Santa os dados foram levantados ora na “casinha do barro” (foto à esquerda na figura 9); ora na varanda da residência (foto à direita na figura 9). O momento da “queima” dos objetos de barro é realizado num terreno pertencente à família, localizado em frente à casa da família extensa, atividade que tive o prazer de participar numa das visitas realizadas.

Após um longo dia de atividades em Coqueiros eu seguia para Maragogipinho, tomando a estrada que liga Maragojipe a São Roque do Paraguaçu, interligando com a BA 001, sentido Nazaré das Farinhas. Já chegava quase ao anoitecer, pois, como eu já dissera anteriormente, lá eu encontrava hospedagem na casa de minha sogra e cunhados. No dia seguinte, seguia ao encontro da família Mota.

Nesta família, participaram Mestre Penso (58 anos de idade), Ida (55 anos de idade), um dos filhos, chamado Rodrigo (27 anos de idade) e uma filha, a Iolanda (28 anos de idade). Para esse grupo familiar utilizei as entrevistas narrativas, a técnica do genograma da família e a observação participante. Também, pude observar o outro filho (Max de 29 anos de idade) e duas noras (26 e 27 anos de idade) quando estes participavam das feiras de artesanato. Vale ressaltar que a experiência da pesquisa, nesta comunidade, se deu na olaria da família, ou seja, no próprio local de trabalho, no entanto, ocorreram algumas visitas na residência. Em outros momentos da pesquisa, esta família foi encontrada nas feiras de artesanato em diversas localidades, ou seja, na Feira dos Caxixis no município de Nazaré, no mês da Semana Santa, na Festa de Itaparica, no mês de janeiro e na Festa Junina de Conceição do Almeida, no mês de junho.

Assim, em Maragogipinho, nas manhãs seguintes à minha chegada, ou nas tardes, quando a viagem era realizada sem passar em Coqueiros, eu fazia o roteiro das olarias: conversava com os moradores e artesãos, inteirando-me do modo de vida ali reproduzido, permitindo-me ser reconhecida como pesquisadora, indagando sobre os objetos confeccionados e sobre a história do local com os mais velhos, enquanto seguia para a olaria da família Mota. Esse processo se repetiu entre duas a três vezes ao mês, durante todo o ano de 2018. Num total de aproximadamente vinte e quatro encontros, obtive cerca de dezenove horas de áudio, totalizando treze gravações, somente em Maragogipinho. Enquanto em Coqueiros obtive seis gravações, com mais ou menos, uma hora e meia cada, excetuando-se as horas de conversas informais e observações, além das duas visitas a um hospital em Salvador, quando do internamento de Santa, que logo veio a falecer.

## 1.2 As fotografias como recurso de pesquisa e análise

O registro fotográfico foi importante recurso para o tipo de investigação que se realizou, pois permitiu trazer à tona, aspectos que não foram percebidos nos momentos de observação e de entrevistas narrativas. Para Araújo e Mahfoud (2002),

Fotografias registram lembranças imutáveis de determinadas circunstâncias, de momentos vividos que são irreversíveis. Tais momentos são animados por sensações e emoções. No entanto, estas não podem ser reveladas pela imagem fotográfica que, por sua vez, pode revelar, somente, um mundo físico e visível – “primeira realidade” – ou um detalhe da vida que se pretende mostrar. (ARAÚJO e MAHFOUD, 2002, p. 70)

Segundo Bittencourt (1998, p.198), é consenso que num trabalho etnográfico, o uso de imagem ganha relevo, servindo para “dar autoridade e realismo ao relato”. No entanto, de modo a não apenas ter o registro estático da experiência, mas caracterizar os elementos não físico e visível, que não pode ser visto na fotografia, ou seja, “sensações e emoções” no momento em que surgem (Araújo e Mahfoud, 2002, p.70), a observação e escuta etnográfica complementa o uso iconográfico.

Assim, neste trabalho de tese, o recurso iconográfico além de ter sido usado como um registro das experiências vividas no “aqui e agora”, foi utilizado, também, como técnica de levantamento de dados. As narrativas construídas pelos participantes, a partir das fotografias apresentadas, contribuíram para a compreensão dos significados elaborados nas famílias investigadas a respeito das categorias temporalidade, religiosidade e etnicidade.

Recurso também usado por Araújo e Mahfoud (2002), como segue a explicação:

...realizou-se junto com os moradores da comunidade rural de Morro Vermelho uma exposição de fotos, de autoria da fotógrafa Kika Antunes, na casa paroquial, centro da vida comunitária local, em julho de 1998. A equipe de pesquisadores realizava as entrevistas pedindo às pessoas que visitavam a exposição para falarem sobre o impacto que estavam vivenciando ao observarem as fotos: o que estavam sentindo, de qual foto mais gostavam e por quê. (ARAÚJO e MAHFOUD, 2002, p. 69)

Essa técnica foi aplicada por mim de forma diferente, ou seja, após apresentar uma imagem ao participante, solicitei-lhe que respondesse a seguinte pergunta: se você recebesse uma encomenda para fazer apenas um objeto similar a esse você faria? Por quê? Essa pergunta se repetia até que fossem apresentadas todas as fotografias (totalizando três). Na etapa seguinte, mostrei parcialmente três fotografias representando pessoas de ambos os sexos realizando alguma atividade.

Neste momento é importante que o participante não consiga identificar o que os personagens representados estão fazendo. Oriente que o participante escolha entre as três figuras, aquela que considera ser a representação de um artesão/artesã e explique as razões da escolha. Em seguida, solicito que fale sobre os motivos de não ter escolhido as outras fotografias. Ao final apresento todas as três fotografias completas e observo os sentimentos e emoções do participante ao vê-las.

Na etapa final da atividade apresento cinco fotografias e solicito que o participante diga em qual das imagens as peças de cerâmica representadas é a mais antiga e qual a mais recente, seguidas de explicações. Logo depois, peço que organize as fotos seguindo o critério

que achar conveniente, desde que seja respeitada a ordem temporal, ou seja, da mais antiga para a mais recente ou vice-versa.

Todo o resultado do processo realizado nesta atividade citada complementou as análises dos outros materiais coletados. Portanto, seguindo a ideia de que o todo é bem maior que as suas partes, esta tese busca fazer análises compreensivas e interpretativas de temáticas que possam ser frutos de todas as vivências das famílias participantes, independentemente do local de pertencimento e respeitando-se as singularidades de cada uma.

Os registros fotográficos foram inicialmente pensados para compor as informações que não pudessem ser obtidas por outras formas empregadas.

No entanto, no momento das análises percebi o quão importante seria o uso das fotografias para o auxílio das narrativas, complementando-as ou como suporte para que eu pudesse revivenciar os acontecimentos; o que as dotaram de uma certa dinamicidade não encontrada neste tipo de material estático. Pois de acordo com Campos (2011),

Pela riqueza e extensão da informação prestada, e pela relativa facilidade de aplicação, a fotografia e o vídeo adquirem uma utilidade crescente, impulsionando a inovação dos procedimentos e exigindo um reequacionamento das práticas científicas. Importa, pois, reavaliar o papel destes utensílios bem como a sua capacidade de integração e de renovação dos paradigmas metodológicos validados pela academia. (CAMPOS, 2011, p. 238)

As fotos, aqui caracterizadas como figuras, compuseram a estética do trabalho junto com outros elementos imagéticos, tais como os mapas geográficos e genogramas. Busquei utilizar, sempre que possível, as figuras de minha autoria, estando ciente dos riscos advindos de não dominar as técnicas de fotografar<sup>17</sup>. Contudo, o material iconográfico revelou-se de primordial importância, que transcendeu os limites acima expostos. Não apenas como registro mnemônico, como material de análise ou como criador de elementos de análise, mas também como comunicador, como um texto visual que se revelou recurso metodológico ao longo da interação pesquisadora-participantes.

Evidente que as fotografias não se constituíram um texto no mesmo nível de elaboração e análise que o material verbal, mas foi com o uso delas que o material escrito ganhou beleza e até mesmo um modelo de explicação do não dito, concorrendo para sua

---

<sup>17</sup> Ressalto que não obtive, para este trabalho, nenhum recurso financeiro (bolsas de estudo, por exemplo), desse modo tornou-se inviável economicamente a aquisição de uma máquina de fotografar profissional.

síntese. Estas justaposições (texto escrito e texto imagético) serviram como lâmpadas que iluminaram as análises em diversas partes da tese.

Expondo as imagens concomitantemente ao texto, pretendi evocar a intersubjetividade na e pela intertextualidade que possibilitou o acesso aos dados que foram produzidos pelo método fenomenológico. Diante da imagem, foi buscada uma reminiscência da vivência do campo real que procurei retratar nas fotos e nas frases a ela acrescidas em seu rodapé.

As fotos retratam o meu espanto diante do inédito, do estranho, a hora mesma das vivências, tais como - fenomenologicamente falando - me chegaram à consciência. Penso que elas sejam mesmo a evidência e a materialização dessa consciência das coisas que só são possíveis na vivência da experiência mesma e do registro de uma lente fotográfica.

Pois que o estranhamento fez-se necessário: por isso, juntos, a observação participante, o diário de campo e as fotografias foram as primeiras técnicas utilizadas na pesquisa no intuito de exercitar o estranhamento em relação ao objeto de estudo, ou seja, tive que transformar o familiar em exótico como sugeriu Geertz (2008), principalmente na comunidade de Maragogipinho. Por estar inserida há quase trinta anos neste local que agora havia se transformado em meu campo de estudo, tinha que fazer esse difícil exercício. Pois, se meus olhos recaiam sobre algo não familiar, eu tinha imediatamente a consciência de que uma parte estava faltando: poderia, então, questionar o que é o objeto. Foi o que aconteceu durante a visita em que pude participar do processo da queima das louças em Coqueiros. Mas como fazer isso com o objeto sem um *a priori* de algo que eu já vivi antes? Laplantine parece ter a resposta:

Mas passado o tempo da impregnação chega inelutavelmente para o etnólogo o da distância, pois é próprio da linguagem, e particularmente da linguagem científica, atuar no sentido de uma separação. E sobretudo, a inteligibilidade procurada não consiste apenas em compreender uma sociedade da forma como seus atores sociais a vivem, mas também, mas sobretudo, em entender o que lhes escapa e só pode lhes escapar. De fato, o que vivem os membros de uma determinada sociedade não poderia ser compreendido situando-se apenas dentro dessa sociedade. O olhar distanciado, exterior, diferente, do estranho, é inclusive a condição que torna possível a compreensão das lógicas que escapam aos atores sociais. Ao familiarizar-se com o que de início parecia estranho, o etnólogo vai tornar estranho para esses atores o que lhes parecia familiar. (LAPLANTINE, 2003, p. 150)

Foi em busca da distância necessária que percebi o quanto as fotografias ajudaram nessa empreitada. Por exemplo, quando chegava a minha residência e fazia a transferência dos

arquivos fotográficos das câmeras para o computador é que podia ver de mais perto as imagens, algo nelas direcionava minha atenção, surgiam novas questões e eu queria respostas. Então, eu as anotava no caderno de campo para elucidá-las nas visitas seguintes.

### 1.3 As entrevistas narrativas, os participantes e o campo da pesquisa

A entrevista narrativa, como proposto por Schutze (1977), e reeditado por Bauer e Gaskell (2002), visa “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes tão diretamente quanto possível” (BAUER & GASKELL, 2002, p.93). O ponto positivo dessa proposta foi furtrar a minha interferência, enquanto entrevistadora, deixando o participante mais livre para trazer situações importantes do seu modo de vida para a pesquisa, porque eram solicitados a contarem suas histórias de vidas. Portanto, para complementar a pesquisa qualitativa, o uso de entrevistas narrativas favoreceu a compreensão tão necessária a qualquer estudo de caso.

Aqui, pesquisa qualitativa se refere a entrevistas do tipo semiestruturado com um único respondente (a entrevista em profundidade), ou com um grupo de respondentes (o grupo focal). Essas formas de entrevista qualitativa podem ser distinguidas, de um lado, da entrevista de levantamento fortemente estruturada, em que é feita uma série de questões predeterminadas; e de outro lado, distingue-se da conversação continuada menos estruturada da observação participante, ou etnografia, onde a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado. (BAUER e GASKELL, 2002, p. 64)

No entanto, segundo Freire e Branco (2016, p. 28), “a narrativa, mesmo sendo poderosa expressão das contradições internas e reveladoras das realidades sociossubjetivas, não chega a cobrir aspectos da experiência que estão fora do alcance da percepção do sujeito... há que se levar em conta a imaginação e a fantasia envolvidas na reflexividade”.

Portanto, refletindo sobre o que as autoras apontaram acima, incluí as observações e análises das interações em tempo real, ou seja, durante o processo de investigação, que ocorreram em todos os acompanhamentos das famílias em feiras de artesanato, em suas residências e locais de trabalho. Este recurso permitiu identificar mudanças estruturais intra e interfamiliares, assim como também perceber as tensões e conflitos nas relações familiares e nas comunidades participantes. Desse modo, usei a “observação como um contexto de interação entre os envolvidos na colaboração de pesquisa”, seguindo as orientações de Angrosino (2005, p.732).

Tedlock (2005) também sugere que a observação participante, enquanto método científico permite ao pesquisador demonstrar sua habilidade de observação e sua participação. Nesse ínterim a “conversa etnográfica” já mencionada neste capítulo torna-se uma ferramenta importante nas mãos de pesquisadores habilidosos. Corroborando com Angrosino (2005), de que existe um diálogo entre pesquisadores e aqueles cujas sociedades de culturas devem ser descritas. “Diálogo nesse sentido não significa literalmente uma conversa entre duas partes; na prática, muitas vezes consiste em vozes múltiplas e até contraditórias”. (ANGROSINO, 2005, p. 731)

As histórias contadas através das entrevistas narrativas e conversas etnográficas serviram para alcançar o objetivo da pesquisa: entender os modos como a família-artesã da cerâmica, enquanto espaço pedagógico transmite às novas gerações a cultura ceramista em dois municípios do Recôncavo Baiano, bem como, analisar a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento intrafamiliar e comunitário.

A conversa etnográfica se diferencia de uma conversa entre familiares, amigos, vizinhos, pois os conteúdos são parte dos objetivos do pesquisador. Este, com uma escuta sensível, vai filtrando os temas dos diálogos rotineiros do cotidiano que aparecem como elemento simbólico das questões da pesquisa. Por exemplo: uma notícia jornalística transmitida por um canal de TV; ou o capítulo anterior de uma telenovela preferida dos participantes. Vivi uma experiência desse tipo, quando participava de uma reunião familiar na comunidade de Coqueiros: pai, mãe, filhos, noras conversavam sobre um assalto ocorrido com um conhecido. Após uma pausa eles se entreolharam e de repente alguém pergunta se as louças que estão ao sol na rua, poderiam ser recolhidas. Esta atitude imediatamente sensibiliza todos os outros presentes que, sem maiores discussões levantam-se e iniciam a guarda dos objetos num local mais apropriado, ou seja, na “casinha de barro”. Este último diálogo é uma “conversa etnográfica”. Como Hassen (2016, p. 1) sugeriu: “a conversa é uma ferramenta natural para extrair pensamentos, percepções, sentimentos e atitudes das pessoas e outros atributos”.

Para isso, as entrevistas, que possibilitaram uma narrativa oral, através da história de vida, se constituíram como um momento de elaboração e de transmissão da experiência pessoal e coletiva; bem como, todas as outras técnicas de pesquisa utilizadas possibilitaram compreender como a experiência do trabalho artesanal se integra às demais experiências vividas no cotidiano das famílias. O que mais interessava era apreender o fenômeno assim como se apresenta aos participantes, sua constante elaboração do presente e do futuro,

enquanto realizam uma reelaboração do passado vivido ou imaginado e integrado à vida comunitária.

Desse modo, parto do princípio de que o ser humano é ser de linguagem e que a cultura é vista como “uma parte do sistema psicológico da pessoa” (VALSINER, 2012, p. 28). Portanto, a cultura consiste num conjunto de práticas e significações que pela via da linguagem nos permitem perceber como ocorrem os processos interpretativos e de apropriação e um sistema semiótico criado e desenvolvido por nossa memória coletiva e pessoal. (REIS, 2015)

Por meio da linguagem narrativa, a interpretação fenomenológica permite reconstruir o processo de aquisição e/ou transmissão da cultura, buscando sempre compreender o sentido das coisas, bem como os significados que o ser humano atribui ao mundo (HUSSERL, 2006) e admitir que o ser humano só possa ter relação com este mundo a partir de significações, que se faz através de cada ação particular, produzindo sentido. Por isso, desejei observar a atividade humana para compreender o que é cultura. (MAHFOUD, 2008)

A produção de sentido é deveras importante para a pesquisa com famílias artesãs, pois com este enfoque é possível analisar e interpretar os discursos que cada sujeito singular e a família elaboram sobre as influências históricas e sociais das construções culturais de significados pessoais (cultura pessoal) e coletivos (cultura social).

Assim, posso inferir aqui, que foi possível, a partir das análises das narrativas, das vivências observadas no campo de pesquisa, complementando-se com o estudo do genograma, refletir sobre os sentidos atribuídos pelas famílias, através dos seus membros, desveladas a partir das práticas que caracterizam a transmissão inter-trans e multigeracional da atividade, assim, como perceber a dinâmica tradição-modernidade destas famílias artesãs-ceramistas.

### Os participantes

Participaram dessa pesquisa, duas famílias selecionadas pelo critério de maior conveniência, para mim enquanto pesquisadora: uma família em cada comunidade (Maragogipinho-Aratuípe e Coqueiros- Maragojipe); um representante da Associação de Artesãos de Maragogipinho (AAMOM); e uma gestora de uma Escola Pública Municipal em Maragogipinho. Realizei entrevistas narrativas com roteiro semiestruturado, com quatro membros familiares em cada comunidade, incluindo-se idosos, adultos e jovens, abordando a temática “história de vida” (BOSI, 2003, 1994). Construí com cada grupo familiar um mapa genealógico. Além disso, observei e fotografei os participantes em suas rotinas de

trabalho/vida e tentei algumas incursões nas tarefas desenvolvidas, realizando, quando possível, visitas em feiras de artesanato em outros municípios.

A escolha das entidades (associação e escola) apenas no Distrito de Maragogipinho deu-se devido à dificuldade encontrada na comunidade de Coqueiros para participação da pesquisa, no que se refere aos documentos de anuência solicitados pelo Comitê de Ética em Pesquisa. No entanto, a ausência desses participantes em nada impediu o desenvolvimento do estudo em questão, pois, os objetivos propostos estão relacionados às famílias artesãs, suas vivências e significados atribuídos ao trabalho realizado e as relações experienciadas no cotidiano, bem como as suas memórias relacionadas à tradição local.

No entanto, ressalto que o mais importante foi observar a dinâmica familiar no contexto das suas vivências cotidianas, por isso tanto as entrevistas narrativas quanto as observações e participações nos grupos familiares selecionados ocorreram ao longo de um ano, com visitas mensais e em média dois dias em cada comunidade. A aplicação de um questionário foi realizada apenas uma vez na Associação de Artesãos/ãs, com o presidente e também com a professora gestora da Escola Municipal escolar, ambos da comunidade de Maragogipinho. No entanto, vale ressaltar que, o que fundamentou a pesquisa foi a investigação dos núcleos familiares que são entes que possuem características próprias, independentemente de qualquer outra instituição, ainda que interligados.

Desse modo, foram considerados critérios de inclusão: ser um grupo familiar ligado por laços de parentesco e consanguinidade e com a presença de, no mínimo, duas gerações, de acordo com a peculiaridade do local.

Aponto também que neste tipo de investigação, de cunho cultural-tradicional foi solicitada aos integrantes das famílias a autorização para o uso das imagens, bem como deveriam escolher os nomes pelos quais gostariam de serem identificados no trabalho escrito.

### 1.3.1 Etnografando os sujeitos da pesquisa: uma biografia resumida

Como já anunciei, participaram da pesquisa 08 pessoas, 04 em cada família, num total foram 04 mulheres e 04 homens entrevistados/as. No entanto, as duas famílias são assim compostas: 12 membros da família Mercês, tendo como representante central a artesã conhecida por Dona Santa, na comunidade de Coqueiros em Maragojipe e 09 membros na família Mota, tendo como figuras centrais o casal de artesãos conhecidos pelos nomes Ida e o Mestre Penso, na comunidade de Maragogipinho. Em todas as visitas os integrantes de ambas as famílias estavam presentes e participaram, ainda que indiretamente, dos momentos de observação.

As famílias Mercês e Mota têm como principais responsáveis, respectivamente, a Sra Maria da Conceição França das Mercês, mais conhecida como Santa, e o Sr. Reinaldo Rodrigues Araújo Mota, mais conhecido como Mestre Penso e a Sra Ildete da Paixão Mota, conhecida por Ida.

Esses sujeitos nascidos/as em suas respectivas comunidades herdaram a sabedoria do fazer artesanal cerâmico dos seus pais e/ou mães, que também sucederam seus pais ou mães no saber-fazer ancestral, que, em ambas as comunidades é uma tradição secular.

As mulheres, não só são responsáveis pelo fazer cerâmico como também dos afazeres domésticos, continuam a cuidar da casa, dos filhos, sobrinhos e netos. Contudo, donas dos próprios discursos, se identificam como burnideiras, artesãs, pescadoras e marisqueiras, atividades ligadas ao sustento da família.

Tanto com as mulheres quanto com os homens, em ambas as comunidades, pude manter relações que partiram do estranhamento à amizade, carinho, confiança e cordialidade, e até luto, sentimentos importantes para a construção desse trabalho de tese.

Alguns dos participantes, não serão citados neste trabalho, pois foram atuações pontuais e sem o objetivo de entrevistas, como já informei. Assim, só apresentarei uma breve biografia dos oito participantes.

#### Em Coqueiros-Maragogipe

**Maria da Conceição França das Mercês**, (1950-2018), mais conhecida como Santa, tinha 68 anos de idade e era aposentada como marisqueira. Nascida em Coqueiros, não frequentou escola. Iniciou sua vida na cerâmica aos dez anos de idade, mas sua mãe já lhe ensinara o ofício desde os seus oito anos de idade. Teve apenas um filho, chamado Jair, três netos, uma neta e dois bisnetos (um menino e uma menina). Casada não oficialmente com Paulo, há 44 anos. Disse ser recém-convertida à religião evangélica.

Mulher de muita força e valentia, uma guerreira! Teve o filho sozinha, pois assim que soube da gravidez seu namorado a abandonou. Mas ela, com muita coragem, buscou sustento para toda a família. Sofreu desde a infância: “pais brigando”, “irmãos que não se entendiam” e com o atual marido não se davam muito bem, “apesar de todo amor que tinha”.

Sua mãe teve uma vida longa, veio a falecer logo após a morte de Santa, aos aproximadamente, 95 anos de idade. Santa, ainda que tenha tido todos os problemas, inclusive, sentindo-se mal de saúde, pois reclamava de constantes dores de cabeça, trabalhou no barro até os últimos momentos de sua vida, assumindo com muito orgulho a tradição da

cerâmica na comunidade. Orgulhava-se de ter participado de várias entrevistas e ter o “nome até em livro”<sup>18</sup>, como pude constatar posteriormente em minhas pesquisas bibliográficas.

Veio a falecer no primeiro semestre do ano de 2018, quando eu ainda realizava a pesquisa de campo. Segundo seus familiares, ela foi acometida de um câncer no ovário, que por desconhecimento de todos, causou uma metástase, tomando outros órgãos do seu corpo, não sendo mais possível a cura.

**Jair França das Mercês** (1974)- não recebeu nenhum apelido como é de costume aos mais velhos na profissão de artesão. Filho de Santa, tem 44 anos de idade e aprendeu a lidar com o barro desde “muito novinho”. Só estudou até o ensino fundamental I (antigo primário). Também é pescador e ambas as atividades foram transmitidas por sua mãe, pessoa que ele tem muito orgulho e admiração: -“Tudo que aprendi devo a ela, minha mãe”.

Por tradição, o fazer artesanal em Coqueiros é eminentemente feminino, no entanto, Jair, único filho de Santa, teve muito interesse em aprender, não apenas a pescaria, mas achava que tinha que seguir a tradição do barro, para dar continuidade ao compromisso familiar.

Jair teve três filhos do primeiro matrimônio, vindo a separarem-se alguns anos depois, volta a morar com a mãe e leva os filhos consigo. Alguns anos após, contrai novo matrimônio com Edi e com esta tem mais uma filha.

**Edi Vitória do Carmo Santos das Mercês** (1974) – Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas foi registrada na cidade de Salvador. Tem 44 anos de idade. Ainda adolescente foi morar na cidade de São Sebastião do Passé, vindo a conhecer seu atual esposo (Jair) em Madre de Deus.

Se autodenomina de religião evangélica, marisqueira e burnideira. Teve dois filhos do primeiro casamento e uma filha após contrair matrimônio com Jair. Estudou até o Ensino Fundamental I. Só veio a desenvolver as atividades artesanais (tanto a mariscagem quanto a cerâmica) quando se casou com Jair e foram morar com Santa, formando uma extensa família. Diz que foi com Santa que aprendeu o ofício de artesã e marisqueira.

Fala de Santa com muito respeito: “-a tenho como mãe”. Tem demonstrado muito sofrimento com o falecimento da sogra e expressa: “-se eu pudesse nem fazia mais nada com a louça porque me lembra ela”.

---

<sup>18</sup> No livro publicado pela ArteSol intitulado “Ceramistas de Coqueiros” publicado em 2009.

Sentiu-se revoltada quando descobriu que o pai, quem tanto amava, tinha outra família e outros filhos: “-ele sempre me chamava de unigênita, nunca imaginei de ter outros irmãos, foi um golpe em meu coração”.

Acha que já tinha “no sangue” algo de artesã, visto que ajudava sua mãe a fazer objetos de gesso para vendê-los na vizinhança.

Edi é aposentada por questões de saúde: teve um AVC e ainda sofre as sequelas da doença. Mas diz segurar-se na fé que tem em Deus para continuar sua vida e seu trabalho, bem como cuidar dos filhos e enteados.

**Almir Santos da Conceição das Mercês** (1997) – diz que é pescador como profissão, mas que ajuda a família com a atividade da cerâmica há dez anos. Estava cursando o 3º ano do Ensino Médio no ano de 2018. Pretende fazer um curso técnico e ir à busca de um trabalho formal, assalariado. Tem 21 anos de idade. É casado, mas não tem filhos. Reside na casa da avó (Santa), com a esposa, um irmão, a cunhada e o esposo da avó (Paulo), quem ele trata como avô.

Costumava chamar a avó de “mãinha”, pois foi “criado por ela”. Demonstrou muito respeito e carinho para com a avó, e “sente muito a falta dela”, não se conformando com sua morte “tão repentina”. É evangélico e diz “ter muita fé em Deus”, indo à igreja com muita frequência, “mesmo cansado pela lida no barro”.

Em Maragogipinho- Aratuípe

**Reinaldo Rodrigues Araújo Mota** (1960) – mais conhecido como Mestre Penso. Tem 58 anos de idade. Concluiu o Ensino Médio com o curso técnico de Contabilidade. É oleiro-artesão, vindo a herdar a tradição da cerâmica do pai e do avô. Tem orgulho de ensinar a atividade quando é convidado, nas participações em feiras de artesanato: “-já fui em Salvador, no Colégio Guadalupe, em Periperi, ministrar aulas de cerâmica e também em igrejas evangélicas”. Não tem religião definida. Pela tradição da família e como único filho do sexo masculino, herda a olaria do pai.

Tem dois filhos, uma filha, e três netos (dois meninos e uma menina). Acredita que a tradição da cerâmica em Maragogipinho pode mudar um pouco, mas “não vai acabar” como muitos alardeiam. Ele gostaria que as formas das olarias não fossem modificadas, apesar de sua olaria já apresentar um aspecto mais moderno, feito de alvenaria. No entanto, pretende manter uma parte (ao menos a parte em que atua) como recebeu da ancestralidade, ou seja, de palha como “os índios faziam”. Aos cinco anos de idade seu pai, conhecido pelo apelido de Mestre Chao, o levou pela primeira vez à sua olaria. Tinha muito carinho e respeito pelos

pais, com quem aprendeu a ser um “homem de bem” que é hoje e que cuida da família e da tradição do barro.

**Ildete da Paixão Mota** (1962). Tem 55 anos de idade. Prefere ser chamada de Ida. Nascida e criada em Maragogipinho de onde nunca saiu. É burnideira desde “menina”. Casou-se com Mestre Penso quando tinha 19 anos de idade e com ele tem três filhos e três netos. Aprendeu a tradição da cerâmica com a mãe, apesar de ter sido criada e educada com a avó paterna, porque seu pai falecera e sua mãe ficara sozinha para cuidar de muitos filhos.

Cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental e é evangélica. Fala que tem depressão e que toma remédios controlados. Tem sempre se queixado de problemas de saúde como dores de cabeça e dores no corpo. No entanto, afirma que gosta do que faz mesmo pensando em aposentar-se.

Ida adora participar das Feiras de Artesanatos em outros municípios, “ainda que sejam cansativas”. A sua avó materna, segundo ela, “uma negra bem baixinha”, era burnideira e também rezadeira muito conhecida na região. E segundo disse, esta avó veio a falecer “com muita idade”. Os tios eram todos marisqueiros e pescadores em Maragogipinho. Só as mulheres herdaram a tradição de burnir e pintar peças de cerâmica. A família é muito importante para Ida, que espera todos os anos a chegada do mês de setembro, para reencontrá-los, “como é tradição”. Ela conta: “-os filhos daqui que moram em Salvador e trabalham na Feira de São Joaquim, eles vêm e traz a festa, traz banda, traz tudo, há mais de 10 anos”.

**Rodrigo da Paixão Mota** (1991) – é filho do casal Ida e Penso, tem 27 anos de idade. Não tem religião definida. Casou-se ao final do ano de 2018. Sempre residiu em Maragogipinho. Cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental II, quando resolveu abandonar a escola para dedicar-se ao trabalho na olaria junto com a família. Aprendeu com a mãe a burnir e pintar as louças e com o pai a fazer os objetos de barro.

Participa de todas as Feiras de Artesanato com a família, e “às vezes” vai só, quando ninguém tem interesse em ir. Desde muito criança começou a aprender o ofício de artesão com os pais, mas foi na juventude que buscou a profissão de barbeiro, para melhorar a “questão financeira”. Atualmente separou um cantinho da olaria onde construiu a barbearia, “para ficar mais perto da olaria”. Assim, ele divide seu tempo com ambas às atividades produtivas.

**Iolanda da Paixão Mota** (1989) – tem 28 anos de idade. Cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental II. Não tem religião definida. Aprendeu a burnir com sua mãe Ida, mas não tem interesse em continuar a tradição da família. Prefere produzir e vender doces e salgados na comunidade onde reside; mas também realiza a atividade durante a Feira dos

Caxixis, quando sua família está expondo suas cerâmicas. Vive com um companheiro, próximo à família e tem dois filhos.

Iolanda, apesar de não ter interesse na produção de artesanato, sempre ajuda a família buscando festas e feiras de artesanatos em outros municípios. Tem grande desenvoltura nas relações sociais. Por isso é considerada pelos familiares a “marqueteira” do artesanato porque busca convencer Secretários de Cultura e Prefeitos das cidades vizinhas, de que vale à pena fazer a exposição dos produtos cerâmicos de Maragogipinho nos festejos juninos. Em todas as ocasiões sempre ajuda a mãe nos serviços domésticos e a ampara nos momentos de doenças.

#### 1.4 A organização e análises dos dados

Optei em descrever tanto o percurso da pesquisa de campo quanto a forma como cada método e técnicas empregadas possibilitaram a análise dos dados: levando-se em conta as análises das narrativas fenomenológicas dos dados obtidos durante o ano de (com) vivência com as comunidades de Maragogipinho e Coqueiros. Compreendendo o que Merleau-Ponty (1999, p. 19) pontuou: “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta "profundidade" quanto um tratado de filosofia.”

Na intuição da proposta de Forghieri (1993), busquei, na pesquisa, seguir através de um “envolvimento existencial” e um “distanciamento reflexivo”:

1. Envolvimento existencial. Este momento requer que o pesquisador, preliminarmente, procure colocar fora de ação os conhecimentos por ele já adquiridos sobre a vivência que está pretendendo investigar, para então tentar abrir-se a essa vivência e nela penetrar de modo espontâneo e experiencial. É preciso que ele não apenas se recorde dela, mas, procure nela emergir para revivê-la de modo intenso; é necessário, portanto, que procure ter com ela uma profunda sintonia. Em outras palavras, o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair de uma atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência.

2. Distanciamento reflexivo. Após penetrar na vivência de uma determinada situação, nela envolvendo-se e dela obtendo uma compreensão global pré-reflexiva, o pesquisador procura estabelecer um certo distanciamento da vivência, para refletir sobre essa sua compreensão e tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou o significado daquela vivência em seu existir. Porém, o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo de ligação com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível da

própria vivência. Tal enunciação, portanto, não deve ser feita em termos científicos e sim em linguagem simples, semelhante à que é utilizada na vida cotidiana. (FORGHIERI, 1993, p.58)

Conforme, dissera a autora, em ambas as etapas descritas, meu objetivo fora sentir as vivências dos outros e ao mesmo tempo distanciar-me, a fim de refletir sobre essas vivências e deter-me por alguns momentos num enunciado descritivo dos significados ou sentidos, que captei neste percurso intuitivamente, durante o envolvimento com as famílias e comunidades.

No bojo da construção de um entendimento acerca das categorias de análise *transmissão cultural e modos de vida artesanal* revelaram-se conceitos-chave para compreender o significado de permanência da tradição, como uma alternativa de sobrevivência possível, em meio a diversas formas mais modernas de trabalho e vida.

Assim, a categoria de análise *modos de vida artesanal*, orientou-me, não apenas à compreensão a respeito da apropriação do território e de seus recursos naturais e dos modos do fazer artesanal, como me permitiu compreender também, a organização social do trabalho, as dinâmicas do trabalho familiar e seus reflexos na vida das famílias, do sentimento de pertencimento à família e comunidade, das tensões internas e externas (intrafamiliar, interfamiliar e extrafamiliar), nos níveis micro e macrossociais.

## Capítulo 2

### O referencial teórico: a Fenomenologia

Se a fenomenologia da arqueologia das culturas é o método *per se*, proposto para este trabalho de pesquisa, por propor a comparação entre as culturas que não se detenha na visão autocentrada do pesquisador, se faz necessário estabelecer aqui, duas formas de experienciar a realidade vivida: “O fluxo do ser fenomenológico tem uma camada material e uma camada noética” (HUSSERL, 2006, p. 197). A primeira camada, ou hilética, como conteúdo primário, busca as sensações, impressões sensoriais e impulsos, enquanto a segunda, intencional, busca o sentido das coisas, os significados atribuídos ao mundo, aos objetos, como eles se apresentam a nós.

Ainda com Husserl (2006), o seu método parte de dois critérios: a) A análise essencial ou redução eidética (a busca das essências dos fenômenos), mediante a epoché, ou seja, o pesquisador deverá colocar entre parênteses a existência dos fenômenos êfermera e mutável, gerando uma mudança de atitude natural de quem está no mundo; essa etapa consiste na “intuição do sentido” por meio do qual captamos a essência daquilo que se mostra iniciando um movimento de investigação em níveis cada vez mais profundos buscando a captação do sentido dos fenômenos; b) Análise (redução) transcendental visa fazer uma reflexão sobre o próprio sujeito e a subjetividade humana que constitui esse sujeito. O termo “redução” significa tirar alguma coisa e por-se a atenção sobre outra. (ALES BELLO, 2008, 2006; HUSSERL, 2006). Segundo Forghieri (1993),

A redução fenomenológica consiste em retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceitos do sujeito; retomar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constituiu no próprio existir humano”. (FORGHIERI, 1993, p.58)

Por isso, considero que o estudo das tradições, e conseqüentemente da cultura, permite uma abordagem fenomenológica como caminho de investigação, como modo de aproximação entre os momentos constitutivos das expressões culturais reveladores de um *arché* em seus sentidos mais profundos. O caminho metodológico é o que Ales Bello (2006; 2008), denominou de “arqueologia fenomenológica das culturas”, ou seja, uma escavação ao âmago do fenômeno cultural, considerando, como bem apontaram Barreira e Massimi (2005, p. 2), “suas singularidades, bem como seus traços de universalidade”. Ales Bello, proeminente

estudiosa de Husserl (considerado o pai da fenomenologia), adverte que: para compreendermos os fenômenos, temos que fazer um caminho. Desse modo, pretendeu-se desenvolver, como indicou Husserl (2006):

Um método de “reduções fenomenológicas,” em conformidade com o qual poderemos remover as barreiras cognitivas inerentes à essência de todo modo natural de investigar, diversificando a direção unilateral própria ao olhar até obtermos o livre horizonte dos fenômenos “transcendentalmente” purificados e, com ele, o campo da fenomenologia em nosso sentido próprio. (HUSSERL, 2006, p. 27)

Ainda que Husserl seja considerado o “pai da fenomenologia”, o pensamento fenomenológico vem surgir com os trabalhos de Franz Brentano, no século XIX, seguido por Husserl que seguiu algumas das orientações psicológicas e filosóficas do mestre. Para Husserl, não basta dizer que as coisas existem, é preciso “compreender o sentido das coisas, mas nem todas as coisas são imediatamente compreensíveis” (ALES BELLO, 2006, p. 23). Desse modo, captamos a essência pelo sentido.

A essência (eidos) é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura. (HUSSERL, 2006, p. 36)

Assim, somente refletindo sobre os objetos, segundo a proposta husserliana, é que o pesquisador pode agir cientificamente. No entanto, para Barreira (2013),

entre o objeto e o método, está sempre o sujeito atuante; atuante inclusive na configuração do objeto. Isso se contrapõe à interpretação de que o objeto seja independente do sujeito: o objeto está em relação com o sujeito e só nesta relação é que ele pode se configurar, bem como sua demanda metodológica. Tal reflexão exige a assunção do sujeito cognoscitivo também como objeto de análise, daí a característica gnosiológica da fenomenologia. (BARREIRA, 2013, p.130)

No estudo fenomenológico buscou-se compreender o ser humano em sua totalidade e não apenas, comportamentos específicos<sup>19</sup> (KOIZUMI, 1992, p. 36). Para Husserl (2006, p.

---

<sup>19</sup> Por comportamentos específicos tenho por exemplo, uma atividade de esfera cognitiva, como a preocupação com o valor de venda de uma peça cerâmica e seu respectivo lucro-prejuízo, sem considerar o impacto desse comportamento na família, na manutenção do negócio, na tradição local, no bem-estar emocional etc.

144), é necessário “desviar o olhar dos dados naturais de que não se cessa de ter consciência” para que se tenha acesso aos dados de essência. Para Ales Bello (2006, p. 23), é “importante compreender o sentido das coisas”, ainda que nem todas as coisas sejam “imediatamente compreensíveis”. Por isso o exercício da “imaginação livre consegue uma posição privilegiada em relação à percepção”. (HUSSERL, 2006, p. 153)

Por exemplo, de acordo com Teixeira (2003),

...a tradição fenomenológica parte da perspectiva de que o mundo e a realidade não são objetivos e exteriores ao homem, mas socialmente construídos e recebem um significado a partir do homem. Nesta visão, a tarefa do cientista social não é levantar fatos e medir a frequência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e significados que as pessoas possam, a partir de suas culturas, atribuir como sua experiência. (TEIXEIRA, 2003, p.183)

Como propus investigar o cotidiano das pessoas tomando como referencial a abordagem fenomenológica, esperei ir além do mundo das aparências e dos conhecimentos teóricos. Tentei me aproximar o mais possível da experiência humana com o trabalho artesanal sob novas perspectivas para apreendê-la a partir de sua dimensão existencial. Na experiência do sujeito, portanto, o fenômeno se mostra como essência vinculada à existência. Por isso busquei caminhos que me conduziram mais próximo do sentir e do pensar de quem vivencia uma situação específica- o artesanato da cerâmica. Neste sentido, discutirei a seguir, os momentos fundamentais da minha trajetória na pesquisa, ou seja, a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica. Comentarei ainda, alguns recursos básicos a serem utilizados na construção da pesquisa que busca, na metodologia compreensiva da fenomenologia, descrever os fenômenos humanos como experiência vivida.

Merleau-Ponty (1999) aponta três critérios para uma descrição fenomenológica: 1. Procurar despertar a experiência perceptiva. É, pois, pela percepção que o sujeito acessa as coisas do mundo; 2. Deve-se admitir que “a consciência está encerrada no corpo e sofre, através dele, a ação de um mundo em si, somos conduzidos a descrever o objeto e o mundo tais como eles aparecem à consciência” (p.93). A consciência que se dirige para o mundo como consciência do corpo vivido, representa a descoberta da subjetividade; e 3. A descoberta da intersubjetividade, ou seja, a possibilidade que o sujeito tem de experienciar o corpo vivido, através da consciência, e sendo capaz de dialogar com os outros e com o mundo.

Como apontou Husserl (2006) é necessário recorrer à redução fenomenológica ou "epoché", que é a colocação do mundo exterior entre parênteses para que a investigação se dê apenas com as operações realizadas pela consciência. Isso, entretanto, não deve ser entendido como negação ou limitação do mundo, mas um modo de suspender qualquer juízo a seu respeito para poder conhecê-lo a partir de sua origem, intuindo a sua essência.

Ao abordar a redução fenomenológica, Merleau-Ponty (1999) salienta que as essências trazem consigo todas as relações vivas da experiência e, conseqüentemente, estão vinculadas à existência. Comenta ainda que chegar à essência do mundo não é aproximar-se daquilo que ele é em ideia, mas chegar àquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização. A melhor fórmula da redução é se posicionar com uma "admiração" diante do mundo. (idem, p. 10)

A redução eidética - correlato a eidos, refere-se à essência, conforme a descreve, "é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos, é a ambição de igualar a reflexão à vida irrefletida da consciência." (idem, p.13)

Graças à noção ampliada da intencionalidade, a "compreensão" fenomenológica distingue-se da inteligência clássica, que se limita às "naturezas verdadeiras e imutáveis", e a fenomenologia pode tornar-se uma fenomenologia da gênese (MERLEAU-PONTY, 1999, p.16). Ao referir-se à compreensão do fenômeno humano, Merleau-Ponty(1999) acentua que não se trata de acreditar no que o outro diz, nem de reduzir suas experiências às minhas, nem de coincidir com ele, nem de ater-me ao meu ponto de vista, trata-se de compreender uma pela outra. Com esta compreensão interpretativa elaborei a construção final dos resultados, objetivando apropriar-me daquilo que estudei.

Concluindo, não proponho que a lente teórica para "ver" o outro seja a fenomenologia, pois não interessa aqui "adequar" os participantes a uma abordagem teórica. Pois concordo com as ideias de Rangel, Silva e Suzuki (2009, p.4) e Rangel (2017, p.46), de que há um equívoco em "encaixar a realidade local em teorias", inclusive com "a falta de cuidado com a observação em campo". No entanto, foi com a fenomenologia, enquanto referencial teórico-metodológico, que eu, enquanto pesquisadora, pude seguir "desinteressada", "despida" de meus preconceitos, aberta ao estranho, ao que não compreendi ao olhar pela primeira vez o objeto: por exemplo, na minha segunda visita a Coqueiros, percebi que a família de Santa realiza outra atividade – a pesca artesanal. Por que será que não me informaram na primeira visita? Em outro momento, num diálogo entre Santa e uma vizinha dela, ambas demonstraram um pouco de preocupação em falar do trabalho com o barro enquanto a família aguardava o

“retorno do pagamento do defeso<sup>20</sup>” e que, inclusive, estavam esperando a visita de uma assistente social, que deveria comprovar que “a família trabalha com a pesca”. Então, por isso tinham medo de falar sobre a arte do barro, porque “poderia atrapalhar” o processo. Contudo, essa percepção só foi possível, porque nesta segunda visita, a família trabalhava com o catado do sururu e foi neste dia específico que, provavelmente, a família se dera conta de que falar do barro poderia prejudicar-lhes com a outra atividade desenvolvida para o sustento deles.

Terminando essa parte introdutória, informo que neste capítulo, almejo fazer um ensaio sobre alguns conceitos que considere pertinentes discutir nesta tese a partir do que percebi nas narrativas dos participantes da pesquisa: daí os conceitos extraídos dos estudos com orientação fenomenológica serem “atribuídos” por mim a este trabalho específico.

## 2.1 Conceitos atribuídos 1: percepção, empatia e intersubjetividade

Com uma análise fenomenológica, que parte do vivido do sujeito de “carne e osso”, foi possível adentrar no mundo das famílias artesãs e mergulhar em suas vivências cotidianas.

Diversos autores se debruçaram no estudo da fenomenologia empírica, nas mais diversas áreas do conhecimento. Como exemplo, na área da psicologia (VALÉRIO E BARREIRA, 2015; BARREIRA, 2013; MAHFOUD, 2008; GIGHI, 2003; dentre outros), na área de história (BISINELA, 2012), na área da educação e do esporte (BARREIRA, 2013). Por que tanto interesse nessa abordagem?

Ales Bello (2006, p.18), aponta a fenomenologia como estudo ou conhecimento daquilo que se *mostra*, ou seja, “as coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra”.

Para Merleau-Ponty (1999) não há outra forma de compreendermos a nós mesmos, o outro e o mundo, que não fenomenologicamente.

Assim, para Husserl (2006, p.25), a fenomenologia é a “ciência de fenômenos”, no entanto, “fenômeno” aqui tem um significado bastante distinto do que se apresenta em outras

---

<sup>20</sup> Defeso é o período em que as atividades de caça, coleta e pesca esportivas e comerciais ficam vetadas ou controladas. Este período é estabelecido de acordo com a época em que os animais se reproduzem na natureza. Visa à preservação das espécies e à fruição sustentável dos recursos naturais. Embora necessário para a manutenção do estoque, o período de defeso afetou os pescadores artesanais, que necessitam do pescado para sua subsistência. Pensando em amparar estes trabalhadores, o governo federal brasileiro criou o **seguro defeso**. Instituído pela lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, este seguro consiste em uma remuneração temporária no valor de quatro salários mínimos (4 x R\$ 954,00 em 2018) aos pescadores artesanais registrados que paralisam suas atividades durante o defeso, pagos em quatro parcelas, ou de forma integral. Assim, esta medida provém o sustento provisório dos pescadores e suas famílias, enquanto estimula a educação ambiental. (BRASIL, 2003)

ciências. Husserl não quer que a fenomenologia se torne mais uma psicologia, por isso ele parte da premissa de que devemos “colocar fora de circuito todos os hábitos de pensar, reconhecer e por abaixo as barreiras espirituais com que eles restringem o horizonte de nosso pensar” e ele próprio reconhece que não é uma tarefa fácil, pois “aprender a ver, diferenciar, descrever o que está diante dos olhos, exige, ademais, estudos próprios e laboriosos.” (HUSSERL, 2006, p.27)

Dessa forma, de modo a superar as dificuldades impostas pelo hábito de pensar, seja científico ou senso comum, Husserl (2006) constrói um método, que segundo ele, permitirá “remover as barreiras cognitivas inerentes à essência de todo o modo natural de investigar” (p. 27): desse modo, sugere que aprendamos a olhar sob todos os ângulos e todas as dimensões, “até obtermos o livre horizonte dos fenômenos *transcendentalmente* purificados, e com ele, o campo da fenomenologia em nosso sentido próprio”. (idem)

Husserl nos indica um escopo onde a fenomenologia se assenta: ele nos mostra que a “sua abrangência é constituído por essências de vivido, que não são abstratos, mas concretos”. (idem, p. 159)

Merleau-Ponty (1999, p. 18), propõe que o mundo fenomenológico seja o “sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro.” Nesse contexto, o mundo fenomenológico é o mundo da subjetividade e da intersubjetividade.

Ao unir o mundo subjetivo às experiências objetivas a fenomenologia permitiu unir as forças do mistério e da razão, desvelando-os (MERLEAU-PONTY, 1999). É essa a força da fenomenologia para Merleau-Ponty: sujeito e objeto em constante relação, cuja intencionalidade se faz na intersecção, por isso ele diz: “em primeiro lugar, o ponto de vista "subjetivo" envolve o ponto de vista "objetivo"; a sincronia envolve a diacronia” (MERLEAU-PONTY, 1991, p.92). Como foi discutido no “*apriori da correlação*” em Husserl, corroborado por Merleau-Ponty, sujeito e objeto não se excluem, pois “não podemos separar consciência da coisa”, porque tanto o sujeito quanto o objeto só existem nesta correlação; ou seja, tanto o objeto quanto a consciência que se tem dele só podem se constituir nesta relação. (GOTO, 2013, vídeos)

Para Husserl (2006), a intencionalidade permite distinguir a *noesi* - o que é da ordem da subjetividade (atos psíquicos), da *noema* que é o resultado da atividade cognoscente do sujeito quando se relaciona com o objeto.

Nós intuímos o sentido das coisas, e para tratar desse tema, usamos a palavra, de origem latina, essência, portanto captamos a essência pelo sentido. Husserl usa também a palavra grega *ciclos* (de onde vem a nossa palavra ideia, que neste caso não significa tanto um produto da mente, mas sentido), aquilo que se capta, que se intui. (ALES BELLO, 2006, p. 22)

Assim, a intencionalidade é a chave-mestra de qualquer construção fenomenológica, tornando inseparáveis tanto o sujeito quanto o objeto, tanto o pensamento quanto o ser, “sem a qual nem a consciência, nem o mundo, seriam compreensíveis”. (BLASKOVSKY e MENDONÇA, 2013, p.279)

Desse modo, “enquanto revelação do mistério do mundo e da razão, a fenomenologia não está preocupada em explicar ou analisar os fatos, mas de descrever a experiência humana da vida” (ALVES e MENDES, 2015, p.34330). Portanto, não interessa, numa visão fenomenológica, se um constructo é verdadeiro ou falso: “o que lhe interessa é saber qual o significado daquilo que temos no espírito quando julgamos, afirmamos, sonhamos, amamos, vivemos. (BLASKOVSKY e MENDONÇA, 2013, p.278)

Diante disso, aponto três processos intercambiáveis, que para Merleau-Ponty, é o ponto crucial da sua análise fenomenológica: o olhar, o mostrar-se e o descrever. Considero pertinente trazer na íntegra o que ele escreveu:

Ver é entrar em um universo de seres que *se mostram*, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 105)

Em seu último livro, Merleau-Ponty escreve um ensaio intitulado “O olho e o espírito”, cuja pretensão seria descrever os processos perceptivos - ver e o pensar, partindo da análise das artes plásticas, mas especificamente, da pintura: a arte sob a ótica do artista. Ele diz: “pintor é o único a ter direito de olhar sobre todas as coisas sem nenhum dever de apreciação” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 12). Mais adiante ele admite que aquilo que o pintor põe no quadro é o seu próprio sentir.

Em seu livro “Fenomenologia da percepção” ele introduz o tema da percepção como pode-se entender na citação:

Quando tenho a intenção de olhar para a esquerda, este movimento do olhar traz nele, como sua tradução natural, uma oscilação do campo visual: os objetos permanecem no seu lugar, mas depois de terem vibrado por um instante. Essa consequência não é aprendida, ela faz parte das montagens naturais do sujeito psicofísico, ela é, nós o veremos, um anexo de nosso 'esquema corporal', é a significação imanente de um deslocamento do "olhar". Quando ela falha, quando temos consciência de mover os olhos sem que com isso o espetáculo seja afetado, este fenômeno se traduz, sem nenhuma tradução expressa, por um aparente deslocamento do objeto para a esquerda. O olhar e a paisagem permanecem como que colados um ao outro, nenhum estremecimento os dissocia, o olhar, em seu deslocamento ilusório, leva consigo a paisagem, e o deslizamento da paisagem no fundo é apenas sua fixidez no fim de um olhar que se crê em movimento. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 79)

No entanto, é em sua obra *O olho e o espírito*, que o autor deixa mais evidente sua perplexidade, quando toma como modelo do bom vidente - o artista, ele diz, então: “o pintor, qualquer que seja, enquanto pinta, pratica uma teoria mágica da visão” (MERLEAU-PONTY, 1969, p.17). E como apontou Ales Bello (2006, p. 27), “temos aí o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo” o objeto visto dentro de nós. E é esta possibilidade de admiração diante do mundo, o caminho para a verdadeira redução fenomenológica. (MERLEAU-PONTY, 1999)

Edith Stein<sup>21</sup> (2005a) foi uma peça-chave neste trabalho devido as suas pontuações sobre o tema da empatia. A empatia como ato intersubjetivo é a constituição da pessoa mesma e suas relações. Stein (idem, p. 91), afirma que se a “empatia tem que ter o sentido estritamente definido por nós, isto é, a experiência da consciência dos outros, então é empatia apenas a experiência não original que manifesta um original”. Ela explica a partir de um exemplo:

Meu amigo vem ao meu encontro radiante de alegria e me diz que ele passou no exame. Eu entusiasticamente apreendo sua alegria e enquanto eu transiro para dentro de mim eu entendo a satisfação do evento e, portanto, eu tenho agora a minha alegria original”. (idem, p. 91, tradução livre).

Depreende-se daí, que a empatia é o processo de trazer o outro para dentro de mim, portanto é “o conhecimento das experiências dos outros” (Idem, p,97).

---

<sup>21</sup> Edith Stein, (1891-1942), foi assistente de Husserl, na Universidade de Göttingen, Alemanha, foi onde ela conheceu a fenomenologia. Morre aos 51 anos de idade, durante a II Guerra, em 1942, em uma câmara de gás de Auschwitz. Nesta tese, trago a importância dos conceitos de empatia e força vital, além, é claro, de comunidade e cultura.

Para esta autora, o fenômeno da empatia ou entropatia é a passagem da subjetividade para a intersubjetividade. Como ela mesma afirmou: “É assim que a empatia se torna, como base para a experiência intersubjetiva, uma condição para a possibilidade de conhecimento do mundo externo existente” (STEIN, 2005a, p.146). É uma vivência da psique que reconhece o outro como igual a mim, ou seja, tem uma estrutura comum, então essa experiência representa nossa capacidade de ver o outro, senti-lo e por isso, podemos nos mover-se neste campo espiritual, permitindo assim, um desenvolvimento no nível espiritual e cultural. (STEIN, 2005a)

No meu entendimento, a diferença entre o conceito de empatia steiniana e o conceito de percepção externa merleau-pontiana está na proposta de um sujeito que se relaciona com um objeto qualquer (Merleau-Ponty) e o sujeito que se relaciona com o objeto, como meio de acessar outros sujeitos iguais a ele (Stein). Sobre isso, a própria Stein aponta outra forma de entender a respeito da relação entre a empatia e a percepção externa.

A empatia não tem o caráter de percepção externa, mas é claro que ele tem algo em comum com ela, a saber: que para ela existe o objeto em si aqui e agora. Nós viemos a conhecer a percepção externa como um ato que é originalmente dado. Admitido que empatia não é percepção externa, ainda não é dito que esse caráter do "original" está faltando. (STEIN, 2005a, p.83)

Desse modo, a percepção externa apenas me oferece unicamente aspectos de um corpo físico. Para reconhecer e compreender o que o outro está vivendo, além dos aspectos físicos, preciso colocar-me sob seu ponto de vista psíquico a fim de colher o sentido de sua vivência, ou seja, necessito das três dimensões constitutivas e indissociáveis da pessoa humana: o corpo, a psique e o espírito<sup>22</sup>. (ALES BELLO, 2015)

Pois que, o que o outro experiencia em sua vida cotidiana é a vivência puramente particular – é a vivência dele – porém, através do ato da empatia (STEIN, idem) posso dar-me conta disso e viver essa mesma experiência em meu ato de sentir o “objeto” da experiência dele, que é “o conteúdo de sua vivência.” (GRZIBOWSKI E BAREA, 2015, p.38)

---

<sup>22</sup> A palavra “espírito” que será empregada ao longo das discussões vai se referir ao conceito fenomenológico usado por Edith Stein (2005), bem como outros autores que seguem a mesma abordagem. No capítulo IV, “La empatía como comprensión de personas espirituales, escrita em 1917, a autora busca compreender o espírito como a dimensão da “abertura” da pessoa, é aquilo que faz com que a pessoa seja pessoa, diferenciando-a de outros seres vivos. Anos mais tarde, mais precisamente em 1936, a autora, agora com outro olhar, nos entrega outra obra de grande vulto: “Ser finito e ser eterno”. Nestes escritos, ela vai designar por espiritual tudo aquilo que não é da ordem nem do material e nem do espacial, nas palavras dela, “como o que possui um interior em um sentido completamente não espacial e permanente entre si, enquanto sai de si mesmo”. (STEIN, 2019, p. 384)

## 2.2 Conceitos atribuídos 2: corpo e comunidade

Goto (2013, vídeo) certa vez proferiu a seguinte máxima: “a nossa condição humana é intencional. O meu corpo é intencional, porque ele é perpassado por essa consciência transcendental”.

Na filosofia oriental, como apresentado por Barreira (2013, p.70), qualquer forma de aprendizado real deve ocorrer com o corpo, a dor, a aflição e o sofrimento. Na esfera que envolve a razão ou o intelecto essa aprendizagem é insuficiente e, muitas vezes, é exatamente isso que dificulta o aprendizado. Esta concepção era “advinda do zen e da prática dos que seguiam o bushido.” Avançando um pouco mais nessa ideia, Merleau-Ponty nos traz um corpo que compreende,

...essa fórmula parecerá absurda se compreender for resumir um dado sensível a uma ideia e se o corpo for um objeto (...) Compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação – e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo (...) o corpo é um mediador com o mundo. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 200)

De acordo com Sobreira et al. (2016), os conhecimentos construídos na educação ocidental não permitiram aos seres humanos compreenderem o corpo a partir do corpo. O pensamento racionalista reforçou ao longo dos anos a ideia dicotômica de corpo e mente, psique e corpo ou ainda alma e corpo. A maneira mais próxima do ser humano conhecer seu corpo até hoje se assimila a uma ideia de um corpo máquina, sem interpretá-lo em sua singularidade, com exceção do artista em sua relação com o objeto artístico-artesanal.

Assim, Merleau-Ponty (1999), refletindo sobre a experiência corporal nas obras “A fenomenologia da percepção” e “O visível e o invisível”, pontuou que:

Não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, é o corpo; quando sai de sua dispersão, se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 312)

Para Ales Bello (2015, p. 47), “o corpo é o elemento de união entre o que acontece no mundo externo e o que acontece na reação psíquica”. Vale ressaltar que em alemão, há duas palavras diferentes para simbolizar o corpo: *körper*, que significa em nossa língua o corpo físico e *leib*, que representa o corpo vivenciado, que é o corpo fenomenológico diversas vezes discutido por Stein e outros fenomenólogos.

Para Rabinovich (1996, p.172), a identidade pessoal se dá na história de cada indivíduo, “tendo como núcleo central o corpo”. O corpo divide assim, uma relação espacial com o mundo, o corpo é espacializado em si mesmo enquanto atua como uma instância organizadora que capta intencionalmente e ativamente sinais emitidos no ambiente. Porém, o corpo, também é temporal, as rotinas temporais e espaciais são a base das relações interpessoais, onde os “eus-corporais” se dão simultaneamente, promovendo um sentido de comunidade e de lugar. (Idem, p. 110)

Por isso a discussão sobre o corpo tem estreita ligação com a temática família e comunidade discutida a seguir.

### 2.3 Família, eu individual e vida comunitária

Nas páginas anteriores a palavra família surgiu inúmeras vezes com objetivos diversos. No entanto, é necessário abrir um parêntese para discutir os significados do termo na sociedade contemporânea e ao mesmo tempo buscar caracterizar a família artesã por se tratar do meu objeto de estudo.

Para Donati (2008), a família empreende um conjunto de relações que ocorrem num lugar-espço determinado (a casa). Desse modo, ela representa um microcosmo onde ocorrem diversas conexões subjetivas e intersubjetivas, por isso, estudar a família é mergulhar na complexidade. Diversas áreas do conhecimento têm se voltado para o estudo da família, no entanto, “cada um desses olhares constói um discurso particular do que seja família”. (RABINOVICH & MOREIRA, 2008, p. 448)

De acordo com Reis (2015), com o passar do tempo a família sofreu transformações importantes relacionadas às mudanças no contexto sociocultural, econômico e político do país. Essas mudanças são percebidas no padrão tradicional de organização, funcionamento interno, formas de casamentos e geração. Concordo com Valsiner<sup>23</sup> (2012, p. 148), de que “é a combinação de diferentes critérios que nos dá a possibilidade de criar tipologias de famílias”. Nesse quadro, passam a existir outros modelos de família, de modo que só podemos pensá-la pluralmente – as famílias. Assim, no Brasil, a partir do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e do Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) a ideia de se ter apenas uma estrutura familiar concebida como “natural” (consaguínea ou parentesco) foi abolida, abrindo-se para a necessidade de se trabalhar com definições mais abrangentes: “a família pode ser pensada como um grupo de

---

<sup>23</sup> Para saber mais sugiro a leitura do texto “Comunidades mínimas e sua organização: grupos de parentesco, famílias e formas de casamento” In: Fundamentos da Psicologia Cultural, de Valsiner (2012, p. 145-191).

peessoas que são unidas por laços de consanguinidade, de aliança e de afinidade (BRASIL, PNCF/2006:27). Porém, como Valsiner (2012) pontuou em seu estudo sobre tipos de famílias, não basta que as pessoas dividam o mesmo espaço físico para serem consideradas uma família, como exemplo ele cita o caso de estudantes que dividem um apartamento ou república universitária. Daí depreende-se a difícil tarefa de se conceituar *família*.

No entanto, aponto que as famílias artesanais são um conjunto de pessoas que, seja por ligação consanguínea, e/ou seja, por ligação de afeto, se unem em prol de um trabalho específico: produzir objetos de forma artesanal e com fins comerciais.

Contudo, diferentemente das empresas familiares *convencionais* comumente estudadas por teóricos da administração (CEPELOWICZ, 1996; CENTURION e VIANA, 2015; MOREIRA et al. 2015; dentre outros), as famílias artesanais, especificadas nesta tese, desenvolvem suas atividades com uma lógica própria, pois podem ocupar o mesmo espaço das vivências domésticas não diferenciando-as das atividades produtivas.

Vale ressaltar que dentre todas as organizações empresariais existentes, as empresas familiares possuem características próprias que as distinguem das demais, por exemplo: são geridas por mais de um membro do grupo familiar e/ou grande parte da sua mão-de-obra é composta por membros da mesma família; tem registro público, ou seja, alvarás de funcionamento dentre outro; e possui funcionários que não fazem parte do grupo familiar. Desse modo, a empresa familiar possui:

Recursos de capital disponíveis pela família; o patrimônio pessoal e/ou familiar que podem ser usados em momentos de crise; a reputação, onde a família estende o seu nome como proteção aos novos investimentos; a lealdade aos funcionários, dirigida a pessoas concretas e não a objetivos impessoais; a união entre acionistas, onde a compreensão não fica apenas na sala do conselho; a sensibilidade para evitar atos contrários ao interesse social e a continuidade sucessória. (LEITE et al, 2014, p.6)

A partir dessas características supracitadas surgiu uma questão em relação ao meu objeto de pesquisa: as famílias artesanais são uma empresa familiar nos moldes como é compreendido uma empresa familiar? Ou seria necessário estender os conceitos de empresa familiar para inserir este tipo de trabalho familiar que é inerente ao artesanato?

Apesar das discussões aqui empreendidas fica claro que as “leis” que regem o universo familiar são bem diferentes das que regem o cenário empresarial (CEPELOWICZ, 1996, p. 4). Para Moreira et al. 2015, cerca de 90% das grandes empresas pertencem a grupos

familiares, os gestores dessas empresas na maioria das vezes são membros da família. Assim, percebi a importância de delimitar o que é uma família-artesã, bem como diferenciá-la de outros tipos de empresas familiares.

A maioria das famílias artesãs pertencentes às comunidades de Maragogipinho e Coqueiros não possuem registro público; não têm funcionários efetivos, nesse caso o sistema funciona com parcerias, por exemplo, um oleiro pode realizar o trabalho em uma olaria do amigo, a burnideira pode aceitar “encomendas transitórias” por um determinado valor; também pode ocorrer o sistema de mutirão, alguns artesãos e burnideiras se unem para ajudar o amigo ou amiga e aguardam a reciprocidade, caso precisem; a queima dos objetos produzidos pode ser coletiva. No entanto, geralmente todos esses sistemas acontecem entre os próprios familiares. Outro fator de diferenciação é em relação ao espaço onde se desenvolve o trabalho: por exemplo, no caso de Maragogipinho, há a olaria construída em outro espaço, mas também pode ser a extensão da própria residência do artesão (ã), ocupando o quintal da casa; no caso de Coqueiros geralmente é a própria residência, pois não há olarias.

Na maior parte dos casos, a família e o trabalho estão imbricados, por isso foi que percebi que a arqueologia fenomenológica das culturas, como abordagem metodológica, poderia me possibilitar compreender as vivências das famílias artesãs por permitir uma operação de escavação nos elementos que constituem a vida desse grupo específico.

Na perspectiva fenomenológica, a família se apresenta como o modo mais completo de comunidade. Nela existem vínculos que cercam o ser humano em toda a sua amplitude: a dimensão física está conectada à procriação da prole e à vida em comum, também abrange o cuidado e a educação dos filhos (o corpo); a dimensão psíquica (a alma) envolve os diferentes estados emotivos, seja de efeitos positivos (acolhida, reciprocidade), seja de efeitos negativos (rejeição, desarmonia); e a dimensão espiritual abrange os posicionamentos de uma pessoa em relação à outra. (ALES BELLO, 2006a/2006b)

Stein (2005a), entende a alma como “o eu individual”, aquele que vai levar o indivíduo ao mundo objetivo, “em direção ao que está além de si mesmo e em relação à vida dos outros sujeitos”. Por isso, para esta autora a comunidade está intrinsecamente ligada ao indivíduo:

A comunidade é, na sua raiz mais profunda, algo que surge da realização do indivíduo que necessariamente tem que sair de si mesmo. A área mais autêntica desta realização é a comunidade. Só aqui, na medida em que é uma comunidade autêntica, sua liberdade e sua individualidade não é destruída, mas é realizada. (SANCHO y URKIZA, 2005, p. 37, livre tradução)

Para Stein o eu individual pode ter vivências comunitárias, justificando, por exemplo, a vida comunitária e familiar. (ALES BELLO, 2015)

A identidade de uma pessoa é o núcleo. As nossas capacidades são formados por psique, espírito e corpo, que são movidos pelo que Stein vai chamar de força vital: é aquilo que vai nos impulsionar a agir e que vai nos permitir tomar uma posição diante da realidade do mundo em que vivemos. (STEIN, 2005b)

Na psique, essa força vital (Stein também usa a palavra energia) está ligada aos estados emocionais mediante os quais nós reagimos àquilo que está à nossa frente. Na dimensão espiritual, a força vital se expressa na liberdade de voltar-se para algo e elaborar seus significados, nos planos assumidos, na persistência da vontade e dos desejos, na forma em que uma pessoa busca relacionar-se com os outros e com o mundo, ou seja, no meu posicionamento diante do que está acontecendo na vida corporal, na psique ou no mundo apreendido. É o que torna o ser humano diferente dos outros seres vivos, essa sua capacidade de ter acesso a sua interioridade se se tornar livre para agir com autonomia. Stein ao comentar sobre a vida espiritual aponta para a motivação como a lei principal do espírito. Para esta autora, a motivação, num sentido geral:

É a conexão que liga os atos uns com os outros: não é uma mera fusão, como a das fases da corrente da experiência, que passam simultaneamente ou sucessivamente, ou como a ligação associativa das experiências, mas é um processo de um partindo do outro, uma realização ou realização de um em virtude do outro, para o benefício do outro. A estrutura das experiências, que são as únicas que podem entrar na relação de motivação, é absolutamente decisiva para a essência dessa relação; estes são atos que têm sua origem no eu puro, que procedem fenomenalmente dele e que são direcionados para algo objetivo. (STEIN, 2005b, p. 253)

Enquanto a motivação é a lei do espírito, na dimensão do corpo temos o movimento como exemplo. É na unidade do corpo e da psique que se forma o corpo vivente, onde reside a força vital sensível. Por isso que Stein vai dizer que todos os seres humanos vão igualar-se nessas capacidades. Mas o que vai torná-los diferentes é a identidade de cada um, por ser uma dimensão individual. Assim, o núcleo é o que há de mais profundo no ser. (STEIN, 2005b)

Neste sentido, é importante discutir, nesta tese, a concepção dessa autora sobre núcleo comunitário, pois o “núcleo representa aqueles que sustentam a comunidade, tendo relação

com o núcleo pessoal” (Idem, p.100). Assim, se esse núcleo pessoal for fraco, a comunidade pode se fragmentar. Portanto, o eu individual está intimamente ligado ao “eu” comunitário.

Este significado tratado por Stein ajuda na compreensão das comunidades formadas em torno da vivência artesanal, principalmente, aquelas ligadas ao artesanato do barro, que possuem especificidades próprias. Estas comunidades têm seu fluxo baseado na crença e na possibilidade de realização pessoal. O trabalho com o barro dá vida a estas comunidades, no entanto, como Ales Bello (2015) aponta, é necessária a participação de cada membro dessa comunidade na continuidade do projeto de manter a tradição viva, portanto, o eu individual e o eu comunitário estão interligados no fluxo das vivências. A partir dessa concepção fez-se necessário discurtir sobre a temática do trabalho e sua importância para nós seres humanos, realizado no capítulo 3 desta tese.

## Capítulo 3

### 3.1 Trabalho e artesanato: contextos históricos

O trabalho tem sido uma dimensão do ser humano que apresenta diversas definições que derivam das consequências delas advindas para o bem estar das pessoas na fase adulta. Os conteúdos, que são diversos, vão depender do contexto vivido por cada pessoa: para uns, trabalho é dor, fadiga e sofrimento e para outros, prazer e liberdade. No entanto, para todos, indica necessidade, seja da ordem da subsistência ou da possibilidade de ser. Seja qual for o viés ideológico, o trabalho é a transformação da natureza em cultura, é a ação humana em busca da sobrevivência e realização.

Como definiu Albornoz (1994), nas línguas de origem europeias há diversas palavras que indicam qual significado o trabalho deve ter para o indivíduo. Assim, ela aponta que o grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, que difere de ócio e também pena que pode significar fadiga; o latim distingue laborare (labor) em oposição à operare/opus (obra); em francês aparecem no mínimo quatro conotações: travailler, ouvrier, oeuvrer e tâche; em italiano, surgem laborare e operare; em espanhol, temos trabajar e obrar; no inglês, work e Labour; em alemão, Arbeit (cansaço) e Werk (criação). No entanto, na nossa língua portuguesa, apesar dos termos trabalho e labor, esta última não é muito utilizada no cotidiano. Neste sentido, a palavra *trabalho* carrega em si diversas significações. Originada de dois termos latim, o tripalium, que era um instrumento no qual os agricultores usavam para bater o trigo, o milho e o linho, de modo que pudesse esfiapá-lo; e o tripaliare que significa torturar (ALBORNOZ, 1994). Daí, talvez, tenha permanecido no imaginário popular a relação do trabalho com o sofrimento.

O trabalho é a ação de transformar a natureza com consciência e liberdade (SOUZA, 1995), portanto, é eminentemente humana. Porém, ao longo dos séculos os discursos sobre o que é o trabalho para o homem vêm permeados de discordâncias. Por exemplo, durante a antiguidade grega o trabalho era algo que não dignificava o homem, assim tanto Platão quanto Aristóteles já afirmavam que o trabalho manual era desprezível e que pouco se diferenciava da atividade animal, por isso justificava o trabalho do escravo, que para ele era algo tão natural quanto respirar.

Não é apenas necessário, mas também vantajoso que haja mando por um lado e obediência por outro; e todos os seres, desde o primeiro instante do nascimento, são, por assim dizer, marcados pela natureza, uns para comandar, outros para obedecer. (ARISTÓTELES, 2001, p.14)

[...]

A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra. (Idem, p.15)

Essa concepção sobre trabalho não mudou muito na Idade Média, no entanto, acrescentou-se a essa visão, o bem que o trabalho sofrido proporcionava ao homem, tornando-o um ser humano melhor, anunciada pela ideologia católica. (COTRIM E FERNANDES, 2016)

Na Idade Moderna essa tese foi refutada pela ideologia protestante que buscou a revalorização do trabalho. De acordo com essa visão de mundo “o ser humano deveria viver uma vida ativa e lucrativa, pautada pelo trabalho”. (COTRIM E FERNANDES, 2016, p.179)

No século XIX outras ideias mais dicotômicas surgem e o trabalho ora é algo positivo, um elemento de autoconstrução do humano ora, por outro lado, assume um aspecto negativo devido ao capitalismo, que torna o trabalho alienante, na concepção marxista. Borges e Yamamoto (2008) refletem sobre essa questão, apontando Karl Marx como principal protagonista das discussões, nesse período.

No século XX “o trabalho mantém seu papel instrumental com fins econômico-salariais, e também para possibilitar qualidade às relações interpessoais e de bem-estar.” (BORGES E YAMAMOTO, 2008, p. 41)

Como se percebe, ao longo do vivido humano, o trabalho teve importância absoluta. Mas não só no passado, atualmente a questão do trabalho tem sido pauta de diversas disciplinas como a Sociologia e a Psicologia, por exemplos. Nessas e em outras ciências humanas e sociais, novas discussões surgiram buscando responder a questão: É o fim do emprego ou do trabalho? Todavia essa pergunta só se pode ser posta devido ao processo histórico marcado com o advento da Revolução Industrial. Foi nesse momento que o homem (homens, mulheres e crianças) saiu de sua casa, onde o trabalho era realizado por todos os membros da família, e passa a executar uma tarefa específica num local chamado “fábrica”, por um determinado período de tempo, em troca de uma remuneração a qual se chamou “salário” e ao conjunto disso tudo se denominou “emprego”. Porém, sabemos que mesmo após o advento das fábricas, a forma de exploração do trabalho humano por outros seres humanos perdurou e ainda perdura em nossos dias, é só abrirmos os jornais para vermos as novas formas de trabalho escravo.

No entanto, pretendo discutir aqui nessa tese, uma das formas mais antigas de trabalho que se tem conhecimento: o artesanato, que perdurou até os dias atuais, apesar das grandes revoluções industriais e tecnológicas!

Desde o período Neolítico, os homens desenvolveram algumas técnicas de transformação de recursos naturais em objetos e moradias. Assim, um dos primeiros tipos de artesanatos já documentados é o cerâmico. No entanto, a nomenclatura “artesanato” é bem recente.

O termo artesanato com o significado que temos hoje difere muito daquele construído há séculos atrás (antes da Revolução Industrial). Nos séculos que compreenderam a Idade Média, o termo mais adequado é artes (significando qualquer tipo de trabalho manual) desenvolvidas em Corporações, que para Rugiu (1998) eram associações particulares de artesãos na Itália, nomeadas de Guildas na Alemanha e Métier na França. É com as “Corporações de Ofício” que o artesanato deixa o âmbito da casa para se desenvolver na “Oficina”. Os mestres tinham amplos poderes sobre os aprendizes, “o mestre era assim, um verdadeiro patriarca na comunidade formativa que às vezes se estendia da oficina à própria casa”<sup>24</sup> (RUGIU, 1998, p. 39). As Corporações de Ofícios praticamente são extintas no século XVIII, mas as oficinas familiares permanecem transformadas em “negócio hereditário para vantagem dos filhos – homens”. (idem, p.127)

Nesse ínterim, as olarias em Maragogipinho são uma representação “viva” dessas “oficinas” que se mantiveram ao longo do tempo com poucas transformações.

### 3.2 Arte e artesanato: conceitos e características

A arte é um tipo de conhecimento que permitiu ao homem manipular e expressar a linguagem expressas em palavras e imagens, tanto para si mesmo quanto para os outros. A arte é a objetificação da imaginação, tida como a nossa capacidade de construir imagens e conceitos num plano espiritual e material. (FRANGE, 2006; PLAZA, 2003)

Bosi (1991), em suas reflexões, nos ensina que arte e cultura andam de mãos dadas, visto ser imperativo o homem transformar toda a matéria fornecida pela natureza e pela cultura. Visando um ideal estético, a arte pressupõe trabalho intelectual e manual. O autor acrescenta que tal ideal foi por vezes vinculado à perseguição de uma técnica, contudo esta, ainda que necessária ao artista, não suprime a sua força inventiva.

---

<sup>24</sup> Para melhor compreensão da temática discutida sugiro a leitura da obra de Antonio Santoni Rugiu “Nostalgia do mestre artesão”.

Para Vigotski (2003), a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, compreensão que lhe permitia enxergar a potencialidade dessa elaboração humana para aqueles anos iniciais do século XX. Assim, ele escreve: “A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material.” (VIGOTSKI, 2003, p. 308). Esse autor concebe a arte em estreita relação com a vida, uma produção tipicamente humana, rejeitando explicações místicas ou religiosas.

O artesanato, diferentemente de outros tipos de arte, é essencialmente comercial. Ou seja, é uma prática que tem como principal objetivo, gerar lucros aos artesãos. Portanto, é uma forma de trabalho. Ainda que o artesanato seja considerado uma expressão artística, difere de outras formas de arte, pois está no limiar entre arte, trabalho e cultura. O que corrobora com a ideia de que o artesanato, enquanto constructo cultural tem um impacto direto sobre a identidade das pessoas de uma comunidade (GONÇALVES & ANTEZANA, 2014). Ou seja, no artesanato, culturalmente falando, o ambiente e as pessoas são transformados. Há um sistema tecnológico inter-relacionado com um sistema socioecológico. Seu objetivo é fazer um uso produtivo dos recursos naturais, transformá-los em matérias-primas e, de artesanato (um produto), dando forma à materialidade simbólica de sua identidade artesanal. Assim, é na tecnologia em que as categorias culturais e artísticas do artesanato convergem, por ser um modo de produção. (MAZA et al. 2007)

O artesanato faz parte do cotidiano de muitas famílias em cidades e vilarejos interioranos, não só no Brasil, mas em outros países. Por exemplo, Glaveanu (2013), fez um estudo sobre a experiência de criação nas atividades artesanais. Este autor pesquisou sobre o trabalho de artesãos em aldeias na Romênia, especificamente na produção de ovos de Páscoa, e percebeu que o artesanato tem é um fator de forte enraizamento cultural, refletindo o modo de viver das pequenas comunidades, onde adquire características próprias e se manifesta como canal expressivo e econômico. No entanto, ao menos na realidade brasileira, artesãos e artesãs vêm enfrentando diversas crises em decorrência do processo de globalização, industrialização e com a conseqüente mecanização dos processos de fabricação, além das instabilidades sociais e econômicas. Neste cenário, alguns membros da comunidade artesã são absorvidos e afastados de suas próprias raízes, perdendo o sentido sociocultural de suas atividades. Os jovens têm sido o grupo mais afetado com essa situação acima descrita: seja por conta da necessidade de sobrevivência, vão à busca de outras atividades com melhor

remuneração e acabam por abandonar as práticas ancestrais - saberes que não são transmitidos em nenhuma escola formal.

De acordo com Álvares (2015), ao longo do tempo, as artes populares são articuladas por saberes informais, que pela tradição oral, expressam maneiras de ser de quem as elabora: porém mais que isso, essas práticas são marcas vivas de uma ancestralidade comum a todos nós seres humanos.

Crespo (2007, p. 68), define o artesanato como sendo uma atividade com maior nível de cooperação entre os agentes produtivos, segundo eles, os artesãos, em geral, “trabalham com suas famílias formando um negócio”. Dito isto, a família parece está no centro da perspectiva artesanal, ou parafraseando a citação de Vigotski (2003), o artesanato está para a família assim como “o vinho para a uva”. O que converge no que Grangeiro (2016), em seu estudo sobre o trabalho do artesão do Cariri cearense, definiu sobre o artesanato ser visto como modelo de trabalho, produto e processo, sendo o principal local de trabalho, a própria residência.

A partir dessa reflexão percebi a necessidade de realizar uma revisão mais consistente sobre o artesanato no Brasil de modo a tentar compreender meu objeto de estudo e evitar repetições. Para isso, empreendi um levantamento nas principais bases de dados do país buscando identificar e analisar o estado da arte sobre a temática do artesanato e dos artesãos e artesãs no Brasil.

### 3.3 Artesanato: um panorama da produção científica brasileira

Para cumprir o objetivo de realizar uma revisão da literatura, propus fazer uma revisão sistemática.<sup>25</sup> Neste ínterim realizei primeiro uma análise de teses e dissertações (literatura cinzenta) e em seguida, fiz a análise de alguns artigos encontrados nos principais repositórios brasileiros.

Deste modo, seis critérios foram selecionados para a revisão sistemática: 1-o tema da pesquisa; 2- questões propostas; 3- escolha das palavras-chave; 4- categorização dos resultados; 5- análise e avaliação dos resultados e 6- Discussão dos dados encontrados.

---

<sup>25</sup> Para Sousa e Ribeiro (2009, p.241) a revisão sistemática da literatura consiste numa elaboração planejada e rigorosa buscando “identificar, selecionar e avaliar criticamente estudos relevantes sobre uma questão claramente formulada” o que corrobora com Rother (2007, p.1), que aponta para a necessidade do uso de uma “metodologia rigorosa.” Este tipo de revisão possibilita perceber a área de abrangência e cobertura do tema que se pesquisa, de modo a realizar uma análise mais profunda do objeto que se deseja investigar, visualizando possíveis lacunas.

Para os dados da literatura cinzenta, ou seja, as teses e dissertações, realizei um levantamento em todos os repositórios selecionados (vide apêndice 1) a partir das palavras-chave: artesanato, família artesã, Maragogipinho, Maragojipe e oleiro. Também realizei o levantamento de artigos encontrados nas principais bases de dados brasileiras.

Todas as tabelas e quadros construídos para tal atividade encontram-se no apêndice dessa tese. A seguir discutirei os principais resultados desse estudo.

### 3.3.1 As teses e dissertações

A tese de Rebeca da Rocha Grangeiro, 2016, cujo título foi “O trabalho do artesão do Cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional”, na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho, buscou definir artesanato como modelo de trabalho, produto e processo, assim como as práticas relacionadas à organização e economia da atividade laboral, e chegou à conclusão de que os artesãos e artesãs têm baixa escolaridade e renda, sendo o principal local de trabalho, a própria residência. Neste sentido, a autora abriu a possibilidade de se investigar quem são essas famílias de artesãos e como transmitem a cultura para as gerações mais novas. A pesquisadora também abordou os conceitos de artesanato na França, buscando compará-lo às noções brasileiras sobre o tema. Por exemplo, enquanto no contexto francês as políticas públicas favorecem o desenvolvimento geral do artesanato nas comunidades desde o início do século XX, no Brasil, “são pontuais e possuem alto nível de dependência quanto à orientação política (se direita ou esquerda) do governo em exercício”. (GRANGEIRO, 2016, p.53)

Neste estudo acima pontuado, vale ressaltar também a discussão proposta pela autora em relação à busca de novidade (ou inovação) em relação ao fazer artesanal: ela traz dados estatísticos (referentes aos 126 depoentes) que apontam para um baixo índice de inovação, seja em relação à matéria-prima, à produção e/ou ao comércio dos produtos. Desse modo, em meu estudo pretendi ver essa questão ao discutir sobre o papel da tradição e modernidade para as famílias participantes.

Francisca Raimunda Nogueira Mendes, 2009, escreve a tese intitulada “A louça de barro no Córrego de Areia: tradição, saberes e itinerários”, na área da Sociologia, cujo objetivo foi revelar a interação das louceiras com outras instituições de fomento ao artesanato no município de Limoeiro no estado do Ceará. A pesquisadora observou e identificou as questões de gênero, os conflitos entre as famílias e as interferências das instituições, assim como, as visões de mundo e os arranjos sociais que moldam a vida das mulheres artesãs.

Hamida Assunção Pinheiro, 2009, defendeu a tese “Oleiros da vida Trabalho, ambiente e o futuro dos trabalhadores do barro em Iranduba (AM)”, na área das Ciências do

Ambiente, cujo objetivo fora analisar o trabalho dos oleiros de Iranduba, no Estado do Amazonas, “com propósito de compreender suas condições de trabalho e de vida, suas impressões sobre as consequências do trabalho oleiro para o ambiente e suas perspectivas de futuro.” A pesquisadora chegou à conclusão de que existem fragilidades nas relações de trabalho e precarização das condições de vida dos oleiros, além de apontar os impactos ambientais decorrentes do uso dos recursos naturais.

A tese da pesquisadora Sonia Carbonell Álvares, 2015, sob o título “Maragogipinho, as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares”, na área da Educação, revelou quem são os mestres e mestras do barro e se propôs a refletir sobre as práticas sociais de pessoas com pouco ou nenhum letramento escolar. A autora se preocupou com uma abordagem histórica e filosófica da arte, especificamente do artesanato, reservando apenas o último capítulo onde faz breve descrição das atividades individuais de alguns artesãos e artesãs do Distrito de Maragogipinho. Dessa forma deixa algumas lacunas, das quais pretendo investigar neste trabalho, principalmente, a questão do papel da família e da escola, da cultura coletiva, da visão relacional e da constituição das subjetividades implicadas no processo criativo.

Carla Cristina Coêlho da Costa publicou em 2008, o trabalho de dissertação, sob o título “A cerâmica da barra: Transformações e Representações”, na área das Artes Visuais. A autora teve como um dos objetivos, registrar e descrever o trabalho do ceramista masculino, confrontando-o com o feminino, tradicional. Este trabalho abre uma lacuna para o aprofundamento das questões envolvendo as relações de gênero, no sentido dos signos e significados construídos e/ou apropriados pelos indivíduos e suas famílias.

Iaçanã Costa Simões (2016), num trabalho de dissertação, com o título “A cerâmica tradicional de Maragogipinho”, na área das Artes Visuais, fez uma avaliação histórica da vida de oito mestres do Distrito de Maragogipinho- Aratuípe, Bahia. A autora se preocupou em traçar toda a cadeia produtiva relativa ao trabalho com a argila, ou seja, desde a extração da matéria-prima, limpeza, modelagem até as técnicas de acabamento e queima. Do mesmo modo que os outros estudos já analisados, a autora deixou uma lacuna na questão da relação entre o artesão e seus familiares e o impacto disso na produção da cerâmica.

A dissertação do pesquisador Artur Duarte Pinto Neto (2008), cujo título “Atividade ceramista artesanal de Maragogipinho e a relação com a degradação ambiental”, na área de Engenharia Ambiental, objetivou fazer um levantamento sobre os impactos ambientais da atividade oleira no Distrito de Maragogipinho, também, traçou pontos do processo da cadeia produtiva e sua relação com a sustentabilidade local. O autor chegou à conclusão que se faz

necessário políticas públicas que promovam mudanças de tecnologia capacitando a comunidade para um melhor uso dos recursos naturais, assim, como sua preservação. Como é possível perceber, o autor não se preocupou com as mudanças que o ambiente produz no indivíduo e suas famílias.

Chelli Costa Souza (2008), com a dissertação intitulada “A atividade oleira artesanal como instrumento de desenvolvimento para o distrito de Maragogipinho - Bahia: um estudo de caso”, na área de Desenvolvimento Regional Urbano, buscou analisar a produção artesanal enquanto atividade econômica, visando o desenvolvimento local. Desse modo, a autora explorou os conceitos de cultura, visando compreender o processo artesanal da comunidade. Chegou à conclusão de que a comunidade sozinha não terá como promover o próprio desenvolvimento, sendo necessária a presença ativa dos órgãos públicos e projetos de políticas públicas eficazes para esta comunidade.

Na dissertação, André Gustavo de A. Barbosa (2003), com o título, “Arranjos sócios produtivos locais e desenvolvimento – estudo de caso das pequenas empresas oleiras de Maragogipinho/Ba” na área de Administração, propôs discutir e relacionar os conceitos e teorias de desenvolvimento, arranjos produtivos locais, território e governança, em relação à metodologia do SEBRAE para atuação em arranjos produtivos locais. O autor realizou um estudo de caso com artesãos da região, trazendo sua história, sua cultura, seus dados sócios econômicos, e o contexto atual em que vivem os ceramistas.

### 3.3.2 A análise dos artigos

O estudo de Sobrinho e Helai (2017) teve como objetivo principal, analisar a implementação de um programa específico voltado para o artesanato, no estado da Paraíba. Desse modo, buscaram realizar uma avaliação da eficácia desse Programa na vida dos artesãos. Chegaram à conclusão que esse Programa, enquanto política pública, tem sofrido uma série de interferências, devido as tensões da política-partidária no contexto de vida dos artesãos e artesãs, nesse Estado. Percebe-se que os autores realizaram um estudo com o foco na teoria da administração, no entanto, sua contribuição à minha pesquisa, em particular, se deu no momento em que apontaram “a quase completa ausência de estudos sobre o artesanato, em particular no Nordeste” (p. 117) e também na baixa dinamicidade das políticas públicas para esse público em questão, o que corrobora, mais uma vez, no que tenho como hipótese do meu estudo, de que as famílias artesãs só podem contar consigo mesmas, na manutenção da cultura local.

Marquesan e Figueiredo (2014, p.77), realizaram um estudo bibliográfico e documental mostrando como o artesão vem progressivamente se “transformando” em empreendedor, devido, principalmente, a intervenção do Estado e de organizações de fomento à cultura e arte no Brasil. Ao analisarem este fenômeno, perceberam que esses órgãos visam “a incorporação de cada vez mais pessoas no sistema-mundo que alimenta a matriz de poder capitalista moderno/colonial.” A preocupação subjacente é a “ampliação da capacidade de consumo”, o que, ainda, segundo os autores, retira a autonomia do artesão. Essa constatação me deixou de certa forma apreensiva diante do que pretendi investigar e suscitou nova questão: o que será do artesão no mundo capitalista contemporâneo?

Vieira e Loiola (2014) entrevistaram 36 artesãs de três comunidades, no município de Parnaíba, Piauí. Estas mulheres sustentam suas famílias através da confecção de objetos com folhas de carnaúba. A investigação tomou por categoria a percepção ambiental dessas artesãs, chegando à conclusão de que em apenas uma comunidade as artesãs promovem a conservação ambiental. Um aspecto interessante nesta pesquisa está na observação que os autores fizeram a respeito das características das moradias da comunidade de Pedra do Sal, “a maioria mora em casas com paredes de tijolos e a cobertura da casa é feita com folhas de carnaúba (...) as artesãs foram unânimes em afirmar que foi uma opção para manter ou resgatar as raízes culturais” (idem, p.66). Esse depoimento é importante, pois mostra que há de fato resistência à mudança cultural.

Figueiredo e Cavedon (2015, p.339), realizaram um estudo com o objetivo de “mostrar como a transmissão de um conhecimento prático é fruto de uma intencionalidade incorporada (Bourdieu, 2000; Merleau-Ponty, 2005; O’Connor, 2005)” e numa perspectiva fenomenológica e no método etnográfico, analisaram o processo de transmissão cultural tradicional da elaboração de doces artesanais na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Perceberam que a relação entre mestre e aprendiz está associada às histórias de vidas das pessoas e da coletividade. Este estudo tem particular semelhança com a pesquisa sobre famílias artesãs do Recôncavo Baiano, no que diz respeito às práticas artesanais consideradas tradicionais, ainda que nada seja dito sobre o papel das famílias na transmissão cultural, e também a respeito do referencial teórico-metodológico escolhido para tal abordagem, o que possibilitará grande contribuição à minha pesquisa.

### 3.3.3 A revisão sistemática: considerações para a tese

Percebe-se que, entre as teses e dissertações analisadas, apenas uma tese está relacionada a uma abordagem psicológica, no entanto, sua especificidade na área da

Psicologia Organizacional e do Trabalho, abre uma lacuna para outros estudos numa abordagem psicológica, bem como em outras áreas do conhecimento humano. E com relação ao papel da família, apenas o trabalho de Mendes (2009), realiza alguma discussão, contudo muito incipiente.

Tanto nas teses analisadas quanto nas dissertações, o foco recai sempre no indivíduo. Quando o foco está na comunidade, esta é percebida como dependente de “órgãos públicos” para melhorar seu desempenho produtivo. Ficou evidente, nesses estudos apontados, que há uma maior preocupação com a produção, com o trabalho e com o meio ambiente. Em nenhum momento da análise desses trabalhos, foi possível perceber outros critérios de abordagens, como as que pretendo indicar no meu estudo sobre famílias artesãs ceramista.

O artesanato evidencia a ancestralidade do fazer humano e também aponta a família como lugar de socialização e apoderação da natureza. No entanto, estudos mais recentes têm apontado para novas formas de apreensão da realidade social contemporânea, partindo do pressuposto de que a sociedade atual passa por transformações estruturais, a família tem sido influenciada por essas mudanças. Porém, como explicar a existência de atividades tão antigas e de origens diversas- em termos culturais, espaciais e temporais – que se mantêm vivas com significados estruturantes para as famílias e comunidade? Assim, a partir de uma extensa revisão da literatura brasileira sobre a vida dos artesãos, percebi que algumas lacunas ainda precisam ser preenchidas. Por exemplo, o papel da família pouco tem sido estudado neste aspecto, embora alguns estudos tenham apontado uma grande participação familiar na fabricação dos objetos cerâmicos, independentes das suas finalidades: por exemplo, Grangeiro (2015), apontou que, em 65,7% dos casos, os artesãos do Cariri Cearense adotam as próprias residências como principais locais de trabalhos, no entanto, a autora não investigou a respeito dos signos e significados construídos por estas famílias no contexto do artesanato.

Outros estudos também têm apontado a relação entre família e trabalho, independentemente do tema “artesanato”. Por exemplo, Aguiar (2016) buscou contribuir com as possíveis consequências organizacionais entre as interfaces positivas e negativas entre trabalho e família. A autora identificou que as pessoas têm maior predisposição para avaliar os benefícios que a família traz a vida no trabalho, ao tempo que, “estes mesmos indivíduos reconhecem o trabalho como um fator contributivo à esfera familiar”. Apontou ainda, que as pessoas tendem a responsabilizar o trabalho “por algumas das dificuldades para o cumprimento das demandas familiares”. (AGUIAR, 2016, p.105)

Esta mesma autora também investigou porque e como os fatores comprometimento e entrenchamento organizacional podem trazer diversos “custos emocionais ligados à

mudança e à percepção de limitação de alternativas” (Idem, p.97). Assim, também nesta tese busquei responder a questão: será que esses fatores (comprometimento e entreincheiramento) podem ser atributos característicos da família artesã? Se sim, como isso pode ser identificado nas narrativas fenomenológicas? Todavia deixo claro que o meu objetivo não fora testar nenhuma escala de medida construída por esta autora. Porém realizei adaptações quantos aos itens por ela aplicados.

Destarte, concluí-se que a revisão sistemática integrativa a partir da literatura cinzenta (teses e dissertações) e artigos foram importante para o entendimento do tema “família e artesanato cerâmico”, visto possibilitar encontrar lacunas nos estudos apresentados que me possibilitaram uma incursão mais original em minha pesquisa com os artesãos do Recôncavo Baiano. No entanto, acredito ser necessário um maior aprofundamento nos estudos, incluindo-se bancos de dados de artigos científicos internacionais e a análise de um maior número de teses e dissertações, além de incluir outros descritores, tais como trabalho e família, tradição e geração.

**II PARTE****DESCRIÇÃO E REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA: AS ENTREVISTAS E A ANÁLISE DOS DADOS**

**Figura 10:** Forno para queima das peças de cerâmica em Maragogipinho.  
Fonte: Acervo da autora. 2018.



**Figura 11:** Jair e Paulo realizando a queima dos objetos de cerâmica em Coqueiros (Maragogipe-Ba.) 2018.  
Fonte: Acervo da autora.

## Capítulo 4

### Prática artesanal e modos de vida nas comunidades de Maragogipinho e Coqueiros

Maragogipinho sofreu influência portuguesa nas diversas formas de manejo do barro, desde o século XVII, como já discuti anteriormente, seja na construção de diversos tipos de fornos, no uso do torno ou nas características de alguns objetos. A figura 10 representa um tipo de forno coberto, feito de tijolos de cerâmica, na maioria das vezes, instalados nos fundos das olarias; porém, há casos em que esses fornos são de uso coletivo e são construídos em terrenos de alguns oleiros, ou mesmo em terras devolutas, como citei na introdução desta tese.

O processo de queima dos objetos de argila se dá de duas formas: ou uma primeira queima, onde o material é preparado para receber uma pintura de tabatinga (argila branca) ou tauá (argila vermelha) e posteriormente segue-se para uma queima final; ou uma única queima, onde os objetos ficam prontos para receberem uma pintura acrílica ou pva, ou outro tipo, ou, às vezes, não receber pintura alguma, como é o caso dos porquinhos feitos em Maragogipinho e das panelas em Coqueiros.

Quando a família tem membros o suficiente para ajudar no processo, a queima é realizada por eles, mas quando a mão de obra familiar é insuficiente, os artesãos contratam os vizinhos e amigos, remunerando-os como serviço temporário.

A arrumação das peças no forno exige destreza e uso de técnicas adequadas. Uma boa arrumação garante a resistência e durabilidade das peças depois de queimadas, evitando-se perda de material e tempo de trabalho.

Em Coqueiros, a queima da cerâmica pode ser visualizada na figura 11 e 12. Percebe-se que o processo teve uma maior contribuição do saber-fazer indígena. Os membros adultos da família participam independentemente do gênero, mas também, na maioria dos casos, o trabalho conta com a participação de outras famílias que juntam seus objetos e realizam a queima coletiva:

A queima coletiva das peças celebra o saber compartilhado pelo grupo, mas também é um imperativo da razão prática, com custos e benefícios calculados. Na qualidade de rito, a queima opõe grupo e indivíduo, expondo e assinalando o autor-artesão na hierarquia desse patrimônio imaterial. O rito da queima da cerâmica atualiza o mito das relações em Coqueiros, momento em que grupo e indivíduo renovam suas imutáveis posições e o orgulho no saber comum. (SAMPAIO, p. 10, 2009)

Como não há nenhum tipo de pintura, as peças são deixadas para secar ao sol, nas calçadas das ruas e mais tarde são burnidas para consertar algumas irregularidades e adquirir brilho, logo a seguir são postas no fogo à lenha, em forma piramidal, construindo assim, uma fogueira, onde as peças são empilhadas umas sobre as outras e em cada espaço entre elas, são colocados a madeira da lenha, paus e cipós, retirados na mata local.

Analisando essas fotografias percebi que não há preocupação com o descarte dos resíduos sólidos e tampouco com questões de segurança para a realização do trabalho, pois como visto, alguns participantes trabalham descalços. A figura 11 e 12, representando a queima em Coqueiros, mostra como isso faz parte do cotidiano da família Mercês, pois no solo duas práticas culturais distintas misturam-se (restos de mariscos e cacos de barro de peças quebradas).



**Figura 12:** Início do processo de queima das peças de barro em Coqueiros. 2018.  
Fonte: Acervo Pessoal.

Na realização do trabalho de campo, tive o prazer de participar deste momento em ambas às comunidades: carregando a lenha, colocando-a na fogueira, como é feito em Coqueiros ou no forno, em Maragogipinho; transportando e arrumando as peças como segue no texto extraído do meu diário de campo, quando em visita à Coqueiros.

Em outro espaço, Jair, filho único de Santa, estava organizando os objetos de cerâmica para a queima. Fiquei entusiasmada por poder ver este momento. A queima das peças confeccionadas, assim como o próprio processo de confecção das peças, como eu já dissera anteriormente, é milenar: os indígenas faziam e atualmente realizam o mesmo processo.

Fui ao encontro de Jair, atravessei a rua e atrás de um pequeno galpão, que é a garagem do carro da família, encontrei-o ainda no início da “arrumação das peças para a queima”. Observei que sua esposa – Edi se revezava em duas tarefas: o catado do sururu junto com suas noras e filhos; e com Jair e Paulo (esposo de Santa), no transporte das cerâmicas (frigideiras) além da madeira para a queima. Também juntei-me a eles nessa empreitada, ajudava-os no que fosse preciso, ainda que eles timidamente dissessem que não era preciso; em alguns momentos, Jair pedia-me prudência para não ferir-me com as “toras de madeiras” que seriam usadas na queima, ele dizia: “-cuidado que tem espinhos”. A preocupação era recíproca, percebi que eles trabalhavam descalços e o local não era apropriado, pois tinha vidros, restos de galhos, folhas e restos de mariscos que eles mesmos jogavam no terreno pertencente à família; tudo ficava espalhado pelo chão de barro e lama de mangue (bem próximo ao terreno). Em algum momento, perguntei-lhes se era ali que catavam os mariscos, responderam-me que era lá na outra parte do rio, pegavam uma canoa e atravessavam para o outro lado do mangue (Rio Paraguaçu). Jair também contou-me que a madeira que estava usando para a queima, eles mesmos iam “no mato pegar, porque se fosse comprar tudo que precisavam o dinheiro do ganho não valia à pena”. (DIÁRIO DE CAMPO, 29 de março de 2018)

Em Maragogipinho, o processo da queima segue os padrões tradicionais herdados dos europeus que trouxeram essa técnica para o Brasil, no período colonial.

Depreende-se que a queima marca o início do segundo processo de transformação do objeto de barro, cujo primeiro é a transformação da argila nestes objetos. Neste segundo processo, o objeto passa por duas etapas: a primeira é a secagem ao sol ou ao ar livre, cujo objetivo é a eliminação da umidade. Isso é de grande importância, visto que as peças tendem a partir-se ou rachar-se caso sejam colocados às altas temperaturas. A segunda é a colocação nos fornos, no entanto, a temperatura varia de acordo com o que se quer do objeto em questão, ou seja, temperaturas diferentes, resultados diferentes, podendo variar entre 900 e 1300 graus Celsius. Os artesãos não utilizam termômetros para tal evento. É o saber fazer tradicional, que lhes aponta o certo e o errado, sugerindo, então, que há a necessidade de algum domínio da fonte calorífica, visto que, para o sucesso da atividade, os componentes

tipo e qualidades dos materiais combustíveis empregados, bem como o tempo de exposição, o nível da temperatura e a atmosfera do momento, o acondicionamento das peças, além, da influência do tipo de forno ou fogueira, influenciam diretamente no resultado. Mas como adquiriram esse conhecimento? Por exemplo, se tiver chovendo em Coqueiros a queima não pode ser realizada: também é necessário que esteja ventando. Outro fator também poderá influenciar o resultado desse processo, como o “estado de espírito” do artesão e artesã. (ponto a ser retomado mais adiante)

Segundo o Mestre Penso, o ciclo de queima pode variar entre 12 horas a 24 horas. No entanto, esse processo poderá ser mais duradouro, se considerarmos o tempo previsto para o esfriamento dos objetos para sua retirada do forno com maior segurança. Num desses momentos de observação participada, percebi que as peças que eu ajudei a retirar do forno estavam totalmente frias.

A região do Recôncavo é bastante quente ao longo do ano. No entanto, o período chuvoso em Coqueiros é bem menor que em Maragogipinho: dessa forma, este fator geoclimático influenciou e favoreceu ambas as tradições: por exemplo, em Coqueiros que se continuassem com as fogueiras indígenas, como forma de queima e em Maragogipinho a introdução do forno português que geralmente é construído em locais fechados e/ou são cobertos.

Há influência, também, da formação familiar: a família é estratégica na lógica do funcionamento artesanal, sendo necessariamente numerosa como em Coqueiros, ou nem tanto, como em Maragogipinho.<sup>26</sup> O que importa mesmo, não é a quantidade de pessoas que compõem uma família, mas sim a qualidade das relações que se estabelecem entre elas: uma das características das famílias brasileiras, que se manteve presente nos grupos estudados é a sua capacidade de extensibilidade e elasticidade, proporcionada na forma de parentesco (pais, avós, tios etc), compadrio e vizinhança. Os vizinhos, ainda que nem todos, têm livre acesso ao interior da residência, seja para compartilhar um eletroeletrônico, como a geladeira ou a televisão, lhes sendo, também, permitido compartilhar as intimidades da família, se integrando a elas, num modo, também, de regular as relações sociais. Numa certa ocasião, eu estava realizando uma entrevista com Santa (Coqueiros) quando entrou uma vizinha que, sem muita cerimônia, foi colocar um catado de marisco na geladeira. No retorno da cozinha, indagou-me sobre o que eu estava fazendo ali, informei-lhe sobre a pesquisa, complementada por Santa, o que seguiu logo uma explicação da mulher: “a gente não recebeu o defeso de

---

<sup>26</sup> Aqui refiro-me, apenas, aos componentes das famílias estudadas, portanto, não há dados que permitam generalizar esta informação.

2016, então a gente tá no mesmo barco disso aí, a gente fez um novo cadastro, eu vi falar de pesquisa, pra não... (nos prejudicar), tem que tá ligada”. Percebe-se o quanto o “outro” age como guardião da vida comunitária, principalmente quando tem acesso direto ao interior dos espaços familiares.

A família é mais que uma teia de ligações co-sanguíneas ou de co-habitação, como apontou Petrini (2003). Há um componente afetivo! O que liga é o sentimento de pertencimento a determinado grupo social de uma sociedade. Deste modo, as fronteiras entre o pertencer e o não pertencer são tênues, ligadas pela natureza do fazer, no caso aqui estudado, o fazer artesanal, quer seja do barro, quer seja do marisco, ou ambos (como na comunidade coqueirense) permitido por uma legitimidade familiar que autoriza esse pertencimento. Isso faz com que exista um remodelamento do espaço (a casa) por esta representação de família. Isto não implica que os modos de vida destas famílias deixam de serem privados para se tornarem públicos. De fato, cada família delimita sua vida cotidiana com relação aos demais. No entanto, é a forma de acesso que varia entre o permitido e o não permitido e que os definem enquanto tal. Como apontei outro estudo sobre a casa e o quintal.

São as fronteiras que entrecortam tanto o ambiente quanto as relações, e que também são doadoras de identidades. E essas relações se dão entre o público e o privado, os de dentro e os de fora, a família e a vizinhança, que por diversas vezes são fronteiras invisíveis, porque as relações estão tão imbricadas que fogem à nossa percepção imediata, onde começa uma e termina a outra. (REIS, 2015, p. 39)

O modo de viver a vida dos grupos de artesãos é simples, as suas casas de moradias e as olarias são especialmente simples. Santa tem uma casa, que segundo ela, foi construída “com barro e lama”, se referindo aos seus dois ofícios cotidianos: o fazer cerâmico e a pescaria-mariscagem, mas também, metaforicamente falando, quando se refere à “luta” para “juntar um dinheirinho” com o “suor do rosto” e os “calos das mãos”.

A renda desses artesãos e artesãs é muito baixa. Alguns ainda contam com ajuda financeira do governo (o defeso, o Bolsa Família), outros não os conseguem e vivem na penúria material. No estudo do estado da arte, para esta tese, encontrei diversos autores que apontaram essa característica. Sapienzinkas (2012), Álvares (2015) e outros, que concluíram que há “a franca intensificação da desigualdade social: os artesãos permanecem empobrecidos, trabalham incansavelmente para obter uma renda irrisória, que mal dá para o sustento de sua família”. (ÁLVARES, 2015, p. 29)

No entanto, o trabalho familiar permite a melhor divisão de renda em seu núcleo quando a ajuda é mútua. Durante esta pesquisa de campo, Rodrigo estava terminando a construção de uma casa no andar superior de uma parte da olaria dos pais, pois estava preparando-se para casar-se (o que ocorrera ao final desta pesquisa); sua noiva também, participa do trabalho familiar, burnindo e decorando as peças confeccionadas por ele. Aparentemente é uma casa confortável, com boa estrutura de alvenaria e acabamento de pisos cerâmicos, o oposto da velha casa dos pais.

Dito isto, concluo que os modos de vida da juventude diferem do dos mais velhos, seja pelo acesso aos bens materiais que estes últimos não tinham, seja pela escolha de como se viver na contemporaneidade. Os pais tinham que optar pela criação dos filhos, dando-lhes o que podiam: boa alimentação, vestuário, educação escolar. O filho jovem e solteiro pode escrever outro roteiro para sua vida futura, como por exemplo, adquirir bens materiais antes de constituir sua própria família. Os mais velhos sabiam que não podiam contar com seus pais e que, na maioria dos casos, estes também precisaram de sua ajuda, pois “a vida era mais difícil no passado”, como apontou Ida:

Mesmo não morando com ela (a mãe) eu burnia também, pra ajudar ela com meus irmãos [...] Mãe não me criou, mas ela já velhinha, mais de setenta anos de idade, queriam botar ela no abrigo (os irmãos), eu não aceitei, fiquei com ela durante seis anos (até o falecimento da mãe).” (Ida, Maragogipinho)

Os modos de morar refletem os modos do fazer artesanal cerâmico e marisqueiro e vice-versa, incidindo diretamente nos corpos e nas relações, porque o corpo é cultura em movimento. E porque a cultura é dinâmica, essa questão é importante para pensarmos nas categorias de ação que, de acordo com Hannerz (1997, p.11-12), “são necessárias para a vitalidade da cultura”.

O corpo exerce um papel importante para a “vitalidade da cultura”: por exemplo, a questão do que é sujo ou limpo, mais proeminente na família Mercês, é cotidiana e já faz parte de suas vidas e relações e vem gerando tensões entre os membros, como veremos nas narrativas a seguir. Neste sentido, aponto que este capítulo buscará descrever sobre os modos de viver, sentir e fazer dos artesãos e artesãs, a partir de si mesmos.

#### 4.1 A família Mercês: o corpo que fala e que falta



**Figura 13:** Jair confeccionando frigideiras de cerâmica. 2018.  
Fonte: Acervo Pessoal.

- Jair me conte como você faz para ensinar a arte da cerâmica aos seus filhos.
- Que tempo eu tenho para ensinar moça? Quando eu chego em casa eu tô morto! Quando eu deito no sofá, cadê corpo mais pra nada! Chegou um dia, eu não vou mentir não, eu fui dormir sem tomar banho, não tive corpo pra levantar e nem pra comer. Eu não tomo nem o café!
- Olha Lene, eu tenho que pegar ele pra ele tomar banho assim que ele sair daqui, porque se eu deixar...
- Eu fico todo melado de barro, não vou mentir não, todo melado (risos)! Me joga ali no chão, boto um travesseiro e ela (Edi) fala: “-vem tomar banho”; - eu já vou, me deixa! Durmo ali sem lençol nem nada, velho acredite em Deus! (Diálogo entre Jair, Edi e Wanderlene)

O artesão em Coqueiros mantém uma interação com a prática artesanal onde o contato com o barro perpassa todo o corpo, devido, principalmente, à forma em este modo de fazer as louças fora incorporada através de gerações, como visto na figura 13: sentado ao chão, pernas estiradas e entreabertas para conformar o barro e transformá-lo em uma panela, prato ou outra peça qualquer.

Nessa relação dialógica, o corpo tem uma função própria, que segundo Jair, também tem poder. Vejamos no diálogo a seguir, entre Jair, sua esposa Edi e eu como ouvinte:

- Tem dia que eu me escondo e digo que já tomei banho. Então ela pega no meu pé, eu vou cheio de ódio tomar banho, mas eu vou tomar banho porque ela fica me esculhambando (risos).
- Risos!
- Quer que eu minta é? Falo a verdade!
- Aí ele xinga a gente toda.
- A menina que eu crio - a filha dela - chega na porta e diz: “- e aí? Não toma banho, dorme sujo”. Então aí eu levanto e vou tomar banho.
- Eu digo pra ele que vou sair pela rua espalhando! E falo: - não vai levantar é? Pera aí!
- Agora não sabendo que se a gente trabalhar aqui e toma um banho depois o corpo fica leve, não é Lene? Mas o corpo não deixa a gente levantar pra tomar banho.
- Aí a gente tem que correr pro banheiro e levar o sabonete, porque se ele olhar e não vê sabonete, ele joga água no corpo e pronto.
- Tomo banho sem sabonete (risos).
- E a gente tem que ficar de olho.
- É rapaz! Acredite em Deus, isso aqui é um cansaço!
- Parece até criança!
- Você vê eu sentado aqui e não dá nada. (Então pensa): “- ah! Se trabalha sentado não se cansa.” - Não se cansa ? É um cansaço miserável! Quando eu levanto daqui, levanto todo pesado. Teve um dia desse aí que eu tava sentindo uma dormência nos pés, mas parou, graças a Deus!

Jair se dá conta de que o que o impede de ensinar seus filhos é o cansaço advindo do trabalho que realiza. Será que essas narrativas sejam um modo de desculpar-se pelo fato de não transmitir o saber artesanal? E o que ele quer, dizer, então, com a provável resposta “-o corpo não deixa”?

Com base na experiência de Jair até aqui apresentada, é possível perceber que o corpo ganha um estatuto de autoridade quando ele diz: “agora, não sabendo que se a gente trabalhar aqui e toma um banho depois, o corpo fica leve, **mas o corpo não deixa a gente levantar pra tomar banho**”. Há uma intencionalidade significativa no corpo. A experiência vivida pelo corpo no trabalho com o barro contribui com os demais aspectos da vida do artesão. Neste corpo cansado e misturado com o barro está inscrita a cultura em sua totalidade.

Mas também é o corpo, com a exigência de trabalho diário, que tem sido a causa de diversas tensões entre os familiares (os filhos, a enteada, a esposa), pois eles têm expressado sentimentos de incômodo com essa situação que, na maioria das vezes, traduz-se em comportamentos de vigilância e/ou em tom de ameaças: “eu digo pra ele que vou sair pela rua espalhando”!

Essa questão de tomar ou não tomar banho tem causado sentimentos difusos na família Mercês. Mas também há outras vivências, às vezes dramáticas, cuja solução só vem mediante a busca de um momento de silêncio e reencontro com a natureza:

- Jair, você acha que os problemas cotidianos atrapalham na produção?
- Com certeza! Com a cabeça quente não dá vontade de trabalhar direito, fico querendo só ir pra casa, arriar tudo aqui.
- E você não faz isso?
- Não! Às vezes quando eu tô com a cabeça muito cheia mesmo, eu arrio tudo aí e cubro, então pego a foice e vou pro mato, chego lá faço meu feixe de lenha. Aí eu fico lá, dou um tempo lá sentado ou deito lá no mato, fico lá e depois eu levanto a cabeça e venho embora pra casa...

(Diálogo entre Wanderlene e Jair)

Para Jair, o cansaço no corpo impede-o de levantar-se, tomar qualquer atitude, como tomar um banho, ou até alimentar-se, por exemplo. No entanto, o cansaço mental, o ficar “com a cabeça quente”, ou seja, quando se sente estressado, angustiado, recolhe-se no “mato”, deita-se no chão, contempla a natureza, os bichos, os sons, as cores, o ar, o céu, logo adormece sem medo, não há angústia, entrega-se à solidão dos homens. Mas não está só! A natureza é a sua companheira. Ao acordar, levanta-se e retorna uma espécie de duas vidas conectadas desde o interior à natureza, se diferenciando profundamente do nosso mundo que, ao invés, é desancorado dela na dicotomia entre subjetividade e objetividade. (GIGHI, 2013)

No interior de uma visão cosmológica que prevê o equilíbrio do homem com um equilíbrio com a natureza, o céu e a terra, as virtudes e a moralidade são tanto mais verdadeiras quanto mais coladas à natureza e à intencionalidade vivencial, muito antes de uma conclusão categorial da moral trabalhada intelectualmente. (BARREIRA, 2013, p.111)

Corroborando com Ales Bello (2001, p.274) e Gighi (2003, p. 52) penso que alguns lugares pode-nos proporcionar uma boa experiência “arcaica do sagrado”, por exemplo, pode ser um local onde haja uma fonte, uma alta montanha, uma gruta, e assim por diante – “manifestador do sagrado, reconhecido como tal porque a ele se liga o estado de bem-estar que se dirige para a alegria”.

Em Coqueiros (bem como em Maragogipinho), há a possibilidade de um encontro autêntico com a natureza pura, em seu estado primordial, como justifiquei na introdução dessa tese: a presença tanto dos rios Paraguaçu e Jaguaripe, quanto da mata atlântica e o

ecossistema de manguezal, ali presentes, configuram uma oportunidade de encontro do corpo com o “sagrado arcaico”, exemplificado por Ales Bello.

Já com Santa, o corpo é motivo de sofrimento devido à amputação da perna esquerda.

Com sessenta e sete anos, como é, sem uma perna, por causa de problema de mulher dos outros? Meu marido se envolveu com uma amante. Então brigamos: ele me bateu e eu eu caí num prego, arranhou minha perna, perdi minha perna, deu uma doença que chama teto (tétano) e eles lá (no hospital) chama gangrena, né isso? Chama gangrena! Perdi minha perna, agora hoje ela fica de frente de boa e eu amputada na cadeira de roda. Tudo meu é pelas mãos dos outros! Se bota uma água de banho, eu tomo banho; se lavar uma roupa, eu visto; pego uma comida, uma galinha uma coisa pras meninas, as meninas bota aqui, eu corto, limpo, as meninas me dá água eu lavo, pego e entrego lá pra dentro, elas faz. Se elas não fizer, nós morre de fome! Pegar uma comida na panela pra botar no prato é a coisa mais difícil do mundo. Eu ontem eu fui fritar um ovo, o óleo veio de lá pra cá, o menino puxou a cadeira, a vasilha do óleo, o menino puxou a cadeira pra cá, ai eu peguei um pano! Não posso fritar um ovo, não posso botar uma comida! Que alegria eu tenho na vida?

[...]

O problema de eu trabalhar aqui é: eu tenho a minha casa de trabalho, agora só que lá é onde bota o barro, o material: é pó, é terra que vira aquele pó; aí vai todo cessar com a peneira pra poder tirar o barro fino, pra ele chegar nessa condição que chegou aí agora que estão trazendo. Agora, as condições de eu trabalhar aqui dentro da minha casa é porque eu não posso apanhar poeira, entendeu? Eu não posso tá tomando poeira porque esse dedo meu tá amputado tá vendo? E tem essa perna. Não tem nada mais de ferida aqui, tudo sarado, mas eu, pra evitar poeira, eu preferi acabar os meus pisos; está todo acabado aí, porque eu tenho aonde trabalhar, eu tenho a minha casa de trabalho, é essa daqui de junto, quem tá lá é meu filho trabalhando.

O corpo é motivo de sofrimento extremo para Santa, que devido às constantes desavenças com o marido, sofre uma agressão física que culmina com a amputação de parte da perna esquerda e parte do dedo polegar do pé direito. A maior dor é ficar na “dependência” dos demais parentes quanto aos trabalhos domésticos. Depende também, em parte, da ajuda destes para a realização do trabalho artesanal com barro. No entanto, a rede familiar depende dela (e de Jair) para a confecção dos objetos que comercializam e que têm se tornado fonte de sustento de todos.

É bem certo que o corpo se “ordena”, mas também ordena o seu entorno. Santa, que antes da amputação da perna esquerda, trabalhava “na casinha do barro” (local descrito na figura 10) bem como conduzia, por isso, toda a disposição familiar, após este traumático fato, reposiciona-se em outro espaço (a varanda da residência), onde, por recomendação médica, “precisa ficar num local mais limpo” e mais acessível para sua cadeira de rodas e outras

possibilidades permitidas somente quando se tem ambas as pernas: como o andar mais rápido, por exemplo. A casinha, como já falado anteriormente, foi construída de alvenaria. No entanto, uma obra intencionalmente inacabada, pois, falta-lhes piso, rebocos, banheiro etc, sua principal característica é ser um chão de argila batida com suas ondulações e cavidades, devido à maleabilidade do material, remodelado pelo caminhar e sustentar outros materiais, como as panelas de cerâmica, por exemplo. Não posso deixar de apontar, aqui, que esta característica é bem apropriada, sob a ótica do fazer artesanal: o chão de barro, com sua propensão à maleabilidade, permite agregar valor à própria peça produzida ali, que em algum momento deixa de ser maleável, ainda que da mesma natureza do chão, desse modo, ao trincar com este mesmo chão (que permanece maleável) não a danifica completamente. Esta conclusão só me foi possível graças aos períodos de observação, tanto na “casinha do barro” quanto na varanda, em Coqueiros, mas também nas olarias em Maragogipinho.

Por outro lado, Edi aponta que em sua trajetória de vida teve que lidar com problemas psiquiátricos e neurologico, pois teve um AVC. Devido a isso obteve a aposentadoria por invalidez. Mas foi no seu encontro religioso que obteve ajuda para enfrentar a doença. Então ela expressa a forma como o corpo tem suportado as dores da vida:

Eu joguei tudo pra cima (os remédios) e botei minha fé em Jesus Cristo. Até hoje, Jair fala: “volta a tomar os remédios”. Quando eu sinto alguma coisa, ele fica com medo, (e diz) “volta a tomar os remédios”. Eu não! Meu remédio é aqui oh, (bate nos joelhos), prosto meus joelhos no chão. Quando eu tá querendo assim (ficar com mal estar), que é sempre, quando eu vejo que tem uns sintomas assim: uma dor de cabeça muito forte, e aí pronto! Aí eu perco o sentido do corpo, eu começo a delirar, começo a cansar, aí eu fico toda mole e começo a desmaiar. Constantemente é desmaiando. É horrível as crises! Eu saio daqui bem, chego no meio da rua caio. Ah! Já cai com panela! Deus sempre me deu livramento: panela de arroz fervendo, é, sempre Deus vira assim (risos) (vira a panela quente de modo que o conteúdo não atinja o corpo) e nada acontece. Já bati cabeça! Olha, sem sentir nada, acho que vai fazer uns dois anos (que é evangélica) que tenho mais ou menos isso. Mas ele (o esposo) não acredita. Quando sinto qualquer coisa, tá tudo lá em casa (os remédios), eu disse a ele: não compre que não vou tomar. Fiquei na minha fé, aí nunca mais eu tive uma crise, toda vez que sinto uma dor de cabeça eu vou me arrastando pra igreja, vou gemendo, mas quando eu volto de lá é boa! Eu não largo meu Deus por nada! Ele tenta me desviar: tem época que ele tá assim querendo que a gente não vá (para a igreja Deus é Amor) eu, meus filhos, Almir -o filho dele, minha filha Vitória e a esposa de Almir também...

Diante dos problemas acarretados por uma saúde fragilizada, Edi busca conforto na “fé”, que renova a esperança frente à realidade do trabalho artesanal. Escolhe, portanto,

manter um relacionamento com um “Deus” que age de maneira tal, que todas as coisas “ruins” não a alcance. Assim pede a intervenção “milagrosa” desse Ser que de forma bela e positiva dá solução a todas as coisas: o desejo de recuperação imediata perante a dor e desejo de vida.

O corpo, assim, expressão de desejos e de infortúnios, vai tendo o seu papel primordial na construção da vida artesã. Merleau-Ponty convida-nos a reativar essa percepção do corpo primordial, na qual a separação entre eu, o outro e objetos cotidianos deixaria de ser tão acentuada. A criação artístico-artesanal tem na sua vivência própria o drama da existência humana, que se polariza entre o ter ou não ter parte do corpo, ou corpo outro possível de construir a realidade, ou um corpo mediado pela força vital do espírito que se une ao divino.

Assim a morte do corpo físico, como vivenciado pela família Mercês, quando do falecimento da matriarca, dá lugar ao nascimento do corpo-memória, que traz sofrimento devido à vivência do luto.

O meu forte é frigideira, fogareiro, o que vim eu faço, mas panela eu nunca aprendi. Só ela (a mãe) que fazia panela. Toda vez quando eu faço panela eu só fico me lembrando dela, mas eu não gosto, eu não gosto nem de fazer panela, eu faço a pulso... Porque às vezes eu fico me lembrando, frigideira eu fazia direto, mas panela... As panelas, toda vez que eu tento fazer, eu fico me lembrando dela, é raro eu fazer panela assim, prefiro não fazer, juro por Deus. (Jair)

(...) a gente se estressava um pouco com ela quando ela estava trabalhando. Mas mesmo assim se divertia. O tempo passava mais rápido. Eu não sei, era diferente quando ela estava viva - o trabalho pra gente (...) Aí eu fazia questão de ficar um pouquinho aqui ajudava a ela, era assim e eu tinha prazer (...) Se eu pudesse eu nem vinha aqui. Eu venho aqui por causa delas e deles, não por causa da atividade. Por causa deles e não que seja no lugar dela, porque ninguém toma o lugar dela, mas eu fiquei assim numa responsabilidade, tá entendendo? Por eles, então eu tenho que tá compartilhando, entendeu? (Edi)

O trabalho artesanal apresenta-se em duas fases: um antes e um após o falecimento de Santa. Antes, evocava um sentimento de pertencimento, ainda que em respeito e gratidão à matriarca da família, que era o símbolo que unia toda a rede familiar. Havia “divertimento”, ausência de percepção da passagem do tempo, alegria, senso de ajuda mútua que evocava “prazer”. Após a morte de Santa o sentimento de abandono tomou conta de todos. Para Edi, não restou senão dar continuidade aos cuidados com os familiares, buscando neles o motivo para permanecer com o trabalho desenvolvido, ainda que no aspecto emocional, esteja

abalada e enfraquecida. Para Jair, o desejo de dar continuidade à tradição que lhe foi transmitida pela saudosa mãe.

Ainda que, ao longo dos vividos históricos, o corpo venha perdendo a sua real dimensão e importância, dando lugar ao exercício do intelecto, principalmente, a partir do surgimento do racionalismo moderno<sup>27</sup>, para a família Mercês, no entanto, há uma consciência de um corpo autônomo, segundo o entendimento deles. Pode-se fazer uma analogia com a construção da identidade de uma criança, que tem início no corpo, primeiro no da mãe, logo depois na diferenciação e na percepção de um “Eu” com um corpo individualizado.

#### 4.2 A família Mota: sofrimento e reinvenção do corpo

Outra forma em que o corpo, em parte, é empecilho para a prática do artesanato cerâmico é vivenciado por Max, um dos filhos de Ida e mestre Penso, em Maragogipinho. Ida comenta: “ele é esquerdo, e ainda tem a mão assim (mostra a mão levemente virada para trás), que não acostumou ele, que a mão tem esquecimento, às vezes cai, ele só sabe preparar com a mão...” Isto quer dizer que Max, sendo canhoto, não conseguiu aprender a trabalhar no torno, ferramenta importante para os artesãos desta comunidade, e que requer força e destreza física. Então ele é responsável pelo acabamento de algumas peças, como por alças em xícaras, ou modelar frutas, fazer porquinhos (espécie de cofrinhos), objetos onde o torno é desnecessário, isso quer dizer “preparar com a mão” num processo de modelagem. No entanto, Mestre Penso, cujo braço esquerdo, segundo ele, sofreu uma deformação ainda na infância, em nada interferiu em que desse prosseguimento à tradição da localidade, porque ele é destro, segundo sua própria hipótese.

Eu não nasci com defeito físico. Nasci bom, mas um dia nasceu aquele pé de cabelo, que dói como o quê no braço. Não tinham condições de levar no médico, passava aquele remédio pra ficar bom. Era (no) braço, era (no) pé, meus pais não tinham como me levar pra Nazaré, então fazia remédio caseiro. E o remédio caseiro verdadeiro mesmo pra sarar, é o sebo de carneiro, que você já ouviu falar. Mas eu fui crescendo, a junta (do braço) foi endurecendo, nos meus dois braços. Tinha uma senhora que era curandeira e tratava todo mundo aqui em Maragogipinho, há muitos anos que ela já morreu, chamava Senhorazinha e que curava o povo dessas doenças. Sabia todo tipo de remédio. Tudo ruim que aparecia no corpo da gente. Ensinava

---

<sup>27</sup> Tendo em René Descartes o seu precursor, o racionalismo moderno, com início no século XVII – época do chamado **grande racionalismo** –, esse pensador concebeu uma metafísica de muita influência até nossos dias. Trata-se da concepção de mundo que separa radicalmente **matéria** e **espírito**, ou **corpo** e **mente**, conhecida como **dualismo cartesiano**.(COTRIM & FERNANDES, 2016)

pra fazer o remédio. Sabe a maioria dos remédios caseiros? Agora que com a revolução aí, hoje tem tudo: tem médico, tem farmácia, tem remédio pra tal doença. Mas antes não tinha não! Você sabe disso. Não tô desfazendo não. Eu digo com toda a sinceridade: o certo é remédio do médico, que ele estudou ele sabe. Mas certa vez que ele vai tomando remédio caseiro, que ele também se curou de alguns problemas que ele tinha, eles se curavam dos próprios remédios que as mães faziam pra eles. Nós temos que ter: caiu doente - pegar um carro e levar pro médico. Quem sabe é ele, ele é médico e sabe tudo do corpo da gente, aí com o remédio em cima daquilo e a gente fica bom...(Mestre Penso)

O trabalho da memória permitiu Mestre Penso resgatar as lembranças doloridas de sua infância, quando é acometido de uma doença, que por falta de recursos da família, o tornou deficiente do braço esquerdo.

Ele, ao lembrar-se de como ficou com o braço esquerdo com sequelas devido a um tratamento caseiro que falhou, passa a não acreditar nesta forma de cura e a estabelecer para si que o suposto saber de cura, está naquele que “estudou,” ou seja - o especialista. No entanto, ele conseguiu aprender e dominar sua arte com o barro, principalmente como o domínio do torno, porque “era o braço esquerdo” que tinha sofrido o mal que o deixou com o membro mais curto que o outro, pois sendo destro, neste caso, em nada dificultou a sua aprendizagem.

Ida também apresenta o corpo como receptáculo que reflete os atos vividos, como segue na narrativa:

Eu acordo cedo e faço o almoço. Quando chega onze e meia eu vou em casa almoçar, porque se eu passar do horário de almoçar, me dá uma tontura ou tremedeira no corpo; às vezes, pela tarde vou mais cedo pra lavar roupa e estender na corda, no verão. É melhor pra mim pra organizar as coisa em casa, principalmente as roupas pra lavar. Se eu pudesse mim aposentava devido tantas peças que eu já bruni na minha vida: fornos e mais fornos. Já ando com as pernas cansada e as costas doendo. Se eu tivesse condições contratava duas pessoas pra bruni e também passar tauá nas peças. Eu já estou com 55 anos de idade e comecei pequena nessa função. Tenho mais de 40 anos fazendo isso! O corpo não aguenta...

Ela expressa a angústia de ter que dar conta da rotina dos serviços domésticos: “vou mais cedo, pra lavar roupa...” enquanto, por outro lado, tem muita encomenda para “brunir” e tudo isso se refletindo no seu corpo: “pernas cansadas e as costas doendo”. A responsabilidade com o cuidado com a família e com o trabalho artesanal é vivida com muita tensão, no entanto, ela reflete que mesmo se pudesse deixar o artesanato, não o faria, apenas “diminuiria o tempo de dedicação”, podendo “quem sabe se tornar um hobby” futuramente.

Husserl diz que quando eu estou voltada para o objeto, eu apreendo-o no aqui e agora, como se apresenta a mim. “O apreender é um destacar, todo percebido se dá sobre um fundo de experiência” (2006, p. 87), neste fundo em que a figura se destaca, outros elementos estão ali presentes, mas fora de nosso espectro de atenção. Ou seja, outros vividos estão ali dados à minha consciência, tudo aquilo que está de fato “no fundo”, só possível pelo “olhar do espírito”, de um objeto antes originário para outros “implicitamente” conscientes, os quais, com apenas uma mudança no olhar podem ser captados, porque se tornam explícitos para a consciência e como propôs Husserl, “são percebidos com atenção ou notados concomitantemente”. (idem)

Na fenomenologia, “consciência não significa, que a cada momento estejamos refletindo sobre os atos”, mas quer dizer que sabemos por viver cada ato (ALES BELLO, 2015, p. 27). “A consciência é a dimensão com a qual nós registramos os atos”. (ALES BELLO, 2006a, p. 34)

Desse modo, o corpo, como ato, surgiu como um aspecto significativo na vida dos membros da família Mota. Cada um trouxe nas narrativas, um corpo reconstruído, revivido e relembado. Um corpo que superou o sofrimento.

Ales Bello ao refletir sobre os atos, encontra a presença de um corpo que se relaciona com o mundo externo, ela complementa: “as coisas físicas são conhecidas através da corporeidade”. Mas o que é corporal nunca é somente corporal (Stein, 2005c). A presença da corporeidade própria aponta para a existência de uma vida interior, de uma vida presente que anima e dirige o corpo, que pode o tomar como instrumento de expressão, de ação e de intervenção na realidade criando novos objetos intencionados. A corporeidade enquanto “órgão da vontade” ou como “órgão da expressão”, remete à unidade da pessoa (STEIN, 2005c, p.796). Enquanto ser vivente, a pessoa possui um núcleo que anima e vivifica a corporeidade, ditando uma direção própria ao processo de desenvolvimento. (STEIN, 2005c)

A corporeidade é assim, para Ales Bello (2006a, p.37), o que está no começo de tudo, o que nos constitui e nos localiza no mundo. O que é corroborado por Barreira e Massimi (2003, p.103), quando dizem que “é preciso a participação efetiva do corpo e de sua experiência, já que é ali que a realidade inicia e finda seu sentido”; e por Rabinovich quando afirma que “os modos corporais seriam outras formas de intencionalidade e consciência, além da mente cognitiva.” (RABINOVICH, 1996, p.109)

Neste sentido, Ales Bello designa o corpo como tendo dois atributos, dois estados: o primeiro significando matéria – a carne, um corpo morto é só carne; o segundo como corpo vivo. (ALES BELLO, 2008, p. 67, tradução livre)

A carne é apenas o barro do corpo. O corpo na cultura de matriz afrodescendente pode ser compreendido a partir dos três princípios fundamentais da cosmovisão africana: diversidade, integração e ancestralidade. A diversidade do corpo inclui o que é de natureza biológica e cultural. É integração posto que é a condição de qualquer relação; é a base da interação intersubjetiva. É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. Ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que esta é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos. (OLIVEIRA, 2005)

Para Merleau-Ponty existe um corpo que compreende:

...essa fórmula parecerá absurda se compreender for resumir um dado sensível a uma ideia e se o corpo for um objeto (...) Compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação – e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo (...) o corpo é um mediador com o mundo. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 200)

Assim, para esse autor, a “relação do meu corpo consigo mesmo” vai convertê-lo em “um vínculo entre o eu e as coisas”. (1991, p. 183)

A coisa física anima-se - ou mais exatamente permanece o que era, o acontecimento não a enriquece, mas uma potência exploradora vem assentar-se nela ou habitá-la. Logo, toco-me tocante, meu corpo efetua "uma, espécie de reflexão". Nele, por ele, não há somente relação em sentido único daquele que sente com aquilo que sente: a relação inverte-se, a mão tacada torna-se tocante, e sou obrigado a dizer que o tato esta espalhado em meu corpo, que o corpo e "coisa que sente", "sujeito-objeto". (idem, p.184)

Deste modo, os entrevistados, como descrito neste trabalho, narram vivência do corpo, ora ligado ao corpo mesmo, como apontado por Jair; ora trazendo o corpo movido pela emoção, pelo intelecto; ora como vontade de um espírito que o habita.

A intencionalidade que liga os momentos da minha exploração, os aspectos da coisa, e as duas series uma em relação a outra não é a atividade de ligação do sujeito espiritual, nem as puras conexões do objeto, e a transição ao que como sujeito carnal efetua de uma fase do movimento para outra, por principio sempre possível para mim porque sou esse animal de percepções e de movimentos que se chama corpo. (idem, p. 186)

De toda sorte, Merleau não encontra a solução para a questão –o corpo tem seu próprio estatuto, como deixou implícito meu entrevistado Jair, quando disse: “**mas o corpo não deixa...**”? Ainda que ache a pista para ela, como acima proposto, o autor conclui: “a solução - se é que há solução, pode ser interrogar essa camada do sensível, ou nos acostumarmos com seus enigmas”. (idem, p. 185)

Depois de ter examinado um a um os fatores constitutivos do corpo, como significado nas narrativas das famílias e também nos aspectos teóricos dos principais autores apontados nesta pesquisa, descreverei o processo do trabalho artesanal vivenciado pelas famílias Mota e Mercês, a partir dos constructos científicos da Psicologia do Trabalho e das Organizações: comprometimento, entrincheiramento e motivação.

#### 4.3 O trabalho artesanal para as famílias Mota e Mercês

Eu acho assim, o trabalho meu é na minha casa, eu faço a hora que eu quero, quando eu quero (...) e um trabalho mesmo que eu tenho que fazer aquele mesmo negócio todo dia, pra mim ia ser cansativo, não dá, mesmo de carteira assinada... (Ida)

Aqui eu trabalho pra mim mesmo, eu sou o dono do meu trabalho, não tem patrão pra dizer assim: - venha mais cedo amanhã... (Mestre Penso)

Eu trabalhar pros outros pra ficar tomando carão? Não sou desse de ficar tomando dura dos outros, não aguento, aqui eu trabalho o dia que eu quero, vou até a hora que eu quiser, não digo nada a ninguém, ninguém me diz (...) Eu agradeço tanto a Deus esse dom aqui ó, saber fazer panela pra ganhar o pão de cada dia... (Jair)

As narrativas acima giraram em torno do constructo teórico-metodológico com ênfase no comprometimento, entrincheiramento e motivação para o trabalho entre as famílias artesãs. Essa discussão tem importância na medida em que elenquei, nesta tese, dados conclusivos dos estudos desenvolvidos por Aguiar (2016) e Rodrigues e Bastos (2012), já apresentados na metodologia.

Percebi o quanto o trabalho com o artesanato, ainda que cansativo na opinião dos entrevistados, ainda é melhor que qualquer outro, pela liberdade (ou uma pseudo-liberdade?) que lhes oferecem no cotidiano e por poder conciliar com as atividades familiares. Para um é o “dom que Deus deu” que deve ser valorizado; para outros, representa a “liberdade” de decidir onde e quando realizá-lo. O diálogo a seguir reafirmará ainda mais essa questão da liberdade de “escolha”.

- Ida, por que você está em casa?
- Tô descansando, é minhas férias. Porque trabalhei muito: assim, no ano eu me dou 15 dias, eu dou três vezes no ano. Quinze dias de folga pra mim! Eu mesmo que me dou: de São João eu me dou 15 dias, Natal eu dou 15 dias, não trabalho e Semana Santa quando venho de Nazaré das Farinhas, fico 15 dias em casa descansando.
- E seu filho e marido fazem a mesma coisa?
- As outras pessoas não. Rodrigo já está trabalhando, ele começou segunda-feira. E Penso tá fazendo os objetos dele por fora, é o ganho dele e talvez comece na próxima segunda-feira porque já chegou o barro. Ele vai ter que voltar, nem que seja brigando, pintando, bordando e xingando! Eu digo que tem que fazer na raça. É chato, é difícil... (diálogo entre Wanderlene e Ida)

O diálogo acima ilustra um dos poucos momentos da pesquisa, onde encontrei Ida na própria residência, visto que na maioria das vezes, a mesma só fora encontrada na olaria da família. Neste dia ela contou-me que tinha “tirado férias de 15 dias”, porque estava cansada. Esse comportamento se repete a cada retorno de participação em feiras de artesanatos, segundo a informante. No entanto, não é regra para toda a família Mota, pois o esposo e filhos não costumam fazer isso. Havendo, inclusive alguma exigência da esposa em relação ao marido. No entanto isso se deve, segundo ela, porque o cônjuge, ao retornar das feiras de artesanato, busca realizar trabalhos à vulso em olarias de artesãos amigos, descuidando-se da necessidade de retomar a confecção dos objetos que serão comercializados pelos familiares.

Para a maioria dos participantes, não há muita diferenciação entre os comportamentos relacionados ao trabalho e relacionados à família. No entanto, a proscratinação e a “preguiça” de um dos cônjuges, da família Mota, tem sido considerada um fator de desarmonia na relação conjugal. Por exemplo, Ida queixa-se do esposo:

- Ele deixa de fazer pra família pra fazer pros outros...
- Ah! Eu me estresso, fico nervosa, ele começa a xingar, a mentir pra mim, aí eu isolo, entrego nas mãos de Deus (...) Aí eu deixo pra lá, se todo dia criar confusão por causa de trabalho... (Ida)

Na família Mercês os conflitos são causados porque alguns membros não se sentem realizados com o trabalho da cerâmica:

- Ele (Jair) acaba com a gente porque a gente só faz o sururu, aí deixa ele lá sozinho (trabalhando com o barro). Ele começa a falar, começa a xingar, começa (...). Outro dia eu disse: - olha, quando tiver louça não chama a gente

não. Aí ele (Jair) brigou com a gente, aí tirou a gente de trabalhar na louça, aí foi uma maravilha pra gente, aí a gente tava focado aqui no sururu (...) (Edi)

Em outros momentos, nesta mesma família, os conflitos são gerados pelo comportamento visto como inadequado para os demais integrantes:

Tem dia que me escondo e digo que já tomei banho, ela pega no meu pé, eu vou cheio de ódio pra tomar banho...(Jair)

Aí ele vai, xinga a gente toda. (Edi)

Ao relembra-los esses episódios os entrevistados riam muito das histórias contadas. Vale ressaltar que em alguns momentos, as entrevistas e conversas etnográficas eram realizadas com o grupo familiar, que sempre estavam realizando suas atividades laborais.

Diante do exposto, há uma possibilidade de seguir alguns parâmetros empresariais (benefícios), no entanto, trata-se muito mais de uma escolha particular de alguns membros da família que uma regra da comunidade. Por exemplo, ter dias de folgas, seja nos feriados, em caso de adoecimento, aos domingos, após participação em feiras dentre outros.

Na relação trabalho-família, os poucos conflitos identificados, estão relacionados a alguns comportamentos e personalidades específicas de alguns dos membros integrantes, como por exemplo, o uso de bebidas alcoólicas, cuidado com o corpo (“não gostar de tomar banho”), dentre outros. As atividades domésticas são avaliadas como “uma obrigação”, assim como as atividades artesanais como uma “responsabilidade, necessidade e compromisso”. Na família Mercês, as atividades laborais são realizadas no âmbito da casa, existindo aí um processo de simultaneidade, que torna mais complexo identificar ambos os âmbitos da vida das pessoas. Por exemplo, ao mesmo tempo em que as mulheres estão catando o sururu, preparam o almoço da família.

No entanto, quanto à interface positiva entre trabalho e família (IPTF), percebi que as atividades laborais tendem a aproximar mais os membros familiares: “quando tem feira todo mundo vem ajudar...” (exemplo: Feira dos Caxixis, Feira de Itaparica); o mesmo ocorre quando a relação é oposta, ou seja, interface positiva família-trabalho (IPFT): “Iolanda sempre vem me ajudar na casa, porque chego cansada da olaria...” (Ida); “Todo mundo ajuda na limpeza da varanda...” (Edi); “Eu acho que dá pra unir também. A gente aqui mesmo tá um zangado com o outro, dá para unir porque um vê o outro trabalhando não vai deixar ele se matar sozinho, né! Aí vai e ajuda! Entendeu? Termina fazendo as pazes no trabalho.” (Jair)

De acordo com Greenhaus & Beutell (1985), a relação que envolve conflito trabalho-família ocorre devido à incompatibilidade entre os papéis sociais realizados em ambos os setores da vida dos indivíduos. Esse fator pode ser observado, nas famílias artesãs, apenas quando a questão é de gênero: os papéis sociais aprendidos pelas mulheres ao longo da história da sociedade, impendem-nas de ver outras soluções, que não aceitar o próprio destino. Durante as entrevistas, tanto Ida (Família Mota) quanto Edi (Família Mercês), expressaram essa questão com certa ambiguidade; como um problema em suas vidas, porque precisam conciliar as tarefas domésticas às tarefas com o artesanato, no entanto, aceitando a tarefa doméstica como um processo “natural”.

Vale acrescentar, que alguns itens do instrumento relacionado ao entrincheiramento e relação trabalho-família não faziam sentido para os entrevistados, sendo necessário mudar a forma de arguição, e/ou as respostas não tinham ligação direta com a questão proposta:

- Os comportamentos que você utiliza para solucionar problemas no trabalho não são efetivos para solucionar os problemas de casa?
- Eu me estresso, fico nervosa, ele começa a xingar...

(Diálogo entre Wanderlene e Ida)

Ficou evidente que não há distinção entre trabalho e família para os grupos participantes em ambas as comunidades: “é tudo junto”, “tudo é família”, de acordo com as narrativas familiares.

Foi possível perceber, pelos discursos, que os membros das famílias não se sentem “entreincheirados” em suas atividades laborais, nem mesmo os jovens, em Coqueiros, integrantes da família Mercês, quando expressaram o desejo de trabalharem com “carteira assinada”, buscando “um futuro melhor”. Pois, como já apontei anteriormente, o entrincheiramento ocorre quando um indivíduo não encontra motivação para buscar outro percurso profissional (SCHEIBLE, BASTOS e RODRIGUES, 2013; AGUIAR, 2016). O que não é o caso dos jovens apresentados, pois ainda estão apostando na escolaridade (a maioria está no ensino médio), buscam cursos de qualificação (uma das filhas de Edi está realizando o curso de técnico em enfermagem) e empregos em áreas próximas (já trabalharam em restaurante e oficina mecânica), visto a falta de outras oportunidades no próprio Distrito. Os mais velhos não cogitaram em nenhum momento buscar alternativa de trabalho caso tivessem oportunidades.

- Jair, você se acha capaz de realizar outra atividade, como por exemplo, trabalho de carteira assinada?

- Não quero! Não quero! Eu agradeceria arranjar pros meus filhos, mas pra mim mesmo não quero. Eu tiro muito mais aqui. Trabalhar pros outros? Vou ficar tomando carão! Não sou desse de ficar tomando dura dos outros. Não aguento. Aqui eu trabalho o dia que eu quero, a hora que eu quero. Vou até a hora que eu quiser. Não digo nada a ninguém e ninguém me diz nada. Entendeu? Deus é mais trabalhar pros outros! Eu agradeço tanto a Deus que me deu esse dom aqui ó(olhe), fazer panela pra ganhar o pão de cada dia.

(Diálogo entre Wanderlene e Jair)

Mestre Penso deixou evidente que ainda com uma formação de técnico em contabilidade e sendo “bom datilógrafo”, nunca pensou em desistir do artesanato cerâmico em detrimento dessa profissão. Ida pontuou que lhe foi oferecida um trabalho na Prefeitura, mas que não aceitou porque prefere “trabalhar por conta própria”.

Diante disso, ratifico que a afirmação da identidade cultural construída a partir do modo de vida, a identidade coletiva consolidada em ambas as comunidades e os sentimentos de enraizamento e pertencimento a uma tradição representam a reelaboração cultural desses grupos como estratégia para a luta do reconhecimento de que suas famílias são detentoras de um saber ancestral, inclusive que possa incidir sobre seu futuro e dos membros familiares: por exemplo, através das políticas públicas para a aposentadoria e outros benefícios que não são atribuídos ao fazer artesanal, que tem sido uma questão apontada pelos participantes.

Santa: me aposentei como marisqueira, né, a minha profissão aqui é marisqueira...agora todo mundo trabalha na cerâmica, mas não pode aposentar nisso né...

Mestre Penso: (...) não posso me aposentar como oleiro, mas meus documentos tá tudo pela pesca que minha mãe deixou pra mim...

Percebe-se que, na medida em que não podem ter os direitos garantidos por lei, através do ofício de artesãos e burnideiras, todos recorrem à pescaria-mariscagem, como acima descrito pelos participantes das comunidades de Maragogipinho e Coqueiros. No entanto, algumas pessoas se cadastram na Associação de Pescadores e Marisqueiras, mas não exercem de fato esta atividade. Questão que me foi confiada por Santa, lamentando-se que poucas pessoas da comunidade exercem ambas as atividades artesanais (cerâmica e pescaria) como ela e a família:

Santa: (...) aqui tem um bocado (de pessoas) que não pesca, vai na beira da maré, tem medo até de sujar as mãos (de lama) [...] quem não pesca tem as unhas todas feitinhas, lisinhas.

Com isso, penso que a manutenção de uma “identidade forjada” na atividade pesqueira deva ser analisada pela ótica dos artesãos ceramistas, devido a como foi evidenciado aqui, à falta de políticas públicas que os amparem na velhice.

Enquanto isso a família Mota, que é eminentemente artesã ceramista, vê nas feiras de artesanato uma ótima oportunidade para angariar recursos financeiros, como apresentarei a seguir.

#### 4.3.1 “É uma coisa que desaperta a gente”: as feiras de artesanato oportunizando o trabalho na família Mota

Em Maragogipinho, as famílias e a comunidade se organizam na realização do trabalho artesanal numa perspectiva de participação em duas grandes feiras que acontecem no ano: a Feira dos Caxixis, no período da Semana Santa, e as feiras em outras cidades, na semana Junina. No entanto, algumas famílias, de forma mais independente (da comunidade), participam de outros eventos festivos em cidades do Recôncavo Baiano. A exemplo, a Festa de Itaparica<sup>28</sup>, onde, apenas a família de Ida teve participação no ano de 2018 (foi esta a primeira feira de artesanato da qual participei no trabalho de campo).

Oh minha filha, o melhor é as feiras que eu vou, eu gosto, porque é uma coisa que eu gosto de ir, mas também, é uma coisa que desaperta a gente. (Ida, 2018)

A minha primeira incursão em Feiras de Artesanato como pesquisadora foi na Festa de Itaparica, que acontece todos os anos, no mês de janeiro. Ida já tinha anunciado que gosta

---

<sup>28</sup>Mesmo depois do Grito do Ipiranga em 7 de setembro de 1822, o Brasil continuava sob ataque dos portugueses. Assim, em algumas cidades baianas diversas batalhas foram travadas para expulsar os portugueses que aqui se encontravam. Assim, em Itaparica a luta foi protagonizada pelo povo, representado pelo caboclo, que faz alusão aos negros, pescadores, marisqueiras. O que aconteceu na vila naquele 7 de janeiro de 1823 foi decisivo para que o Brasil se tornasse finalmente independente de Portugal. A festa da Independência de Itaparica é o orgulho maior do povo local, assim como Barros Galvão, João das Botas e Maria Felipa, valorosos guerreiros, fundamentais para a conquista. Desse modo, a festa conta com diversas programações que se estende de 05 de janeiro à 27 de janeiro. Dentre estas programações, ocorre a Feira de Artesanato nos dias 06 e 07 de janeiro. – (SENA, 2018. Disponível em <http://diarioconquistense.com.br/2018/01/08/7-de-janeiro-data-maior-de-itaparica/>).

de participar das feiras onde estas acontecem, e que seria a segunda vez que fará a exposição e comercialização dos produtos.

Eu tô correndo pra ver se dá pra eu e o pai dele ir, aí vou lutar pra levar pouca coisa, pra pegar um trocadinho, entendeu? Ano passado foi tão bom, mas esse ano, o rapaz que deu apoio a gente não tá mais na Prefeitura (de Itaparica). (Ida)

Com essa situação de não ter uma pessoa que a ajudasse a participar da Feira em Itaparica, a família ficou desmotivada. Foi então que Ida teve um sonho, onde Deus mostrando-lhe que deveriam participar dessa Feira: "Deus me mostrando assim, que eu tinha que participar de uma feira, aí de manhã eu falei, chamei meu menino (Rodrigo) pra nós correr atrás, faz uma coisa que der, pega da olaria, pra semana ele me ajuda a aprontar". Logo, Rodrigo também fica entusiasmado e toda a família começa a trabalhar muito, para em duas semanas estarem com produtos o suficiente para a comercialização.

Para a participação das feiras é necessário que toda a família esteja engajada na produção dos objetos. Assim, percebi em visitas de observação essa movimentação em torno das feiras. "Nós organizamos o material para cada feira, com antecedência, quando dá, mas às vezes, temos que pegar o que tem aí (na loja-olaria)". (Mestre Penso)

Nem sempre todos os membros da família participam da exposição nas feiras. Nesta, acima citada, por exemplo, apenas Ida e seu filho Rodrigo estavam presentes, cada um com a sua barraca, e uma amiga, convidada de Ida.

Saímos ainda na madrugada do dia 06 (de janeiro), de Maragogipinho, com um carro fretado por R\$600,00 ida e volta. Entramos antes, em contato com a Secretaria da Cultura. A Prefeitura de Itaparica, deu pra nós uma casa, um pouco mais pra lá pra cima, mas pra comer e beber água é por nossa conta mesmo!

A Secretária me ligou já em cima da hora, foi tudo nas pressas, sabe! Acho que foi muito desorganizado este ano, houve um problema na logística, não foi liberada as tendas padronizadas e por isso muita gente não veio. O ano passado foi melhor, tinha de tudo aqui, foi mais organizado. (Ida)

A baixa representatividade dos artesãos de Maragogipinho é vista como um problema, para Ida e sua família, "porque afugenta os compradores, que gostam de ver muita coisa de artesanato". Mas, esse fator foi causado pela "desorganização da logística da Prefeitura de Itaparica". Outro problema que na concepção de Ida e Rodrigo, "pode impedir

de voltar no ano que vem”, foi a acomodação das duas (e únicas) famílias participantes. “O local é muito longe” de onde eles estavam expondo os produtos, e por se tratar de “ter que subir uma ladeira enorme”, o que gera maior cansaço físico dos entrevistados, corroborando com a desmotivação destes, na participação em feiras futuras naquela localidade.

Pouco caso é dado às essas pessoas que vivem da cultura local, como os artesãos. Percebe-se que a família precisa custear a própria participação nesses eventos.

Nas figuras 14 e 15, pode-se ver que a pequena barraca não comporta todos os objetos que a família levou para a exposição. A estratégia é organizar as peças maiores no chão, como as panelas de barro e vasos de plantas, todos colocados na sombra de uma enorme árvore, que ali servia de cobertura e única proteção para os expositores, o que minimizou um pouco o problema do forte calor que fazia.



**Figura 14:** Rodrigo e sua barraca. Local Itaparica. 2018.  
Fonte: Acervo pessoal.



**Figura 15:** Festa de Itaparica. Panelas e tachos de barro da família Mota.  
Fonte: Foto da autora- 07 de janeiro de 2018.

Ida queixava-se das dificuldades de participar dessas Feiras, mas que por outro lado, gostava muito.

Wanderlene: Por que você gosta de participar das Feiras de Artesanato?

Ida: É uma coisa que desperta a gente. A gente diz assim: - vou pra essa feira, vou deixar aqui um débito, quando vier, pagar com esse dinheiro. Os meninos diz: -Mãinha porque toda vez que você vai numa feira é pra pagar? -O que vou fazer? Agradecer a Deus. Eu não compro um cabo (de vassoura) pra minha casa que o dinheiro não dá. Quando vier é só pra pagar o que deixo aqui, é luz, é água, é gás e mercado pra minha casa. Já é coisa de família. Como uma irmã minha, também é a mesma! É isso, é aquilo outro, quando eu vejo não tenho um tostão e às vezes fico até devendo. Como agora eu agradei a Deus, quando vim dessa agora, vim de lá de Conceição de Almeida ( refere-se à Feira de Artesanato na Festa de São João), o dinheiro que fiz, foi todo pra pagar, não fiquei com um tostão, pra eu investir em nada. Tirei o do barro, mas tenho que pagar. É agradecer a Deus, pior se

eu não pudesse pagar o que deixei aqui. Eu disse aos meus filhos: - um dia Deus vai me abençoar, de eu ir pra Feira e dizer (Deus): -Minha filha, você vai fazer tal coisa com esse dinheiro seu, você não vai pagar nada, que deixou tudo aqui.

Wanderlene: Você tem ideia de quantas Feiras você participa durante o ano?

Ida: Eu fui em quatro esse ano (que passou), eu fui também em Ituberá em Novembro, eu quero ir de novo esse ano (2018). Em Ituberá não deu boa não, no ano passado não deu boa porque não teve a colheita do cravo, mas dizem que esse ano vai ter. Com a colheita do cravo dá melhorzinha, eu quero ir...

(Diálogo entre Ida e Wanderlene)

No diálogo acima, Ida coloca toda a fé em Deus, revelando, assim, um contexto envolvido por uma crença religiosa, que lhe dá substância e que lhe possibilita lidar com circunstâncias cotidianas em atos de vivências que demandam alguma solução.

## A Feira dos Caxixis



**Figura 16:** Exposição na Feira dos Caxixis no ano de 1993. Expositor Amilton Sales.

Fonte: Acervo da autora (permitido a publicação).



**Figura 17:** Feira dos Caxixis ano 2018. Barracas da família Mota. Ida e a nora ao fundo. Eu como observadora.

Fonte: Acervo da autora.

As feiras de artesanatos são uma boa ocasião para os artesãos e artesãs venderem seus produtos, obtendo uma renda e uma melhoria da situação cotidiana, como apontou Ida.

A Feira dos Caxixis data de mais ou menos 300 anos. A história oral aponta seu surgimento com o escravo e oleiro Patrício, residente na vila de Maragogipinho, que um certo dia resolveu levar as peças de barro em miniaturas, denominada de caxixis, para vender na cidade de Nazaré, no período da Semana Santa: como obteve sucesso nessa empreitada, no ano seguinte, convidou outros oleiros a fazerem o mesmo. (MOTA, 2011)

Todos os anos, então, é realizado a tradicional Feira dos Caxixis, que apesar do nome, os objetos comercializados são de tamanhos, configurações e utilidades diferentes. Na figura 17 é possível perceber (numa das barracas da participante desta pesquisa), os diversos objetos de barro, como jarros, vasos para plantas, fruteiras, bem como os caxixis, que de acordo com Ida é o “que vende mais”. Nesta imagem é possível perceber a alegria da participante (fundo da fotografia), enquanto eu estou a observar.

Percebe-se, comparando as figuras 16 e 17, que houve poucas modificações na forma de exposição das peças: ainda que os participantes recebam suas barracas cobertas por lonas, a maior parte das peças é colocada diretamente ao chão, pois os artesão(ãs) não recebem barracas para expor o número de peças que gostariam. Vale ressaltar que a Feira é coordenada pela AAMOM (Associação do Auxílio Mútuo dos Oleiros de Maragogipinho) em conjunto aos órgãos municipais responsáveis pela disseminação da cultura popular (Secretaria da Cultura e do Turismo) dos municípios envolvidos (Aratuípe e Nazaré).

A Feira dos Caxixis tem um forte apelo religioso devido às comemorações da Paixão de Cristo e da Páscoa: no entanto, as peças ali dispostas não têm esse cunho religioso, ainda que algumas peças sejam representações santeiras. Assim, a parte profana e a parte sagrada da festa são realizadas concomitantemente. Durante o dia os turistas e moradores podem fazer suas compras na Feira de Artesanato e/ou participarem das missas na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, enquanto durante à noite podem participar dos shows promovidos pelo gestores da Prefeitura de Nazaré. Sem dúvida, para as famílias, esse é o evento mais esperado no ano, seguido das Feiras realizadas em vários municípios baianos.

Normalmente, a comunidade de Maragogipinho participa da Feira na Festa de Cachoeira que já se constitui como tradicional. Esse evento é denominado de Feira do Porto e diversos artesãos de várias regiões da Bahia e do Nordeste comercializam seus produtos. No entanto, a família Mota, como já eu dissera, tem buscado, a cada ano, um novo local para expor e vender seus produtos.



**Figura 18:** Exposição de artesanatos em duas barracas pertencentes à família Mota. Conceição do Almeida, 2018.  
Fonte: Acervo da autora.

### A Feira de Conceição do Almeida

A família Mota há alguns anos, no período junino, vem participando de feiras em outras cidades, como em Amargosa (2017) e Conceição do Almeida (2018) conforme pode ser visualizado na figura 18. Segundo eles “a feira de Cachoeira é muito concorrida” e “não dá lucro”.

Essa foi a terceira Feira de Artesanato em que estive como observadora participante, possibilitando-me perceber as dinâmicas e os significados construídos pelos familiares, bem como a relação família-trabalho. Nesta feira estavam presentes quase todos os membros da família, incluindo-se as noras. A única exceção foi a filha Iolanda. No entanto, ela teve uma participação indireta na atividade, pois foi a responsável por entrar em contato com os gestores da Prefeitura local buscando angariar patrocínio para a participação da família. Além dessa participação bastante efetiva, Iolanda também realizava visitas diárias, buscando apoiá-los na medida do possível.

Vale ressaltar que, apesar deste município já contar com a tradição das festas juninas, que são procuradas por turistas devido a participação de bandas e cantores famosos no Brasil, esta foi a primeira feira de artesanato instalada na localidade.

Ida e o esposo relataram como foi a recepção da família pelos gestores da cidade:

Pegamos muita chuva ao chegarmos aqui. Mas fomos bem recebidos. Estamos gostando! (Ida)

- Verdade! Até o Prefeito foi ali (no palco armado em frente às barracas de louça) e falou da gente. Contou a nossa história e pediu ao povo pra prestigiar o nosso artesanato (...) Isso nos encheu de orgulho né. (Mestre Penso)

Observei o quanto todos estavam satisfeitos por estarem ali, principalmente pelo tratamento recebido pela equipe da Prefeitura que nem os conheciam, embora já tinham conhecimento da fama da cerâmica de Maragogipinho.

Ida me relata com muito entusiasmo alguns detalhes de sua estadia:

Você precisa ir ver onde ficamos (alojados). É numa escola toda organizada. Disseram que vai até pagar um carro pra levar as coisas de volta pra Maragogipinho. Nós pagamos pra vim, mas até isso o Prefeito disse que vai reembolsar. Se quiserem nós aqui de novo, com certeza no ano que vem nós voltamos. (Ida)

Ao dizer que o Prefeito vai “reembolsar” a família pelos gastos que tiveram com transporte das mercadorias, ela faz uma comparação entre a alta receptividade que sua família teve nessa cidade em relação à baixa receptividade ocorrida em outras cidades cuja participação se deu em anos anteriores.

Acompanhei Ida e uma amiga que ela convidara para participar também da feira até à escola onde ficaram alojadas. Foi disponibilizada uma sala de aula que deu para acomodar ambas as famílias, como pode ser visto nas figuras 19 e 20, além de acesso à cozinha, onde puderam utilizar a geladeira, o fogão e outros objetos necessários para a estadia deles, além de água potável e filtrada e energia elétrica.



**Figura 19:** sala de aula disponibilizada para servir de quarto para as famílias artesãs, em Conceição do Almeida. Junho de 2018.

Fonte: Acervo particular da autora.



**Figura 20:** Barraca instalada dentro de uma sala de aula disponibilizada para servir de quarto para as famílias artesãs em Conceição do Almeida. Junho de 2018.  
Fonte: Acervo da autora.

As feiras de artesanato constituem-se um *modus operandis* para a busca de um benefício financeiro que vá além das vendas corriqueiras, funcionando como uma poupança trabalhada, cujo dinheiro adquirido serve para custear as dívidas adquiridas e que não são passíveis de serem quitadas com a renda mensal da família, como acrescenta Ida: “o dinheiro foi todo pra pagar, não fiquei com um tostão, tirei o do barro, tenho que agradecer a Deus! Pior se eu não pudesse pagar”.

Todos os membros da família Mota têm outras estratégias para angariar mais fundos, além das feiras de artesanatos. Por exemplo: Mestre Penso realiza trabalhos avulsos em outras olarias. Ele diz: “além disso, aqui eu ganho o meu dinheiro por fora, aqui ninguém entra em nada...” Ele explica que esse “dinheiro extra” é para seu próprio consumo, como por exemplo, comprar bebidas e se divertir com os amigos; seu filho Rodrigo realiza trabalhos extras como barbeiro; a filha Iolanda vende doces e salgados na freguesia; e o filho Max tem um emprego formal numa Loja de Materiais de Construção na Ilha de Itaparica. Porém todos eles atuam juntos em feiras de artesanatos na região, ainda que de forma indireta, como no caso de Iolanda.

No período da Semana Santa esta família se reúne para participar da tradicional Feira dos Caxixis. Na figura 17 estou observando a participação da família nesta Feira. Sentadas à direita encontra-se Ida e à esquerda, Haiana, sua nora.

Ao final do primeiro semestre, com a chegada das Festas Juninas, a maior parte das famílias artesãs de Maragogipinho, migram para regiões próximas, onde esse evento religioso faz parte da tradição. Desse modo, como já mencionei, a família Mota decidiu por conta própria buscar outras alternativas de participação. Assim no ano de 2018, a partir de diversos contatos com alguns municípios próximos, encontraram apoio no município de Conceição do Almeida. É importante ressaltar que esta tarefa foi realizada por Iolanda, único membro da família que não lida com atividades ligadas ao barro. Segundo ela, buscar apoio para a família participar dos eventos é uma forma de interagir com a tradição que lhe é legada, ainda que não seja diretamente. No dia em que fui observar a família nessa localidade, Iolanda estava presente e contou-me que foi “verificar se todos estavam bem e ajudá-los nas vendas”.

Conceição do Almeida, situada a 65 km de Maragogipinho, e 160 km de Salvador (capital), tem como maior evento cultural a Festa de São João: no entanto, diferentemente de outras cidades interioranas (Amargosa, Cachoeira, dentre outras), nunca tinha realizado uma feira de artesanato neste período festivo. Daí a família Mota ser a primeira a inaugurar tal evento.

Quando cheguei nesta localidade encontrei Rodrigo e a noiva ocupando uma barraca coberta de lona. Bem próximo havia outra barraca ocupada por uma amiga da família. Ida, Mestre Penso, Max e a esposa se organizavam em outras duas barracas.

No momento, o tempo estava bom, o céu azulava com poucas nuvens, já estava entardecendo, no entanto, Quine (noiva de Rodrigo) informou que “pegaram muita chuva na quinta-feira, quando chegaram”.

Observei como esta família lida com as tensões e riscos. Percebi por exemplo, que Haiana (nora de Ida), tem voz ativa no grupo. Em certo momento ela convoca o sogro para que junto ao seu esposo Max, organizassem os objetos de cerâmica, as caixas de papelão e os papéis que usam para embrulhar as peças. Ela solicitou que esses materiais fossem guardados debaixo das suas barracas, visando a melhorar “o visual” do local. Embora essa tarefa não fosse nada fácil para ela porque seu sogro reclamava de não poder se agachar para arrumar as peças. Ao final das lamentações realizou a atividade.

Num diálogo com a nora, Ida informa que as frigideiras em formato de peixe não são fáceis de vender, mas é retrucada por esta, que diz ser o dia de domingo um bom dia para vender estes objetos, porque “o povo vai fazer uma moqueca”. Nesse momento, os sorrisos de

todos demonstram um misto de fé e alegria, pelos mais jovens e de ironia e pessimismo nos mais velhos. Outro fato que também causa alguma celeuma no grupo é com respeito ao valor atribuído às peças. Enquanto Mestre Penso diminui o valor o quanto pode é retrucado pela esposa Ida, que olha para mim e fala: “-Olha Lene, ele quer vender por bagatela, só pra dizer que vendeu tudo!” Essa fala é seguida pelos risos pueris dele, que apontando para as barracas, diz: “quero vender tudo aí, vou vender tudo”. Nesse momento, já num tom sereno, reclama que não terá como vender tudo se os objetos permanecerem guardados em sacos e caixas. No entanto, percebe-se, como mostrei na figura 18, que não há mais espaços para dispor dos objetos à vista do público.

#### 4.3.2 “Nem tudo é feira de artesanato”: outras formas de vender os produtos artesanais

Além das feiras de artesanatos ligadas às festividades religiosas, também os produtos do barro produzido em Maragogipinho podem ser encontrados na conhecida Feira de São Joaquim em Salvador, principal local de escoamento dos objetos fabricados. Mas não só Maragogipinho, Coqueiros também participa de boa parte dos produtos ali comercializados. Em tempos remotos o transporte desses produtos era feito por canoas e saveiros, através da via fluvial-marítima, devido, como já fora falado aqui nesta tese, a presença de dois importantes rios do Recôncavo Baiano, como descrito por Ferreira (1893),

O Reconcavo que he todo retalhado de muitos rios navegaveis, portos, e muitas ilhas; o que tudo faz a mais bella e pithoresca vista: com razão de se lhe pode chamar o pequeno Mediterraneo do Brasil. D'alli vem para a cidade abundancia de mantimentos, e produto das safras do assucar, tabaco, algodão, só isto nenhuma riqueza, porque nenhuma outra Província do Brasil tem um interior navegavel, e interessante como este. (FERREIRA, 1893, p. 122)

Atualmente, o transporte das mercadorias é feito via terrestre, o que tem encarecido muito o produto e diminuído o lucro dos artesãos, além de aumentar as perdas de objetos pela falta de um bom acondicionamento. Nos Distritos percebi a dificuldade dos artesãos em obter alguma forma mais econômica para colocar seus produtos quando efetuam a venda. Geralmente, são utilizadas caixas de papelão, que ora são comprados ou doados pelos comerciantes locais. Alguns também utilizam caixas de madeiras que são compradas em feiras livres em cidades próximas, mas segundo os participantes da minha pesquisa, esse modelo encarece bastante o produto e que nem sempre é possível repassar para os compradores. Devido ao tipo de material confeccionado e a facilidade com que são quebrados

durante o manuseio e transporte é necessário que sejam embalados em papéis, geralmente jornal velho, ou outro tipo comprados pelos artesãos e artesãs.

Percebe-se que o trabalho no artesanato é uma opção de vida para as famílias de Maragojipe e Coqueiros, o que as identificam enquanto cidadãos, pertencentes a uma comunidade. Santa disse que incentiva os netos e noras-netas a trabalhar com o barro e o marisco que é em sua opinião: “melhor que com carteira assinada, porque vai ganhar mais”. No entanto, seus jovens netos não concordam. Almir, disse que prefere encontrar um trabalho formal que trabalhar na cerâmica, no entanto, entre o barro e o marisco, prefere este último, para desgosto do seu pai (Jair) que tentou ensinar os filhos a fazer as “louças”: atividade que eles “não quiseram aprender”. A mãe dos jovens (Edi) também diz não gostar muito dessa atividade, preferindo o catado do sururu:

A gente sabe dar o acabamento, mas fazer a gente não sabe, ele (Jair) ainda tentou ensinar a minha filha, tentou ensinar a minha nora, mas elas não pegaram jeito não [...] Ele (Almir) fica fazendo um biscate, pesca, fica enrolando, e quando o pai chama ele fica enrolando, até pra burnir ele não quer...

Enquanto Jair relembra-se de como aprendeu e o que transmite para seus filhos.

Aprendi com minha mãe, botei meu filho pra fazer, ele fez duas peças, tortinha, eu fui e endireitei, (fala para o filho) tome tá que trabalhar com isso aqui é melhor que tá trabalhando pros outros [...]é melhor que eu tá trabalhando pros outros, mil vezes, graças a meu bom Deus, o que ele tira em um mês eu tiro em dez dias...

Jair, assim como sua mãe sempre transmitiu aos filhos (e netos/as) que é possível viver do trabalho do artesanato. Ele diz: “o que ele tira em um mês eu tiro em dez dias”.

Almir, (filho de Jair) que até o ano de 2018 estava cursando o 2º Ano do Ensino Médio numa escola pública da localidade, confirmou o que dissera seu pai e sua madrasta a respeito deles não terem interesse em continuar a tradição da cerâmica: “Pra ter um futuro melhor, não penso em ficar em pesca, penso em trabalhar em algum lugar numa empresa, loja, pra crescer futuramente, ter um futuro melhor”. Em outro momento, ele afirma que gosta mais da atividade do catado que do polimento das peças de cerâmica. Esta alternativa também é compartilhada pelos outros membros da família, com exceção de Jair e Paulo (o padrasto de Jair).

No entanto, enquanto Santa vivia, essas queixas eram mais silenciosas. Em certo momento da minha observação participada, parte da família (Almir, sua esposa e Edi) estava fazendo o catado do sururu, na parte externa da varanda, enquanto Santa e as noras, estavam na parte interna, fazendo as peças de barro (Santa) e burnindo (as noras). Neste momento perguntei a Almir de qual atividade ele gostava mais de realizar, então, sussurrando, ele confidenciou-me que era o que estava fazendo no momento. Percebi que havia muito respeito de todos para com ela (Santa), mas a sua morte só fez aumentar a dúvida deles quanto ao querer trabalhar com a cerâmica. Já em outro momento de entrevista, Edi relatou-me que todos ali da família, com exceção de Jair, não gostam da atividade com o barro, preferindo lidar com o pescado.

Todo mundo aqui, só ele mesmo (Jair), todo mundo aqui desgostou, eu mesma pra vir aqui no dia que não tem isso (o catado do sururu) eu fico doida, porque eu sei que vai ter louça e eu não quero, eu nem fico mais com ele lá dentro (da casinha), eu fico aqui um pouquinho (na varanda), vou em casa fazer alguma coisa e depois volto.

[...]

(chora), eu acho assim que a gente passou a desgostar mais do artesanato, a gente queria parar, eu tô falando por mim, tá entendendo, porque eu não gosto, eu não gosto, eu me apeguei assim, eu encontrei um refugio nisso aqui (o catado), eu nunca nem falei isso pra ninguém, pra ninguém eu falei isso, mas, se eu pudesse eu não pegava nunca mais nisso (na louça), nunca falei isso pra ninguém, ele tá vendo eu me afastando da louça, tá entendendo, até ele mesmo Jair, tá percebendo que eu tô me afastando, se eu pudesse, eu não entrava mais naquela casinha, (...) ele fala, ele tá percebendo mas eu nunca falei pra ele e nem pra ninguém...

O falecimento de Santa, por ser ainda muito recente, ainda mexe com os sentimentos de todos os membros da família. E esse sentimento interfere no contexto do trabalho tradicional, sendo que a forma de reconstruir as vivências se dá de maneiras variadas entre estes componentes do grupo familiar, que em alguns momentos são ambivalentes, como no caso de Jair, que diz não conseguir mais fazer panelas de barro, que era a peça principal que a mãe fazia habilmente: mas que por outro lado “nunca deixará a tradição”:

O meu forte é frigideira e fogareiro. O que vim eu faço, mas panela eu nunca aprendi, só ela (a mãe) que fazia. Toda vez que eu faço panela eu só fico me lembrando dela, mas eu não gosto, eu não gosto nem de fazer panelas, eu faço a pulso.

No contexto da família de Maragogipinho, apenas a filha Iolanda, como já comentei aqui, se eximiu de trabalhar na lida do barro, ainda que o faça indiretamente, como no caso das feiras de artesanato. Essa questão será melhor aprofundada no ensaio que tratará da questão da “genealogia da tradição” no contexto ceramista.

## Capítulo 5

### **Significados de trabalho, cultura e tradição para famílias artesãs ceramistas do Recôncavo Baiano: um estudo com o uso do genograma das famílias**

Neste capítulo traçarei o itinerário que me possibilitou compreender os significados de trabalho artesanal que as famílias Mota e França construíram ao longo das gerações. A construção e interpretação do genograma das famílias possibilitou o entendimento acerca das marcas identitárias dos sujeitos participantes da pesquisa. No entanto, antes de refletir sobre os diagramas construídos, considere necessário discutir sobre a questão da tradição e da ancestralidade: apontando a partir das fotografias tiradas no percurso da pesquisa a forma como esses dois temas emergiram a partir do jeito de ser e de fazer artesanato dos membros familiares.

#### 5.1 Ancestralidade que se fez na miscigenação

É a partir de várias ancestralidades brasileiras que se permite pensar uma cosmovisão indígena, africana e portuguesa, que neste caso, funciona como “conceito e práxis, feita a partir de nosso próprio chão”. (MACHADO, 2014, p. 51)

Portanto, é no chão de Coqueiros e Maragogipinho que se forjou um modo de viver tradicional. Nas figuras de 21, 22, 23 e 24 e 28 vê-se a representação do fazer artesanal de Maragogipinho, em seus complexos processos, que vai desde o formato e materiais usados na construção das olarias (21), nos tipos de objetos (28) e queima das peças em fornos de alvenaria (22), na relação do fazer-se homem e objeto construído (23) e no acesso à água usada para molhar o barro (24).

O trabalho artesanal dos Coqueirenses pode ser problematizado pelas figuras 25, 26, 27 e 29. Na figura 25 vê-se a queima dos objetos de barro; na figura 26 percebe-se o modo de fazer artesanal; na figura 27 observa-se o ritual do catado do sururu e na figura 29, os pratos de barro representando o tipo de objeto construído.

Em ambas as comunidades a ancestralidade é um princípio organizador de uma cosmovisão indígena (21, 25, 28), portuguesa (22 e 23) e africana (28 e 29).



**Figura 21:** Olaria feito de palha representando o estilo tradicional. Maragogipinho, 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 22:** Forno usado na queima da cerâmica em Maragogipinho. 2018.  
Fonte: Acervo da autora,



**Figura 23:** Mestre Penso e o seu torno usado para produzir as peças cerâmicas em Maragogipinho. 2018.  
Fonte: Acervo da autora,



**Figura 24:** Fonte de água usada pelos oleiros em Maragogipinho. 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 25:** Início do processo da queima dos objetos de cerâmica em Coqueiros. 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 26:** Forma de trabalhar a cerâmica em Coqueiros. 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 27:** A família Mercês realizando o trabalho do catado do marisco em Coqueiros. 2018.  
Fonte: Acervo da autora.



**Figura 28:** Vasos de cerâmica empilhados dentro de um forno. Maragogipinho, 2018.  
Fonte: Acervo da autroa.



**Figura 29:** Pratos de cerâmica. Coqueiros, 2018.  
Fonte: Acervo da autroa.

Os negros que foram escravizados deram importante contribuição para a formação cultural dos Distritos de Coqueiros e Maragogipinho. Eles imprimiram suas marcas não só nos modos de fazer, mas nos modos de ser e de viver. Cada comunidade adquiriu e exaltou um ou outro traço característico dos diversos povos africanos que lá chegaram: seja no corpo, no jeito de falar e na forma de se relacionar com o outro. Porém, em ambas as comunidades prevaleceu a expressão da religiosidade originária da matriz africana que adquiriu formas próprias: buscando-se adaptar-se ao clima, aos recursos vegetais e minerais disponíveis e até mesmo às outras crenças religiosas.

Os historiadores brasileiros João José Reis e Beatriz Galloí Mamigonian analisam o importante papel dos iorubás conhecidos nas amplas categorias do “nagô” na Bahia e “Mina” no Rio de Janeiro. Explorando suas experiências vividas e a continuação de tais práticas como escarificação conhecidas como abaja, crenças religiosas como o islamismo e o candomblé, e suas próprias formas de organização social em produtos de marketing, eles mostram como as tradições derivadas de Yorubaland eram transformada e remodelada no Brasil. (CHILDS e FALOLA, 2004, p.8, tradução livre)

Desse modo, a ancestralidade humana, ainda que reconfigurada tem o corpo como produtor de sentidos, como destinatário, pois o corpo, qualquer ele, define-se pelo seu contexto e este advém da experiência experimentada. Na tradição das religiões afrodescendentes, os objetos de barro, de uso ao culto dos orixás, são corpos “vivos”: a quartinha, por exemplo, usada para guardar a água, representa a respiração da divindade. Então, quando a divindade necessita dessa *respiração*, pode realizá-la por um processo cíclico de evaporação da água através dos poros do barro. Aos orixás femininos são oferecidos quartinhas de barro com alça, enquanto para os masculinos são de barro sem alça. Ambos os tipos de objetos cerâmicos são fabricados pelas famílias de Maragogipinho. Desse modo,

Na tradição de matriz africana pode-se afirmar que a inscrição do universo está no corpo. As marcas de identidade do parentesco religioso e social, étnico e político, são escorificadas no território corporal. Como solo sagrado ele receberá os sinais daquilo que lhe possibilita a origem e o destino. Será no corpo que os símbolos serão inscritos. [...] O corpo não é uma identidade segregada do mundo, do outro, de deus. O Corpo é equivalente à natureza e ao espírito. [...] O corpo é o emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto da comunidade. [...] O corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê. O escritor é a comunidade. Portanto, meu corpo não é meu, mas um texto coletivo. [...] será sempre cheio de sinais, símbolos e

marcas. O corpo é um vestígio dos valores civilizatórios do grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual (OLIVEIRA, 2005, p. 124).

O barro é o corpo do objeto, “a carne é o barro do corpo” (OLIVEIRA, 2005, p.124). Essa metáfora nos ajuda a entender que não se pode saber o corpo sem saber sobre a ancestralidade que é vivificada pela tradição e compreender que as comunidades participantes de minha pesquisa apresentam fortes traços de ancestralidade<sup>29</sup>, tendo o barro como elemento que unifica o homem à natureza e aos outros homens.

Portanto, tradição e ancestralidade são construtos semióticos que possibilitaram refletir sobre a cultura e a história ligadas às origens das comunidades de Coqueiros e Maragogipinho, conservadas pelo intenso trabalho com a cerâmica, tomadas como expressões da identidade pessoal e coletiva que perduram no tempo. Corroborando com Leite e Mahfoud (2007), sobre o trabalho da memória e a vivência da tradição. Eles refletiram que:

O contínuo trabalho da memória coletiva fundamenta também a manutenção de tradições seculares, algumas de origem medieval. Sua transmissão intergeracional, “de pai para filho”, caracteriza-se como educação informal, uma modalidade de formação calcada na experiência e no compartilhamento do mesmo universo de sentido entre adultos e crianças (LEITE e MAHFOUD, 2007; p. 55).

De acordo com o dicionário on-line de Português, tradição significa “costume transmitido de geração a geração”; “a tradição é o laço do passado com o presente”. (<https://www.dicio.com.br/tradicao/>). Stein (2005c, p.904), considera tradição como “o estilo de vida em que temos crescido” e que não se dá de forma “racional”.

A questão da tradição entre as famílias artesãs da cerâmica de Coqueiros e Maragogipinho, é o denominador comum, visto tratar-se de comunidades que buscam, ainda nos dias de hoje, conservar a cultura da cerâmica, como trabalho e como manifestação cultural, que se mantém viva na memória coletiva e na memória pessoal desse povo. E para estudar essa temática, considere o uso do genograma das famílias como um recurso de descrição das vivências narradas pelos sujeitos entrevistados.

---

<sup>29</sup> Ancestralidade, de acordo com o dicionário on-line de língua portuguesa, significa particularidade ou estado do que é ancestral (que se refere aos antepassados ou antecessores). O sentido aqui empregado seguirá o conceito proposto por Oliveira (2012), rerepresentado por Santos (2014, p.80), ou seja, significando “trajetória, pois traz os resíduos dos territórios de lutas e ação de justiça dos povos ameríndios e africanos.

No entanto, abro um parêntese aqui, para discutir sobre a temática da geração, enquanto um constructo teórico e para esse diálogo trago Karl Mannheim (1893-1947), que nos deixou um ensaio intitulado “A questão das gerações” (1928) e o livro “O problema sociológico das gerações”; e Murray Bowen (1913-1990), fundador da teoria dos sistemas da família.

Ambas as obras de Karl Mannheim representam o que há de mais completo e atual sobre o conceito de gerações, segundo a autora e especialista nesse assunto, Wivian Weller (2010). Para Mannheim (1982, p.72), “o fenômeno sociológico das gerações, está baseado, em última análise, no ritmo biológico de nascimento e morte”. No entanto, este autor ressalta que esse problema está necessariamente ligado ao fator social, ou seja, esta definição não está atrelada às estruturas biológicas, mas sim ao contexto histórico-social dos indivíduos, que apreendem subjetivamente (WELLER, 2007/2010). Desse modo, geração é conceituada como processos dinâmicos e interativos que apresentam características relevantes, tais como, limitação temporal, transmissão de bens acumulados, propensão às mudanças e novos portadores de cultura. (WELLER, 2010)

Ainda que estes estudos não situem a família como grupo excepcionalmente ligado ao tema gerações, pois os mesmos abordam tipos específicos de geração (ex.: geração de 1968, geração hippie, etc), aqui em meu estudo enviesarei essa abordagem para tratar do “problema” das gerações no interior das famílias (avós, pais, filhos, netos etc), mais especificamente nas transmissões (inter, multi e trans) geracionais, apoiados pela técnica do genograma.

Ainda que Mannheim tenha sido o precursor do tema das gerações, já mostrei que é preciso aprofundar nesta questão, desse modo, Murray Bowen (1913-1990), fundador da teoria dos sistemas da família, me ajudou a compreender esse processo de transmissão nas gerações familiares.

Bowen foi um psiquiatra americano, pioneiro da terapia familiar sistêmica. Dentre vários temas abordados, ele traz o conceito de transmissão multigeracional, como aquilo que corresponde à passagem do processo emocional da família através de várias gerações, tanto do marido quanto da esposa. A teoria boweniana enfatiza que, para compreender a família, é necessário desvelar o que acontece nas gerações que a precederam e ampliar o olhar para a família extensa, elucidando vários nós que, no estudo estritamente da família nuclear, podem permanecer obscurecidos. (MARTINS et al. 2008, p.185)

Essa abordagem permite avançar no estudo de outros conceitos como o de inter e transgeracionalidade, além de percebermos que o problema das gerações neste caso nos traz

maior interesse, por estar relacionado ao processo familiar, ou seja, ser mais pontual e específico, diferentemente de como o é tratado por Mannheim.

Por exemplo, ao explicitar o surgimento da doença emocional num membro da família, Bowen sugere que esta tem sua origem nas dificuldades que membros de gerações anteriores tiveram em separar-se do seu núcleo familiar, levantando a hipótese de que há um processo de “transmissão multigeracional ao modo pelos quais os processos de projeção familiar, repetidos de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam diferentes ramos de uma família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação”. (MARTINS et al. 2008,p.185)

Neste sentido, faz-se de grande importância diferenciar o processo intergeracional, do transgeracional e multigeracional. Assim, no processo multigeracional, algo se repete em todas as gerações, ao longo do tempo. Paranhos (2015) apresenta uma diferenciação de forma simplificada, mas que elucida tais conceitos: assim, na intergeracionalidade, o fenômeno ocorre numa primeira geração e repete-se na geração seguinte, e assim sucessivamente, por exemplo, o pai transmite o saber para o filho. Através desse sistema é possível a cada geração simbolizar os processos vividos. Enquanto que, no processo transgeracional, o fato é visto entre as várias gerações, “e as transcende, de maneira mais elaborada, como por exemplo, os mitos, os segredos e os ritos que perpassam as gerações e podem ser repetidos entre eles”. (PARANHOS, 2015, p. 38)

Desse modo, sugiro como fator importante nesta abordagem, a possibilidade de ver a família como uma “unidade” ou como um “organismo singular”, tirando o foco do indivíduo isolado e colocando o olhar sobre o grupo como um todo, o que possibilitará uma nova construção sobre famílias artesãs e seus modos de transmissão cultural.

## 5.2 Os genogramas das famílias

O genograma,<sup>30</sup> inicialmente denominado de genetograma por McGoldrick, Gerson e Petry (2007), se constitui num instrumento de organização dos principais dados de cada sujeito pertencente a uma família, seja da família atual ou de gerações passadas. Segundo Cervený (2011), o genograma funciona como um mapa do passado e do presente da família, possibilitando um entendimento da vida familiar e dos processos que ocorrem em seu interior.

---

<sup>30</sup> A criação do Genograma teve início com os estudos do biólogo e botânico Johann Mendel (1822-1884), que criou a teoria denominada “Lei de Mendel”, tal estudo possibilitou a descrição das linhas de transmissão familiar de doenças clínicas, descobriu em experiências com cruzamento de diversas variedades de ervilhas a herança biológica com a necessidade de se obter mais informações sobre os pacientes, acrescidas informações sobre os antecedentes familiares, bem como o histórico socioeconômico e outros dados que fossem pertinentes e condicionantes de seus problemas de saúde. (YURSS, 2001).

O genograma busca, através de diagramas, relacionar as gerações possíveis de serem identificadas na memória dos familiares. Tais dados permitem uma inferência sobre as relações das pessoas nas famílias das quais fazem ou fizeram parte, tais como identificar as alianças, os dilemas, os distúrbios, além dos padrões de repetição multigeracional. (BARBOSA, 2001)

As interações familiares são dados vivenciados no presente, no entanto, seus padrões podem interferir nas gerações futuras (BORGES, et al. 2015). Para Cerveny (2011), a família, enquanto um sistema permite que a transmissão dos padrões interacionais se dê de forma linear consecutiva, quando se repete de uma geração a outra mais próxima; ou intermitente, quando uma ou mais gerações são intercaladas. Isso não implica que o passado seja determinante para o acontecimento, pois nem o grupo familiar é passivo nem seus membros individualizados, mas sim, o presente, ou o sistema atual que vai selecionar do passado o padrão repetitivo que comporá sua história. (CERVENY, 2011)

Assim, tomo o conceito de família, trazido por McGoldrick et al. (2012, p.32), como “aqueles que estão ligados através de sua história biológica, legal, cultural e emocional e pelo seu suposto futuro juntos.” Desse modo, considerarei as comunidades de Maragogipinho e Coqueiros formadas por famílias, originadas pelas matrizes africana, indígena e europeia desde o período da colonização (como já foi posto aqui) como sistemas ligados pela historicidade e cultura do local, tendo na construção do genograma a possibilidade de se perceber os padrões interacionais relacionados ao fazer artístico-artesanal cerâmico.

Os genogramas foram elaborados por núcleo familiar (independentemente do fator moradia), a partir das observações, vivências no trabalho de campo, anotações do diário de campo, juntamente com a análise das entrevistas semiestruturadas ao longo do tempo dispendidos na pesquisa etnográfica-fenomenológica. O resultado foi a elaboração de uma legenda com a criação de alguns símbolos pertinentes às famílias participantes.<sup>31</sup>














Neste íterim, apresentarei a interpretação dos genogramas das famílias de Maragogipinho e de Coqueiros separadamente.

Para melhor entendimento, e por se tratar de uma construção gráfica, informo que a idade foi adicionada acima da figura e o ofício (atividade laboral desenvolvida) abaixo da mesma.

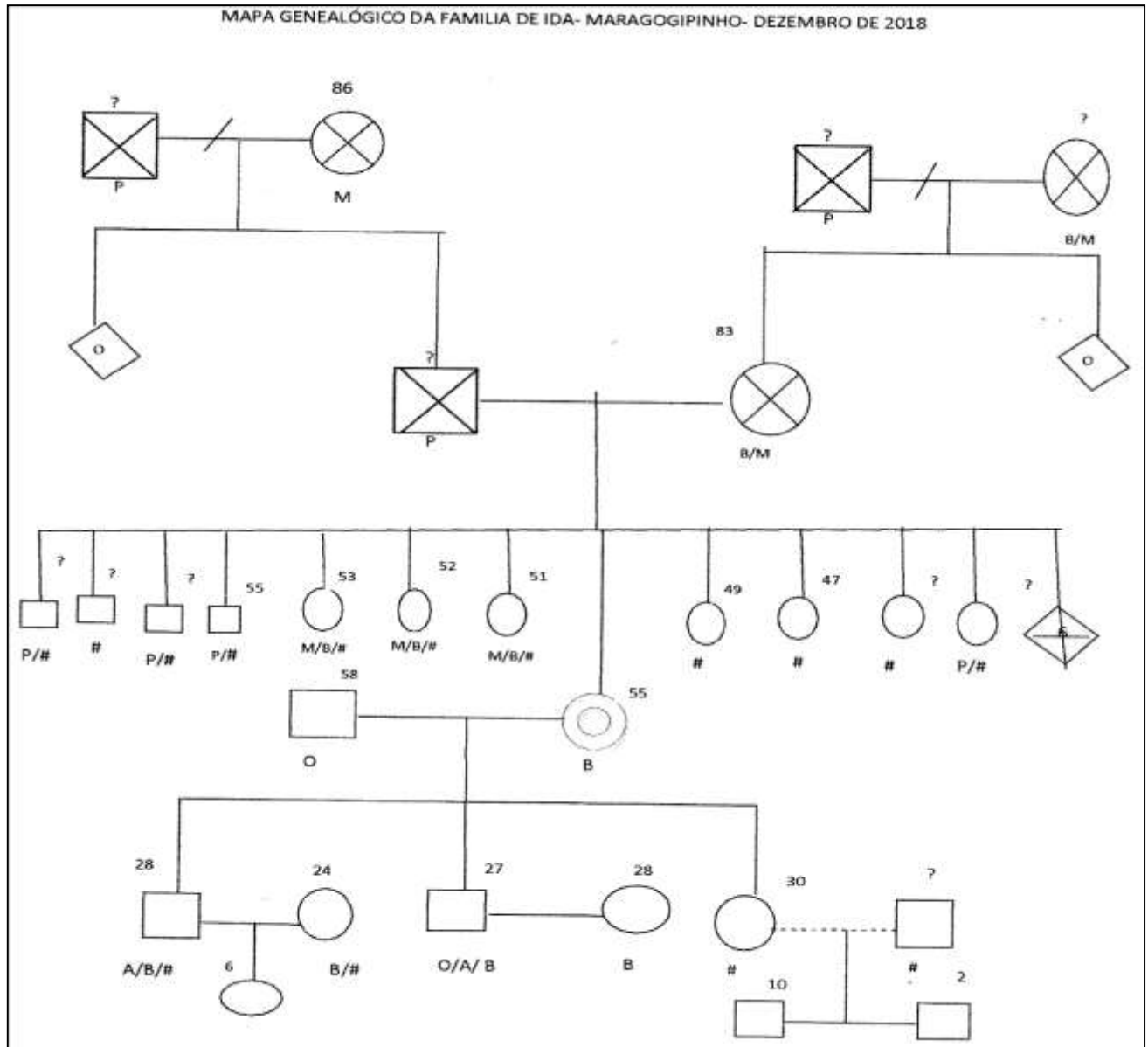
---

<sup>31</sup> É importante ressaltar que a configuração apresentada levou em conta o modo de fazer, bem como a linguagem própria usada nas comunidades, como por exemplo: os artesãos de Maragoipinho se autodenominam “oleiros” e o trabalho de polimento é nomeado de “burnição”, já em outras localidades também recebe o nome de “brunição”. Neste sentido considerei necessário criar códigos próprios inerentes à cultura do artesanato cerâmico no Recôncavo Baiano.

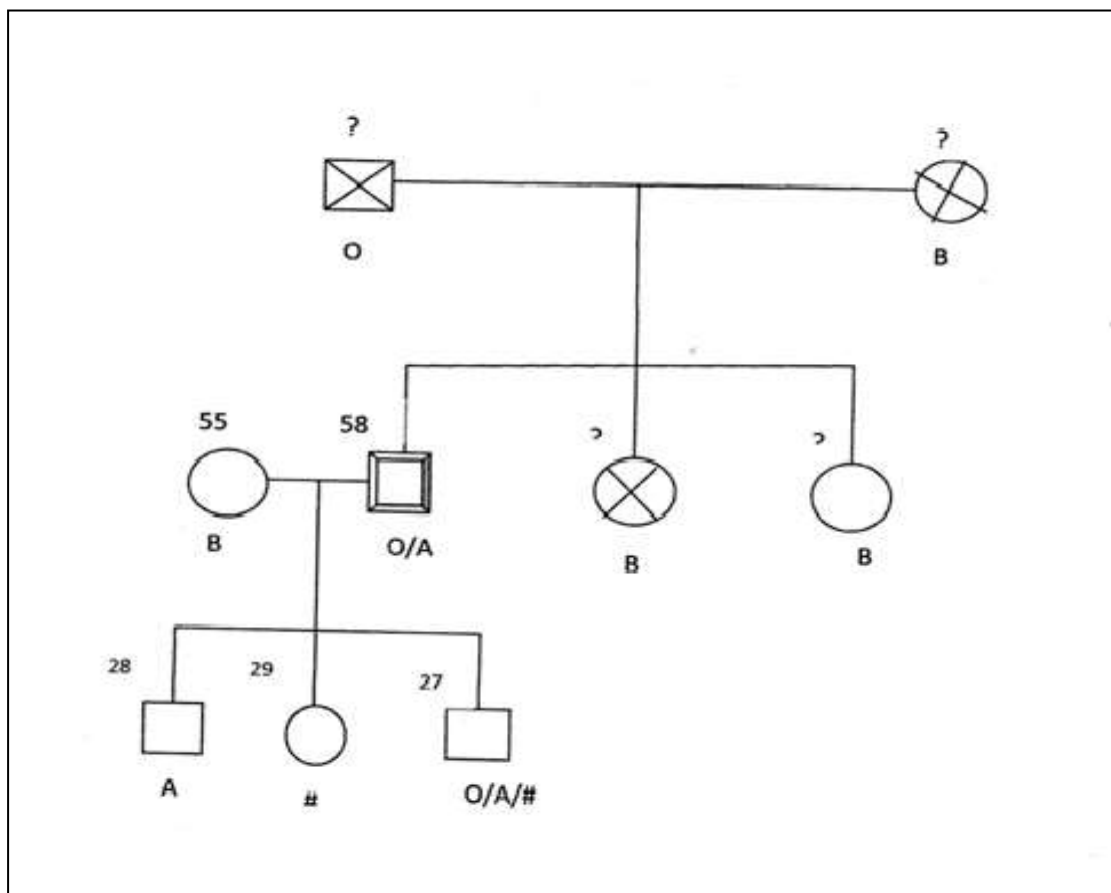
**Figura 30:** Legenda dos mapas genealógicos das famílias ceramistas e marisqueiras

	homem		6 nascimentos sexo não informado ou desconhecidos	A	artesã/ão
	mulher		Outros filhos não informados	B	burnideira/or
	separação		peessoa-índice mulher	M	marisqueira/o
	casamento		peessoa-índice homem	O	oleiro
	morte-homem		familia conforme moradia	P	pescador
	morte - mulher	?	não informado	#	outras atividades
	relação conflituosa				
	relação afetuososa				

## 5.2.1 A família do barro: a tradição como forma de pertencimento em Maragogipinho

**Figura 31:** Genograma da Família de Ida (Maragogipinho). 2018

**Figura 32:** Genograma da Família de Mestre Penso. 2018



#### 5.2.1.1 Ida: a matrilinearidade na tradição

Como visto no mapa genealógico da família extensa de Ida, esta era constituída de mãe, pai e dez filhos (três do sexo masculino e sete do sexo feminino); no entanto, eram dezoito filhos, os outros faleceram ainda na primeira infância ou natimorto. Como se percebe no genograma, apenas a mãe e a avó materna eram artesãs também, seu pai era pescador e faleceu quando os filhos eram crianças e adolescentes.

A avó materna passou os conhecimentos da burniçã para as filhas, pois, como já foi discutido aqui, a burniçã era uma atribuição eminentemente feminina. Desse modo, não apenas a mãe de Ida, como suas tias foram iniciadas na atividade, e, assim, as mulheres adultas e/ou idosas (mãe, tias e avó) eram responsáveis por transmitir o conhecimento às suas descendentes, pois havia intensa colaboração interfamiliar.

A mãe de Ida (Maria Lucilia) ficara sozinha para criar os filhos. Desse modo precisou buscar recursos também na pescaria e mariscagem, atividades estas que também foram transmitidas como conhecimento ancestral através das gerações. Maragogipinho é uma

região banhada pelo Rio de mesmo nome, afluente do Rio Jaguaripe: isso explica a possibilidade de seu rico ecossistema contribuir na alimentação dessas populações. No entanto, a partir da análise do genograma, uma questão se coloca: por que, apesar desse fator “presença de um rio” na comunidade, a atividade pesqueira não é tão evidente a ponto de tornar-se um fator econômico para a população? Ademais, em Coqueiros, percebe-se que as famílias, em sua grande maioria, sobrevivem com a pesca.

A mãe de Ida desenvolvia duas funções: “a lida com o barro e a pescaria”<sup>32</sup>, devido à necessidade de sustentar os filhos. E este também foi o motivo pelo qual Ida foi morar com a avó e tios paternos, assim como os outros irmãos e irmãs, que foram “distribuídos” na família de origem, tanto paterna quanto materna. Contudo, apenas ela (Ida) permaneceu na nova família até a data do casamento.<sup>33</sup>

A sua mudança de residência familiar ocorrera quando ela completara seis anos de idade, pois estes tinham “mais recursos financeiros”. No entanto, como residiam na mesma comunidade, ela também tinha contatos com sua mãe, irmãs, avó e tias materna, que eram burnideiras. Assim, ela, bem como as irmãs, convivia com o barro desde muito cedo. Elas podiam fazer e brincar com pequenos objetos de cerâmica, chamados de caxixis, únicos brinquedos disponíveis para famílias com poucos recursos financeiros.

Ida diz que desde aos dez anos de idade iniciou sua aprendizagem e trabalho como burnideira, junto com a mãe e as irmãs. Como ela mesma informou: “porque tinha que ajudar mamãe lá, eu e as meninas menores”. Quando ela fala “lá” está se referindo à casa da mãe, pois como já informado, ela continuava a morar com a avó paterna até o dia o final de sua adolescência - e observe-se que esta avó não desenvolvia trabalhos com a burnição da louça. Ou seja, pela análise do genograma percebe-se que a influência da tradição da cerâmica só foi possível a partir da família de origem materna.

Desse modo, como a forma de ensino-aprendizagem estava conseqüentemente ligada ao gênero, os irmãos de Ida não foram iniciados no trabalho do barro, em nenhum dos seus múltiplos processos. No entanto, a atividade pesqueira foi transmitida para os filhos, pois não tinha necessariamente ligação com o gênero, visto que, tanto homens quanto mulheres executavam a atividade.

---

<sup>32</sup> A pescaria foi favorecida devido a presença do Rio Jaguaripe que banha todo o Distrito de Maragogipinho.

<sup>33</sup> A antropóloga Cláudia Fonseca (2002) aponta que era uma prática comum entre as classes menos favorecidas economicamente a “circulação de crianças”, ou seja, o deslocamento de crianças entre as famílias, devido, principalmente, a falta de recursos financeiros de seus pais. Este fenômeno mobilizava uma extensa rede de apoio que poderiam ser parental consanguíneo ou não. (FONSECA, 2002)

Contudo, de acordo com as narrativas de Ida, as formas de aprendizagem se deram de maneira espontânea, ou seja, ela (bem como as irmãs) mostrou-se interessada e sua mãe tinha paciência em ensinar-lhes o ofício.

Olhando, nós fazia mal feito, aí, mãe consertava (...) que as meninas começa assim (mostra num vaso que está trabalhando no momento da entrevista) meio torto aqui, assim ó, aí, ela vinha por cima (continua a demonstração).

Ela dizia: pode fazer que eu conserto, é só pra ajudar (...) É com a família que se aprende, né! É assim, trabalha com a louça, a família trabalha com a louça. (Ida)

Apesar de ter sido “criada com a avó”, ela, ao longo de sua narrativa, fala da vida e sofrimento da mãe, que ficara sozinha com os “dez filhos”. Ela contou-me que a mãe ia pescar para poder vender parte da produção e alimentar todos os filhos com a outra parte.

Mamãe ia pro rio pescar. É, pegava de jereré, na lama, cavando miroró (uma espécie de peixe), de canoa, descia ali, na lama e pegava. Hoje ninguém pega mais, ninguém pega mais não. Minha mãe ficou sozinha pra cuidar dos filhos, dez filhos, seis mulheres e quatro homens, não, são três homens, sete mulheres, é isso. Mamãe ia pegar pedra num lugar e pegava dendê, fazer o azeite, pra fazer a muqueca.

Ida, bem como suas irmãs, iniciaram muito precocemente a inserção no meio artesanal, e o principal motivo, era ajudar a família. No entanto, a participante relata que não residia com sua mãe, então diz: “pois ela (a mãe) não me criou”, mas, segundo seu relato, a mãe ensinou a todos, o trabalho com o barro, pois os colocava “na porta para brunir os potes...”.

Ida: nós era muitos irmãos, ela colocava nos na porta para brunir os pote ou outra peça. Quando nós ficávamos cansados, ela terminava com o resto incompleto, pois que ficava faltando o acabamento. (nós) tinha de fazer isso para ajudar em casa e com esse dinheiro servia pra comprar pão e minha mãe ia também, pescar no rio, enquanto nós ficávamos em casa brunindo e aí ela chegava. Um dos nossos irmãos ia vender a pesca para comprar a farinha e as vezes também o pão, café e o açúcar...

Ida sabe que sua avó materna transmitiu para sua mãe todo o saber do artesanato, que cabiam às mulheres, ou seja, participar do acabamento do objeto, ou seja, burnir<sup>34</sup>, assim como também, fazer a decoração. Esse processo de burnimento é realizado com algumas ferramentas rupestres: são pedras encontradas em rios, como ônix, por exemplo.

Nota-se que ela diz isso sobre os afazeres da mãe – pescadora e artesã: “é pegava de jereré, na lama, cavando miroró e artesã, mamãe ia pegar **pedra** num lugar e pegava dendê, fazer o azeite, pra fazer a muqueca“. Ida explicou-me sobre as funções da tal “pedra”, através de uma demonstração real da experiência. Ela ainda que tenha se afastado da convivência com a mãe e irmãs, por morar na mesma comunidade, encontra algumas alternativas para fazer-se presente e pertencente a essa família, realizada através do trabalho com o barro. Como disse Valsiner (2013, p. 22), há um “ciclo construtivo da pessoa relacionado com o(s) outro(s) – através do significado do outro”.

Minha mãe ficou sozinha pra cuidar dos filhos; (...) quem ela criou queria botar ela no abrigo, eu não aceitei. Fiquei com ela, que estava doente, teve um AVC. Ficou comigo durante seis anos até a sua morte.

Relacionar-se com o outro nessas formas equivale a relacionar - através delas - de volta a si mesmo (idem). Percebe-se que, em nenhum momento, ela relata a avó paterna como possível doadora de sentido do fazer artesanal, ou outro qualquer. No entanto, a mãe surge em toda sua narrativa, como transmissora direta do trabalhar com a cerâmica, com o sentimento de cuidar e proteger.

Com isso, ainda que uma tradição seja passada de forma intergeracional, o processo invisível da transgeracionalidade está presente a todo o momento. Como apontou Paulo Freire: “ninguém nasce feito. Vamos-nos fazendo aos poucos, na prática social de que nos tornamos parte.” (FREIRE, 2001, p.40)

A cultura coletiva exhibe diversos sistemas de significação, que apoiam a cultura pessoal, permitindo, com isso, a existência de campos semióticos dicotômicos (VALSINER, 2012). Para Halbwachs (1990), a memória coletiva permite uma continuidade entre o passado e o presente. Nas entrevistas, que em alguns momentos, foi uma atividade realizada com apenas um indivíduo, em outros, com a participação do grupo familiar<sup>35</sup>, foi possível perceber

<sup>34</sup> Burnir ou brunir, significa fazer o polimento de um objeto, lustrar. (FLORENZANO, 2000, p.42)

<sup>35</sup> Não era possível solicitar a saída de algum membro familiar que ali estivesse presente, e nem era a minha pretensão fazer isso, tentei interferir o mínimo possível no cotidiano das pessoas envolvidas.

o grau de intensidade da memória coletiva e individual. Por memória coletiva, Halbwachs (1990), explica que se trata do momento em que trazemos à tona fatos e experiências que foram importantes para nosso grupo e para nós quando nos lembramos, “do ponto de vista desse grupo”, e isto se dá porque somos seres sociais, que nos construímos e reconstruímos nossa realidade junto aos outros. (HALBWACHS, 1990, p.23)

Dito isso, acrescenta-se que memória individual e coletiva refere-se muito mais à relação entre a pessoa e a comunidade em que vive, assim, através da fenomenologia é possível estudar esta relação, como evidenciado por Coelho Júnior e Mahfoud (2006):

A dicotomia pessoa-comunidade vem sendo enfrentada por autores a partir de uma perspectiva interacionista, buscando explicitar o caráter interdependente e dialético da pessoa e da comunidade. Dentro desta perspectiva, a fenomenologia oferece também suas contribuições partindo de um método que permite chegar às essências, apreendendo que pessoa e comunidade são ontologicamente interdependentes.” (COELHO JÚNIOR, & MAHFOUD, 2006, p.9)

Como analisamos nas narrativas de Ida, sobre não ser criada pela mãe e cuidar da mãe anos depois, quando esta adoece, é, ao mesmo tempo, um possível reconhecimento pelo saber fazer artesanal, adquirido nos encontros com a mãe e as irmãs, num passado e a sua própria reatualização no presente.

Olhando, nós fazia mal feito, aí mãe consertava, que as meninas começa assim (demonstra como fazer em um vaso, no qual está trabalhando no momento da entrevista), meio torto aqui assim oh, aí ela vinha por cima, ela dizia: pode fazer que eu conserto, é só pra ajudar”.

Assim, enquanto para Freire (1997a, p.97), “educar é um ato de amor”, para Valsiner (2013, p.238), “as possibilidades de construção e reconstrução do campo semiótico-cultural se dão através da abertura afetiva para o outro”. E essa relação, que é amorosa em seu conteúdo e em seu processo, pode ser percebida nas narrativas da participante.

Ainda analisando o genograma (Figura 31), temos como conclusão que apesar das irmãs de Ida terem aprendido a respeito do fazer artesanal, a maioria delas, ao casarem-se com homens fora da comunidade, deixa a tradição (tanto do artesanato quando da pescaria) e buscam outras atividades, principalmente na capital do Estado. No entanto, Ida revelou-me que quando tem muita encomenda, algumas irmãs e sobrinhas vêm ajudar-lhe.

Há outra singularidade desta família que deve ser discutida aqui. A relação entre o fazer artesanal e a religiosidade: A família composta de irmãs, irmãos e sobrinhos/as realizam todos os anos no mês de setembro um “passeio” à Maragogipinho:

Tem um passeio todo ano, que a maioria vem em setembro, são três ônibus (locados) aí vem quase todos eles. É festa deles mesmos, que já tem aqui, todo mês de setembro. Não é só tradição da família não, é do lugar, São Joaquim. Os filhos daqui, que moram em Salvador e trabalham em São Joaquim, vêm e trazem a festa, traz banda, traz tudo, já tem mais de dez anos isso! (Ida)

Neste momento de reencontro, suas irmãs, aproveitam a oportunidade e ajudam-nas nas tarefas do barro. Um momento de celebração dos vínculos familiares, ligados à tradição religiosa da família (candomblé), pois é oferecido um caruru, geralmente no dia 27 de setembro, em homenagem a São Cosme e Damião<sup>36</sup>. Para servi-lo, Ida e seu esposo (Mestre Penso) oferta os pratos e panelas que eles fazem e que são objetos mais comercializados pela família, e que tem como principais compradores, os feirantes de São Joaquim.

Dessa forma, há um intenso diálogo com a cultura afrodescendente e católica, de modo a congregar um universo de muitas vozes que celebram os santos gêmeos numa trama de fé, invenções, interconexões, vivacidade. Para cada culto há uma especificidade, um rito particular, signos e sentidos que contam, dentre outras coisas, a história de vida dos devotos. (NASCIMENTO, 2014)

Ainda que Ida se autodenomine evangélica, vê nessa celebração com sua família de origem, uma oportunidade de estreitar os laços afetivos. Segundo ela, a nova religião adotada há apenas alguns anos, não “interfere em nada”, visto existirem outros aspectos que unem a sua família. Como apontou Nascimento (2014, p.8), as pessoas podem participar “deste rito

---

<sup>36</sup> Cosme e Damião são santos católicos que foram médicos e por isso são tidos como protetores das crianças. Eles teriam exercido a medicina sem nunca cobrar nada, por isso são chamados de anargiros, ou seja, “que não são comprados por dinheiro”. Esses santos foram sincretizados com os erês e por isso as festas dos erês são celebradas em setembro. A história da devoção a São Cosme e São Damião é antiga e atravessa continentes. Na Bahia, a fé nos santos irmãos ganhou importância principalmente pelo sincretismo com Ibeji, o orixá duplo dos nagôs, que representa os gêmeos. A mistura foi tão completa que ultrapassou a fronteira das religiões e classes: católicos e adeptos do candomblé, ricos e pobres oferecem a mesma comida sacrificial do candomblé às imagens dos santos cristãos. E mais, chega-se a fabricar imagens dos santos que incorporam uma terceira figura – Douí – uma corruptela de “idowu”, o nome dado, numa família nagô, àquele que nasce depois de um par de gêmeos. “Sempre tidos como muito traquinas, os idowu deram origem ao ditado nagô: Exu lehin Ibeji – Exu vem depois dos Ibeji”, explica o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, em seu texto *Cosme e Damião no Brasil e na África*. (MARIANO, 2010). Disponível em: <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/caruru-de-cosme-e-damiaio/>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

como espectador e também crente”: provavelmente é o que diferencia o papel de Ida (espectadora), nesta comemoração, de todos os seus parentes visitantes.

À medida que a realidade se transforma (a exemplo da introdução de uma nova crença religiosa), um dos membros da família busca novos símbolos que possam traduzir o significado de uma realidade anterior: por exemplo, o fato da continuidade da crença dos irmãos e irmãs. No entanto, fica evidente que todos cultivam um viver comunitário e o rito como elemento de fortalecimento dos vínculos sociais e de reciprocidade (Ida cede a casa e os objetos ditos de “santo” para a realização “da festa”).

Isso vem demonstrar que as culturas não estão paradas no tempo, que sempre há uma reinvenção da tradição. Com isso, a principal tarefa da família, dividida pelas crenças religiosas e pelo fazer artesanal, está na transmissão aos descendentes, de acordo com as regras culturais ancestralmente estabelecidas, vivendo em reciprocidade, igualdade, harmonia e respeito às crenças particulares de cada um: por isso a importância da celebração e do encontro com o outro.

O genograma como ferramenta de pesquisa junto a outros aspectos do trabalho etnográfico revela os ditos, mas também “os não ditos” da organização familiar, a força da comunidade atual e ancestral e sua interlocução com a sociedade, possibilitando o entendimento de que as famílias, na contemporaneidade, buscam resistir às mudanças culturais ou criar algum sincretismo, mesmo diante das tensões impostas pela sociedade.

Em uma das entrevistas, perguntei a Ida, após mostrar-lhe fotografias de peças usadas nos cultos afros, como aguidá e quartinha, se ela trabalha com essas peças, no que segue seu discurso:

A minha religião não impede em nada. Inclusive o pastor disse que não impede que só eu sou evangélica e não meus filhos e marido. Que posso fazer as peças.

As religiões fazem fronteira umas com as outras. Alguns ousam mesmo atravessar essas fronteiras, outros veem o mundo para além delas como perigoso (DIAS, 2013). O paradoxo vivido por Ida é supostamente “resolvido” com a “autorização” do seu líder espiritual e encontrar uma justificativa válida para realizar a tarefa, ou seja, em primeiro lugar está o desejo da família, ao passo em que busca preservar a própria identidade, moldada no caráter móvel e múltiplo, que não seria em si mesma, representativa de crise e ruptura, mas de “estabilidade, segurança de si e quietismo”, no sentido de uma nova “identidade

autoconsciente” do valor econômico, cultural e social do fazer artesanal. (HAESBAERT, 2012, p.28)

Canclini (1997, p.283), em seus estudos sobre o hibridismo cultural, diz que ao nos defrontarmos com o que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos ter a falsa impressão, muito menos devemos tentar entendê-la de forma separada, pois “nesses cenários que desmoronam todas as categorias e os pares de oposição convencionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno) usados para falar do popular”. Diante desse panorama exposto, esse autor sugere que se construam “outros instrumentos conceituais” que possam dar conta dessa hibridação das tradições de classes e etnias.

Nas narrativas dos sujeitos participantes da minha pesquisa percebi o quanto o par “tradicional/moderno” são significados que se complementam. Pois entre os membros familiares existe o respeito à alteridade um do outro em relação ao desejo de permanecer com a tradição sem abrir mão de algo mais moderno, como é o caso das olarias em Maragogipinho e das crenças religiosas em ambas as comunidades.

#### 5.2.1.2 Mestre Penso: a patrilinearidade da tradição

Pela análise do genograma de Mestre Penso (figura 32), percebe-se que ambos os pais desenvolveram atividades ligadas ao barro. Mestre Penso se autodenomina oleiro e artesão: segundo ele, não há diferenças. O oleiro é aquele que trabalha na olaria, tendo como principal instrumento o torno, enquanto que é ao mesmo tempo, artesão, porque faz objetos com as mãos. No entanto, nem todo artesão trabalha no torno, a exemplo do seu filho Max, como se percebe no mapa genealógico.

A herança materna (burnição) foi transmitida às duas filhas, enquanto a herança paterna (confecção e uso do torno) fora passada a ele, como único filho do sexo masculino.

Meu pai aprendeu com meu avô, hereditariedade. Meu avô passou pro meu pai e eu já passei pro meu filho. Não lembro de bisavô. Eu nem me lembro do meu avô, mas todo mundo daqui o conhecia, todo mundo conhece meus tios todos, também faziam tudo isso (eram oleiros). (Mestre Penso)

A olaria em que trabalha atualmente também foi herança que os pais lhe deixaram e que, como uma forma de não deixar a irmã desamparada, dá-lhe um valor em dinheiro. Esta aceita sem nenhum questionamento. Como a segunda irmã falecera antes de contrair casamento, não houve nenhum empecilho, segundo ele.

De fala fácil, Mestre Penso narra como foi sua aventura iniciática no barro:

Quando eu estava com cinco anos de idade, meu pai na época começou me trazer pra olaria. O nome dele era Chao, o apelido, (seu nome de batismo) e chamava Maxmiliano. Aí para os filhos não ficar, não dá pra ruim, preguiçoso, todos os pais e as mães já tinham o trabalho daqui, já sabiam que era o barro mesmo. Ele ficava no torno trabalhando, como eu e Rodrigo estamos fazendo aqui agora, ele mandava eu pegar umas pecinhas, pra ensinar pra arriar, botar no chão, a gente colocava no chão. Aí na hora que ia preparar, começava cair da minha mão, eu não tinha prática, caia, mão mole, aí ele foi me ensinando, fui pegando as manhas, com cinco anos, seis anos, já botava a agente pra pegar, aí ia todo dia pra casa mais ele, todo dia, eu tinha que vir, tinha que trazer o café dele, e ele lá trabalhando, daqui a pouco ele já me ensinava outra coisa, eu ia pegando as manhas disso aí, de arriar as peças, botar no sol, tirar, nada de pensar em sentar em torno, cinco anos também né, o que é que sabia? Nada. Aí quando foi passando um ano ou dois anos, eu todo dia ali, eu me lembro, que quando eu estava com sete anos, nessa faixa aí, ou como eu tenho meu netinho hoje, já está com dez (anos), aí (meu pai) pegou um torno que ele tinha velho, velho mesmo, não é desses que a gente tem hoje de rolamento, prato de inox, não era, era pequeno, tudo de pau, aí ele pegou mandou ajeitar um pra mim, (e disse):” quando você acabar de fazer a preparação, você vai sentar ali. Aí preparava o barro, porque eu não sabia. Aprumava, que todo dia ficava melando minha mão, melando, eu via ele fazendo, ele dava a dica, minha mãe não sabia fazer, mas sabia dá as dicas, também. Os dias foram passando, eu me lembro como hoje! Eu tinha oito anos e a primeira peça que ele me ensinou, que eu peguei as manhas mesmo foi um piresinho, um pires, uma peça aberta que é mais fácil de fazer, rápido...

Vivendo em uma comunidade tradicional, Mestre Penso descreve-me, como iniciou sua curiosidade pelas práticas artesanais, durante a sua infância. Observando e acompanhando seu pai, enquanto este se dedicava ao trabalho no torno, ele foi inserido no cotidiano do fazer do barro, peças artísticas e utilitárias em Maragogipinho. À medida que se identificava com seu pai, ele foi envolvendo-se cada vez mais com aquele trabalho que realizava. Através da observação, da obediência e da convivência com o barro, ele não só aprendeu o que seu pai estava ensinando-lhe, como também, assumiu as próprias responsabilidades, carregando consigo aquela herança: dar continuidade à tradição da cerâmica local.

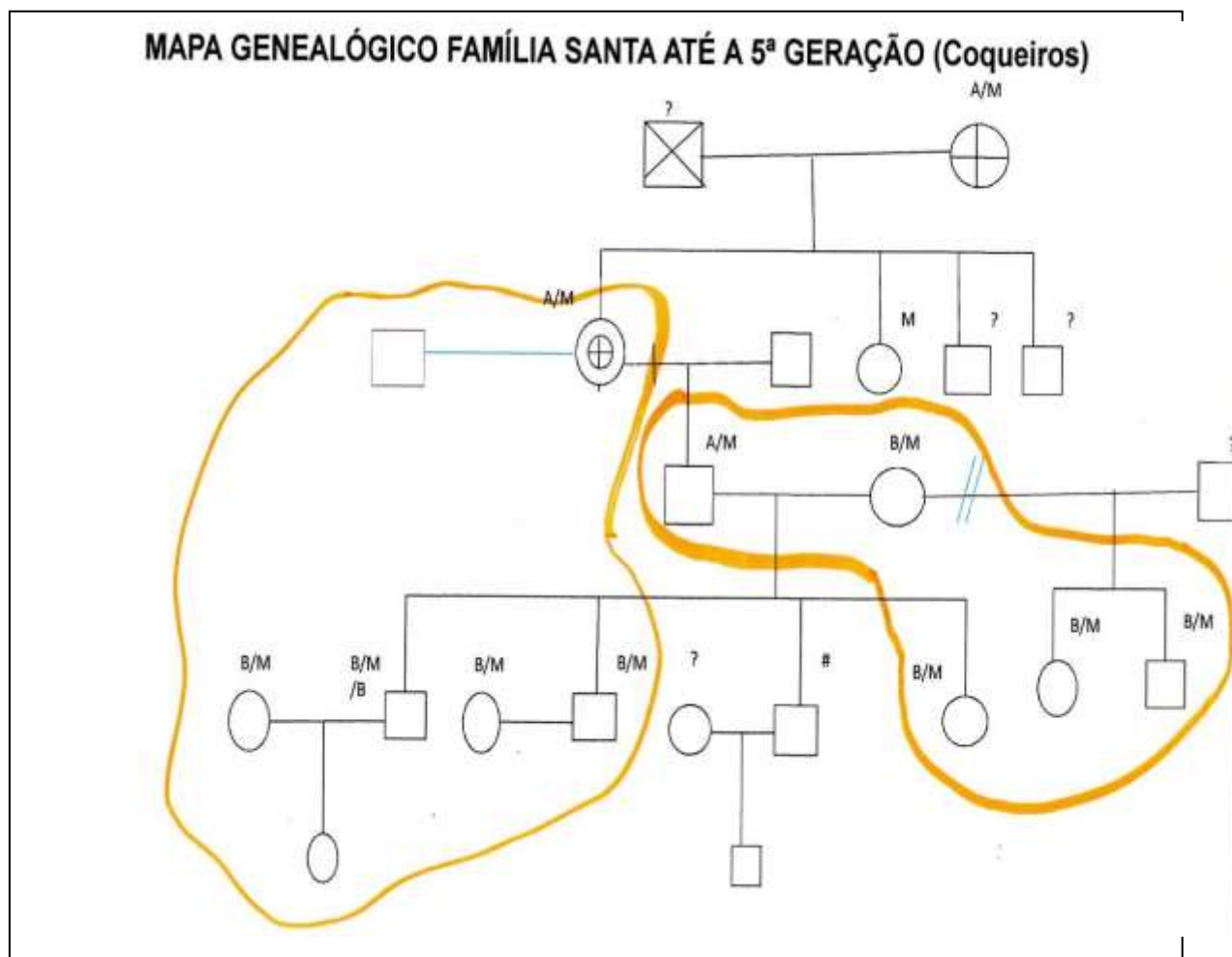
Alguns estudos têm apontado que a maioria dos artesãos e artesãs tem baixa escolaridade. No entanto, isso não se aplica ao caso do Mestre Penso. Este se orgulha de ter “se formado”, porque concluiu o curso técnico de Contabilidade (correspondente ao novo ensino nível médio). Nas suas narrativas percebe-se a preocupação que seus pais tinham em lhe transmitir valores ligados ao trabalho, à arte, mas também à vida. Em vários de seus relatos a palavra “responsabilidade” se torna um referencial em sua vida. Desde os dez anos de idade ele vivencia essa questão: “você já está ficando rapazinho, com dez anos, daí em

diante, você vai assumir sua responsabilidade...vai juntar seu dinheiro, mas você vai ter que deixar nas mãos dela (da mãe) pra ela comprar suas roupas”. (Lembranças do Mestre Penso sobre o pai)

Outro episódio contado por Mestre Penso foi quando ele completara doze anos. A mãe lhe disse: “a responsabilidade que você vai ter é toda semana com o dinheiro seu, você pode comprar o que você quiser, agora, você vai ter que tirar do dinheiro que ganhar e vai comprar a carne de boi”.

Assim, a tradição não está imposta apenas no fazer dos objetos cerâmicos, mas também nos valores, no desenvolvimento de um bom caráter e que foi e é transmitido, segundo o Mestre Penso, para seus filhos e netos.

## 5.2.2 De barro e lama: duas tradições como forma de pertencimento em Coqueiros

**Figura 33:** Genograma da família Mercês. Coqueiros, 2018.

Santa (67 anos de idade) que se autodenomina ceramista e marisqueira desde os oito anos de idade, não completara o Ensino Fundamental: “não frequentei escola, só o primeiro ano do primário. Diz que seus pais sempre residiram em Coqueiros. Sua mãe tem noventa e seis anos de idade e seu pai já faleceu. Santa diz ter se aposentado aos 57 anos de idade como marisqueira, pois contribuía com a “Capitania”.<sup>37</sup> A mãe de Santa teve quatro filhos (dois homens e duas mulheres), como pode ser visto no seu mapa genealógico.

<sup>37</sup> É bastante comum em comunidades ribeirinhas, essa forma de aposentadoria, visto que o trabalho de artesanato não ser regulamentado no Brasil. Após as primeiras entrevistas, Santa descobre um câncer no ovário e vem a falecer, a sua mãe falece também um mês depois.

Santa conta que aprendeu os ofícios de artesã e marisqueira com a mãe: num dia, ensinava aos filhos como trabalhar com o barro e no outro, como pescar e fazer o catado do marisco.

Foi minha mãe! Eu e os meus irmãos pegava no barro, aí a gente, aí eu fiquei né, fiquei treinando, fazendo aqueles caquinhos. No outro dia ela levava a gente pra maré e a gente pegava um bocado daquele marisco, tirava com agulha, fazia moqueca para comer...

É assim que Santa fala de sua vida: “um dia na lama e outro dia no barro, a gente vai levando né...”. Em outro momento da pesquisa, Santa lembra-se emocionada, que seu primeiro objeto feito do barro foi uma boneca, ainda quando era criança. A transgeracionalidade indígena e africana ressurge em suas lembranças.

Continuando a narrar sua história, ela informa que saiu de casa ainda criança, foi para a capital (Salvador) morar com outra família: “eu fui crescendo, tomando entendimento, aí eu fui embora, com nove a dez anos, eu fui embora pra Salvador”. Em outro momento ela diz que foi trabalhar.

Eu era babá, de babá passei pra arrumadeira de arrumadeira passei pra cozinheira, depois eu... engravidei desse menino meu...

Percebe-se que Santa, assim como Ida, teve quase o mesmo destino, comum na infância, principalmente de meninas nas famílias mais empobrecidas. O que vários investigadores das ciências sociais denominam “circulação de crianças”<sup>38</sup> (MEDEIROS & LEMOS, 2011; FONSECA, 2006; SERRA, 2003). No entanto, para Santa esse destino se diferencia, por dois motivos: primeiro, ela se desloca para a capital, para morar com uma família desconhecida, segundo, supostamente seu recrutamento foi com fins trabalhistas, no entanto, na informalidade<sup>39</sup>, ela fora “recrutada” como babá.

---

<sup>38</sup> “A circulação de crianças pode ser também descrita como um fenômeno migratório, já que implica um movimento de um lar para outro” (SERRA, 2003, p. 229). Para esta autora, as meninas das classes populares costumam trabalhar em casas de famílias com uma situação financeira melhor em troca de abrigo ou de pagamento irrisório. Mota-Maués (2004), levanta a hipótese de que esse fenômeno (circulação de crianças) ocorre também em outras classes sociais.

<sup>39</sup> Esse sistema de contratação de mão-de obra doméstica só vai mudar no presente século, através da Lei Complementar 150, do ano de 2015. (BRASIL, 2015a)

Dessa forma, ela só retoma o trabalho artesanal e a mariscagem, após retornar para Coqueiros, sozinha e grávida do primeiro e único filho. Passado algum tempo ela encontra um novo companheiro que assumiu a ambos.

Santa não teve um bom relacionamento com a mãe e um dos irmãos, evidente em suas narrativas, embora tenha sofrido porque este irmão colocou a idosa mãe em um asilo: “o filho que ela mais gosta botou ela no asilo”. Conta que ela e uma das irmãs chegaram até a serem intimadas por uma promotora que cuidava do processo aberto no fórum da cidade, acusando-as de um “suposto abandono de idoso”, ajuizado por este próprio irmão. Este alegara que ambas as irmãs não cuidavam da mãe idosa. Assim, ela conta com bastante mágoa esse episódio:

...dizendo que a gente botava mamãe pra fora, deixava mamãe morrendo de fome: se eu via um vestido pra mamãe eu dava, só tinha um perfume quando eu dava, só tinha um cabelo com óleo porque eu dava, um colírio dos olhos quando faltava, quando ela foi operada de um olho, quem dava era eu ou a filha dela ai, Maria (a outra irmã) é quem dava e a Promotora ficou do lado dele e botou meu nome na lista e minha irmã. Pra mãe, só tem um filho, chega na cara da gente e diz!

Este episódio trazido à lembrança parece mexer com as emoções de Santa, evidentes na forma de falar, ou seja, no tom da voz, na expressão do rosto, no movimentar das mãos e no lacrimejar dos olhos.

### 5.3 O significado de tradição entre a geração dos pais e dos filhos nas famílias atuais

- Ida, você dá conselhos aos seus filhos quanto ao trabalho artesanal? O que você costuma dizer-lhes?

- Seguir a mim, minha filha, seguir a mim é o que eu digo pra eles. Esse meu filho Rodrigo trabalha e Max é esquerdo (canhoto), ele só sabe preparar com a mão. Rodrigo é assim: começou a trabalhar com oito anos de idade. Fez um porquinho assim, inchadinho, feio, aí eu disse: meu filho faça, prepare que eu burno. Ele preparou, eu burni e o pai dele levou pra São Joaquim, vendeu por oito reais os porquinhos. Aí chegou e disse a ele: esse oito reais é seu, dos porquinhos que você fez. Aí ele (Rodrigo) ficou contente. Depois enjoou e começou a fazer quartinha, quartinha, quartinha! Enjoou e começou a fazer só talha, talha, talha! Ele sabe fazer tudo! Agora ele sabe fazer tudo que você imaginar.

-O que você acha desses jovens atualmente? O seu filho trabalha com isso e os outros que têm a mesma idade dele?

- É isso, é isso! Os pais que não botou, Lene. Se botasse pra trabalhar... tem filho também que o pai não sabe criar. Esses filhos meus, esses meninos,

eles burnia. Eu marcava pra eles sabe o quê? Tarefa! Nós burnia até uma ou duas horas da manhã.

- O que significa “tarefa”?

- Tarefa é assim: eu dizia que ia burnir tantas peças pros três. E dizia: se vocês não terminarem isso aqui, não iam brincar. Iolanda sempre demorava e os irmãos iam ajudar ela.

(Diálogo entre Wanderlene e Ida)

Ida fala sobre como educou seus filhos para o trabalho na cerâmica, ao mesmo tempo em que valorizava o ensino escolar: “coloquei todos na escola, mas só Max se formou” (concluiu o Ensino Médio). Apesar do ensino informal do artesanato (o burnimento das peças de barro), apenas Iolanda não quis continuar na atividade, preferindo, segundo ela, vender doces e salgados.

No entanto, sobre o processo de ensino-aprendizagem, a prática da observação é o que direciona os sujeitos nesta profissão ancestral.

- Mestre Penso, como se deu o processo de ensino e aprendizagem do artesanato cerâmico?

- A pessoa que vai aprender quando olha assim, pensa que é fácil. Quem vai aprender, eu tenho que explicar tanta coisa: tem que pegar o barro, molhar, às vezes tenho que pegar nas mãos da pessoa pra mostrar como eu faço. Meu pai me ensinou assim: eu via ele fazendo todo dia. Eu ficava ali me melando, elando a minha mão. Eu via ele fazendo, ele dava a dica. Minha mãe não sabia fazer, mas sabia dá as dicas. Os dias iam passando, eu me lembro como fosse hoje, eu tinha oito anos.

- Como você iniciou esse processo com seus filhos?

- Do meu filho (Rodrigo), do caso que lhe contei do meu pai, foi a mesma coisa com ele. Botei com oito anos, a mãe juntava as melhores (peças) e eu ia vender lá na Feira de São Joaquim...

(Diálogo entre Wanderlene e Mestre Penso)

O processo de ensino e aprendizagem, programada, principalmente, pela educação formal, tem eliminado de seu roteiro valores e crenças que excluem o erro do contexto de aprendizagem. Essa concepção está fortemente internalizada no ideário popular. Acredita-se que o erro é algo que não se deve cometer, porque é algo vergonhoso. Para Paulo Freire (1967, 2001), a escola, que ainda cultua a pedagogia da resposta (correta), deve orientar seu tipo de educação para algo mais libertador, algo que leve o aprendiz a desenvolver a curiosidade e considerar o erro como “uma forma provisória de saber”, ou seja, como degraus para os futuros acertos. O estímulo à busca da perfeição, manifestada como “acertos” equivalem alcançar os mais altos graus do conhecimento. Assim, o erro é o modo de alcançar a plena consciência.

Desse modo, aponto que a busca pela perfeição é o mote de todo processo artesanal nas comunidades da cerâmica. Assim, é pelo aprender fazendo, errando e quebrando que o aprendiz de artesão/oleiro alcança a perfeição nos objetos de barro.

No dicionário Aurélio encontrei quarenta e cinco significados para a palavra “quebrar”, por exemplo, significa reduzir(-se) a pedaços; fragmentar(-se), despedaçar(-se), diminuir a intensidade de; enfraquecer, baixar, inutilizar, quebrantar, etc. (FERREIRA, on-line)

Tanto nas comunidades de Maragogipinho quanto na de Coqueiros, o quebrar o objeto faz parte de todo ensino-aprendizado. No entanto, isto não é visto com prazer pelos jovens aprendizes.

Edi, ao falar sobre a iniciativa da filha de nove anos de idade, aponta essa questão do “quebrar a louça”, como algo desnecessário e desmotivador:

O pai sempre corta, ele que devia incentivar mais, ele sempre corta, já eu não, ela às vezes inventa de querer fazer umas peças, umas coisas assim, aí ele diz: - Não ! Larga, vai se melar, deixa aí, deixa meu barro ai. Já eu não, eu digo:- aqui tá bonitinho, ele fica, “ah tá uma porcaria, tá feio, isso aí não presta pra nada..., aí ela fez umas duas peças, aí ele, foi ajeitou, e aí vendeu, mas ele remodelou toda, mas pra ela foi ela que fez, isso deixa ela, não é (quer dizer motivada), ele não sabe, não tem essa paciência, ele não sabe, a pressa, a agonia dele, e não tem aquela paciência de sentar com ela, aproveitar o querer dela pra ensinar ela, tá entendendo?[ ...] e aí às vezes, ele **quebra**, joga fora, o que ela fez. Ela fica cobrando, - cadê minha louça, cadê minha louça? Você vai pagar o que eu fiz, vai pagar. Ela se sente, ela fica triste, tem vez que até ela chora...

Não é só o objeto que é quebrado, o coração da aprendiz sofre um quebrantamento também. A filha do casal Jair e Edí, reconhece isso em sua alma.

A filha de Jair, não tem encontrado um ambiente favorável para desenvolver suas habilidades e desejos de ser artesã da cerâmica, pois sua mãe, Edí, não sabe fazer os objetos, algo muito comum, também em Maragogipinho, onde as mulheres são eminentemente burnideiras e pintoras, enquanto os homens são os fabricantes. Elas ficam então, na dependência masculina, como apontado por Edí e Ida: “é o que me pergunto todo dia – Deus livre e guarde se acontecer alguma coisa com Jair, aí acaba” (Edí-Coqueiros); ”Fico, pelo amor de Deus, faça as minhas louças...” (Ida-Maragogipinho). Um problema se impõe: como ver esta questão em Coqueiros, visto que o fabricar as louças são atividades secularmente femininas?

Matos (2001) me ajudou a refletir sobre essa questão ao estudar sobre gênero na produção artesanal de peças de cerâmica em algumas comunidades de artesãos do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. Segundo ela, tradicionalmente apenas as mulheres chamadas “paneleiras” praticavam esse ofício, que era transmitido de mãe para filha. No entanto, alguns homens dessa comunidade perceberam que poderiam ter alguma renda com o trabalho no barro. Diante disso, houve uma reconfiguração nas relações entre os homens e as mulheres. Este fato se assemelha ao que pude observar nas comunidades de Maragipinho e Coqueiros. No entanto, é neste último que os valores de masculinidade estão sendo incorporados à uma realidade que outrora não existia. E como discuti há pouco, Jair não quer ensinar à filha caçula, ao passo que também seus filhos não querem aprender a arte, criando um impasse na proposta de se manter uma tradição secular na comunidade.

Observei que a busca pela semelhança na fabricação das peças é o desejo de todo filho (a) ser/fazer igual ao pai ou a mãe, mantendo os recursos simbólicos de representação de masculinidade e feminilidade, acima discutidos. No relato de Mestre Penso é possível interpretar sua trajetória pessoal como um constante aperfeiçoamento e correção das maneiras “erradas” de realizar a feitura dos objetos, a partir dos seus próprios modelos,

Aí na hora de preparar começava a cair da minha mão, eu não tinha prática, caía, mão mole, aí ele foi me ensinando com cinco anos [...]quando eu tava com uns 8 a 9 anos, aí a mercadoria dele, eu levava até o forno, aí eu pegava, viajava com ele pra ajudar, na época era e saveiro aqui, levar a mercadoria pra ele entregar lá (na Feira de São Jaquim). Aí ele fez assim: os piresinhos que eu fazia, a minha mãe escolhia as melhores, e os ruins **quebrava**, pra eu fazer os próximos, igual ao que ela escolheu (...) Daí em diante ele me ensinava, e da minha mente mesmo, eu olhava o que ele tava fazendo e tentava fazer igual, mas não saía igual. Ele aí dizia: - você não sabe fazer os arranjos direitinho, já tá querendo fazer minhas moringas, tá querendo fazer meus quartiões? Eu dizia: - não meu pai, eu quero fazer igual a você. Ele aí falava: -mas você vai aprender. (M. Penso)

Assim, como nas atividades esportivas, o treino é muito importante, na aprendizagem artesanal, fazer repetidamente um objeto é uma estratégia significativa que leva ao entendimento, como aponta Santa:

Com minha mãe, os irmãos pegava no barro, aí a gente, aí eu né, fiquei treinando, fazendo aqueles caquinhos (vasos), no outro dia, mãe levava a gente pra maré, a gente pegava um bocado daquele marisco, tirava com agulha, fazia moqueca para comer, eu fui crescendo e tomando entendimento...

A família é o primeiro espaço educativo e é através da educação que o sujeito é introduzido à “realidade total”, segundo Jungmann citado por Giussani (2000, p. 187). No entanto, não está dado, a priori, que isto seja a preocupação dos pais, ao menos, não conscientemente. A prova é que delegam a educação dos filhos a outras instâncias, como escolas, igrejas, etc.

Contudo, a criança de família artesã vai se desenvolvendo no contexto de uma atividade laboral que é o ponto central de sua socioeducação e é na busca do “entendimento” que se alcança a independência e a sapiência, a autonomia necessária para tornar-se um bom artesão/ã, mas também, um bom pai, uma boa mãe. É preciso desenvolver a resiliência, o amor ao sacrifício do corpo e a tolerância à frustração e isto se alcança com o barro. O barro ensina. “Ela faz, pega as coisas, dou o barro, ela tem o jeitinho, sai tudo torto, tudo feio, tem que quebrar, fazer de novo e assim vai...” (Edi)

O conhecimento e a compreensão do mundo são dados aos seres humanos por eventos correlacionais, isto é, como apontou Husserl, a consciência e a coisa não podem existir separadamente.<sup>40</sup> Essa correlação, que é um apriori, é uma condição humana que possibilita fenômenos, segundo Goto (vídeo, 2013). Desse modo, percebi o que significava a condição “quebrar”, para os aprendizes de artesãos nas comunidades pesquisadas. Esse fenômeno, que pode gerar outros tantos fenômenos diferentes, dependendo da consciência que se tem da “coisa percebida”, do como é percebida e a partir de onde é percebida pelos sujeitos apresentados anteriormente.

O “quebrar” é um chamado para a ausência, que precisa de outra vivência, “mas tem algo – a ausência precisa se transformar em presença” (GOTO, vídeo, 2013). Então, o fazer repetidamente, alcançada pelo entendimento que se adquiri nesse processo de trazer “à presença” outro objeto semelhantemente perfeito que pode ser decorado e vendido, é o próprio processo educacional da família artesã. Desse modo, educar pelo erro, quer dizer “desenvolver a consciência, isto é, o sentimento de si como responsabilidade para com algo maior do que si mesmo”. (GIUSSANI, 2000, p. 192)

Sobre o filho Max, o pai (Mestre Penso) também lhe deu outra função na atividade familiar, visto que segundo ele, este tinha pouca destreza com o torno. Por isso, atualmente, o jovem é o responsável pela “preparação de acabamento” das louças, como por exemplo, por

---

<sup>40</sup> Husserl cogita essa máxima, devido à crítica que faz do seu tempo, que se diluía em dois pontos antagônicos do pensamento ocidental: A coisa só existe no sujeito (subjetivista) ou as coisas estão aí, dadas, independente do sujeito (objetivista). (GOTO, 2013).

as alças nas xícaras, completar o acabamento das frutas e toda a sorte de serviço que não necessite do torno.

Ele (Max) aprendeu, graças a Deus, tudo do barro. Começou a namorar, se casou, tem a loja dos caxixis. Se Deus quiser, vai morar aqui, não precisa se acabar pra sair daqui e ir pra Salvador procurar emprego...

[...]

Sempre trabalhei com o barro, meus filhos todos foram criados com isso aqui. Eu preferi assim, porque minha mãe não queria que eu saísse daqui não, poderia acontecer, Deus livre e guarde, alguma coisa comigo lá (em Salvador). (Mestre Penso)

Observei a importância que a família Mota tem dado ao trabalho ancestral, por estar relacionado a algo que vai passando de geração em geração, através de um padrão intergeracional das relações de produção de sentido da vida e da manutenção do *status quo* familiar, permeados pela intensa preocupação dos pais na felicidade dos filhos, ainda que estes já estejam casados e com suas próprias famílias recém-formadas, como no caso acima transcrito.

Rodrigo narra sobre sua opção em manter a tradição, como uma escolha de vida:

Quando eu comecei a fazer eu tinha oito anos. Mas quando eu queria mesmo, tinha uns quinze anos, eu parei de estudar pra me dedicar a isso... Foi minha opção mesmo de trabalhar com a cerâmica.

Rodrigo cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental II, e segundo Ida, “ele não queria mais estudar”, então ela consentiu com sua atitude de deixar a escola.

Quanto à família de Santa, o diálogo a seguir permitirá uma compreensão do momento em que as atitudes no presente poderão incorrer no fim de uma tradição ancestral, em Coqueiros:

- Edí, o que você acha que vai acontecer se ninguém aprender mais sobre a tradição familiar?

- É o que me pergunto todo dia! Deus livre e guarde, se acontecer alguma coisa com Jair, aí acaba. Só ele que faz, a gente sabe dá o acabamento, mas fazer a gente não sabe. Ele ainda tentou ensinar a minha filha, tentou ensinar a minha nora, mas elas não pegaram jeito não. Precisa do querer, precisa também ter uma cabeça boa. Agora a minha menina pequena, caçula, ela tem o interesse, ela ainda não sabe, mas ela tem assim, interesse. Ela tem dez anos, mas ninguém sabe assim, se é um fogo de palha, querer que vai passar ou se realmente tem aquele interesse, aquele desejo, aquela vontade. O pai

sempre corta. Ele que devia incentivar mais. Ele sempre corta. Já eu não: ela às vezes inventa de querer fazer umas peças, umas coisas assim, aí ele (diz) não! Larga! Vai se melar, deixa aí, deixa meu barro aí. Eu não! Eu digo: aqui tá bonitinho, (enquanto) ele fica: “ah tá uma porcaria, tá feio, isso aí não presta pra nada”. Eu digo: presta sim, só precisa você dar um jeitinho, que aí tá bonitinho, bota pra vender [...] Ele não sabe, não tem essa paciência. Ele não sabe: a pressa e a agonia dele, e não tem aquela paciência de sentar com ela, aproveitar o querer dela pra ensinar, tá entendendo? Ela se sente, ela fica triste, tem vez que até ela chora...

(Dialogo entre Wanderlene e Edi)

Para Jair, o interessante é que, ao menos um, dos filhos (homens) aprendesse a profissão, porém ele lamenta a ausência de interesse deles. No entanto, não percebe que a única filha está motivada, principalmente, por ter convivido com a avó (Santa). Está ali ao seu lado, gritando por uma oportunidade de manter a tradição da família viva. Será que isso se deve à influência do papel social de gênero na transmissão cultural? Suponho que, por mais que existam padrões alternativos no sistema familiar, como por exemplo, Santa que transmitiu seus conhecimentos ao único filho, pois não teve descendência do sexo feminino, parece se constituir numa exceção. Então, constata-se que, sempre que possível, haverá mecanismos que serão acionados para restabelecer o padrão usual (CERVENY, 2011): o pai transmite o saber para a geração masculina, enquanto a mãe vai transmitir para a geração feminina.

Santa pronunciou seu desejo de que a neta continuasse a sua tradição no barro, orientando-a a não buscar “emprego de carteira assinada”. No entanto, esta neta estava com apenas nove anos de idade no início do meu trabalho em campo, e sua avó vem a falecer neste mesmo período, rompendo, assim, a única forma possível de manutenção da tradição, visto, como podemos perceber nas narrativas, tanto do seu pai, Jair, quanto de sua mãe, Edi, que não haverá outra forma de transmissão, de um lado, por um não saber (Edi) e por outro, um não querer (Jair).

Ainda que não eu não tenha realizado a construção do genograma da família de origem de Edi, através de suas narrativas, nas entrevistas, foi possível perceber, que esta família não desenvolveu nenhuma atividade laboral relacionada ao artesanato cerâmico e tampouco ao catado e/ou pescaria. Edi relata que aprendeu a burnir e pescar com Santa, após integrar-se á família Mercês. Então, é, ao ingressar nesta nova família, que ela apreende as atividades ali realizadas.

Nestes casos, aqui apresentados, suponho que a influência da transmissão multi e intergeracional familiar, para a manutenção da tradição do fazer artesanal, deve ser visto

como uma possibilidade de compreensão da própria dinâmica cultural. Refiro-me à essência das vivências culturais, pois, deixo claro que as mudanças, tanto no padrão de transmissão, quanto nos próprios objetos confeccionados, bem como, já discuti anteriormente, na construção das olarias, ocorreram e continuam a ocorrer em ambas às comunidades pesquisadas. Portanto, transformação e manutenção não são processos dicotômicos, mas que coexistem paralelamente e são necessários para o processo evolutivo das pessoas e sociedades.

#### 5.4 O sentido de responsabilidade como herança da tradição

Eu ouvia sempre: -“agora você vai ter uma responsabilidade”. Eu já tava caminhando de 11 pra 12 anos, ela (a mãe) chegou pra mim e disse assim: “a responsabilidade que você vai ter é toda semana com o dinheiro seu, você pode comprar o que você quiser, agora, você vai ter que tirar do dinheiro que ganhar e vai comprar a carne de boi. [...] A obrigação é a gente lhe criar, fazer as coisas pra dentro de casa, é nós; mas você assumir a responsabilidade de amanhã ou depois se tornar homem, pai de família, estar pronto pra vida”. Até hoje eu nunca me esqueci desse caso. (Mestre Penso)

De acordo com González Pecotche, (2012), **responsabilidade**<sup>41</sup> significa capacidade que alguém tem de cumprir seus compromissos honestamente. Desse modo, depreende-se que a responsabilidade é uma virtude que gera compromisso consigo e com o outro.

Responsabilidade significa compromisso e garantia de honestidade e capacidade de cumprimento; compreende a soma dos valores que alguém possui ou representa; constitui a constância que legitima os atos individuais e lhes dá o caráter de próprios. (GONZÁLEZ PECOTCHE, 2012, p. 214).

Ainda de acordo com este autor, o termo responsabilidade possui vários significados, os quais, embora levem a um mesmo ponto, diferem entre si de acordo com as situações e com o papel que a responsabilidade desempenhe neles. Ou seja, os deveres e obrigações correspondentes às respectivas atividades, quando se depende de outros, implicam responsabilidade. Ser responsável, portanto, é ser capaz de responder pelas próprias ações,

---

<sup>41</sup> O substantivo responsabilidade aparece em francês, no séc. XVIII, enquanto que o adjetivo responsável, saído do latim spondeo, surge no séc. XIII, usando-se sobretudo em linguagem jurídica. O termo responsável, aplica-se àquele que é capaz de dar a sua palavra, de dar garantia, de prometer solenemente. Responsabilidade e responsável etimologicamente derivam do latim respondere, comprometer-se perante alguém (spondere) em retorno (re). (FERNANDES, 2002, p.42)

assumindo compromissos e criando comprometimento para atingir os objetivos (seus ou dos outros).

Nós era muitos irmãos e mãe colocava nós na porta pra bruni os potes ou outra peça. Quando nós ficávamos cansados, ela terminava com o resto incompleto que ficava faltando teminar o acabamento. Tinha que fazer isso pra ajudar em casa e com esse dinheiro servia pra comprar pão, era a nossa responsabilidade. Minha mãe ia também pescar no rio enquanto nós ficávamos em casa brunindo e aí, quando ela chegava, um dos nossos irmãos ia vender a pesca pra comprar a farinha e às vezes também o pão, o café e o açúcar. Esse tempo era difícil a situação de todos... (Ida)

Percebe-se, como citado acima, que a responsabilidade é o valor para enraizar no ser o novo dever do homem como guardião da família e da tradição do artesanato cerâmico.

Outro autor que vale à pena comentar neste tópico é Hans Jonas (2006)<sup>42</sup>, pelo seu ensaio “O princípio responsabilidade”. Nesta obra, este autor aponta que deve existir, na vida humana, um maior equilíbrio entre o mundo humano e o mundo natural, não só para o presente imediato, mas também com uma visão de longo prazo.

Responsabilidade como respeito e preservação, como ensejada por Jonas (2006) é um modo de responder ao outro: “o comportamento durante o trabalho com a louça ajuda pra ter responsabilidade” (Iolanda). Há uma anterioridade da responsabilidade em detrimento da liberdade: “senão, tal hora não brinca” (ida).

Jair expressa o sentido de responsabilidade associado à honra, ele assim o expõe num diálogo comigo:

-Jair, quais conselhos ou orientações você transmite para seus filhos?  
 -Eu fico honrado com eles. Hoje mesmo eu chamei todos os dois e falei: - eu quero ter o nome de qualquer coisa, só não de ladrão e nem de vagabundo.  
 -Por que você falou isso?  
 -Sabe, eles estão trabalhando num restaurante, aí eu acho, eu acho não, eu tenho certeza que o rapaz, o dono lá do lugar, fez isso pra experimentar: ele viajou e deixou tudo nas mãos deles dois. Quer dizer, minha filha ficou no caixa fazendo a cobrança, fazendo conta, espie que não é uma observação, que não é pra experimentar? Então eu falei pra eles hoje: honre meu nome, vocês têm essa responsabilidade aí! Ganhem o seu dinheiro honestamente, com o seu suor, pouco ou muito, mas que seja com seu suor. Tô errado?  
 -Não!

---

<sup>42</sup> Hans Jonas (1903-1993), filósofo alemão, foi discípulo de Husserl e Heidegger e herdou o método fenomenológico. A obra principal de Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité: une éthique pour la civilisation technologique*, tem a sua gênese em 1979, quando o autor se dá conta, pela primeira vez, da transformação da ligação entre a teoria e a prática que distingue o saber moderno da natureza do saber antigo.

-É bonito, é lindo você pegar dez reais, você pode está todo como for, mas você sabe que aqueles dez reais você comprou dois quilos de feijão do seu suor, é bonito demais! Eu amo quem gosta de trabalhar meu irmão, acredite!  
(Diálogo entre Wanderlene e Jair)

Ele expressa o quanto é belo e honrado o trabalho honesto, o ganhar a vida com o “suor do rosto e os calos das mãos”.

A responsabilidade individual invoca a responsabilidade coletiva em relação ao futuro e daí apreende-se o tratamento dado à tradição e à cultura. Pois, segundo o ponto de vista de Postman (1993) deve ser novamente outorgado à cultura a assunção do poder que a tecnologia lhe tomou. Neste sentido, os passos seriam o seguinte:

Uma libertação da crença nos poderes mágicos dos números; não confundir informação com compreensão; considerar relevantes as coisas antigas (reconhecer o passado); levar a sério a lealdade e a honra familiar; não esquecer a tradição em prol da modernidade (reconhecer o presente). (POSTMAN, 1993, p.184, livre tradução)

Partindo-se do pressuposto acima, o sentido de responsabilidade para com a tradição, deve ser o princípio básico de uma ética humana que tenha como principal meta a preservação do futuro, como cuidado direto do ser humano para com o ser humano, como expressado nas narrativas dos artesãos e artesãs. O que permitirá um reencontro de cada um consigo mesmo e com o outro.

#### 5.4.1 Responsabilidade, liberdade, cultura e tradição

Isso vem desde muitas gerações, os mesmos costumes no trabalho até hoje...(Ida)

É fato que em qualquer atividade cultural, a escolha por seguir ou não a tradição da comunidade ou família, pertence a geração mais nova, à juventude. No entanto, como sugeriu Giussani (2000, p.165), “não é possível conceber um adulto cortado do seu passado, separado do seu passado (...). Mas a tradição não chega a se tornar conteúdo de um sujeito adulto se os seus fatores constitutivos não se tornaram a razão da pessoa”. Assim, compreendo que qualquer pessoa pode ser educada ou não, corroborando com Mahfoud (2012), “a responder às solicitações que ela adverte em sua própria humanidade no contato com o real. Neste sentido liberdade e responsabilidade se articulam profundamente”. (MAHFOUD, 2012, p. 48)

Cada sujeito efetua um movimento e como apontou Stein (2019), o movimento pode ser permanente ou fugaz, que no sentido mais estrito é passageiro, apresentando-se como a “mais clara contraposição ao ser eterno, imutavelmente presente” (STEIN, 2019, p 72). Neste sentido, apresentarei duas propostas de movimentos que ao olhar menos atento, parecem antagônicos.

Na família França temos o participante Almir que anseia por um “bom emprego de carteira assinada” e na família Mota temos Iolanda que prefere “fazer doces e salgados”. Ambos, de maneira idiossincrática, discordam de seus familiares de que só existe a opção do trabalho artesanal. No entanto, será que é da manutenção da tradição que eles discordam? Ou é da posição em que são colocados no grupo familiar, com relação à divisão econômica do trabalho?

Os dois dão dinheiro (a pesca e a cerâmica), o lucro na verdade é de meu pai (refere-se à cerâmica), ele dá para a gente comprar roupa, o dinheiro é dele. Na parte de nosso lucro mesmo é a pesca, cada um vende o seu. Eu pego pra mim e ela (a esposa). Edi pega pra vender também o dela separado. (Almir)

Almir parece insatisfeito com a realização do trabalho com a cerâmica, ainda que o reconheça como “um bom trabalho”. Contudo, também não quer permanecer na atividade pesqueira. Percebi que seu projeto de vida não inclui as atividades desenvolvidas pelos familiares.

É um trabalho bom, embora tenha um desgaste físico grande, meu pai trabalha muito aí na louça, meu avô (Paulo, esposo de Santa) também. Cortar lenha, arrumar, polir, burnir é um trabalho muito grande, muito desgastoso, ganha um dinheiro bom, mas é um trabalho muito desgastoso: desgaste físico, a pessoa fica muito cansada, eu não sei se vale à pena! É porque também não tem outra coisa pra fazer, só pesca e artesanato, quem sabe pescar vai pescar, quem sabe fazer artesanato vai fazer artesanato, cada um no seu cada qual.

[...]

Penso em me formar (ensino médio), completar meu terceiro ano, fazer um curso e trabalhar numa empresa, numa coisa assim.

Pra ter um futuro melhor, não penso em ficar em pesca, penso em trabalhar em algum lugar numa empresa, loja, pra crescer futuramente, ter um futuro melhor.

Almir não percebe o legado do trabalho familiar com o barro como algo que faz parte de uma tradição da comunidade. Ele diz: “as peças aqui não tem a ver com tradição cultural

não! Só festa de se vestir de caretas, de se vestir de máscaras<sup>43</sup>, já participei muito, hoje não participo não”. Essa crença, provavelmente, impossibilita-o de atribuir significados transcendentais, influenciando, inclusive, sua própria consciência de identidade e pertencimento e todos os sentimentos dela decorrente. Para Stein (2005b), o desempenho de funções tendo a consciência destas para si e para os outros faz parte do viver a pertença como algo importante para a comunidade e essa consciência é o que mantém viva uma tradição.

Já em Maragogipinho, os integrantes da família Mota acreditam que “o barro faz parte da tradição cultural”. Inclusive Iolanda, quando afirma: - “aqui é o maior Centro Cerâmico da América Latina!”

Na semana da Feira dos Caxixis, encontrei Iolanda vendendo seus doces e salgados acondicionados numa grande caixa de isopor e transportada num carrinho de mão. De vez em quando, ela parava na barraca dos seus familiares, conversava um pouco, oferecia suco e salgados e continuava sua caminhada aproveitando ao máximo o grande movimento de visitantes ali presentes.

Assim, é na dimensão espiritual, que os jovens buscam a partir da força vital, se expressar na liberdade de voltar-se para algo e elaborar seus significados, nos propósitos assumidos, na vontade persistente, nas tomadas de posição enquanto pessoa em relação aos outros e ao mundo.

Concordo com Stein (2019, p. 103), de que “nada da experiência atualmente vivida se perdeu e que pode reviver o passado, momento por momento”, então é possível que os dois sujeitos ora descritos possam reconstruir suas narrativas a partir das vivências na infância cujo conteúdo fundante é o barro - é o que anseiam seus familiares. Porque a essência não se dilata em si mesma, “a essência é aquilo que se pode compreender e pelo qual o objeto se faz compreensível e determinável”. (idem, p.103)

### 5.5 A aplicabilidade do genograma em estudos culturais

A construção do genograma associado às entrevistas narrativas possibilitaram analisar as configurações familiares: desde a identificação das atividades culturais laborais desenvolvidas até a influência de costumes transmitidos de forma transgeracional, como a questão, por exemplo, da religiosidade. Isto permitiu uma leitura de como se deu a

---

<sup>43</sup> No período do carnaval, em Maragogipe, há mais de um século, moradores desse município transformam-se nos "caretas", figuras festeiras multicoloridas, que passeiam pela cidade com os rostos cobertos por máscaras que os mantêm anônimos. A festa detém influências africanas e europeias, seja pelas vestimentas, seja pela música. (BAHIA. Disponível em <http://agendacultural.ba.gov.br/caretas-de-maragogipe/>. Acesso em 15 de maio de 2019.)

transmissão étnica ao longo dos séculos, num país como o Brasil, cujas raízes culturais envolveram diversos povos que aqui reconstruíram os seus mitos, ritos e costumes buscando adaptar-se ao meio ambiente natural e ao contexto social.

A construção do genograma realizada com os participantes da pesquisa apresentou-se como possibilidade de percepção da tradição da produção de objetos de cerâmica como vivências que transpassaram as gerações com poucas transformações. Foi um recurso, também, para a criação de um contexto propício à exploração, expansão e ao esclarecimento do “não dito”: como por exemplos, a religião de origem e os motivos das desavenças familiares; proporcionou explorar com as pessoas os novos significados que emergiram, como por exemplos: os conflitos e a interpretação de um possível sentimento de abandono; e a capacidade de cuidar, de atentar para as necessidades do outro e de enfrentamento dos problemas familiares.

A repetição multigeracional de padrões tem sido usada para estudar a família em diversos contextos, principalmente clínicos, (KRÜGER e WERLANG, 2008; CORREIA et al. 2009; MUNIZ e EISENSTEIN, 2009; MUSQUIM et al. 2013, dentre outros), tanto no aspecto genético, quanto no aspecto psicossocial. No entanto, neste estudo aqui proposto, a possibilidade de se compreender o processo de continuidade da tradição ancestral, através da gestão da comunicação, tornou o genograma uma importante ferramenta. Assim vimos como o sentido da tradição se estendeu das famílias de origens dos participantes até suas próprias famílias construídas com os casamentos, na construção narrativa.

O uso do genograma, como fora metodologicamente utilizado, aqui neste estudo, porque fora construído com os familiares, permitiu evocar lembranças, bem como as tensões geradas pela percepção dos sujeitos (Coqueiros bem mais explícito) a respeito do destino do artesanato na família, apontando, por exemplo, a questão da morte real do corpo físico e da morte simbólica da tradição. O trabalho e a família ganham uma notoriedade para os membros da família de Santa, após a sua morte. O grau de responsabilidade aumenta enquanto o sentimento de desalento toma conta de alguns integrantes, devido à recente perda. Santa era uma pessoa central nesta família, percebe-se que era a partir dela que todos os membros desenvolviam seus papéis sociais e profissionais.

Outro aspecto a ser compreendido diz respeito à necessidade de desenvolver outras habilidades por parte de alguns participantes de uma cultura específica. Essas novas habilidades e competências podem ser sinônimos de mudanças na tradição: como por exemplo, um problema no corpo físico do indivíduo, como foi o caso apresentado de Max, na família Mota, que ao ter uma deficiência no braço esquerdo e ser canhoto, o impossibilitou de

manusear o torno, ferramenta de extrema importância para os homens na comunidade de Maragogipinho e que exige força física. Neste caso, ele pode desenvolver outras atividades atreladas ao artesanato cerâmico, aprendendo a técnica da modelagem à mão, por exemplo. Para o artesão, a habilidade técnica exige a competência criativa, é o que definirá o grau hierárquico da própria atividade cerâmica, bem como o *status* na comunidade: aprendiz, oficial e mestre. Os sujeitos que realizam as funções de amassador e carregador não são considerados artesãos nestas comunidades.

Desse modo, nos dois casos estudados, foi possível perceber quais elementos (vivências) podem ser demarcadores da gênese e morte de uma tradição, bem como sua transformação.

Quanto à questão da escolarização, processo tão imbricado em nossa sociedade atual, não posso generalizar que a ausência desta seja o motivo de os artesãos, de um modo geral, manterem vivas as suas tradições culturais. No entanto, também é fato que, aqueles membros cujas atividades foram transmitidas em mais de duas gerações, estes continuam a valorizá-la como uma razão de vida: o amor pelo fazer, uma identidade possível, o que independe do nível de educação formal (escolar). A possibilidade de escolha, também, é um norte na questão da tradição (o barro ou a pesca), daí podem ser conjugadas as habilidades e competências desenvolvidas ao longo do tempo, para uma ou outra atividade.

Boussery (2009), em um estudo na Mauritània, discutiu alguns projetos estaduais<sup>44</sup>, que visam a preservação do patrimônio artístico, como forma de redução da pobreza e do desemprego, por exemplo: a necessidade de ver as tradições culturais como elementos que “abrem oportunidades de trabalho para os jovens”.

Essas e outras iniciativas demonstram o quanto a discussão sobre as tradições culturais deve ser olhada com mais cuidado, evitando-se o puritanismo e o saudosismo que nada acrescentam, porém partindo-se de uma visão política-social onde a historicidade e a memória das gerações sejam colocadas nas pautas das discussões na contemporaneidade.

Diante disso e como comentei na introdução deste trabalho, considere de suma importância entender como outras instituições sociais contribuem para a manutenção da

---

<sup>44</sup> O programa conjunto “Patrimônio, tradição e criatividade para o desenvolvimento sustentável na Mauritània” faz parte do trabalho do Fundo ODM para ajudar os governos ao redor do mundo a alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio de reduzir a pobreza, aumentar a igualdade de gênero e melhorar a vida dos cidadãos mais pobres do mundo. Um dos quatro programas conjuntos que operam na Mauritània, concentra-se no fortalecimento da capacidade nacional para desenvolver e promover negócios culturais, bem como na gestão, conservação e valorização do patrimônio cultural do país. (BOUSSERY, 2009)

tradição do fazer artesanal. Para cumprir esta proposta busquei entrevistar o presidente da Associação dos Artesãos e Artesãs em Maragogipinho e a gestora de uma Escola Pública.

Relatei anteriormente o papel que tem desempenhado a Associação quanto à participação dos membros desta comunidade nas feiras de artesanatos, a partir do ponto de vista da família Mota. No entanto neste capítulo, ampliarei a discussão trazendo à tona as crenças e valores dos agentes públicos instituídos na comunidade com relação ao artesanato local. E para tal empreitada, parti do pressuposto de que “o que o indivíduo experiencia como membro da comunidade, constitui o material a partir do qual as experiências comunitárias são constituídas” (STEIN, 2005b, p. 354). Desse modo, as narrativas trazidas pelos gestores sociais e agentes públicos entrevistados, permitiram-me entender o tipo de relação que acontece naquela comunidade.

5.6 E sobre a tradição da cerâmica em Maragogipinho? O que dizem os gestores da Associação de Artesãos e da Escola?

Em Maragogipinho, a AAMOM (Associação do Auxílio-mútuo dos Oleiros de Maragogipinho), tem sua existência, de acordo com o presidente, a partir do ano de 1988, e tem a finalidade de organizar e estruturar o trabalho dos oleiros nesta região.

Denis, que também é artesão, tem o ensino médio completo e é natural e Maragogipinho, já exerce o cargo de presidente da associação há seis anos e disse não desejar permanecer na função. Sobre como os associados participam ele diz:

Na verdade seria pra participar, pagar para ajudar a associação porque a associação não tem nenhum benefício. A gente tem a dificuldade de arrecadar a contribuição dos associados e aí a gente vende algumas mercadorias e algumas coisas pra manter a despesa da associação. Na verdade, os sócios só poucos que pagam. Inscritos tem quase 200, mas os que contribuem mesmo são menos de 50! Alguns são assim, não contribuem diretamente, mas indiretamente quando tem alguma coisa assim (ele se refere às feiras e exposição dos produtos). Só quem participa são esses.

[...]

Cada associado paga uma taxa de cinco reais por mês, mesmo assim alguns nem pagam.

Denis relatou-me não está satisfeito com essa baixa participação dos artesãos, visto que, também, não recebe apoio de outras instâncias externas:

Não recebemos apoio do governo, fica ruim né? Porque agora mesmo a gente tá com um evento pra participar em São Paulo, no Salão de Turismo, aí fiz uma reunião para decidir, pra ter o dinheiro pra agente não ficar de fora, porque, quando às vezes que a gente vai representando Maragogipinho, a gente tá representando a Bahia, representando nosso município! A gente não tem apoio nem do governo nem da prefeitura e eu não aceito Maragogipinho ficar de fora, o maior Centro de Cerâmica da América Latina ficar de fora!

O governo às vezes cede o transporte que dá pra levar as peças, certo? Mas no caso de passagem e hospedagem a gente não tem, tem que tirar do bolso se tiver, se não tiver não vai.

Tinha o Sebrae. Só que o Sebrae também era parceiro nosso e hoje, na verdade o Sebrae de hoje não tá mais apoiando as comunidades como apoiava antes. So dá oportunidade pra participar de uma rodada de negócios, alguns eventos assim que nós é convidado é especial para participar, mas não como aquele apoio que tinha antigamente.

Já participamos de muitos eventos no Brasil, vários estados, porque é assim, desde a outra gestão a gente já foi pro Sul, Nordeste e outros (lugares). Fora do país só foi pro México, mas foi um curso em que foi um artesão daqui da Associação. Ele foi fazer um curso pra trazer pra comunidade.

Ele busca enaltecer a necessidade que a comunidade tem da Associação, porque esta tem o objetivo de levar a outros espaços, o conhecimento de Maragogipinho como grande polo ceramista da Bahia. Inclusive apontando a ida de um dos artesãos associados para outro país (México) para se aperfeiçoar na técnica de substituição do chumbo por outro material menos poluente e danoso à saúde dos artesãos, projeto este realizado em parceria com a Universidade Federal da Bahia.

Por isso, o entrevistado lamenta que de ambos os lados, tanto os artesãos quanto as entidades políticas, não têm colaborado com a tradição do artesanato e que pode chegar um momento de “extinção”. Ele se espanta, ao tempo em que não aceita que uma comunidade que já recebeu um “prêmio” como maior polo de artesanato da América Latina, possa cair no esquecimento de todos.

- Denis, o que você pensa sobre o futuro da Associação e sobre o futuro do artesanato aqui de Maragogipinho?

- Menina, eu tenho uma grande preocupação. A gente ontem mesmo tava vendo a usina que a gente começou aí com o processamento do barro, da argila. Eu tive que, sem apoio pôr em funcionamento. A gente tem dificuldade porque é uma entidade sem fins lucrativos, então a gente tem que ter um apoio, tem que ter uma ajuda pra a gente também tá caminhando. Sem ajuda dos sócios, sem apoio dos órgãos né, que poderia tá ajudando? Fica bem difícil! Só Deus sabe né, o que acontecerá! Sobre o futuro do artesanato: na verdade se a juventude de hoje que tá em Maragogipinho, as crianças não tomarem amor por ela, vai ficar um pouco difícil, chego a ver que vai ficar em extinção! (Diálogo entre Wanderlene e Denis)

O entrevistado, ao passo que culpa a baixa participação e investimentos na Associação, aponta a necessidade de trabalhar com a juventude e as crianças, partindo do princípio, que elas serão “o futuro da tradição”, e que sem “o amor ao artesanato” ficará muito difícil este “sobreviver”.

Sobre os investimentos que a própria Associação tem feito para salvaguardar-se do descaso citado, eles buscaram instalar uma usina de beneficiamento do barro. Trata-se de um local, onde os artesãos podem comprar as pelotas de barro já processados, sem as impurezas, por exemplo. O comprador, paga o valor de R\$10,00 (dez reais), por tarefa, ou seja, são quatorze pelas (nome que eles dão às pelotas de barro) de número 10. No entanto, nem todos os artesãos/ãs utilizam essa usina, preferindo, por exemplo, pagar a um amassador particular, como é o caso da família Mota.

#### A Escola em Maragogipinho

Em Maragogipinho, só é ofertado o Ensino Fundamental (I e II), sob responsabilidade da Prefeitura de Aratuípe. Quando os jovens terminam os nove anos do Ensino Fundamental, devem buscar o Ensino Médio na cidade de Nazaré, que é ofertado pelo governo do Estado da Bahia. São ao todo, quatro unidades de ensino, mas apenas duas unidades oferecem o Ensino Fundamental II, que correspondem do 6º ao 9º anos.

Entrevistei a gestora da Escola Municipal Edvaldo Machado Boaventura, que oferta o Ensino Fundamental II, em cinco turmas, sendo três no turno matutino e duas turmas no turno vespertino., totalizando, no ano de 2018, 122 alunos matriculados. O objetivo da entrevista foi identificar a participação da unidade escolar nos processos artesanais da comunidade.

A gestora Maria Cristina Sales, foi aluna dessa mesma escola e atua como professora há dezenove anos. Ela contou-me sobre como contribuía, com artesanato local, quando era professora e atualmente como gestora, como tem tentado motivar seus professores:

Quando era professora fazia o projeto do livro: Olhares sobre Maragogipinho, Raízes. Tenho num blog, mas tem que resgatar o blog, eu vou ver isso. Eu queria até resgatar esse projeto, mas acho que nenhum professor quer fazer isso, porque tem que se doar. Eu já tentei fazer isso, já fiz reunião, mas eles (os professores) não se interessam.

A entrevistada falou que, como professora de Língua Portuguesa, sempre incentivou seus alunos a escreverem sobre si e sobre a comunidade. Com poucos recursos, conseguiu

fazer a coletânea dos textos dos seus alunos num livro com o título “Olhares sobre Maragogipinho: Raízes”. Essa experiência foi realizada por três anos consecutivos, no entanto, por questões financeiras e falta de apoio da Secretaria de Educação do Município, abandonou o projeto. Mas, assim que assumiu a direção da unidade escolar, tentou fazer o resgate dessa iniciativa, porém, como ela diz “os professores não se interessam”, “dá muito trabalho e ninguém quer, não é”. O projeto consistia em eu cada aluno escrevesse sua autobiografia, e claro, todos os alunos, têm um parente ligado ao artesanato, um avô, avó, ou mesmo os próprios pais, dessa forma, o objetivo era resgatar, através das histórias de vida, também a tradição do barro.

Cristina, como é conhecida na comunidade, sabe do papel da escola para o futuro do artesanato local, ela pensa que algumas ações podem ser determinantes para o reconhecimento do fazer do povo de Maragogipinho.

Acho que sim! Pode sim! A escola pode tentar resgatar por meio de ações: por exemplo, implantar no livro didático o artesanato cerâmico como uma disciplina. Seria uma boa ação. Isso ajudaria, assim, as gerações que estão vindo aí. Iriam ver como está sendo agora e a situação de antigamente, pra resgatar a história no currículo, sabe? Deve ser mudado (o currículo).

Ela pontua que a juventude não se interessa pelo artesanato porque é algo que faz parte do cotidiano deles, não há espanto diante do corriqueiro. Segundo a informante, “não dão importância porque acham que é besteira, porque vêm no dia a dia, eles dizem: - pra que vai falar disso professora se a gente já vê, trabalhando (nas olarias)? Desse modo, a gestora ver com grande preocupação este desinteresse partindo da própria comunidade jovem, visto que, segundo ela, o artesanato de Maragogipinho “só é reconhecido fora” do Distrito.

Perguntei-lhe sobre a participação da família artesã na Unidade Escolar, ela contou-me que está sempre buscando a parceria com a família dos alunos.

A gente convida pra vir falar sobre o artesanato, inclusive a gente tá querendo pegar o plano pra levar fazer atividade, tentar ver inclusive nesse livro e tentar homenagear alguns oleiros. Se tivesse professor empenhado dava. Um professor pega só dois ou três alunos pra orientar. Claro que alguns alunos são desligados, mas com professor orientando fica mais fácil. Tem uma professora que está com a parte da história de Maragogipinho, eu estou ajudando, mostro sites pra ela.

Tem alunos que são interessados. No Projeto Político Pedagógico da Escola está contemplado projetos sobre o artesanato local, tem muitos que ajudam (professores) mas a maioria não.

Em toda a sua narrativa, a gestora atribui aos professores o descaso com a tradição da comunidade e aos alunos pela falta de interesse. Uma saída para esse impasse político-sociocultural está na busca da novidade que se engaje com os aspectos culturais locais, num redirecionamento do sentido político-pedagógico da escola.

Para Saviani (2007)<sup>45</sup>, a educação passa a ser institucionalizada através do surgimento da escola, que acompanhou o processo de surgimento da sociedade de classes e a intensa divisão social do trabalho. Enquanto nas primeiras sociedades, caracterizadas pelo modo coletivo de produção da existência humana, a educação se dava de forma espontânea, não havendo separação entre o trabalho e demais ações cotidianas, nas sociedades divididas em classes, sendo a educação reflexo dessa divisão: há um tipo de educação destinada à classe dominante e outro tipo bem diferente destinado à classe dominada. E é aí que se localiza a origem da *escola*. “A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho”. (SAVIANI, 2007, p. 155)

Essa reflexão histórica nos permite compreender a forma de pensar dos filhos dos artesãos: a escola surge como espaço antagônico às vivências cotidianas baseadas no trabalho de tradição cultural e parece nada ter a ver com suas vidas fora dela.

Desse modo a base estrutural da mudança no sistema de crenças dos jovens e adultos deve partir do pressuposto de que educar o outro significa colocar este indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que ele possa assimilá-los e nela viver (PEREIRA, 2002). No entanto, não se pode descartar a existência de aportes culturais diversos, principalmente mediados pelos meios de comunicação atual e pelos processos de escolarização, que são os principais desafios que a comunidade tradicional tem vivenciado na contemporaneidade.

### 5.7 A Família artesã como comunidade autêntica

Os indivíduos das comunidades pesquisadas têm seu fluxo próprio de vivências, baseadas na crença e na possibilidade de realização pessoal e coletiva. Eles elaboram os

---

<sup>45</sup> Dermeval Saviani nasceu em 1943. Filósofo e educador, defendeu sua tese de doutorado, publicada em livro pela primeira vez em 1973, com o título de Educação Brasileira: estrutura e sistema. A partir de 1972, começou a trabalhar também na pós-graduação. Entre 1973 a 1978 trabalhou na PUC-SP, sendo incentivador e professor do doutorado em educação. Neste período, trabalhou (de forma parcial) na Universidade Federal de São Carlos, no Programa de Pós-Graduação em Educação, do qual não só foi coordenador como também cofundador. Nessa época, realizou estudos temporários no exterior, em países como França, Itália e Alemanha. Em 1980, ingressou na Unicamp, instituição na qual permanece como professor colaborador até hoje. Considerado um dos grandes defensores da educação, tem lutado contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares.

significados do mundo circundante que, através dos propósitos assumidos e na vontade persistente, buscam superar os desafios impostos pela contemporaneidade. Neste sentido, cada pessoa redefine sua posição em relação aos outros, aos objetos e a si mesmo.

Como Stein (2005b) ressaltou, a comunidade é o aspecto mais importante do viver juntos. No entanto, esse sentido de comunidade que é formado pelas vivências do eu individual está intensamente permeado por riscos advindos do individualismo, pois a simples soma de experiências individuais não basta para produzir a experiência comunitária. Como argumentou Stein, algumas experiências só são válidas para o sujeito que as vivenciam. A autora adverte que não devemos confundir individualismo com singularidade, visto que “a comunidade se funda onticamente nas pessoas singulares” (BEJAS, 2003, p. 148). Sobre isso, a citação a seguir esclarece melhor:

Em primeiro lugar, é necessário investigar quais experiências individuais são apropriados para ajudar a formar uma experiência na comunidade. Porque nem tudo que surge no fluxo da consciência é válido para este fim. As experiências com sentido individual, isto é, as experiências que são direcionadas para algo que só tem importância para um único indivíduo também são limitados a esse indivíduo e não têm nenhum papel constitutivo. (STEIN, 2005b, p.358, livre tradução)

Daí apreende-se que para ter um “papel constitutivo” na formação de uma comunidade, “as vivências individuais devem possuir um significado duradouro que faça surgir deles uma formação unitária superior”. (Idem, p. 361)

Aponto que o sentido de tradição artesã nas comunidades pesquisadas deve ter esse “significado duradouro” de que nos fala Stein (2005b), pelo fato de que as histórias das pessoas vêm sendo transmitidas de geração a geração, como apresentei no capítulo 5. Corroborando com a própria Stein (2005b, p.225), se uma “experiência ainda está viva, fases que se passaram aumentam novamente como ressonância mediadora entre passado, presente e futuro”. Por exemplo, os irmãos, as irmãs e os sobrinhos/as de Ida, ainda que não estejam engajados diretamente na produção ceramista em Maragogipinho (estão vivendo em Salvador), buscam, ao menos, uma vez ao ano retornar à terra natal para comemorar o reencontro com a arte ceramista. “Os filhos daqui que moram em Salvador e trabalham em São Joaquim, eles vêm e traz festa, traz banda, traz tudo”. (Ida)

E assim, a família, enquanto comunidade de amor e afeto, vivendo a esperança e a responsabilidade com a tradição, representa o “núcleo da comunidade”. Nas reflexões de Stein (idem) esse núcleo é formado pelos “membros sustentadores da comunidade” e quanto

maior for a quantidade de pessoas participando com seus núcleos pessoais, maior a possibilidade de reforçar a tradição. Por isso, aponto que estas comunidades estudadas nesta tese, por existir uma unidade de vivências comunitárias, pelos valores compartilhados, pela quantidade de membros envolvidos e pela duração da estrutura comunitária, podem ser consideradas comunidades autênticas. E na medida em que é uma comunidade autêntica, sua liberdade e sua individualidade não é destruída, mas elas são realizadas no trabalho artesanal.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionei na introdução, este projeto de pesquisa teve como origem uma preocupação de caráter pessoal e acadêmica, em relação ao trabalho com a cerâmica que se realizavam nos quintais das residências das famílias de Maragogipinho, desde o ano de 2014, quando ainda estava cursando o mestrado, na Universidade Católica de Salvador (Ucsal). No entanto, posso afirmar que esta pesquisa tem seus primórdios no ano de 1990, quando iniciei minha participação nas Feiras dos Caxixis que são realizadas todos os anos, na cidade de Nazaré (das Farinhas), pois não deixei de visitar a feira um só ano, completando, portanto, vinte e nove anos, tendo sempre Maragogipinho (Aratuípe) como minha base de apoio, com minha estadia na casa de minha sogra.

Em Coqueiros, pude aprender ao exercitar o estranhamento, o que é imprescindível para uma pesquisa etnográfica. Isso exigiu de mim uma constante atenção para que eu não restringisse meu olhar etnográfico às situações e pessoas que me eram mais familiares ou conhecidas quando realizava a pesquisa em Maragogipinho.

Estudar a vida dos familiares artesãos em Maragogipinho e em Coqueiros significou uma oportunidade de apropriar-me objetivamente de elementos que fazem parte de minha história pessoal e que, conseqüentemente, é parte integrante de minha sensibilidade como pesquisadora. Pois, como afirma Bourdieu (2003, p. 55), “o pesquisador pode e deve mobilizar sua experiência, ou seja, seu passado, em todos os seus atos de pesquisa. Mas ele apenas tem o direito de fazê-lo sob a condição de submeter esses retornos do passado a um exame crítico rigoroso”. Com isso, a fenomenologia surgiu nesse estudo, para dotar desse “rigor” o trabalho empírico.

Minha proposta de estudar outra localidade, além de Maragogipinho, implicou o desafio de ir à busca de outra cidade. No entanto, deparei-me com mais de vinte e quatro municípios baianos, o que demandou uma escolha pelo critério de proximidade com Aratuípe. Assim, Coqueiros de Maragogipe surgiu como ótima opção (era o mais próximo) e por se integrar à região conhecida como Recôncavo Baiano. No entanto, morar em Salvador e fazer deslocamentos constantes para essas duas cidades, não fora tarefa muito fácil, principalmente devido às péssimas condições das estradas que dão acesso à Coqueiros, como já illustrei aqui por fotografias, mas também pela minha pouca disponibilidade, visto que não obtive licença do trabalho para dedicar-me a esta pesquisa.

Desse modo, ter como ideia inicial - a vida das famílias artesã da cerâmica – levou-me a explorar os significados das temáticas “tradição” e “comunidade”, servindo como pré (texto) para interligar com outro tipo de fazer artesanal, como foi o caso da família de

Coqueiros, que desempenham a atividade pesqueira concomitantemente à cerâmica e que enriqueceu esta tese, permitindo uma maior generalização no sentido de indicar que há uma vida artesã geral (qualquer tipo de artesanato) que compartilham signos e significados que se estendem à vida artesã específica (artesanato da cerâmica, pesca artesanal, dentre outros) provando-me a viabilidade de um estudo empírico como uma necessidade proeminente, ressaltando o meu desejo de executá-lo com maior afinco e profundidade.

No entanto, percebi o quão complexo ficou o meu objeto de estudo. Então, a fenomenologia, como um suporte teórico-metodológico, me permitiu descrever o conjunto de vivências, que eram o real significado do meu trabalho. Aos poucos, fui aprendendo a reviver todas as situações empíricas, que me foram doadas pelas entrevistas, observações participadas, conversas comuns e etnográficas, bem como análises de fotografias. O olhar fenomenológico me permitira que todo o vivido fosse revivido, os participantes eram trazidos novamente ao presente: ao ouvir os áudios gravados, a escolha de fotos para compor esta tese, as mensagens de whatsapp com mensagens de “bom-dia”, “saudades”, “parabéns” dentre outras. No entanto, tenho a consciência de que há muitas críticas a respeito da fenomenologia aplicada à psicologia e aos estudos culturais, devido, principalmente à gênese própria da fenomenologia como experiência filosófica (VALÉRIO e BARREIRA, 2015), cujas discussões são enveredadas para as questões demasiadamente teóricas. No entanto, como apontado por Silva (2016, p. 32), “o pesquisador, ao adotar uma postura fenomenológica, necessariamente, propõe para si e para quem comunica suas pesquisas um retorno ao pensar filosófico”. Ele deve aprofundar e contemplar o seu objeto de estudo.

Na atitude fenomenológica, somos espectadores quando restabelecemos coisas na memória, mas também somos atores, porque estamos engajados no que aconteceu através de nossa interação como objeto da lembrança. (SOKOLOWSKI, 2012)

Mas, foi devido a fenomenologia possibilitar, por sua inerente flexibilidade (LEITE e MAHFOUD, 2010), diversos modos de analisar um fenômeno, que me deixou mais confiante para uso de tal abordagem teórico-metodológica. Principalmente, pelos próprios critérios estabelecidos no método fenomenológico, sendo o principal deles, o ato de observar os modos de aparição do fenômeno, como explicado por Boava e Macedo (2010, p. 5):

A ênfase não é sobre o que aparece na consciência, mas como objetos aparecem na consciência. Há três sentidos de aparência: a) o lado ou aspecto de um objeto, a partir do todo; b) a aparência do objeto pode estar deformada, o que se chama de perspectiva (o que explica como um objeto pode ser diferente para pessoas diferentes em diferentes momentos; c) os

modos de clareza, seus graus ou nitidez podem ser diferentes. Isto se aplica principalmente a áreas periféricas do campo fenomenal.

Essa possibilidade de o objeto se apresentar sob diferentes ângulos e de nós só podermos vê-lo a partir de algumas perspectivas em detrimento de outras, foi o que me permitiu compreender o pensamento narrativo de alguns entrevistados, com relação à manutenção da tradição ou a sua aparência de desapareço. Como apontou Sokolowisk (2012, p.25), os lados que estão visíveis estão envoltos de um conjunto de outros lados potencialmente visíveis, “mas realmente ausentes. Estes outros lados são dados, mas dados precisamente como ausentes”, mas que, no entanto, fazem parte de nossa experiência.

Contudo, a experiência de viver o fenômeno da tradição apontou para a “responsabilidade” para com ela (a tradição) e para consigo, para a maioria dos entrevistados, através das suas elaborações. E para mim, viver a fenomenologia, significou posicionar-me diante do material fornecido por eles, que me colocaram como testemunha de suas narrativas.

De fato, o tema “tradição” é foco de estudo de diversas disciplinas: História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e também Filosofia (principalmente a fenomenológica<sup>46</sup>). Os problemas de pesquisa de interesse de cada uma dessas áreas são interligados, ainda que com um aspecto teórico único, eles se tocam em algum momento. Foi esse intercâmbio de ideias que sustentou esta tese.

Destarte, o sentido de tradição como algo arcaico que se opõem ao moderno e contemporâneo, deve ser substituído por uma visão menos “artificial”, como propôs Álvares (2015, p. 355) porque o fluxo da vida que contempla a relação entre o sujeito, o tempo e o espaço são indissociáveis.

Ainda que o problema da “tradição” tenha permeado todo o meu trabalho, os membros das famílias participantes mostraram que estão conectados com as mudanças e anseiam por elas, seja no mundo da materialidade física, nos objetos, construções das olarias, seja no mundo psíquico e espiritual, - formas de se relacionar, crenças, valores, aptidões, motivações e vontades.

A materialidade dos espaços em que os entrevistados recebem a tradição demonstra a importância dos aspectos concretos para o processo de rememoração da história dos seus pais e avós. De acordo com Safra (2002, p.21), todo ser humano “é a singularização da história de seus ancestrais”.

---

<sup>46</sup> No livro “O olho e o espírito” de Merleau-Ponty (1969), aparece doze vezes o tema da tradição, em seu livro “Fenomenologia da percepção” aparece ao menos quatro vezes, no mesmo sentido que emprego aqui nesta tese.

Nas famílias participantes, essa importância atribuída à ancestralidade e à tradição recebe graus diferentes. Em um momento, o desejo de vir a ser outra coisa que não artesão ou artesã, para uns, enquanto para outros, esse desejo de continuar e viver suas vidas a partir do barro, assim como fizeram seus avós e seus pais, toma um lugar de destaque.

Em Maragogipinho, a identidade cultural foi construída ao longo do processo histórico da relação do homem com o fazer artesanal cerâmico, que tem no barro a principal matéria prima. Também na realização da Feira dos Caxixis ou nas formas de construção das olarias. Enquanto em Coqueiros, Jair não “aprendeu” a fazer panelas, esse saber morreu junto com sua mãe. É algo da experiência que é própria do sujeito, como parte do seu corpo, não pode ser simplesmente arrancado e doado ao outro, o outro precisa se descobrir, realizar-se enquanto ser único! Há algo na experiência que ultrapassa a técnica, a técnica não dá conta: a transmissão, quando possível, é de outra ordem. Como pontuou Oliveira (2005), era preciso um corpo de conhecimentos ancestrais como uma “máxima pedagógica”. Para a manutenção de uma tradição é preciso que seja recontado uma história que faça sentido para o sujeito, que ele possa atribuir significados, ainda que para criar mudanças no cenário da tradição, sua essência permanece. Como exemplo, as olarias que são reconstruídas de forma mais moderna, com elementos da arquitetura contemporânea.

Para os participantes, a família é o maior patrimônio que podem ter e o saber transmitido pelos entes mais velhos é a riqueza que podem deixar para seus herdeiros. Em ambas as famílias aqui pesquisadas, o saber foi transmitido de forma oral, mas também no aprender-fazendo, ou seja, um ensino contextualizado, onde o querer aprender, que parte de um desejo do outro (filho, neto) é o principal aspecto a ser observado.

Para a maioria dos entrevistados, o orgulho de ter aprendido a transformar o barro em peças de cerâmicas é o que os mantém na atividade, apesar das dores no corpo ou na alma, apesar da morte e da doença e apesar do baixo prestígio social. Nenhum caso foi relatado a respeito de um parente que tenha sido valorizado por ser artesão ou artesã, pude constatar isso perguntando aos entrevistados. No entanto, enquanto comunidade, grupo social mais extenso, não me foi apontado um caso sequer, nem dos vivos nem de quem já partiu<sup>47</sup>. Portanto, há uma dificuldade de ser reconhecido no outro, quando este não pertence à sua família. No entanto, é a família, a primeira mediadora entre o indivíduo (seus membros) e o fazer

---

<sup>47</sup> Neste caso, estou referindo-me àqueles artesãos ou artesãs que têm seus trabalhos com um maior grau de valorização social, a exemplo de Dona Cadú, figura ilustre de Coqueiros e Mestre Almerentino e Rosalvo, este último é um santeiro conhecido na Bahia, cujas peças são expostas em museus e feiras de artesanato. Também outros, já falecidos e que ficaram muito conhecidos na região, como o Mestre Hildebrando, citado em várias obras científicas, como a de Carlos José da Costa Pereira, em 1957 e Urânia Mota, em 2011, também Mestre Vitorino, Mestre Cassimiro, Dona Cisinha, para citar alguns.

artesanal e guardiã da tradição cultural, que pode sustentar a atividade na comunidade, através da transmissão inter e transgeracional que se dá pelo trabalho da memória.

O trabalho da memória, como apontado por Halbwachs (1990), permite trazer à tona vivências passadas de modo que estas passam logo por um processo de ressignificação, pois pensamos o passado com dados do presente. Desse modo, memória individual e memória coletiva são indissociáveis, pois,

em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto, que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 36)

Para Pollak (1989, p. 9), também, a memória se trata de uma “operação coletiva dos acontecimentos do passado que se quer salvaguardar” que visa reforçar sentimentos de pertencimento. Para Bosi (1994, p. 37), a memória pessoal é “também memória social, familiar e grupal”.

Em um momento, nas observações, percebi o grau de tensão gerado nos grupos familiares, devido a, por exemplo, a forma que deve ter a olaria, que é o espaço de trabalho primordial, em Maragogipinho, e na “Casinha do Barro”, como é denominada o lugar de trabalho da família em Coqueiros. Então, posso presumir que o espaço ocupa um lugar de destaque nas relações socioculturais. Porque:

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 98/99)

É no sentido de preservação do patrimônio cultural coletivo, representado nas olarias de construção arcaica (rever figuras 2 e 21), bem como nas formas de queima dos objetos (rever figuras 10, 11, 22 e 25) que as famílias detêm o saber ancestral e o transmitem para as gerações mais novas.

Outro aspecto gira em torno da questão: quem se oferta para ser o guardião ou guardiã desse saber ancestral? Percebi que, a depender do tipo de transmissão intergeracional, um saber pode ser dividido e aceito ou não. Por exemplo, no caso de Santa, a tradição do fazer artesanal é eminentemente feminina, no entanto, como ela teve apenas um filho (Jair), pode transmitir esse saber-fazer enquanto ato de vivência, o que parece não suceder quando este mesmo filho tenta transmiti-lo para seus filhos (netos de Santa), pois estes “não querem aderir à causa artesã”. No entanto, Jair poderia transmitir para sua única filha, ainda criança, que vem demonstrando interesse na atividade. Então aí surge um dilema: Jair diz “não ter tempo para ensinar a filha”, o que tem causado certa ansiedade no grupo familiar, pois nas palavras de sua esposa (mãe da menina) “desde os cinco anos de idade que ela tem vontade de aprender, mas ele sempre cortou, e agora eu estou induzindo...” As vivências só são possíveis mediante aprendizagens. Mahfoud (2005), trazendo as ideias de Edith Stein, aponta que:

Para todo esse processo é necessário um bom material e que seja acessível para a pessoa. Sem material formativo adequado a ela não pode acontecer a formação para a qual, por natureza, ela é dotada. O ser humano é confiado a outros seres humanos que podem e devem levar a ele materiais dos quais sua formação necessita. (MAHFOUD, 2005, p.57)

Essa questão remete à ideia de empatia de Stein, trazida nesta tese como ponto de discussão. A empatia é o fundamento da intersubjetividade, “é a condição de conhecimento de um mundo externo” (STEIN, 2005a, p.146). Desse modo, a apreensão empática do “outro EU” e a percepção interna do meu próprio “EU” estão intimamente relacionados.

Neste íterim, para que haja uma transmissão cultural autêntica é preciso construir uma relação empática entre os Eus individuais.

Assim, nestas considerações finais, percebo a importância de recapitular toda a trajetória da pesquisa desde o início da escrita dessa tese, como o faço a seguir:

Na parte introdutória busquei estudar sobre o campo da investigação, ou seja, o Recôncavo Baiano, trazendo suas características históricas e geográficas que contribuíram para o surgimento do artesanato cerâmico e da pesca artesanal, que conseqüentemente influenciaram os diversos “eus individuais”. Bem como minha chegada às comunidades de

Maragogipinho e Coqueiros, apontando minhas percepções iniciais na forma de como fui acolhida pelos moradores. No entanto esta situacionalidade faz com que a região vá além do espaço físico e geográfico, e se caracterize, também, por um contexto existencial, ontológico, onde se encontra o que se quer inquirir.

Na primeira parte, que considerei como ‘Fundamentos’, busquei dar continuidade ao processo iniciado na introdução. Assim, no primeiro capítulo intitulado “Povos ceramistas, famílias e identidades: uma abordagem metodológica” procurei retratar as minhas incursões no campo de pesquisa, escrevendo sobre a metodologia. Para essa tarefa contei com o aporte de autores como Geertz (2008), Creswell (2007), Chang (2007), dentre outros, quando a discussão era sobre o trabalho do pesquisador etnográfico; com relação às técnicas de entrevistas, caminhei com Chaudhary (2008), buscando o entendimento dos instrumentos por mim utilizados. Ainda justifiquei o porquê escolhi enveredar pelos temas “Entrincheiramento”, “Conflitos trabalho-família” e “Interface positiva entre trabalho e família”, auxiliada por Aguiar (2016).

No segundo capítulo, Husserl, Ales Bello, Merleau-Ponty e Edith Stein foram apresentados devido ao que denominei “conceitos atribuídos” nas elaborações dos significados efetuados pelos sujeitos participantes e me ajudaram a identificar o papel da percepção, da empatia, do corpo e compreender como nasce uma comunidade autêntica.

Com Merleau-Ponty (1906-1961), entendi a respeito do papel da percepção, principalmente com relação ao portar do corpo e na captação de impressões dos sentidos, ou seja, o corpo como possibilidade de conhecimento do mundo-da-vida, do mundo do artesanato do barro. A compreensão fenomenológica da percepção fora construída com base no diálogo com a psicologia, em especial com a Gestalt, mas também com base no diálogo com a arte, sobretudo com a pintura moderna e os trabalhos de Cézanne, Matisse, entre outros. As suas principais obras, aqui estudadas, foram: “Fenomenologia da Percepção” e “O olho e o espírito”. Na primeira obra, o autor se propõe a descobrir as significações originárias como uma trajetória em direção à compreensão humana: por a consciência em presença de sua vida irrefletida nas coisas. A existência enquanto um ‘existir na situação’ situa a Psicologia fenomenológica como a que descreve o comportamento do homem em relação, no seu sentido imediato – aquele que o homem faz surgir em relação. Em “O olho e o espírito”, sua última obra, mais uma vez aparece a temática e a importância que este autor atribuiu ao corpo em todas as outras obras: “Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não

cessará de queimar. (LEFORT, Prefácio, 1969 in: MERLEAU-PONTY, 1969). A fenomenologia de Merleau-Ponty convidou-me a tomar parte na história e na cultura por meio da experiência dos sujeitos e dos sentidos que pude atribuir a essas experiências.

Ales Bello, (2008; 2006a, 2006b), possibilitou-me organizar e entender o percurso metodológico, através da apresentação do conceito de “arqueologia fenomenológica”, traduzida e interpretada dos manuscritos de Husserl de 1932. Mas também, compreender o sentido de “vivências”, “subjetividades” e “intersubjetividades”, traçando as conexões de sentido que ligam os membros familiares entre si e com a comunidade exterior em Maragogipinho e Coqueiros, no tocante à tradição da cerâmica.

No terceiro capítulo intitulado “Arte e artesanato: conceitos e características” percebi que o artesanato faz parte do cotidiano de muitas famílias em cidades e vilarejos interioranos, não só no Brasil, mas em outros países. A partir dessa reflexão vi a necessidade de realizar uma revisão mais consistente sobre o artesanato no Brasil de modo a tentar compreender meu objeto de estudo e evitar repetições. Para isso, empreendi um levantamento nas principais bases de dados do país buscando identificar e analisar o estado da arte sobre a temática do artesanato e dos artesãos e artesãs no Brasil. Esse procedimento me permitiu encontrar as lacunas nos trabalhos outrora realizados.

Na segunda parte dessa obra fiz a descrição e a redução fenomenológica a partir das entrevistas realizadas com os integrantes das famílias Mota e Mercês. Em se tomando o referencial da fenomenologia na trajetória metodológica é pertinente afirmar que os objetos são intencionados pela consciência de um sujeito percebedor que vive e interroga as coisas do mundo. E foi na experiência desse corpo vivido, no seu encontro com o mundo que busquei a descrição onde se ressaltou, em sua essência, o fenômeno que estudei. Através do relato do sujeito participante pude descobrir como este se percebe como um ser no mundo, o sentido que ele dá às situações em que se encontra envolvido. A sua expressão foi o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida.

Foi a partir desse entendimento que nos capítulos quatro e cinco eu trouxe a descrição das coisas, dos acontecimentos, das experiências e vivências complementadas pelos significados. Neste momento, meu desejo foi discutir os temas trabalho, cultura e tradição para famílias artesãs do Recôncavo Baiano, suas práticas, costumes e modos de vida nas comunidades de Maragogipinho e Coqueiros-Bahia. Trazendo no bojo das discussões a questão da responsabilidade aprendida na transmissão intergeracional das famílias participantes, compreendendo a intencionalidade do corpo mesmo e a relação do mundo circundante. Assim, as reflexões elaboradas foram possíveis a partir de uma descrição,

redução e compreensão fenomenológicas, realizando-as à luz de algumas das questões discutidas por estudiosos aqui abordados no capítulo do referencial teórico.<sup>48</sup> No entanto, tenho a consciência da impossibilidade de uma “redução completa” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.10), bem como a consciência sensível de que o mundo da vida e os fenômenos que aparecem dentro dele são um processo completamente interpessoal, implicando necessariamente os pressupostos assumidos, enquanto investigadora, como implícitos em toda interação social. Desse modo, a “epoché” como propôs Husserl não significou para mim que eu tinha que negar a existência das coisas do mundo e de minha relação com este mundo (que tem pessoas com as quais eu me relaciono, influencio e sofro influências), mas constatar que a consciência é consciência de algo e esse algo chama-se fenômeno. (GOTO, 2013; ZILLES, 2007)

Estes capítulos me ajudaram a ratificar meu objetivo geral que foi “investigar a realidade da família-artesã, enquanto espaço pedagógico, buscando explicar como ocorreu a transmissão e perpetuação da cultura ceramista em dois Municípios do Recôncavo Baiano”, processos que ocorreram em ambas as comunidades estudadas e que só foram possíveis graças à compreensão e interpretação das narrativas e dos modos de viver das famílias participantes. Desse modo, percebi que a transmissão e sua perpetuação se dá quando os mais velhos (pais e mães) atribuem ao trabalho artesanal (cerâmica e pescaria) uma importância supraindividual porque buscam a comunhão com as gerações anteriores e pelo orgulho de pertencimento a uma realidade específica (a um mundo objetivo) que reafirma suas identidades como artesãos e artesãs.

A transmissão de um saber é uma atividade pedagógica e por isso é um processo que só se faz na prática cotidiana do amor e da afetividade. Neste processo pedagógico, as famílias desenvolvem um conjunto de sentidos próprios do que é ser família, do que é ser artesão (ã) e do que é fazer parte de uma comunidade maior. E cada sentido exige uma atitude correspondente, por isso cada sujeito responde às demandas da cultura de formas diferentes, de acordo com o ciclo vital em que se encontram (infância, adolescência, adultez e velhice). Por exemplo, no caso de Coqueiros, cujos membros mais jovens estão buscando outras alternativas de trabalho e renda, não significa que a transmissão ancestral tenha fracassado, mas pode, talvez, está apontando para uma outra forma de resistência à cultura que poderá culminar com a sua ressignificação no futuro.

---

<sup>48</sup> Refiro-me à Husserl, Merleau-Ponty, Edith Stein e Ales Bello.

## Conclusões e Recomendações

Esta tese teve como objetivo investigar o papel da família-artesã, enquanto espaço pedagógico, buscando descrever e compreender como ocorre a transmissão e manutenção da cultura ceramista nos municípios de Aratuípe e Maragojipe. A partir disso, apontei e analisei a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento familiar e comunitário, através da reflexão sobre os modos como as famílias criam signos e significados e os transmitem para as gerações seguintes.

Propondo identificar as estratégias criadas pelas famílias e outras instituições sociais, também formadoras da vida familiar, como a escola e a associação de artesãos e artesãs para o fomento da cultura ceramista, pude perceber e compreender as tensões e conflitos gerados quando o que é contemporâneo é visto como antagônico ao que é tradicional e vice-versa. Sobre as tensões observadas nas relações entre estas três instituições sociais (Associação, Escola e Família), as narrativas apontaram para o problema da culpabilização que funciona como uma força destrutiva e que inviabiliza uma “vida de comunhão” (GIUSSANI, 2000, p.128), que só tem razão de ser como comunidade de vida integrativa e não apenas integrada em pequenos “guetos egóicos”.

Também, fui contemplada com a possibilidade de ver outra atividade artesanal – a mariscagem - e os modos como esta prática fortalece os vínculos familiares em Coqueiros.

Neste trabalho de pesquisa cheguei à conclusão que a família artesã representa um novo tipo de constelação familiar, por possuir um conjunto de características que diferem das demais já catalogadas<sup>49</sup>: pautada na inserção produtiva do conjunto dos membros familiares no interior da família, sendo esta apenas configurada nessa relação, enquanto unidade econômica e psicossocial. No entanto, afirmo a necessidade de mais pesquisas que possam corroborar com essa ideia, o que permitirá inserir este tipo de família nas políticas públicas apropriadas para este público específico<sup>50</sup>. Por exemplo, foi unânime entre os participantes o desejo de ter sua profissão reconhecida legalmente, pois os que conseguem se aposentar, o fazem por outros meios: como pescadores ou por serem idosos em condições de vulnerabilidades, mas não por serem artesãos/artesãs<sup>51</sup>. Apesar destes dilemas, admiro as

---

<sup>49</sup> Caniço (2014, p. 366) identificou um total de 34 tipos de famílias, discriminados quanto à estrutura / dinâmica familiar (21), quanto à relação conjugal (6), e quanto à relação parental (7).

<sup>51</sup>A Lei 13.180 sancionada em 22 de outubro de 2015, que dispõe sobre a profissão de artesão, não foi pautada na família enquanto a mais importante instituição socializadora, muito menos na família artesã como mediadora do indivíduo, os meios de produção e a sociedade. Portanto, esta lei prioriza mais o nível pessoal que o comunitário. No entanto, apesar dessas limitações, esta ousou dar um grande passo em direção aos anseios dos artesãos e artesãs, contudo por ser tão recente, ainda não mostrou os seus frutos, pelo menos, nas famílias participantes da minha pesquisa. (BRASIL, 2015b)

famílias artesãs, porque, num mundo atual em que as relações estão fragmentadas, a dúvida quanto ao futuro nos atormentam a cada instante; essas famílias, pela forte capacidade de enraizamento, mantêm suas identidades quase inalteradas, assim, podemos aprender com elas.

Outra reflexão que faço aqui está na possibilidade de estender-se essa ideia de acesso às políticas públicas e proteção social para a comunidade maior, enquanto agrupamento de famílias artesãs. Proponho que as comunidades artesãs devam, também, serem inseridas nas pautas de discussão sobre comunidades tradicionais, o que já existe para as comunidades indígenas, quilombolas e povos de terreiros, proporcionando-as, assim, os mesmos direitos sociais e jurídicos que estas.

Por fim, anseio que esta tese possa contribuir com os novos estudos da fenomenologia cultural, como apontado por Embree (2001) que discute a emergência desta “nova” fase de desenvolvimento, que tem como contribuição discutir e refletir sobre os temas do cotidiano das pessoas “caracterizada pelo foco da investigação e visão ampliada” (EMBREE, 2001; BOAVA e MACÊDO, 2010, p. 5). Por exemplo: entender qual é o papel da empatia, para a formação da pessoa e da comunidade, tendo o barro como elemento unificador e construtor de subjetividades e intersubjetividades; compreender o modo como a pedagogia do artesanato permite empreender diversas elaborações e sentidos da vida, reestruturado as vivências idiossincráticas, permitindo aprendizagens que se dão no processo inter, trans e multigeracional; e refletir sobre a prática artística, incluindo a criatividade nos processos de produção, por fazer parte da vida cultural dos participantes.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNES, Mariano. Histórias do povo negro. 2010. Disponível em: <<http://historiasdopovonegro.wordpress.com/2010/07/24/caruru-de-cosme-e-damiao/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

AGUIAR, Carolina Villa Nova. Interfaces entre o trabalho e a família e os vínculos organizacionais: explorando a tríade família-trabalho-organização. 2016. 142 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, 2016.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ALES BELLO, A. **Pessoa e comunidade. Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein**. Tradução Miguel Mahfoud e Ir. Jacinta T. Garcia. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2015.

\_\_\_\_\_. Essere grezzo e hyletica fenomenologica: l' eredità filosofica di "Il visibile e l' invisibile" Memorandum, [S./l.], v. 14, p.6278, 2008. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/alesbello06.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Eduse, 2006a. 108 p. (Coleção Filosofia e Política)

\_\_\_\_\_. Fenomenologia e ciências humanas: implicações éticas. Memorandum, n. 11, p. 28-34, 2006b. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~Memorandum/a11/alesbello04.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Tradução A. Angonese. Bauru: Edusc. 1998. (Original publicado em 1997).

ALVARES, Sonia Carbonell. Maragogipinho, as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares. 2015. 375 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALVES, Lucicleide A. S. e MENDES, Paulo C. Fenomenologia na práxis artística à transformação. **In: EDUCERE**, XII Congresso Nacional de Educação, Paraná, PUC-PR. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. 26 a 29 de outubro de 2015, p. 34327-34346. Disponível em: <<https://educere.pucpr.br/p280/anais.html>>. Acesso em: 30/06/2018.

ANGROSINO, Michael V. Recontextualizing observation: Ethnography, Pedagogy, and the prospects for a progressive political agenda. In: DENZIN, Norman K. and LINCOLN, Yvonna S (editors). **The Sage Handbook of qualitative research**. 3rd ed. London: Sage Publications, 2005. p. 729-746.

ARAÚJO, Renata A e MAHFOUD, Miguel. Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: elaboração da experiência em uma tradicional comunidade rural. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo07.pdf>>. Acesso em: 13/09/2018.

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

AVELINO, Edicassio. Análise e Caracterização geoambiental do município de Aratuípe-Ba. **In: Iº Seminário Espaços Costeiros**, Universidade Federal da Bahia, 26 a 29 de setembro de 2011.

BAHIA. Caretas de Maragogipe. Disponível em: <http://agendacultural.ba.gov.br/caretas-de-maragogipe/>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

BARBOSA, André Gustavo de A. Arranjos sócios produtivos locais e desenvolvimento: estudo de caso das pequenas empresas oleiras de Maragogipinho/Ba. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

BARBOSA, George S. Diagramática de comunicação familiar: uma possibilidade do genograma DCCF no atendimento a pacientes com esquizofrenia em terapia familiar. 2001. 257 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BARREIRA, Cristiano R. A. **O sentido do karatê-do**: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas. Rio de Janeiro: E-PAPER, 2013.

BARREIRA, Cristiano R. A., & MASSIMI, Marina. Arqueologia fenomenológica das culturas. **Revista Online Estação Científica**, v.1, n.11, p. 1-11, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n3/1678-5177-pusp-26-03-00430.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BARREIRA, Cristiano R. A., & MASSIMI, Marina. As idéias psicopedagógicas e a espiritualidade no Karate-Do segundo a obra de Gichin Funakoshi. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 379-388, 2003.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEJAS, Andrés. **Edith Stein: la pasión por la verdad**. 2ed. Buenos Aires: Bonum, 2003.

BISINELLA, Carolina Aveline Deitos Rosa. Por uma arqueologia fenomenológica: experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS). 2012. 252 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BITTENCOURT, Luciana A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B. & MOREIRA LEITE, M. L. (Orgs.). **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998. p. 197-212.

BLASKOVSKY, Isabel M.C.A; MENDONÇA, Katia M. L. Fenomenologia e a arte da descrição no estudo das populações indígenas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 04, n. 01, p. 270-288, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n36n3/1982-3703-pcp-36-3-0682.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Revista Cadernos Ebape - BR**, Rio de Janeiro, v. 9, Edição Especial, jul. 2011.

BORGES, Claudia D.; COSTA, Maira da.; FARIAS, Jeovane G. de. Genograma e atenção básica à saúde: em busca da integralidade. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 7, n. 2, p. 133-141, jul. /dez. 2015.

BORGES, Livia de Oliveria e YAMAMOTO, Oswaldo H. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo E.; BASTOS, Antonio Virgílio B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.24-62.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. “L’objectivation participante”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 150, p. 43-57, 2003.

BOUSSERY, M. A. Traditions as tools against poverty and unemployment. MDG Achievement Fund, jan. 2019. Disponível em: < <http://mdgfund.org/story/traditions-tools-against-poverty-and-unemployment>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

BRANDÃO, Maria de A. O Recôncavo como um sistema urbano-regional. In: GODINHO, Luís Flávio R. e SANTOS, Fábio Josué S. **Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade**. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007. (p.19-30)

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Bahia-Maragogipe- histórico. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=292060>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei complementar n. 150. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Brasília, 2015a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp150.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm)>. Acesso em: 10 abri. 2018.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. 2015b. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm)>. Acesso em: 10 abri. 2018.

\_\_\_\_\_. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Ministério da Cultura. IPHAN, Brasília, 2011. Disponível em: < <http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 10 abri. 2018.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC). Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, 2006.

BRASIL. LEI N. 10.779. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso. Brasília, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.779.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.779.htm)>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CALDAS, A. S. Indicações Geográficas: marco regulatório e distribuição espacial. In: CALDAS, Alcides S. et. al. **Gestão do Território e Desenvolvimento: novos olhares e tendências**. Salvador: JM Editora, 2013. p.127-152.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em Pesquisa Social: tendências e desafios. **Revista Análise Social**, v. XLVI, n.199, p.237-259, 2011. Disponível em: < <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831186G5cUQ8iz4Gt87CI9.pdf>.> Acesso em 10/04/2019

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANIÇO, Hernâni Pombas Caniço. Os novos tipos de família e novo método de Avaliação em saúde da pessoa – apgar saudável. 2014. 434 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

CANO, D.S; SAMPAIO, I.T.A. O método de observação na psicologia: considerações sobre a produção científica. **Revista Interação em Psicologia**, v.11, p. 199-210, 2007. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/6849/8141>> Acesso em: 20/02/2018.

CASTRO, Mary G. Entre a intenção e o gesto ou quão interdisciplinar somos? Ensaio sobre a perspectiva interdisciplinar e estudo de caso sobre uma produção de estudos no campo da família. **In**: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói: ANINTER/PPGSD- UFF, setembro de 2012.

CENTURION, Júnior de Andrade; VIANA, José Jair Soares. Empresa familiar, suas vantagens, desvantagens e desafios: o caso da empresa Recuperadora Brasileira Soldas Ltda. **Revista Researchgate.net**, s/n, s/p, 2015. Disponível em: <[http://researchgate.net/publication/267207092\\_Empresa\\_familiar\\_Bras\\_Soldas\\_Ltda](http://researchgate.net/publication/267207092_Empresa_familiar_Bras_Soldas_Ltda)>. Acesso em 23 mai. 2019.

CEPELOWICZ, Sergio. Empresa familiar: Relações, sentimentos e conflitos. 1996. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, COPEAD, 1996.

CERVENY, C. M. de . **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. 2ª ed. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

CHANG, H. Autoethnography: raising cultural awareness of self and others. **In**: WALFORD, G. (Ed.). **Methodological Developments in Ethnography**: studies in educational ethnography, Oxford, UK: Elsevier, 2007, v.12, p. 207-221.

CHAUDHARY, Nandita. Methods for a cultural science. **In**: ANANDALAKSHMY, S.; CHAUDHARY, Nandita e SHARMA, Neerja (Edit). **Researching families and children**: culturally appropriate methods. Nova Delhi: SAGE Publications, 2008, cap. 2. p. 29-52.

CHILDS, Matt D; FALOLA, Toyin. The Yoruba Diaspora in the Atlantic World: Methodology and Research In: CHILDS, Matt D; FALOLA, Toyin. **The Yoruba diaspora in the Atlantic world** (edits). Bloomington: Indiana University Press, 2004.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MAHFOUD, M. 2006. relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. **Memorandum**, n. 11, p. 08-27, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.pdf> 8>. Acesso em: 23 abr. 2019.

CORREIA, Elaine C; MARTINS, Gisele T. Genograma: um instrumento de saúde mental. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 7, n. 2, p. 17-29, jul/dez., 2009.

COSTA, Carla Cristina C. A cerâmica da Barra: transformações e representações. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 4ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

COUTINHO, Disllane H; FERREIRA, Pablo da M; NASCIMENTO, Angelo A. P. do. O genograma como instrumento de avaliação familiar: uma revisão integrativa. **Revista Caderno Educação, Saúde e Física**, v. 3, n. 6, p.20-28, 2016.

CRESPO, M<sup>a</sup> de Fátima V. Estratégia de desenvolvimento do arranjo produtivo local da carnaúba em Ilha Grande de Santa Isabel (PI) – área de proteção ambiental Delta do Parnaíba-Teresina. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de O. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, Júlio César Tavares. Cosme e Damião: na fronteira das religiões – um caso de conflito entre a igreja universal e práticas afroreligiosas. **Revista Paralellus**, Recife, v. 4, n. 8, p. 303-314, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/ojs-2.3.4/index.php/paralellus/artIcle/view/277/pdf>>. Acesso em 03 fev. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. 2019. Disponível em: <<http://www.dico.com.br/tradição/>>. Acesso em 30 out. 2018.

DOBRIANSKYJ WEBER, L.; SELIG, G.; GALVÃO, Bernardi M., & VIEZZER, Salvador A. Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, vol. 16, nº 35, p. 407-414, 2006.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

EMBREE, Lester. The Continuation of Phenomenology: A fifth periodic. **Indo-Pacific Journal of Phenomenology**, v. 1, n. 1, p. 1-7, abr. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/20797222.2001.11433856>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

FIGUEIRA, Divalte G. História. São Paulo: Editora Ática, 2000. (Coleção Novo Ensino Médio)

FERNANDES, Maria de F. A. O Princípio Responsabilidade» de Hans Jonas: Em busca dos fundamentos éticos da educação contemporânea. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário on-line da língua portuguesa. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

FERREIRA, José Carlos. **Memória sobre o Estado da Bahia**. Salvador: Typographia e Encadernação do Diário da Bahia. 1893

FERREIRA, Luciene B; TORRECILHA, Nara e MACHADO, Samara S. M. A técnica de observação em estudos de administração. **In**: XXXVI Encontro da AMPAD. Rio de Janeiro, 22-26 set. 2012. Researchgate.net. p. 1-15. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/280667177\\_A\\_tecnica\\_de\\_observacao\\_em\\_estudos\\_de\\_administracao](http://www.researchgate.net/publication/280667177_A_tecnica_de_observacao_em_estudos_de_administracao)>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FERREIRA, José Carlos. **Memórias do Estado da Bahia**. Salvador-Bahia. 1893. Disponível em: <<https://archive.org/details/memoriasobreoes00bahigoog>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FIGUEIREDO, Marina Dantas de, & CAVEDON, Neusa Rolita. Transmissão do conhecimento prático como intencionalidade incorporada: Etnografia numa doceria artesanal. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, art. 3, p. 336-354, maio/jun. 2015. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-552015000300336&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-552015000300336&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 05 out.2017.

FLORENZANO, Éverton. Dicionário Escolar Espanhol–Português/Português-Espanhol. 2.ed. São Paulo:Ediouro, 2000.

FORGHIERI , Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993.

FONSECA, Cláudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu**, [on-line], n. 26, p. 11-43, jan.-jun, 2006.

FRANÇA, Carlos Alberto de Moraes. Percepção ambiental da comunidade do distrito de Nagé, no município de Maragogipe, Bahia, sobre o Rio Paraguaçu. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/334/3/FRANCA-CAM%202014.pdf>>. Acesso em: 02 já. 2018.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. A arte no processo educativo. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 31 - n. 02, p. 213-226, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

\_\_\_\_\_. Educação e conscientização. In: **Educação como prática da liberdade**. FREIRE, P. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Sandra F. C. D e BRANCO, Angela U. A teoria do self dialógico em perspectiva. **Revista Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, n. 1, v. 32, p. 25-33, jan/mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000100025&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000100025&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 de setembro de 2018.

GELINSKI, Carmen R. Ortiz; PEREIRA, Rosângela Saldanha. Mulher e trabalho não remunerado. Rio Grande do Sul. **Revista Fundação de Economia e Estatística**. v. 5, 2005. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/issue/view/177/showToc>> Acesso em: 20 mar. 2019.

GEERTZ, Clifford (1926). **A interpretação das culturas**. 1ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **O saber local**. 7ª ed. Tradução Vera M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004.

GHIGI, N. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. **Memorandum**, Belo Horizonte, n. 4, p.48-60, 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>>. Acesso em: 03 mai. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed.. São Paulo: Editora Atlas. 1989.

GIUSSANI, Luigi. **Educar é um risco**: como criação de personalidade e de história. Tradução Neofita Oliveira. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000.

GLAVEANU, V. P. Affectivating environments in creative work. In: CORNEJO, C; MARSICO, G. & VALSINER, J. (Eds.). **I activate you to affect me**. Charlotte, NC: Information Age. 2013.

GONÇALVES, Keila A. & ANTEZANA, Sofia L. V. Arte Contemporânea e Artesanato: possibilidades de promoção da identidade cultural a partir da perspectiva da nova Museologia Social. **In: III Seminário Políticas para a Diversidade Cultural**, Salvador. Diversidade Cultural e Identidade. v. 01, nº 01, 2014. Disponível em: <[WWW.observatorioidiversidade.org.br/revista](http://WWW.observatorioidiversidade.org.br/revista)>. Acesso em: 08 jun. 2018.

GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo, 1901-1963. 2. ed. **Coletânea da Revista Logosofia**, Tomo 2. Revisão da tradução José Dalmy Silva Gama. São Paulo: Logosófica, 2012.

GOTO, Tommy Akira. Introdução à Fenomenologia e à Psicologia Fenomenológica. Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais. Palestra. 2013. (Vídeos Parte I a VI). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_RR9dHtF3e4](https://www.youtube.com/watch?v=_RR9dHtF3e4)>. Acesso em: 04 jan. 2019.

GRANGEIRO, Rebeca da Rocha. O trabalho do artesão do Cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional. 2015. 166 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: <<https://Repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18989>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

GREENHAUS, Jeffrey H; BEUTELL, Nicholas J. Sources of Conflict Between Work and Family Roles. *Academy of Management Review*, v. 10, n. 1, p. 76-88, 1985. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/258214?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/258214?seq=1#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 13 jun. 2019.

GRZIBOWSKI, Silvestre e BAREA, Rudimar. Empatia e Ética na fenomenologia de Edith Stein. *Ágora Filosófica*, Pernambuco, v. 1, n. 2, p. 34-46, 2015.

HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46.

HALWBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: VÉRTICE, 1990.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Maná**, Rio de Janeiro, v. 3, n1, p.7-39, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-9313199700010000&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-9313199700010000&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 jul.2018.

HASSEN, R. Ethnography of Talk'in Wollo. **Arts and Social Sciences Journal**, v. 2, n. 7, s/p, 2016. Disponível em: <<https://www.omicsonline.org/open-access/ethnography-of-talkin-wollo-2151-6200-1000184.php?aid=73416>> Acesso em 10 de maio de 2018.

HUSSERL, E. (1859-1938). **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias e Letras. 2006.

JODELET, Denise. A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. *Caderno de Pesquisa*, v.46, n. 62, p. 1258-1271, out./dez. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000401258&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000401258&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 24 set. 2017.

JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. RJ: Contraponto / PUC-RIO, 2006.

KOIZUMI, Maria S. Fundamentos Metodológicos da Pesquisa em Enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem**, USP, São Paulo, v. 26, nº Especial, p. 33-47, out. 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/download/136541/132293>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

KRÜGER, Liara Lopes; WERLANG, Blanca Susana G. O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 7, n.3, pp. 415-426, 2008.

LANZ, M.; SCABINI, E & al. How should family interdependence be studied? The methodological issues of non-independence. **TPM**, v. 22, n. 2, p. 1-12, Jun. 2015. Disponível em: DOI: 10.4473/tpm22.2.1. Acesso em: 20 mar. 2018.

LEFORT, Claude. Prefácio. In: MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Editora Cosacnaify, v. 24, 1969. (p.

LEITE, Renata V; MAHFOUD, Miguel. O trabalho da memória e a vivência da tradição: um diálogo entre Maurice Halbwachs e Luigi Giussani. In: 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, 2013, Aracaju-SE. **Caderno de Resumos de Comunicação Científica**, Ribeirão Preto-SP: SBP, 2013. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/317466047\\_Halbwachs\\_memoria\\_coletiva\\_e\\_experiencia](http://www.researchgate.net/publication/317466047_Halbwachs_memoria_coletiva_e_experiencia)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

LEITE, Cesar Eduardo; ROSA, Abner D. Chaves; DECHANDT, S. Guillaumon. **Empreendimento familiar: os fatores críticos de sucesso das relações familiares nas empresas familiares**. Belo Horizonte: Enagrad, 2014.

LEITE, Renata V.; MAHFOUD, Miguel. Rigor e generalização em pesquisa sobre fenômenos culturais: contribuições de um percurso de pesquisa fenomenológicas. **In: Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos, IV**, 2010. Rio Claro, Anais, São Paulo: SIPEQ, 2010. Não paginado. Disponível em: <<https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/12.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Memória coletiva, cultura e educação: horizontes de uma experiência de resgate da cultura popular na escola. **In: Seminário Memória, Ciência e Arte**, nº.V, Campinas. Anais Campinas: CMU, 2007. Disponível em: <[http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Roberta\\_Vasconcelos\\_Lite\\_e\\_Miguel\\_Mahfoud\\_-\\_compelto.pdf](http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Roberta_Vasconcelos_Lite_e_Miguel_Mahfoud_-_compelto.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MCGOLDRICK, Monica; GERSON, R.; PETRY, Sueli. 3rd. **Genograms: Assessment and intervention**. New York: SecEd. W.W.Norton & Company, 2007.

MAHFOUD, Miguel. 1ª ed. **Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer**. Brasília: Universa, 2012.

\_\_\_\_\_. Compor como se fosse observador: hilética e noética na produção de imagem numa comunidade tradicional de origem barroca. **In: IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano, 2008, Ouro Preto. Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008. p. 582-595.

\_\_\_\_\_. Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. **Revista Memorandum**, Belo Horizonte, v. 8, p 52-61, 2005.

\_\_\_\_\_. **Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins**. Campinas-SP: Companhia Ilimitada. Centro de Memória da Unicamp, 2003. 164 p.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. São Paulo, **Revista Páginas de Filosofia**, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. 2014.

MAHECHA, Ovidio Delgado. Sociedad y Naturaleza en la Geografía Human a: Vidal de la Blache y el Problema de las Influencias Geográficas. **Sociedad Geográfica de Colombia Academia de Ciencias Geográficas**, Bogotá, oct. 2006.

Disponível em: < <http://www.sogeocol.edu.co/documentos/POSIBILISMO.pdf>>. Acesso 20 fev. 2019.

MANNHEIM, Karl. Sociologia. FORACCHI, Marialice M. (org.). São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

MARIANO, Agnes. Histórias do povo negro: Caruru de Cosme e Damião. [S/d]. Disponível em: < <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/caruru-de-cosme-e-damiaio/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Signos**. 1 ed. Tradução Maria Ermantina G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O olho e o espírito**. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Editora Cosac Naify, v. 24, 1969.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **RAM, Revista de Administração Mackenzie**, v.15, n° 6, Edição Especial. São Paulo. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v15n61518-6776-ram-15-06-0076.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

MARTINS, Elizabeth M. de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Revista Psicologia**. USP, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 181-197, jun. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000200005&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MARTINS, Mônica. Entre a Cruz e o Capital: a decadência das corporações de ofícios após a chegada da família real (1808-1824). Palestra Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro. s/d. Disponível em: <[www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4205239/4101476/palestra\\_monica\\_de\\_Souza.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4205239/4101476/palestra_monica_de_Souza.pdf)>. Acesso em 8 ago. 2019.

MARTINS, J. B. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a26.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

MEDEIROS, Larissa G.; LEMOS, Flávia Cristina S. A produção da "circulação de crianças": entre capturas e nomadismos. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 933-947, 2011.

MENDES, Francisca R. Nogueira. A Louça de Barro no Córrego de Areia: tradição, saberes e itinerários. 2009. 198 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11356>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MOREIRA, F. Greter et al. A gestão organizacional em uma empresa familiar: um estudo de caso no ramo de confecções infantil no município de Nova Andradina/MS. Dourados: **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, v. 04, n. 09, p. 171-184, jan-jun. 2015.

MOTA, Urânia T. **Louça de Deus: o caxixi em Maragogipinho**. Salvador: Fast Designer, 2011.

MUNIZ, José Roberto; EISENSTEIN, Evelyn. Genograma: informações sobre família na (in)formação médica. **Revista Brasileira De Educação Médica**, v. 33, n. 1, p. 72 – 79, 2009.

NASCIMENTO, Luísa Mahin .Vozes de fé e devoção: Uma Etnografia do culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia. **Revista Olhares Sociais** -UFRB, v. 03. nº. 02, p.5-30, 2014.

OLIVEIRA, David Eduardo de. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira. 2005. 353 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PAULA, Eurípedes S.de. As origens das corporações de ofício. **Revista de História**, São Paulo, v.32, n.65, p. 3-68, jan.-mar. 1966.

PARANHOS, Marina. O processo sucessório em empresas familiares paulistas: uma abordagem psicológica sobre a família empresária. São Paulo. 2015. 150 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, Carlos J. da Costa. **A cerâmica popular da Bahia**. Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1957.

PETRINI, João. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

PINHEIRO, Hamida Assunção. Oleiros da vida Trabalho, ambiente e o futuro dos trabalhadores do barro em Iranduba (AM). Manaus. 2015. 427 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4704>>. Acesso em: 12 set. 2017.

PINTO NETO, Artur Duarte. Atividade ceramista artesanal de Maragogipinho e a relação com a degradação ambiental. 2008. 160 f. Salvador. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia Ambiental Urbana, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

POLLACK, Michael. Memória e esquecimento. **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v.2. n. 1, p. 3-15, 1989.

POSTMAN, Neil. **Technopoly**: the surrender of culture to technology. New York: Vintage Books, 1993.

RABINOVICH, Elaine P.; MOREIRA, Lucia V. Significados de família para crianças paulistas. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13, n. 3, p. 447-455, jul/set. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000300005&script=>> Acesso em: 20/05/2014.

RABINOVICH, Elaine P. Vitrinespelos transicionais da identidade: Um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros. 1996. 330 f. Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-25092013-151906/pt-br.php>>. Acesso em: 10 set. 2018.

RANGEL, Kátia Souza. Modo de vida e território na reserva Extrativista do rio Caririri (Amapá). 2017. 295 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-25042018-133644/pt-br.php>>. Acesso em: 10 set. 2018.

\_\_\_\_\_; SILVA, Antonio Marcos da; SUZUKI, Júlio S. Comunidade da Poça: dilemas e perspectivas de construção da identidade quilombola. V Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa “Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais, Santa Maria, 2009. Disponível em: <[http://www.ufsm.br/gpet/engrup/.../Tony Kátia%20 e%20Julio%20-%20USP.pdf](http://www.ufsm.br/gpet/engrup/.../Tony%20Kátia%20e%20Julio%20-%20USP.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

REHBEIN, Mauro Pioli; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Revista Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n.3, p.563-583, dez. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922013000300010&ing=em&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000300010&ing=em&nrm=isso)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

REYNA, C. P. Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. 1997. Disponível em: <<http://WWW.bocc.ubi.pt/pag/reyna-carlos-video-pesquisa.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2018.

REIS, Wanderlene C. F. Poético, afetivo e semiótico: o significado de quintal em narrativas de duas gerações de famílias. Salvador. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, 2015.

RODRIGUES, Ana Carolina de A.; BASTOS, Antonio Virgílio B. Entrincheiramento organizacional: construção e validação da escala. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 4, p. 688-700, 2012.

ROTHER, E. Revisão narrativa vs Revisão sistemática. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.20, n.2, abr./jun. 2007. Disponível em:<[www. Scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext &pid=S0103-21002007000200001](http://www.Scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RUGIU, Antonio S. **Nostalgia do mestre artesão**. Tradução Maria de Lourdes Menon. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção Memória da Educação)

SAFRA, G. Memória e Subjetivação. **Revista Memorandum**, n. 2, p. 21-30, 2002. Disponível em:<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SAMPAIO, Helena. Prefácio. In: CAVALCANTE, Claudia (Edit.). **Ceramista de Coqueiros: histórias de vida**. São Paulo: ArteSol, 2009.

SANCHO, Francisco Javier.; URKIZA, Julien. Introducción general: I Edith Stein y la Fenomenología. In: STEIN, Edith. **Obras completas, II: Escritos filosóficos, etapa fenomenológica (1915-1920)**. Tradução Caonstantino Ruiz Garrido e José Luis Cabalero Bono. Madrid: Editora Monte Carmelo, 2005. p.21-54.

SAPIENZINSKAS, Aline. Como se constrói um artesão – negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 133-158, jul./dez. 2012.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782007000100012&inG=em&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&inG=em&nrm=isso)> Acesso em 20 mai. 2019.

SCHEIBLE, Alba F.; BASTOS, Antonio Virgílio B.; RODRIGUES, Ana Carolina de. Comprometimento e entrincheiramento na carreira: integrar ou reconstruir os construtos? Uma exploração das relações à luz do desempenho. **Revista de Administração**, São Paulo, v.48, n.3, p.530-543, jul./ago./set. 2013.

SENA, Fábio. 7-de-janeiro-data-maior-de-itaparica. [S/d].

Disponível em: <<http://diarioconquistense.com.br/2018/01/08/7-de-janeiro-data-maior-de-itaparica/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SERRA, Márcia Milena P. Algumas considerações sobre a circulação de crianças no Brasil e sua distribuição por regiões. **Revista Brasileira de Estudos Populares**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 229-239, jul./dez. 2003.

SIERINGSEG, Friedrick Câmara. Conquista e dominação dos povos indígenas: resistências no sertão dos Maracás (1650-1701). 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SIMÕES, Iaçanã Costa. A cerâmica tradicional de Maragogipinho. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. Relações entre fenomenologia e memória: possíveis reflexões sobre a exclusão social em bibliotecas públicas. **Revista Ciência, Informação e Documentos**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 29-42, mar./ago. 2016.

SILVA, Débora. Corporações de Ofício. Terra Educação. 2015. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/corporações-de-ofício-funcionamento-e-organização/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SOBREIRA, Vickele; NISTA-PICCOLO, Vilma; MOREIRA, Wagner W. Do corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. **Revista Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

SOBRINHO, João Moraes e HELAI, Diogo Henrique. A implementação de políticas públicas voltadas a atividades artesanais: análise do Programa de Artesanato da Paraíba. **Revista O&S**, Salvador, v. 24, n. 80, p. 115-134, jan./mar. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-9230201700010011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-9230201700010011&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 13 nov. 2017.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil: issues and policies in Brazil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 573-594, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S100-15742007000300004&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S100-15742007000300004&nrm=isso)>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução á Fenomenologia**. 3 ed. Tradução Alfredo de O. Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUSA, Marcos R. de.; RIBEIRO, Antonio Luiz P. Revisão sistemática e meta-análise de estudos de diagnóstico e prognóstico: um tutorial . **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, Belo Horizonte, n. 92, p.241-251, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abc/v92n3/13.pdf>>. Acesso em: 12 ai. 2017.

SOUZA, Chelli Costa. Atividade oleira artesanal como instrumento de desenvolvimento para o distrito de Maragogipinho - Bahia: um estudo de caso. 2008. 260 f. Salvador. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador ( UNIFACS), 2008.

SOUZA, Sonia Maria R. de. **Um outro olhar**: filosofia. São Paulo: FTD, 1995.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. 1 ed. Tradução Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

\_\_\_\_\_. Sobre el problema de la empatía. In: STEIN, E. **Obras completas, II**: Escritos filosóficos, etapa fenomenológica (1915-1920). Tradução Caonstantino Ruiz Garrido e José Luis Cabalero Bono. Madrid: Ed. de Espiritualidad, 2005a. cap. 1, p. 55-206.

\_\_\_\_\_. Contribuciones a la fundamentación filosófica de La psicología y de las ciencias del espíritu. In: STEIN, E. **Obras completas, II**: Escritos filosóficos, etapa fenomenológica (1915-1920). Tradução Caonstantino Ruiz Garrido e José Luis Cabalero Bono. Madrid: Ed. de Espiritualidad, 2005b. cap. 2, p. 207-522.

\_\_\_\_\_. Introducción a la filosofía. In: STEIN, E. **Obras completas, II**: Escritos filosóficos, etapa fenomenológica (1915-1920). Tradução Caonstantino Ruiz Garrido e José Luis Cabalero Bono. Madrid: Ed. de Espiritualidad, 2005c. cap. 5, p. 657-917.

TEDLOCK, B. The observation of participation and the emergence of public ethnography. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. London: Sage, 2005. p. 151-171.

TEIXEIRA, Enise B. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Revista Desenvolvimento em Questão**, Editora Unijuí, Rio Grande do Sul, ano 01, n. 2, p. 177-201, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/docuMentos/ver/20204/a-analise-de-dados-na-pesquisa-cientifica—importancia-e-desafios-em-estudos-organizacionais/i/pt-br>>. Acesso em: 12 set. 2017.

TONDOWSKI, C. S., FEIJÓ, M. R., SILVA, E. A., GEBARA, C. F. P., SANCHEZ, Z. M. & NOTO, A. R. Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genogramas. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 27, n.4, p.806-814, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/130384>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

UNESCO. Convención sobre la protección del patrimonio mundial, cultural y natural. París, 16 de noviembre de 1972. Disponível em: <<file:///C:/Users/JND12/Desktop/133369spa.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VALÉRIO, Pedro H. M. e BARREIRA, Cristiano A. Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p.430-440, 2015.

VALSINER, Jaan. **A Invitation to Cultural**. London: Sage, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicologia Cultural**: Mundos da mente, mundos da vida. Tradução Ana Cecília de S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cultural psychology today**: innovations and Oversights. Clark University-USA: Sage, 2009.

VENTURI, Luis A. B. O papel da técnica no processo de produção científica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 69-76, 2006.

VIEIRA, Irlaine Rodrigues e LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* .E.Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Revista Sociologia & Natureza**, Uberlândia, v. 26, nº1, p. 63-76, jan/abr. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=Sq982-51320014000100063&script=sci\\_abstract&lng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=Sq982-51320014000100063&script=sci_abstract&lng=es)> Acesso em: 30 jan. 2018.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25 n. 2, mai/ago. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-6992210000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6992210000200004)>. Acesso em: 29 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude. **In**: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE), 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/84407455/WELLER-Karl-Mannheim-Um-Pioneiro-Da-Sociologia-Da-Juventude>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

YURSS, I. Atención a la familia: outra forma de enfocar los problemas de salud em atención\_ instrumentos de abordaje familiar. **Anales Del Sistema Sanitário de Navarro**, [S/l], v. 24, n. 2, p. 73-82, abr. 2001. Disponível em: < <https://recyt.fecyt.es/index.php/ASSM/article/view/5900/4755>. Acesso em 20 jan. 2019.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. Revista da Abordagem Gestáltica, v. XIII, n.2, p. 216-221, jul-dez, 2007. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S1809-68672007000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1809-68672007000200005)>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ZUZINS, Misma. Estudo perspicaz das Escrituras vol. 3. [S/l]:Editora Sociedade Torre de Vigia, 1992.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

**Quadro 1** – seleção de teses e dissertações

SELEÇÃO DAS TESES E DISSERTAÇÕES			
<b>Descritor: artesanato</b>			
Repositório	Teses e	Dissertações	Selecionadas
Ucsal	440		0 tese 0 diss.
Ufba	121		0 tese 02 diss.
Ufba-Pergamum	02		0 tese 02 diss.
Capes	844		01 tese 03 diss.
<b>Total</b>	<b>1407</b>		<b>01 tese 07 diss</b>
<b>Descritor: família artesã</b>			
Repositório	Teses e	Dissertações	Selecionadas
Ucsal	10		0 tese 01 diss.
Ufba	0		0 tese 0 diss.
Ufba-Pergamum	0		0 tese 00 diss.
Capes	44580		01 tese 06 diss.
<b>Total</b>	<b>44590</b>		<b>01 tese 07 diss</b>
<b>Descritor: Maragogipinho</b>			
Repositório	Teses e	Dissertações	Selecionadas
Ucsal	02		01 tese 01 diss.
Ufba	0		0 tese 0 diss.
Ufba-Pergamum	03		0 tese 02 diss.
Capes	844		01 tese 05 diss.
<b>Total</b>	<b>849</b>		<b>02 tese 08 diss</b>
<b>Descritor: Maragojipe</b>			
Repositório	Teses e	Dissertações	Selecionadas
Ucsal	11		0 tese 0 diss.
Ufba	0		0 tese 0 diss.
Ufba-Pergamum	01		0 tese 0 diss.
Capes	22		0 teses 0 diss
<b>Total</b>	<b>34</b>		<b>0 tese 0 diss</b>
<b>Descritor: oleiro</b>			
Repositório	Teses e	Dissertações	Selecionadas
Ucsal	34		0 tese 04 diss.
Ufba	0		0 tese 0 diss.
Ufba-Pergamum	02		0 tese 0 diss.
Capes	33		04 teses 10 diss
<b>Total</b>	<b>69</b>		<b>04 tese 14 diss</b>

**APÊNDICE B****QUADRO 2:** Repositórios e Acervos pré-selecionados para a Revisão

REPOSITÓRIO UCSAL-TESES E DISSERTAÇÕES - ACESSO EM 27/05/2017
REPOSITÓRIO UFBA-TESES E DISSERTAÇÕES - ACESSO EM 27/05/2017 e 04/06/17
BIBLIOTECA DIGITAL UFBA-PERGAMUM -ACESSO EM 06/06/17
REPOSITÓRIO UNEB DE TESES E DISSERTAÇÕES- ACESSO EM 04/06/17 x
REPOSITÓRIO UNIVERSIDADE DO RECONCAVO DE TESES E DISSERTAÇÕES- ACESSO EM 04/06/17 x
ACERVO DIGITAL SEBRAE- BIBLIOTECA INTERATIVA ACESSO EM 04/06/17 x
CAPES-BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES – ACESSO EM 04/06/17

## APÊNDICE C

**TABELA 1-** Seleção de teses e dissertações

Memórias ancestrais, traços contemporâneos e aspectos comunais na arte cerâmica Mbyá-Guarani	Alonso, Franklin da S.	2014	Diss.
Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares	Alvares, Sonia Carbonell.	2015	Tese
Andanças Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais	Amaral, Alencar De Miranda.	2015	Tese
Viver do Barro: trabalho e cotidiano de oleiros de Maragogipinho - Bahia: 1970-1998	Barreto, Virgínia Queiroz.	2000	Diss
Cerâmica de Santo Antônio do Potengi: entre tradição e modernidade.	Bezerra, Nilton Xavier.	2007	Diss
Produção artesanal de peças em argila da comunidade dos Potes: importância socioeconômica, cultural e ambiental à luz dos conhecimentos tradicionais	Carvalho, Francisca Maria Cosme de.	2014	Diss.
A cerâmica da Barra: transformações e representações.	Costa, Carla Cristina C.	2008	Diss.
Aspectos da paisagem oleira de Morro da Fumaça	Cunha, Yasmine Moura da.	2002	Diss
Do barro ao pó: a maldição do oleiro	D'aquino, Teresinha.	1992	Tese
"A tradição nossa é essa, é fazer panela preta". Produção material, identidade e transformações sociais entre as artesãs de goiabeiras.	Dias, Carla da Costa.	1999	Diss
A trajetória da associação de artesãos de novo Airão: processo de ambientalização, mediação e parentesco	Ferrugem, Raiana.	2012	Diss
A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Morão – PR	Fonseca, Valéria Sanches.	1997	Diss
O trabalho do artesão do Cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional	Grangeiro, Rebeca da R.	2016	Tese
Atividade oleira em Maragogipinho Bahia: tradição e mudanças	Ladeia, Renara Telma Teixeira.	2012	Diss.
"Homens do Barro" e Estratégias Empresariais: um estudo da relação capital-trabalho no Pólo oleiro-cerâmico da Região Metropolitana de Manaus-AM'	Maciel, Cleiton Ferreira.	2013	Diss.
As inovações tecnológicas e o ocaso dos oleiros. A mecanização das olarias em Ourinhos - 1950 - 1990.	Massei, Roberto Carlos.	2001	Diss.
Remodelando tradições: os processos criativos e os significados do trabalho artesanal entre as Louceiras do Córrego de Areia	Mendes, Francisca Raimunda Nogueira.	2004	Diss
A louça de barro no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerários'	Mendes, Francisca Raimunda Nogueira.	2009	Tese
Arranjos produtivos: análise da experiência do setor oleiro cerâmico de Iranduba'	Monteiro, Adriano Santos.	2008	Diss.

O artesão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN).	Neto, Venâncio De Freitas Queiroz.	2011	Diss.
O barro na mão do oleiro: ressignificações e sensibilidade através da cultura material.	Nobrega, Viviane M.	2014	Diss.
Oleiros da vida trabalho, ambiente e o futuro dos trabalhadores do barro em Iranduba (AM)	Pinheiro, Hamida.[ Assuncao.	2015	Tese
A atividade ceramista artesanal de Maragogipinho e a relação com a degradação ambiental: perspectivas e sustentabilidade	Pinto Neto, Arthur.	2008	Diss.
Do oleiro, em a caverna, as realidades da cerâmica artística brasileira	Salis, Márcia Morales.	2010	Diss.
Do artesanal ao industrial: Maragogipinho.	Santos, Jorge Antonio Fontes.	1985	Diss.
Configurações interorganizacionais no artesanato: o arranjo interorganizacional da atividade artesanal em Juazeiro do Norte, no Cariri cearense.	Silva, Francisco Ranieri Moreira da.	2013	Diss.
A Cerâmica Tradicional de Maragogipinho	Simoes, Iacana Costa.	2016	Diss.
Interfaces entre identidade, memória e comercialização da produção artesanal no território do sisal /Bahia: o artesanato como fator de desenvolvimento local.	Soares, Rodrigo Mauricio F.	2011	Diss.
A atividade oleira artesanal como instrumento de desenvolvimento para o distrito de Maragogipinho-Bahia: um estudo de caso.	Souza, Chelly Costa.	2008	Diss.
A linguagem do oleiro-uma abordagem lexical e fonética nas regioes de Pirai do Sul,Castro,Ponta Grossa,Imbituva e Prudentopolis	Sozim, Mirian Martins.	1995	Tese
História da tecnologia dos oleiros de Umbará (1935-2000)	Zanon, Marcos Afonso.	2001	Diss

## APÊNDICE D

**TABELA 2:** Relação dos estudos de artigos selecionados por similaridade de títulos e descritores, no portal Capes e no Scielo, no período de 2000 a 2016.

PERIÓDICO CAPES		
TÍTULO	AUTOR (ES)	NO
Artesanato com Lã de Ovinos, Turismo e Desenvolvimento Local	Dyego de Oliveira Arruda Milton Augusto Pasquotto Mariani Leandro Sauer Thiago Gomes de Oliveira Maria Augusta de Castilho	2013
Comercialização do artesanato Kinikinau na cidade ecoturística de Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil	Karolinne Sotomayor Azambuja Canazilles Gilberto Luiz Alves Rosemary Matias	2015
PERIÓDICO SCIELO		
TÍTULO	AUTOR (ES)	ANO
A implementação de políticas públicas voltadas a atividades artesanais: análise do programa de artesanato da Paraíba	João Moraes Sobrinho Diogo Henrique Helal	2017
De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder	Fábio Freitas Schilling Marquesan Marina Dantas de Figueiredo	2014
O design, a arte e o artesanato deslocando o centro	Adriana Carla Avelino Mazza <sup>I</sup> ; Ana Sílvia Rocha Ipiranga <sup>II</sup> ; Ana Augusta Ferreira de Freitas	2007
Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba ( <i>Copernicia prunifera</i> H.E.Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil	Irlaine Rodrigues Vieira Maria Iracema Bezerra Loiola	2014
Transmissão do conhecimento prático como intencionalidade incorporada: etnografia numa Doceria Artesanal	Marina Dantas de Figueiredo Neusa Rolita Cavedon	2015
Artesanato e desenvolvimento local: o caso da comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia.	Marcelo Geraldo Teixeira; Julio Santana Braga; Sandro Fábio César; Asher Kiperstok.	2011
Como se constrói um artesão – negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó"	Aline Sapiezinskas	2012
A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro	I. S. Ramos; J. Alexandre; M. G. Alves; V. Vogel; M. Gantos	2008

## APÊNDICE E

### - ROTEIRO DE ENTREVISTAS 1

#### QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO COM A MÃE E O PAI

1. Nome: \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
3. Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento \_\_\_\_\_
4. Local de nascimento \_\_\_\_\_
5. Profissão \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
6. Tempo de profissão \_\_\_\_\_
7. Escolaridade \_\_\_\_\_
8. Informe o Nível salarial: ( ) menos de 1 salário mínimo ( ) 1 a 3 salários mínimos  
( ) 4 a 6 salários mínimos ( ) Mais de 7 salários mínimos  
( ) Sou beneficiária (qual tipo de benefício? \_\_\_\_\_)
9. Já se mudou de residência? \_\_\_\_\_ Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quais os motivos? \_\_\_\_\_
10. O imóvel (moradia) atual é próprio? \_\_\_\_\_ O imóvel (olaria) é próprio?
11. Quantas pessoas residem com você? \_\_\_\_\_ quem são? (grau de parentesco) \_\_\_\_\_
12. Quais os nomes dos seus pais? \_\_\_\_\_
13. Onde eles moram (ou moravam)? \_\_\_\_\_  
se visitarem? Com que regularidade isto acontece ou acontecia?
14. Você tem irmãos e irmãs? \_\_\_\_\_ quantos? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
15. Tem relação com outros parentes? \_\_\_\_\_ quais? \_\_\_\_\_ Como é a relação entre vocês? \_\_\_\_\_
16. Seus filhos estão na escola? Onde estudam? Quais séries?
17. Com que idade começou a trabalhar com artesanato? \_\_\_\_\_
18. Como você aprendeu seu ofício artesanal? (Escolha a principal fonte)  
( ) 1. Com a família  
( ) 2. Com pessoas da comunidade  
( ) 3. Através de cursos e capacitações  
( ) 4. Esforço particular/autodidatismo  
( ) 5. Outros. \_\_\_\_\_
19. Qual a tipologia do artesanato cerâmico que você trabalha?  
( ) 1. Religiosos (imagens e peças religiosas) ( ) 2. Utilitários (panelas, e outros semelhantes)  
( ) 3. Decorativos (enfeites diversos) ( ) 4. Esculturas diversas  
( ) 5. Outros. Quais? \_\_\_\_\_
20. Há outras pessoas da sua família que são artesãos ou artesãs?  
( ) 0. Não ( ) 1. Sim
21. **Caso a resposta seja SIM à pergunta 12, qual a relação parental?**  
\_\_\_\_\_
22. Quantos membros da sua família estão envolvidos em sua atividade de artesanato? \_\_\_\_\_
23. Qual seu grau de parentesco com eles?  
\_\_\_\_\_
24. O seu empreendimento de artesanato é formalizado? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim
25. Possui registro em alguma associação de artesãos? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim

26. Além do artesanato, alguma atividade de trabalho proporciona renda para você?

0. Não  1. Sim

27 **Caso a resposta seja SIM à pergunta 18**, qual a atividade de trabalho realizada? E onde é realizada?

---

28. O Artesanato é a sua principal fonte de renda?

0. Não  1. Sim

29. Qual a sua renda mensal proveniente do artesanato? R\$ \_\_\_\_\_

### **A MATÉRIA-PRIMA**

30. O tipo de matéria-prima que você utiliza mudou desde que começou a trabalhar com artesanato?

0. Não  1. Sim \_\_\_\_\_

---

31. A matéria-prima que você utiliza na produção artesanal passou por alguma adaptação ou transformação desde que você começou a trabalhar com artesanato?

0. Não  1. Sim \_\_\_\_\_

---

32. Como você adquire esta matéria-prima?

1. Comprando

2. Recolhendo na vizinhança

3. Extraindo da natureza

4. Coletando da natureza

5. Recebendo doações

6. Produzindo em casa

7. Outro. \_\_\_\_\_

33. Houve mudanças no modo de aquisição da matéria-prima?

0. Não  1. Sim \_\_\_\_\_

---

34. Aonde você adquire com mais frequência esta matéria-prima?

1. No bairro onde vive

2. No município onde vive

3. Em outro município

### **PRODUÇÃO**

35. Em média, dedica quantas horas por dia ao trabalho artesanal? \_\_\_\_\_

36. Recebe ajuda de outras pessoas (que não sejam familiares) no processo de produção artesanal?

0. Não  1. Sim

37. Quantas pessoas? \_\_\_\_\_

38. Que tipo de vínculo possui com essas pessoas?

1. Amizade

2. Empregatício

39. Houve mudanças em relação a receber ajuda de outras pessoas no processo de produção artesanal?

0. Não  1. Sim \_\_\_\_\_

---

40. Qual o local do seu trabalho com artesanato?

1. Moradia  2. Associação  3. Cooperativa  4. Oficina  5. Olaria  6. Casa

2. Outro. \_\_\_\_\_

41. De quem é a propriedade dos equipamentos de produção?

1. Individual (do entrevistado)

2. Associados/Cooperados

3. Família

4. Terceiro (alugado/cedido)

5. Outro. \_\_\_\_\_

42. Os equipamentos utilizados atualmente na produção artesanal são os mesmos utilizados desde o início de sua atividade?  0. Não  1. Sim

\_\_\_\_\_  
43. Houve alteração na técnica de produção artesanal?  0. Não  1. Sim

\_\_\_\_\_  
44. Você imprimiu mudanças de estilo em relação ao objeto produzido?  0. Não  1. Sim

\_\_\_\_\_  
45. Houve mudanças em relação ao(s) tipo(s) de objeto(s) produzido(s)?

0. Não  1. Sim \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
46. Qual fator, listado abaixo, exerce maior influencia na criação do seu trabalho artesanal?

1. Religião  2. Política e Economia

3. Cotidiano  4. Meio ambiente

5. Manifestações populares

(            )

6.

Outro.

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE F

### - ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA

Data da Entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Codificação da família \_\_\_\_

Dados de Identificação

Entrevistado (a): \_\_\_\_\_

- Idade:

Naturalidade:

Sexo:

Cor/raça/etnia:

-Religião:

Estado civil:

Profissão:

Escolaridade:

#### **Proposição geral:**

A entrevista será iniciada com a seguinte proposição: “Conte-me sobre a sua história”. Ao longo da narrativa alguns questionamentos poderão ser realizados, a fim de esclarecer ou de abarcar os pontos do roteiro temático descrito a seguir:

#### 2. Roteiro temático

TEMA	POSSÍVEIS QUESTÕES
<p style="text-align: center;">Conte-me sobre a sua história de vida no artesanato</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que idade tinha quando se interessou pelo artesanato?</li> <li>• Quem mais te influenciou? Por quê? (pai, mãe, avô, outras pessoas)</li> <li>• Quem mais te desmotivou? Por quê? (familiares ou não)</li> <li>• Quando você começou a desenvolver atividades artesanais? Qual foi a primeira coisa que fez?</li> <li>• Você já tentou outras atividades antes? (Se sim), Quais? Por que desistiu destas atividades?</li> <li>• O que você pensa sobre o trabalho nas olarias?</li> <li>• O que você pensa da elaboração de peças de cerâmica realizado em casa?</li> <li>• Me fale sobre essa relação casa-olaria e olaria e casa.</li> <li>• Descreva, na medida do possível, as suas impressões deste lugar, incluindo o que pensa e sente neste momento.</li> <li>• Conte-me o que você lembra sobre a história deste lugar.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Você conhece outro lugar semelhante a este? Cujas atividades sejam as mesmas?</li><li>• O que você pensa sobre o futuro?</li><li>• Você acha que houve mudanças no artesanato local? (nas peças, nas olarias etc)</li><li>• Fale um pouco dos tipos de produtos que são vendidos na sua “loja-olaria”/ou loja-casa)</li><li>• Quem, nesse ramo de atividade, você mais admira e por quê?</li><li>• Comente o que significa uma peça artesanal para você?</li><li>• Você costuma participar de feiras e outros eventos? Comente sobre isso.</li><li>• Como você classifica o artesanato que realiza? (utilitário, decorativo, religioso etc.)</li><li>• Você acha que as peças produzidas aqui retratam as tradições culturais desse local?</li><li>• Você consegue identificar quais peças artesanais que mais representam a cultura da região e a origem delas?</li><li>• Fale sobre a sua participação no processo de venda dos seus produtos.</li></ul>
•	

<ul style="list-style-type: none"> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•</li> <li>•(<sup>52</sup>Entrincheiramento)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Você pensa em deixar esta atividade? Por quê?</li> <li>• Como você se sentiria em ter que deixar esta atividade para realizar outra?</li> <li>• Você se acha capaz de realizar outra atividade, como por exemplo, trabalho de carteira assinada?</li> <li>• A questão financeira é um problema para você?</li> <li>• Você recebe algum benefício social? Qual, ou quais? É importante, por quê?</li> <li>• O que te prende a esta atividade?</li> <li>• Quais conselhos/orientações você transmite aos seus filhos/filhas e/ou outros parentes? Por quê?</li> </ul>
<p><b>Me conte sobre o seu trabalho no artesanato</b></p> <p><b>(Conflito trabalho-família)</b> <b>(Interface positiva entre trabalho e família)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu trabalho te afasta de seus familiares mais tempo do que você gostaria? Por quê?</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quantas horas diárias você dedica a sua atividade?</li> <li>• Quais (quando) são seus momentos de folga? O que você faz nesses momentos?</li> <li>•</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os comportamentos que utiliza para solucionar problemas no trabalho não são efetivos para solucionar os problemas de casa? Explique e/ou exemplifique.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tempo que você deve se dedicar ao trabalho te impede de participar igualmente das atividades e responsabilidades em casa? Comente mais sobre isso.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esta atividade exerce alguma tensão? Por exemplo, te deixa estressado?</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Você deixa de fazer coisas com a sua família devido ao tempo que precisa dedicar ao seu trabalho?</li> </ul>

<sup>52</sup>o conceito de entrincheiramento foi proposto inicialmente para o âmbito da carreira e definido como a tendência de um indivíduo permanecer em sua profissão devido aos investimentos feitos na carreira, aos custos emocionais ligados à mudança e à percepção de limitação de alternativas (Carson, Carson & Bedeian, 1995).

<ul style="list-style-type: none"><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li><li>•</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Você considera sua atividade um trabalho? Explique.</li><li>• Qual a importância da sua família neste momento?</li><li>• Qual a participação da sua família nesta atividade? Quem mais participa junto a você? Por quê? Como contribui? Onde?</li><li>• Você vê alguma diferença entre trabalho e família? Explique melhor.</li><li>• Há alguma atividade que só é realizada com a família que não tenha ligação com seu trabalho?</li><li>• O que facilita o processo de ensino-aprendizagem neste ramo de atividade, na sua família?</li><li>• O que dificulta?</li><li>• Os comportamentos exigidos no trabalho levam a comportamentos que te ajudam na vida familiar?</li><li>• As coisas que você faz no trabalho te ajudam a lidar melhor com questões pessoais e práticas em casa?</li><li>• Os valores desenvolvidos no trabalho te tornam um membro melhor da sua família?</li><li>• Por causa do seu trabalho, você se sente capaz de ver os problemas familiares sob diferentes perspectivas? Comente sobre isso.</li><li>• Cumprir as responsabilidades familiares se torna mais fácil através do uso de comportamentos utilizados no seu trabalho?</li><li>• O seu envolvimento no trabalho te põe de bom humor? e isto te ajuda a ser um membro melhor da sua família?</li><li>• O seu envolvimento no trabalho te ajuda a se sentir preenchido como pessoa e isto te ajuda a ser um membro melhor da sua família? Exemplifique.</li><li>• Você aplica valores do seu local de trabalho em situações familiares? Exemplifique.</li><li>• O seu envolvimento na família te ajuda a adquirir competências e isto te ajuda a desempenhar suas</li></ul>
---	--

	atividades melhor? Por quê? Como isso acontece?
--	---

**APÊNDICE G****ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA  
(GESTOR/GESTORA)**

Data da Entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Dados de Identificação

Entrevistado (a): \_\_\_\_\_

- Idade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Cor/raça/etnia: \_\_\_\_\_

-Religião: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

**Proposição geral:**

O seguinte roteiro de entrevista tem o objetivo de identificar e analisar a participação desta Entidade nos processos artesanais de sua comunidade. Sua participação é muito importante para a pesquisa “Mediações familiares em processos artesanais: um estudo fenomenológico e psicocultural com famílias-artesãs da cerâmica do Recôncavo Baiano.”

1. Conte-me a história dessa Associação.
2. Como o Senhor/Senhora chegou nessa Associação? Quanto tempo deseja permanecer na Gestão dessa Associação?
3. De que forma os associados participam?
4. Há algum pagamento ou contribuição financeira por parte dos associados?
5. Vocês recebem apoio governamental? Fale-me sobre isso.
6. Vocês recebem apoio de outras entidades? Quais?
7. O que você pensa sobre o futuro da Associação? E sobre o artesanato desse local?
8. O que a Associação tem feito para angariar fundos de manutenção?
9. Quantas famílias artesãs estão inscritas nesta Associação?

**APÊNDICE H****ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A ESCOLA (GESTOR/A)**

Data da Entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Dados de Identificação

Entrevistado

(a): \_\_\_\_\_ Função:

- Idade:

Naturalidade:

Sexo:

Cor/raça/etnia:

-Religião:

Estado civil:

Profissão:

Escolaridade:

Nome da Escola \_\_\_\_\_ Séries contempladas

\_\_\_\_\_

Número de alunos matriculados \_\_\_\_\_ Dados de evasão em 2017 \_\_\_\_\_ Dados de reprovação \_\_\_\_\_

**Proposição geral:**

O seguinte roteiro de entrevista tem o objetivo de identificar e analisar a participação desta Unidade Escolar, nos processos artesanais de sua comunidade. Sua participação é muito importante para a pesquisa “Mediações familiares em processos artesanais: um estudo fenomenológico e psicocultural com famílias-artesãs da cerâmica do Recôncavo Baiano.”

1. Conte-me a história dessa Escola
2. Como o Senhor/Senhora chegou nessa Escola? Quanto tempo deseja permanecer na Gestão dessa Escola?
3. A Escola tem algum projeto pedagógico voltado para o artesanato do local?
4. De que forma os professores participam dos projetos ?
5. Vocês recebem apoio governamental (prefeitura ou Estado)? Fale-me sobre isso.
6. Vocês recebem apoio de outras entidades? Quais?
7. O que você pensa sobre o futuro do Artesanato local?
8. Você acha que a Escola tem alguma responsabilidade na manutenção da tradição do artesanato? Fale-me sobre isso.
9. A Escola sabe quem são os familiares de seus alunos?
10. O que os alunos pensam sobre o artesanato local?
11. Os pais ou responsáveis pelos alunos têm acesso à Escola? Quando isso acontece?
12. Algum artesão/artesã (pais ou responsáveis) já foram convidados pela Escola para mostrar sua atividade? Conte-me sobre isso.

13. No Projeto Político Pedagógico da Escola está contemplado projetos de artesanato local? Explique-me, por favor, sobre isso.

## APÊNDICE I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada “Mediações familiares em processos artesanais: um estudo fenomenológico e psicocultural com famílias artesãs da cerâmica do Recôncavo Baiano”, realizada pela Doutoranda Wanderlene Cardozo Ferreira Reis, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Ana Cecília Bastos, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo entender os modos como as famílias-artesãs da cerâmica, enquanto espaço pedagógico, transmitem às novas gerações, a cultura ceramista em dois municípios do Recôncavo Baiano, bem como, analisar a relação das dinâmicas criativas encontradas com a atividade artesanal e sua influência no desenvolvimento local e intrafamiliar.

Para coleta de dados/informações serão realizados dois encontros mensais, durante um ano. Nestes encontros serão realizadas observações no espaço onde se desenvolvem as atividades, aplicação de um questionário, com o objetivo de identificar o perfil socioeconômico, demográfico, cultural e regional, uma entrevista narrativa, construção do genograma da família e fotografias. O roteiro compreenderá perguntas dentro do contexto do tema da pesquisa com duração variável a depender das suas possibilidades.

Esta **atividade não** é obrigatória, e a qualquer momento, o (a) senhor (a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo ao senhor (a). Caso concorde, o (a) senhor (a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor (a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas somente serão usadas para trabalhos científicos e sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não será divulgado seu nome, assegurando-lhe completo anonimato;
- As entrevistas terão duração de uma hora e serão gravadas para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas, assegurando-lhe, no entanto, que as informações só serão utilizadas para este estudo;
- As observações terão duração de uma hora e meia e será necessário que as atividades rotineiras não sejam interrompidas;
- Serão necessárias tiragens de algumas fotografias no espaço pesquisado;
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta alguns benefícios sociais, tais como a ampliação da discussão acerca do papel dos/das ceramistas do Recôncavo Baiano, para o desenvolvimento local, quer sejam na sua manutenção ou na compreensão do artesanato brasileiro e a trajetória de vida de seus moradores;
- Não haverá nenhum desconforto com as observações e entrevistas narrativas apresentadas, porém caso isto aconteça, a pesquisadora, sendo Psicóloga registrada no Conselho de Psicologia, sob o número 03/9934, poderá dar todo o

suporte psicológico e encaminhamentos necessários, caso venha acontecer qualquer desconforto.

Em caso de dúvidas ou necessidade de falar com a pesquisadora, poderá entrar em contato pelos telefones e whatsapp (71) 8784-8663 (OI), podendo realizar ligações à cobrar, acrescentando os números 9090 antes dos números discados.

Ou pelo endereço: Wanderlene Cardozo Ferreira Reis – Universidade Católica de Salvador, Rua Cardeal da Silva, nº 205- Federação- Salvador/Bahia, CEP 40.231-902.

**Considerando as observações acima, Eu,**

\_\_\_\_\_, aceito, voluntariamente, participar do Estudo ora apresentado, estando ciente que em qualquer momento poderei desistir de participar da pesquisa, sem que me cause qualquer constrangimento ou problemas.

Local e data

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

# ANEXOS

## ANEXO 1

**MAPA 4:** Vista Aérea de Coqueiros-Maragogipe (Ba)

**Fonte:** Google Earth. 2018.

**ANEXO 2****MAPA 5:** Vista Aérea de Maragogipinho (Aratuípe- Ba)

**Fonte:** Google Earth, 2018.